

CAMILA ALESSANDRA LÚCIO ALVES

A busca pelo outro:
escolhas e expectativas no amor em jovens adultos

ASSIS

2021

CAMILA ALESSANDRA LÚCIO ALVES

A busca pelo outro:
escolhas e expectativas no amor em jovens adultos

Dissertação apresentado à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de mestra em Psicologia na área de conhecimento Psicologia e Sociedade.

Orientadora: Mary Yoko Okamoto

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

ASSIS

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

A474b Alves, Camila Alessandra Lúcio
A busca pelo outro: escolhas e expectativas no amor em
jovens adultos / Camila Alessandra Lúcio Alves. Assis,
2021.
188 f.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Mary Yoko Okamoto

1. Amor. 2. Jovens. 3. Psicanálise. I. Título.

CDD 152.41



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: A busca pelo outro: escolhas e expectativas no amor em jovens adultos

AUTORA: CAMILA ALESSANDRA LÚCIO ALVES

ORIENTADORA: MARY YOKO OKAMOTO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA, área:
Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. MARY YOKO OKAMOTO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/Câmpus de Assis

Profa. Dra. THÁSSIA SOUZA EMÍDIO (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Clínica / UNESP/Assis

Prof. Dr. MANOEL ANTONIO DOS SANTOS (Participação Virtual)
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras / USP/Ribeirão Preto

Assis, 22 de dezembro de 2020

Ao meu doce filho, Thomás, por ressignificar o sentido do amor, a perspectiva da maternidade e a mulher que cultivo dentro de mim, tão potente e feroz.

AGRADECIMENTOS

Ao meu filho amado e grande motivo da conclusão desta dissertação, por ser tornar minha vida mais rara.

À minha mãe, Maria, por cultivar o bichinho da leitura dentro de mim desde muito pequena e por me ensinar que sonhar é necessário para uma vida colorida.

Ao meu pai, Mário Luiz, que me mostra todos os dias que com determinação e esforço podemos chegar onde desejamos.

Aos meus pais, por sempre serem grandes incentivadores dos meus estudos, por não medirem esforços para que eles se realizassem e por entenderem minhas ausências e abraçarem junto comigo, com carinho e respeito, meu mestrado.

Ao meu parceiro amado, Júlio Cesar, por segurar minha mão e partilhar uma vida comigo; pelas trocas intelectuais e risadas regadas a vinho, que, muitas vezes, me fizeram refletir sobre meu objeto de estudo.

Às minhas amigas, Nicole, Carolina e Larissa, por serem grandes mulheres que me inspiram e que me lembram que um trabalho bem feito só acontece quando há brilho nos olhos.

Ao meu amigo, Dirceu, companheiro de mestrado, por dividir as dores e delícias de ser um pós-graduando e por partilhar seus pensamentos e ideias que, com toda certeza, incorporam-se de alguma forma nesta pesquisa.

À minha orientadora, Mary, que instigou em mim a curiosidade pela psicanálise vincular e, sabiamente, me guiou nesta jornada.

Aos voluntários do grupo focal, que gentilmente aceitaram fazer parte desta pesquisa e compartilharam histórias tão íntimas comigo e seus colegas.

À Marina Silvestre Tosoni, por me incentivar a buscar quem sou e plantar sementes tão frutíferas em um processo terapêutico que floresceu em mim tão docemente.

Ao José Antônio Sanches de Castro, por me ajudar a entender todas as flores que nascem em mim e me mostrar que posso ser todas elas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

ALVES, Camila Alessandra Lúcio. **A busca pelo outro: escolhas e expectativas no amor em jovens adultos**. 2020. 190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia e Sociedade). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdades de Ciências e Letras, Assis, 2020.

RESUMO

Esta pesquisa propõe compreender o amor e suas transformações desde a Grécia Antiga até o século XXI, considerando os processos históricos e a evolução dos cenários políticos, econômicos, sociais e culturais. Levando em conta os aspectos subjetivantes do amor, que sofrem alterações diante das características e exigências vigentes nos diferentes momentos sócio-históricos, buscamos compreender as aspirações e os modos de vinculação amorosa de jovens adultos na contemporaneidade. Em um sentido mais específico, direcionamos um olhar atento às repercussões deste cenário de transformações atuais no modo de se vincular amorosamente, buscando o acesso às expectativas da busca amorosa e as dificuldades envolvidas diante do compromisso e das decepções causadas pelo amor. Para desvendarmos as questões suscitadas na pesquisa, partimos da proposta de uma pesquisa qualitativa, utilizando a técnica do grupo focal, onde foram entrevistados dez jovens adultos, sendo seis homens e quatro mulheres, com idades entre 20 e 30 anos, solteiros, comprometidos e, em maioria, heterossexuais. Os resultados apontaram que nos homens prevalece um ideal fundamentado no imperativo social do sucesso, e assim, o amor e suas exigências de renúncias são postergados, ao contrário das mulheres, que valorizam um amor estável. Diante das dificuldades em investir libidinalmente na carreira, sucesso profissional e econômico assim como no amor, os quais demandam um grande investimento pulsional, os resultados da pesquisa apontaram que o sucesso laboral tem sido a prioridade e, portanto, realoca-se o desejo de amar e a disposição para compartilhar uma vida amorosa. Porém, o temor da perda, do sofrimento e os ideais de reciprocidade permanecem vigentes, causando conflitos e dificuldades no tocante a aliar tais demandas com as exigências atuais.

Palavras-chave: Amor; Vínculos; Jovens adultos; Teoria Psicanalítica.

ALVES, Camila Alessandra Lúcio. **The search for the other: choices and expectations of love amongst young adults.** 190 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia e Sociedade). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdades de Ciências e Letras, Assis, 2020.

ABSTRACT

This research proposes to understand the love and its transformations, regarding the historical process and the evolution of the political, economical, social and cultural scenarios. Considering the subjectivating aspects of love and the suffering changes in front of the characteristics and demands presented in the different historic social we manage to comprehend the moments; we seek to understand the aspirations and ways of love bonding of young adults nowadays. In a more accurate way, we manage to understand the repercussion of this current transformation scenario in a way to bond ourselves in love ties, seeking admission to the expectations of love searching and the difficulties in front of the commitment and the emotional delusion due to love. To unveil the issues raised in the research, we started from the proposal of qualitative research using the focus group technique. In general, were interviewed ten young adults, six men and four women at 20-30 age range; single and committed. The result showed that in men, there is a based idea on the social imperative of success, and then, love and its demands of renunciation are postponed, unlike women, who value stable love. Facing the difficulties of investing libidinally on the career, professional and economic success as well as in love, which demand a great drive investment, the research results showed that job success has been the priority, so it reallocates the desire of loving and the willingness to share an amorous live. However, the fear of loss, suffering and the ideals of reciprocity remain on, making conflicts and difficulties regarding gathering such demands with the current requirements.

Keywords: Love; Loving Bonds; Young Adults; Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O AMOR INVENTADO AO LONGO DOS SÉCULOS.....	13
2. CONSIDERAÇÕES PSICOSSOCIAIS SOBRE O AMOR.....	33
2.1. OS DESTINOS DO AMOR NA CONTEMPORANEIDADE	37
3. CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O VÍNCULO AMOROSO	50
3.1. A DINÂMICA DAS ESCOLHAS AMOROSAS SEGUNDO S. FREUD.....	60
3.2. OS DESAFIOS DO AMOR NA CONTEMPORANEIDADE	72
4. OBJETIVOS.....	77
4.1. OBJETIVO GERAL	77
4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS	77
5. METODOLOGIA	78
5.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA E MATERIAIS	78
5.2. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	79
5.3. CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA E COLETA DE DADOS	81
6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	84
6.1. O CONCEITO DE AMOR, AS EXPECTATIVAS E IDEALIZAÇÕES.....	84
6.2. OS DILEMAS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO FRENTE AO AMOR.....	94
6.3. AS DECEPÇÕES E DIFICULDADES NO AMOR	107
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
REFERÊNCIAS	117
ANEXOS	124
ANEXO A - ROTEIRO DE DISCUSSÃO	124
ANEXO B - TRANSCRIÇÃO – GRUPO FOCAL FEMININO.....	125
ANEXO C - TRANSCRIÇÃO – GRUPO FOCAL MASCULINO.....	158

INTRODUÇÃO

O interesse pela pesquisa acadêmica surgiu das aulas de psicanálise no primeiro ano de psicologia quando me via questionando hábitos que observava nos amigos, família e pessoas em minha volta. No início do segundo ano do curso começamos a ter maior contato com questões voltadas à produção acadêmica, tais como as possibilidades de realizar uma pesquisa de iniciação científica e produção de artigos.

O desejo de falar sobre amor veio de uma leitura certa indicada pela minha orientadora quando a procurei pra falar sobre outro tema que pouco tinha a ver com amor, mas muito tinha a ver com a aceitação social do sujeito no mundo atual. De início queria falar sobre o fenômeno das *selfies*, que pulsava na época, fruto da necessidade de exposição do sujeito contemporâneo, ou como diria Debord, do desejo do sujeito em ocupar o palco do brilho social. No entanto, devido uma afinidade maior com a psicanálise vincular por parte da orientadora, de mente aberta e curiosa aceitei duas recomendações de leitura: “Contribuições para uma Psicologia do amor” (FREUD, 1910-1918) e “Sem fraude nem favor” (COSTA, 1998). Ambas me atingiram em cheio. Repensei relacionamentos amorosos, parentais, fraternais e me vi levando o que tinha lido e como tinha sentido esses livros sabiamente escritos. Era isso, o amor e o que existe além dele. Esse seria meu tema de pesquisa, responsável pelo meu brilho no olho sempre quando falo sobre minha iniciação científica e mestrado.

A partir de então, debrucei-me em inúmeras leituras e fui construindo meu objeto de estudo: o que, afinal, buscamos no outro além do que vemos? O que somos pra além do amor que sentimos? O que precisamos para amar? O que queremos quando dizemos “eu te amo”? Várias perguntas para uma infinidade de respostas que encontraria nos livros, em mim, através da minha percepção do mundo, do sujeito e da experiência. Logo me deparei com outra questão, as condições de existência atuais que nos levam a repensar tudo que sabemos e achamos que sentimos sobre amor.

Desenvolvi minha pesquisa de iniciação científica, intitulada “A busca pelo outro: desamparo e amor na contemporaneidade”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP por um ano, sendo atingida pessoalmente toda vez que concluía algo sobre o que tinha lido e o que, justamente, me fez questionar sobre o desejo de continuar com o tema num possível cenário de pós-graduação. Foi nos meus maiores questionamentos sobre o que existe para além do amor que decidi seguir em frente com meu

tema, atrás de uma nova questão contemporânea, e com a disposição de quem sabia que havia muito a ser estudado ainda nesse campo.

Se na graduação busquei compreender o que havia por trás do amor diante de todo enredo histórico e familiar, no mestrado decidi me debruçar um pouco mais nessa questão, porém, buscando compreender como o sujeito tem sentido as transformações que o acometem e que se evidenciam na alteração das formas de se vincular amorosamente diante da questão paradoxal e contemporânea que coloca em conflito a segurança que um relacionamento amoroso pode trazer *versus* a segurança em priorizar uma vida de conquistas pessoais. Como essa questão tem sido compreendida? Como as pessoas estão lidando com essas expectativas construídas em torno desse ideário contemporâneo? Quais são as decepções quando se ama e existe uma expectativa com relação ao amor? Será que o amor ainda é buscado? Será que as pessoas ainda tem coragem para falar de amor?

Para tanto, esta pesquisa de mestrado, intitulada “A busca pelo outro: escolhas e expectativas no amor em jovens adultos”, propõe compreender as aspirações amorosas do sujeito constituído na contemporaneidade e a conseqüente repercussão das novas configurações e parâmetros atuais na busca pelo outro. Dessa forma, estrutura-se em oito capítulos nos quais procuramos expor contextos e conceitos para compreendermos as questões levantadas com o projeto.

No primeiro capítulo, “O amor inventado ao longo dos séculos”, apresentamos o contexto histórico do amor desde o século XI até o século XXI, pontuando mudanças, revoluções e pensamentos vigentes das respectivas épocas, além de como as pessoas se relacionavam e como se relacionam atualmente.

No segundo capítulo, “Considerações psicossociais sobre o amor”, buscamos pontuar os contextos políticos, econômicos, sociais e culturais que permeiam o amor e como isso se mostra no sujeito e transforma as maneiras de se subjetivar. Pontuamos a dinâmica das redes sociais, as conseqüências do amor que se subjetiva na contemporaneidade e os males e bem-estares ocasionados por estas questões.

No terceiro capítulo, “Considerações psicanalíticas sobre o vínculo amoroso”, debruçamo-nos na teoria psicanalítica e psicanalítica vincular. Pontuamos conceitos e questões sobre vínculos, escolhas amorosas e a dinâmica do estabelecimento dos vínculos amorosos.

No quarto e no quinto capítulos, abordamos os objetivos da pesquisa e as questões metodológicas utilizadas e envolvidas na pesquisa, respectivamente.

No sexto capítulo procuramos analisar e discutir, concomitantemente, o que encontramos na análise de dados, pois acreditamos que os unir poderia tornar a discussão mais rica.

Por fim, no sétimo capítulo fazemos as considerações finais onde alinhamos os objetivos dessa pesquisa com os resultados encontrados.

Acreditamos que estruturar a pesquisa por uma ordem cronológica que pudesse caracterizar o amor e sua dinâmica ao longo dos séculos proporcionaria um olhar mais apurado para os capítulos subsequentes. Trabalhar uma abordagem psicossocial veio da necessidade em entender que o sujeito habita um espaço que é atravessado por um contexto social, cultural, econômico e político, que nos subjetiva e nos transforma constantemente. Pensar o amor na psicanálise e na psicanálise vincular é entender a história que cada sujeito carrega em si e como ela se manifesta no ato amoroso.

Pensar o amor na psicanálise é importante para compreendermos as manifestações primitivas que partem desse sentimento e nos fala sobre a “criança-no-adulto” (MINERBO, 2016), pois a maneira como lidamos com o amor nos conta sobre como nos relacionamos com os outros, com o mundo e conosco, também nos fala sobre o amor que recebemos, o amor que oferecemos e como amamos. Logo, entendendo o amor, entendemos mais sobre família, sobre história, sobre cultura, sobre subjetivação e constituição do sujeito.

Pude reconhecer toda minha trajetória de pesquisa e entender melhor sua importância quando me deparei com o amor mais genuíno e bondoso de todos: o de mãe. Fui surpreendida por esse sentimento durante o mestrado e em meio a uma sensação assustadora, uma rotina cansativa e impositiva, pude entender a importância em compreender o amor para além dele. Visto que, agora, tenho a responsabilidade de ensinar um ser tão pequenino e indefeso a amar e o fazer se sentir amado, ciente de todas as implicações que um processo subjetivo trará pra sua vida que há pouco começou.

Vejo o amor como um exercício diário e árduo, que nos convoca a entrar em contato com nosso melhor e nosso pior. Obriga-nos a encarar fantasmas, incertezas, medos, desejos e nosso lado mais frágil e primitivo. Leva-nos a reexperimentar sensações presentes nos cantos do inconsciente e que pulsam em busca de uma saída. Falar de amor requer coragem, assim como senti-lo. Porque é preciso estar vulnerável para recebê-lo, libertar-se das amarras e defesas e senti-lo em toda sua idealização, abraçar sua alteridade e, acima de tudo, saber o que se quer quando se ama e de quem se ama, para então, amar em meio a diversos entretantos e reticências...

1. O AMOR INVENTADO AO LONGO DOS SÉCULOS

De acordo com o olhar, o contexto e o tipo de linguagem, o amor pode ter vários sentidos. Freud, em *Totem e Tabu* (1913), remonta os primeiros laços de relação entre sujeito e objeto, já que contém em si impulsos e movimentos ao mesmo tempo amáveis e hostis, esboçando o amor como um sentimento ambivalente que, junto ao ódio, predomina em qualquer relação. Um experimento de educadores e psicólogos com crianças dos Estados Unidos entre quatro e oito anos, mostra que, para os pequenos, amor são gestos simples, mas que emitem grande significado de afeto, como a mãe que prepara o café da manhã do pai todas as manhãs e prova um golinho antes de oferecê-lo, ou o avô que pinta as unhas da avó, pois ela não consegue mais devido à artrite (HYPENESS, 2014).

De acordo com o dicionário Priberam (2020, online), o amor é

Sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição ou atração; grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa. Sentimento intenso de atração entre duas pessoas. Ligação afetiva com outrem, incluindo geralmente também uma ligação de cariz sexual. Ser que é amado. Disposição dos afetos para querer ou fazer o bem a algo ou alguém. Entusiasmo ou grande interesse por algo. Coisa que é objeto desse entusiasmo ou interesse [...].

Nas músicas, poemas, livros e cinema, o amor é contado como algo forte, intenso, que traz sofrimento e dor, mas também grande felicidade e conquista. Em sua maioria é voltado sempre a uma mulher e a impossibilidade e infelicidade de não a ter ou a felicidade de realizar esse sentimento tão dominador. As mídias ilustram quão avassaladora uma paixão pode ser e, com arte, fazem milhares de pessoas pelo mundo afora suspirarem ao se identificarem com a história retratada.

Ao longo dos séculos, o amor foi sendo inventado e, enfim, nos subjetivando em diversas maneiras de amar. Cada século revela uma novidade, a qual moldava a “instituição amor” e a fazia avançar, mesmo que lentamente, à maneira como as pessoas se relacionavam. Sua transformação, ao longo dos séculos, acompanha os acontecimentos econômicos, políticos e sociais da época e nos mostra como o contexto social e histórico são importantes para uma análise coerente dos parâmetros que circundavam as relações. (DEL PRIORE, 2006; LINS, 2012; ALMEIDA; LOMÔNACO, 2018).

A transformação do conceito de amor e sua figura idealizada, enraizada no pensamento ocidental, percorreu um longo caminho dentro da história e nos ensinou a amar. Na Grécia antiga, o amor era visto como algo Belo, Bom e Verdadeiro, se dirigia como impulso a um outro e a falta do objeto idealizado, causava angústia e dor. Durante a Idade

Média, sob influência do cristianismo, o amor era voltado a Deus, como algo eterno e de Bem Absoluto, portanto, não causaria mais dor. Observa-se que, tanto para os gregos, quanto para os cristãos, o amor era voltado para algo que transcendia a vida mundana e almejava a eternidade. (COSTA, 1998; DEL PRIORE, 2006).

Em *O Banquete*, Platão desassocia a imagem de Eros da condição de Deus e o coloca como intermediário entre os deuses e os mortais, ou seja, coloca o amor como ligação. O amor, para o filósofo é tal como a verdade, pois quando pensamos que a atingimos, estamos mais longe ainda de alcançá-la. Dessa forma, ama-se o que falta e o que não se tem. O amor é a relação entre quem ama e aquilo que é amado, é uma constante busca pelo que se deseja.

No século XI, no período da aristocracia feudal, desafiando a mística cristã, surge o amor cortês. De acordo com Lins (2012), é nessa época em que o amor voltado para outra pessoa, que não Deus, passa a ser possível. O amor impossível voltado para o outro e renunciado para amar apenas a Deus, em busca do Bem e da contemplação da felicidade eterna dá espaço a laicização do objeto de amor: homem ou mulher passam a ser desejados de forma romântica, marcando um sentimento recíproco. Ao “dissociar a ideia de amor, não só do Supremo Bem, mas também do vínculo conjugal, o amor cortês preparou terreno para a explosão do amor romântico séculos mais tarde.” (COSTA, 1998, p. 41).

Segundo Del Priore (2006), o século XI, sob interferência da literatura trovadoresca, trouxe algumas mudanças para o cenário amoroso. Suas poesias retratavam casais delicados e erotizados, de forma sutil, mantendo o amor em sua interface pura, para conservar seu aspecto romântico e inocente, reservado apenas ao casamento e ao bem amado. O amor cortês exaltava a parte carnal e espiritual dos amantes, colocava a mulher em um pedestal e, como característica, diante de um ideal de reverência, a cortejava a fim de merecê-la. Para os trovadores, o amor estava mais na idealização da mulher desejada e na impossibilidade da união entre os amantes do que na realização do desejo em si. Amava-se de longe, a paixão só existia se houvesse obstáculos para realizá-la, o paradoxo da alegria estática e do erotismo melancólico foi o berço para a poesia medieval e a integração entre os amantes, assim como em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. “O que os amantes desejam é o seu próprio desejo. Estão apaixonados não um pelo outro, mas por sua própria paixão.” (DEL PRIORE, 2006, p. 72).

Muito embora na literatura, a exaltação sexual, mesmo que tímida, enredava histórias e arrancava suspiros de seus leitores; na vida real, se idealizava mais do que praticava essa forma de amor e relação com o par. Segundo Lins (2012), a baixa Idade Média (século XI a século XV), contou com a propagação da Igreja como detentora de regras e normas, e, com

sua grande influência sobre o Estado. Dessa forma, o amor não era aplicado ao casamento, somente a Deus; a paixão era vista como um pecado e estritamente proibida pela Igreja, o amor deveria surgir ao longo do tempo de casamento e ser devotado a Deus. (DEL PRIORE, 2006). De acordo com Lins (2012, p. 143), nesse período “o espírito não procura as realidades individuais, mas sim modelos, exemplos, normas. [...] Sente-se uma imperiosa necessidade de ver o sentido geral, a sua relação com o absoluto.” (LINS, 2012, p.143).

No século XIII, o Papa Inocêncio chamou esse movimento de *caritas conjugalis*, trata-se da “graça conjugal e, ao mesmo tempo, de uma mistura de ternura e amizade” (LINS, 2012, p. 143), onde os cônjuges deveriam querer o bem um do outro e até manter uma amizade, desde que fosse dentro do âmbito caritas.

Segundo Del Priore (2006), o prazer puro era considerado pecado pela Igreja, assim como desejar ardentemente sua própria mulher, já que o sexo feminino era considerado amaldiçoado pelo seu charme e grande perigo para os homens, que deviam se manter focados em prover suas famílias, enquanto sua esposa dedicava-se ao lar, aos filhos e a religião. (DEL PRIORE, 2006; LINS, 2012).

Logo, a Igreja nutria em seus fiéis grande pudor e pregava a relação sexual apenas para procriação, influenciando diretamente na forma com que os casais se relacionavam e no comportamento de homens e mulheres por muitos séculos; ditando regras e deveres de um relacionamento amoroso, bem como o ritual do casamento e a escolha do cônjuge. Sua interferência instaurou, segundo Del Priore (2006), novos objetivos diante do casamento: reafirmá-lo como sacramento e convertê-lo como instituição básica da vida dos fiéis para substituir ritos tradicionais ditados por cada família, por ritos oficiais certificados dentro da religião e Igreja, seguindo suas normas e regras minuciosas, validando o casamento que, por sua vez só seria legítimo se colocado a serviço da prole e da manutenção da família. A obrigatoriedade de um ritual oficial para o matrimônio tornou o sacramento ainda mais controlado pela religião, além de trazer e firmar princípios de indissolubilidade.

No século XIV, as mulheres tiveram um grande avanço pra época e conseguiram conquistar alguns direitos importantes para o convívio matrimonial, como o aumento de sua voz na criação da família, o direito de realizar as refeições e horas de lazer na mesma sala que o marido, maior atenção à moda e, ainda, as viúvas passaram a serem respeitadas mesmo sem seus patriarcas e a administrar os bens deixados. (LINS, 2012).

Dessa forma, surge uma dicotomia entre um sentimento regido por normas e a praticidade para escolher o cônjuge, “o bem querer amistoso” (DEL PRIORE, 2006, p. 30), o sentimento ditado por razões subjetivas e, às vezes, inexplicáveis. Assim, construía-se um tipo

de amor dentro e fora do casamento e uma separação bem clara entre a vida pública e vida privada do casal: dentro, normativo e conservador diante aos olhos da Igreja; fora, amor proibido que se nutria por outro alguém como efeito de uma atração natural, uma paixão.

A Igreja apropriou-se também da mentalidade patriarcal presente no caráter colonial e explorou relações de dominação que presidiam o encontro entre os sexos. A relação de poder já implícita no escravismo, presente entre nós desde o século XVI, reproduzia-se nas relações mais íntimas entre maridos, condenando a esposa a ser uma escrava doméstica exemplarmente obediente e submissa. Sua existência justificava-se por cuidar da casa, cozinhar, lavar roupa e servir ao chefe de família com seu sexo. (DEL PRIORE, 2006, p. 22).

Segundo Del Priore (2006), o casamento, tanto para o cristianismo quanto para a religião hebraica, tinha como objetivo eliminar o amor-paixão do enlace, para que a ele restasse apenas a obediência e a submissão ao marido. Isto posto, o lugar da paixão se restringia a literatura, onde a mulher era cultuada e adorada e fazia parte do imaginário dos homens e do desejo delas mesmas em serem olhadas de tal forma. O risco do casamento movido pelo sentimento era o de desregular todas essas funções ocasionadas por um interesse feudal. Além de tudo, o enlace foi a solução encontrada para evitar o pecado da fornicção, o que funcionou por um tempo.

No século XVII, o amor era considerado um sentimento nobre, pois enobrecia o sujeito social e moralmente, uma vez que era visto como uma força que levava à ação, já que tinha o poder de criar novos laços sociais. Um afeto tão grande e puro só podia estar ligado a felicidade ou a busca dela, refletindo um desejo de autonomia por quem o vivesse ou o procurasse. Para o filósofo francês Descartes, “o amor era fruto de uma emoção da alma e da agitação do desejo” (Del Priore, 2006, p. 27) e, sua presença no casamento era sinônimo de uma perfeita amizade, da união do coração de duas almas por meio do amor divino. No entanto, ainda aqui, a Igreja busca conservar a razão, postulando-a como dominação da carne e repressão dos desejos sexuais. Assim, ter razão era considerado uma benção divina. “O recado era um só: a racionalidade devia marginalizar a paixão ou a atração física. A Igreja procura ser justa sublinhando a reciprocidade dos deveres conjugais, sobretudo em relação a fidelidade.” (DEL PRIORE, 2006, p. 27).

Costa (1998), explica que no amor de cortesia, as pessoas se casavam para obter benefícios do casamento, como linhagens, acúmulo de riqueza, títulos de nobreza entre outros, ou seja, vínculos calculistas, destinados ao equilíbrio social e político. Dessa forma, o matrimônio era um passo simples para a transmissão de bens, sendo fruto de acordos familiares e não da escolha individual dos pares. O esposo(a) era escolhido(a) de acordo com sua igualdade etária, social, econômica, física e moral, caso contrário, a união já estava

fadada ao fracasso. A instituição casamento constituía-se em torno de interesses do grupo familiar e social e segui-la era uma obrigação. O sistema matrimonial controlava os casamentos arranjados e a instituição através de regras morais e civis, dessa forma, “a Igreja procurava controlar justamente o desejo” (DEL PRIORE, 2006, p. 23).

O amor romântico surgiu ao fim do século XVIII, contribuindo para a construção de uma imagem do sentimento de amor – “algo imanente ao sujeito” – que se criou no Ocidente, tendo como cenários principais para essa mudança o enredo católico, político, filosófico e o amor de cortesia, onde amar outra pessoa – que não Deus - passou a ser possível, abrindo portas para a explosão deste tipo de amor.

Para Lins (2012), o casamento com o intuito de adquirir fortunas estava longe de ser romântico e feliz, o amor, se aparecesse, vinha depois do casamento. Diante da infelicidade do casamento arranjado, o sujeito inclinou-se para o adultério, colaborando de vez para o rompimento com o amor cristão, platônico e cortês, abrindo caminhos para a explosão do amor romântico, agora, homens e mulheres viam a possibilidade de um amor mais livre, menos trágico e dramático; tomados pela sexualidade, inclinam-se naturalmente para o casamento e a família. Consequentemente, o enlace matrimonial passou a ser regido por contrato civil, e composto pela vontade de duas pessoas em estarem juntas, e não apenas pela reprodução e o dever familiar (LINS, 2012; ALMEIDA; LOMÔNACO, 2018).

Nesse momento, a crença de que através do amor se pudesse atingir salvação, coerente à Idade Média, cedeu espaço ao desejo de felicidade como um anseio pertencente a Modernidade, por meio do amor recíproco, supondo que o casal que “encontrava seu fundamento na reciprocidade amorosa, poder-se-ia estabelecer a felicidade e se alcançaria um casal e uma família em que reinaria a harmonia.” (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011, p. 125).

Com a aceitação do amor romântico como forma de conduta, os desejos de autonomia e felicidade foram atendidos, proporcionando um equilíbrio entre as aspirações de felicidade individual e o compromisso com os ideais coletivos que afirmavam que o enlace amoroso era a felicidade maior do homem. Abrem-se portas para “reinventar um modo de amar menos trágico, heroico ou dramático e mais à altura de nossa liberdade.” (COSTA, 1998, p. 75). A sociedade do século XVIII começa, então, a exigir do casamento o mesmo que se exigia de um país: liberdade e igualdade. Diante disso, o enlace matrimonial passou a ser regido por contrato civil e composto pela vontade de duas pessoas em estarem juntas (LINS, 2012).

Logo, o amor romântico passa a ser visto também como forte aliado no casamento, quando, de acordo com Lins (2012), as famílias, motivadas pela Revolução Industrial, migram

para a cidade em busca de emprego e deixam no campo as famílias extensas – constituídas por pais, avós, tias, tios – para formarem famílias nucleares – pais e filhos – fortalecendo o vínculo entre o casal.

Como resultado, o casamento passa a ser o provedor principal da família nuclear e os papéis masculinos e femininos passam a ser bem definidos: mulheres eram responsáveis pelos afazeres domésticos e o bem estar dos filhos e do marido, além de serem reprimidas sexualmente, enquanto aos homens, cabia apenas o papel de chefe de família, provedor econômico, com total liberdade e mais espaço para viver uma vida social (ALMEIDA; LOMÔNACO, 2018; HADDAD, 2011; LINS, 2012). Surge então, segundo Moguillansky e Nussbaum (2011), nesse novo paradigma, homens e mulheres capazes de decidirem acerca de sua vida amorosa, e acompanhando essa nova racionalidade, acreditou-se na possibilidade de atingir a felicidade através do amor.

O século XIX trouxe grandes mudanças para o cenário amoroso. De acordo com Del Priore (2006) e Oltramari (2009), se antes amor e paixão eram coisas separadas e perigosas para os sujeitos, agora, a linha tênue entre esses dois elementos se dissolve, mesmo que lentamente, e o amor-paixão entra em cena, mudando o ideal dos casamentos e impondo-se na cultura, ainda que em ritmos diferentes. Essa influência veio da Europa e começava a ser difundida pelos mais letrados que não se afetavam tanto pelas influências da Igreja, que ainda tentava dominar o cenário espiritual da instituição casamento.

Ainda que os pais precisassem aprovar os relacionamentos dos filhos de forma arranjada, começou a existir uma interação maior entre os pretendentes por meio da paquera, como forma de driblar, através do romance, essa condição. A religião segue como uma cultura forte e dominadora nas famílias e províncias e, ironicamente, começa a ser palco para paqueras, mesmo que sutis, entre homens e mulheres. Nesse ritual, era a mulher que escolhia quem paqueraria, correspondendo ou não aos olhares dos “gaviões”, pois, se ela os procurasse com o olhar, era considerada obscena, perdendo seu mérito de boa mulher e futura esposa, afinal, eram criadas para encantar, procriar e obedecer; “nascera para agradar, ser mãe e desenvolver certo pudor natural.” (DEL PRIORE, 2006, p 122).

As paqueras aconteciam nas missas, já que a cerimônia encobria os cochichos e a troca de olhares e declarações. Os “namoros de água benta” (DEL PRIORE, 2006, p. 124) só aconteciam nesses encontros, já que longe dali, dificilmente seria possível alguma conversa com a amada; as famílias eram severas e não permitiam, e, caso permitissem, era sob a supervisão dos pais. Fora do contexto das missas, se encontravam em festas religiosas, bailes, cerimônias e o mesmo procedimento era adotado. Sentir o cheiro do cabelo ou tocar com as

mãos aveludadas em um cumprimento ou dança sua dama era o auge do namoro (DEL PRIORE, 2006).

Mesmo que com pequenas mudanças, o casamento ainda era visto como uma camisa de força e mediado por negócios. A mulher ainda era vista como pura e seu prazer ocorria somente na procriação e em atender as exigências do lar; já ao homem cabia uma liberdade maior em termos sexuais e comportamentais, fornecendo álibi para que ele continuasse sendo visto como insensível e egoísta – o grande provedor.

Na transição do século XIX para o XX, “enquanto consolidava-se entre nós a República, é lentamente percorrido todo um pedregoso caminho para que os indivíduos ousassem se libertar da influência da religião, da família, da comunidade ou das redes sociais estabelecidas pelo trabalho.” (DEL PRIORE, 2006, p. 231). O capitalismo trouxe mudanças nas dinâmicas sociais e os sujeitos começaram a romper com o paradigma vigente das relações e a aceitar menos coisas que eram impostas e a correr mais riscos; as mulheres aprendem a dizer não e vem delas as maiores mudanças do século. Os casais se escolhem por atração e amor mútuo e não por convenções econômicas e sociais impostas pelas famílias. O amor romântico não é mais apenas uma ideia literária ao qual vislumbravam os mocinhos e as mocinhas, mas agora, finalmente, era posto em prática pelos sujeitos.

De acordo com Del Priore (2006), com o avanço do capitalismo e da economia no contexto brasileiro, algumas capitais sofreram reformas urbanas, expandindo seus espaços de entretenimento com teatros, cinemas e auditórios, frequentados por homens e mulheres, o que deixava o flerte e os encontros livres para acontecer sem empecilhos e, portanto, o amor recíproco também. Ir de um lugar ao outro, como cafés, lojas chiques e praças era uma prática comum para se namorar e paquerar. Nesses momentos, as damas enviavam sinais para os rapazes que escolhiam através de uma avaliação por seu tipo físico e maneiras. Depois, vinham os bailes, onde o contato era mais direto, havia o toque, o dançar e podia se acelerar o processo com beijos roubados nas matines, fundos de quintais e cinema.

Quando o namoro amadurecia, a família tomava ciência da relação e o namoro ganhava caráter de compromisso, a partir do consentimento dos pais. Às vezes, nessa altura, o rapaz tinha de declarar seu amor e exprimir o desejo de se casar. Desse momento em diante, era estabelecido um controle diante da virgindade da moça, “a fim de preservar sua reputação e honra, representado pela virgindade, bem supremo de troca no matrimônio burguês”. (DEL PRIORE, 2006, p. 279) Se por algum acaso fosse constatado “defloramento” (DEL PRIORE, 2006, p. 277) ou gravidez, o casal era punido com casamento imediato. Isso nos mostra que,

por enquanto, o sexo ainda era um tabu social e um ato proibido, resultante das sombras religiosas que, mesmo em lenta desconstrução, ainda eram presentes na época.

Segundo Del Priore (2006), os hábitos cotidianos também são afetados pelos efeitos do capitalismo, com a expansão das invenções tecnológicas, tais como a energia elétrica, o petróleo, a metalurgia química, os meios de controle de natalidade e outras inovações, que proporcionaram um avanço econômico gigantesco e, conseqüentemente, social. Devido às mudanças gradativas na sociedade, o casamento também muda, e começa a surgir a possibilidade de prazer através do sexo.

Na transição do século XIX para o XX, o país foi inoculado pelo dinamismo que atingia a economia internacional. Essas mudanças afetaram a ordem das hierarquias sociais, as noções de tempo e espaço, seus modos de perceber os objetos e, mesmo – o que nos interessa aqui –, a maneira de organizar as afeições ou de sentir os outros seres humanos. (DEL PRIORE, 2006, p. 231-232).

Para Moguillansky e Nussbaum (2011) e Haddad (2011), até meados do século XX, a modernidade colocava em seu antropocentrismo o homem, não fazendo o mesmo com a mulher. Nesse ínterim, grandes mudanças sociais começaram a acontecer na tecnologia, política, economia, mundo social e cultural. Tantas transformações advindas de um século tão destruidor, mas, ao mesmo tempo tão criador, contribuíram para que o papel da mulher também passasse por mutações, alterando sua dinâmica sexual, sua função familiar, social e, concomitantemente, também remodelou a organização familiar na sociedade.

Segundo Lins (2012), os “Anos Loucos” (1920-1929), conhecidos como o período pós Primeira Guerra Mundial foram de grande desenvolvimento econômico e a guerra era uma lembrança a ser banida pelas pessoas que a viveram. Este movimento trouxe a busca por um recomeço: um novo estilo de vida se instaura nas cidades e a premissa é aproveitar ao máximo os momentos. “Ser diferente, libertar-se das amarras de preconceitos vividos há tanto tempo, é a grande aspiração. Assim, podem ser satisfeitos os desejos de uma sociedade que busca entretenimento, luxo e cultura.” (LINS, 2012, p. 152).

A crise de 29 pôs fim a euforia e extravagância dos anos 20 com a baixa da Bolsa de Valores de Nova York, o mundo enfrenta grande desmoralização e os Estados Unidos, grande potência econômica mundial, arrastam outros continentes com seu declínio, promovendo desordem e desestabilização social. No amor, a crise serviu para que as pessoas buscassem vínculos mais firmes, conforto e segurança. A fim de se preservarem contra as incertezas da época, apenas o amor poderia lhes oferecer a certeza que precisavam para seguir em frente.

O amor romântico foi conservado como o mais ardoroso ideal, capaz de trazer-nos as mais doces alegrias e as mais profundas dores emocionais. Ocupou um lugar central na nossa vida social em todos os níveis culturais — da poesia e dos

romances, que tendem a retratá-lo como uma mistura de paraíso e catástrofe, aos finais felizes dos musicais da Broadway e dos filmes de Hollywood e até as excitações oferecidas pelas revistas populares. Quaisquer turbulências que o amor romântico pudesse engendrar na alma dos jovens e, talvez, dos “neuróticos” (assim eram considerados os que falhavam no amor e no casamento), todos pensavam que tudo se acalmaria a partir do momento em que tivessem ao lado a pessoa certa. (MILLER, 1995 apud LINS, 2012, p. 155).

Segundo Lins (2012), o amor romântico do século XX já não era mais aquele da mocinha tímida e envergonhada olhando para o chão a espera de ser notada por um cavaleiro na Igreja. Muito pelo contrário, se no século anterior o casamento começava a desmoronar, agora, as mulheres se revoltavam contra sua glorificação, seu estado de pureza e seu papel de “anjo da casa e rainha do lar” (LINS, 2012, p. 156) imposto pela mentalidade vigente da época. No entanto, apesar dos exageros terem desaparecido, outras premissas se mantiveram: a idealização do outro e do próprio par, a crença de que para cada indivíduo existe um par certo e único no mundo, o apaixonamento súbito por alguém, o amor cego que não faz diferença com as imperfeições do sujeito e a ideia de que o amor tudo conquista e pode com sua força. Para a autora, os ocidentais são os únicos que semeiam essas expectativas de amor, que perdurará por todo o século XX, como a única forma de amor possível.

O amor ocidental, a partir do século XX, procura combinar satisfação sexual, amizade com afeto e as funções procriadoras numa única forma de relação. A atração romântica é considerada a base adequada e, na verdade, única para qualquer pessoa escolher a sua companheira para o resto da vida. Espera-se que a ternura, o mistério e a excitação coexistam com os cuidados de manutenção da casa, com os problemas de criação dos filhos, e com a rotina de 15 mil noites passadas na mesma companhia. (LINS, 2012, p. 156).

Lins (2012) aponta que, as mulheres da primeira metade do século XX, são menos submissas do que as do século anterior: não desejam mais serem esquecidas no espaço privativo do lar e buscam se livrar das dependências do marido, para tanto, pretendem conquistar a igualdade legal e ter o mesmo nível de instrução que o homem. As feministas acreditavam que, dessa forma, “quando essa meta fosse alcançada, a competência profissional da mulher e suas características de personalidade não seriam distinguíveis das do homem.” (LINS, 2012, p. 157). Muito embora a mulher da época consiga a igualdade que almeja, vive em conflito entre seu potencial e o medo de não estar à altura das expectativas masculinas, pois teme que esse comportamento lhe custe a oportunidade de amar e a torne ‘solteirona’, *status* desvalorizado e sinônimo de desonra daqueles tempos. O conflito e a angustia são maiores porque

[...] a mulher não precisa fazer as coisas que o homem faz, porque, em nome do amor, ele ainda lhe sustenta e lhe permite depender dele. Assim, ela compra o amor ao preço de permanecer desigual e inferior, bem como ao preço de sentir-se descontente com a barganha a vida toda. (HUNT, 1963 apud LINS, 2012, p. 158).

Como pontuado, grandes mudanças sociais começaram a acontecer para as mulheres no século XX. Lins (2012) observa que, com a Segunda Guerra Mundial, houve grande demanda para que a mulher compusesse o mercado de trabalho. A guerra funcionou como um dinamizador, impulsionando transformações sem precedentes na ocupação feminina, principalmente em relação às esposas. “Nos Estados Unidos, das 6.500 milhões de novas mulheres empregadas durante a guerra, 3.700 milhões eram casadas. Pela primeira vez na história do país, a força de trabalho tinha mais mulheres casadas do que solteiras” (LINS, 2012, p. 183).

A princípio, houve uma resistência da Comissão da Força de Trabalho em encorajar donas de casa a procurar emprego, por receio de suas responsabilidades familiares ficarem em segundo plano. No entanto, muitos patriotas, organizações, revistas e programas de rádios intimaram esposas e mulheres solteiras a preencherem as vagas deixadas pelos soldados e exigidas pela indústria de guerra. Se, durante a Depressão de 29, a ida da mulher para o mercado foi motivo de discórdia por correr o risco de tirar o emprego dos homens, agora ela era convidada a trabalhar e imensamente abençoada por atitude tão nobre (LINS, 2012). Este cenário ocasionou grande movimentação do gênero, que ia em busca de sua independência:

Vinte milhões de jovens mulheres se ergueram com o grito: ‘Ninguém mais nos ditará ordens!’. Os anos 20 abriram uma nova perspectiva de independência para a mulher, que agora tinha possibilidade de se tornar realidade. (LINS, 2012, p. 190).

De acordo com Lins (2012), no entanto, apesar de terem provado o gosto da igualdade e da liberdade econômica, não houve encorajamento das mulheres para desejar esse imperativo; existia uma forte supremacia masculina exaltada não só pela sociedade, mas também por revistas, literatura e cinema, que empunham obstáculos para que essa busca por independência continuasse e se fortalecesse. Dessa forma, cedem à dinâmica masculina e desistem de trabalhar fora de casa para que os homens recuperem seus empregos. À vista disso, retomam o trabalho doméstico e o cuidado com a família. “Elas teriam outra alternativa? Talvez não, mas também não se opuseram — para grande perplexidade das feministas dos anos 60.” (HICKMAN, 1999 apud LINS, 2012, p. 184)

Segundo Del Priore (2006) e Lins (2012), no fim dos anos 30 e 40, a urbanização e a industrialização traziam novidades à população, impostas de forma desigual em todo o país, somadas ao êxodo campo-cidade e colaboraram para diluição de redes tradicionais de sociabilidade e de relações afetivas. Tais mudanças sociais, junto a explosão da Segunda Guerra Mundial, impuseram a necessidade da mulher no mercado de trabalho, como em fábricas, escritórios, lojas e rompeu com o isolamento da mulher restrito ao contexto familiar, dedicando-se apenas a casa, filhos e marido. O acesso à informação, ao lazer e ao consumo,

permitiu que os jovens pudessem transitar com mais liberdade e passar mais tempo juntos e, concomitantemente, a guarda dos pais sob seus filhos diminuiu, contribuindo para um namoro mais livre e de contato físico mais estreito. Essas mudanças atingiram toda a família tradicional brasileira, rica e pobre, e atuou de maneira decisiva na aproximação da mulher com o homem.

A consequência desse movimento é a recreação dos laços amorosos, como o namoro, pois o contato entre os sexos ficou mais direto e fácil, reduzindo costumes tradicionais, como os bilhetes, as palavras bonitas, as serenatas. Logo, também modifica o casamento, deixando a responsabilidade da escolha do par para as partes interessadas e não para os pais de forma direta (DEL PRIORE, 2006).

Nesse período, é conquistada mais liberdade para o flerte e o namoro. Com a guarda dos pais mais baixa, já que fugiam da tutela de vigia domiciliar, procurando ir a lugares públicos para diversão, usavam deste espaço para paquerar e marcar encontros com pretendentes que os atraíam. Quanto mais encontros marcados, melhor, pois, além de elevar um estado de popularidade, também servia para adquirir confiança e experiência com o sexo oposto (LINS, 2012). Isto posto, podemos afirmar que essa época se caracteriza por uma crescente busca do prazer sexual, visto que a moral sexual foi, gradativamente, se fazendo menos rígida. Mesmo com as tentativas da Igreja de tornar o sexo um pecado e aceitá-lo no casamento apenas para procriação, “um número crescente de pessoas defendia que o amor e o prazer estavam associados. Assim, as interdições caíam.” (LINS, 2012, p. 172).

Vimos que o amor romântico que valoriza a escolha subjetiva e o afeto existe como possibilidade no casamento desde o fim de XVIII, porém é a partir da década de 40 que as pessoas, em sua maioria, começam a se casar por amor: um amor feito por uma combinação de ideais, expectativas, atitudes e crenças e que servem como predeterminação de como um relacionamento deve ser, como se deve sentir e reagir. As expectativas são de um amor verdadeiro e eterno, não sendo possível amar duas pessoas ao mesmo tempo, nem sentir desejo sexual por outro alguém que não seu par, que se constitui na única fonte de interesse e que atenderá todas suas necessidades de modo satisfatório. Podemos assinalar, então, que a busca pela alma gêmea e o sentimento de completude, ainda segue forte nessa era, sendo a exclusividade sexual uma característica básica do amor romântico (LINS, 2012; DEL PRIORE, 2006).

O amor que as mulheres vivem é totalmente voltado para o casamento, a maternidade e as convenções sociais. Não lhes é permitido qualquer deslize passionais fora das regras da ordem. O sentimento amoroso precisa apoiar-se em valores seguros, vinculados à “harmonia” de uma união conjugal e à estabilidade familiar. Por isso, deve ser domesticado. Para a mulher, as responsabilidades de

esposa e mãe devem ser as mais importantes da vida, e estar acima de qualquer outro desejo. Com o homem é diferente. Ele encontra uma válvula de escape nas suas atribuições de chefe de família utilizando-se das chamadas “liberdades” masculinas. (BASSANEZI, 1996 apud LINS, 2012, p. 190).

Para Giddens (1993), os ideais de amor romântico proporcionaram um vínculo conjugal mais íntimo entre marido e esposa, refletindo em suas obrigações quanto às responsabilidades em formar uma família, como a educação e criação dos filhos.

Os anos dourados dos anos 50 do século XX, segundo Lins (2012), foram marcados por grandes avanços científicos, tecnológicos e mudanças culturais, de comportamento e com as transmissões de televisão, provocaram uma grande mudança nos meios de comunicação e, conseqüentemente, a mídia colaborou, mais uma vez, para uma mutação de comportamentos da segunda metade do século.

Naquela época, a mídia já ditava os valores a serem seguidos por homens e mulheres e havia várias revistas que ditavam comportamentos femininos de como tratar um homem, como conquistá-lo, como ser boa esposa e boa mãe, papéis estabelecidos para homens e mulheres, bem como a maneira que uma mulher deve agir perante sua sexualidade, pois estavam ali apenas para reprodução e deviam se dar ao respeito se não fossem casadas. Já os homens eram bem compreendidos com suas várias parceiras sexuais, uma vez que as mesmas publicações também incentivavam as mulheres a perdoar a poligamia masculina e não se importar com o adultério, justificando um alibi para o comportamento dos homens perante sua infidelidade e machismo (LINS, 2012; DEL PRIORE, 2006).

Havia um incentivo a esse tipo de literatura, pois, mantinha o ideal romântico e o sentimentalismo nas mulheres, que desejavam casar e ter um homem que as fizessem felizes, um galã a ser respeitado, com estereótipo bem definido e almejado. O cinema, no entanto, era considerado portador de novos hábitos e mais liberal, “atrai a juventude e imprime novos valores de conduta, é visto como um perigo.” (LINS, 2012, p. 195-196).

Existia uma prevalência masculina que “se reinstala tão claramente que um guia dos anos 1950, *“Como ser uma esposa perfeita”*, aconselha: ‘Sejam alegres... preocupando-se com o conforto dele trará grandes satisfações pessoais... Mostre sinceridade no desejo de agradar. [...]’ (LINS, 2012, p. 190). As mulheres eram vistas por seu relacionamento, atrás de um homem, isso se torna evidente em como as “solteironas” eram vistas pela sociedade: socialmente indesejáveis, incompletas, que não são esposas e nem mães, ladras de homem e um peso para a família que, achava mais “honroso” se trabalhassem, o que, nesse período pós-guerra, voltou a ser discriminado pela sociedade da época (BASSANEZI, 1996 apud LINS, 2012; DEL PRIORE, 2006).

Alguns processos importantes deflagraram e colaboraram para que a mudança dessas mentalidades começasse a acontecer. Num contexto nacional, Lins (2012) aponta que, em 1963, Carmem Silva, colunista da revista *Cláudia* (anos 1960) publica um artigo intitulado “*Uma pequena rainha triste*”, e “traz uma visão diferente da condição feminina e novas propostas de vida para as mulheres” (LINS, 2012, p. 194). Silva diz que “a sociedade outorga à mulher, esposa e mãe, o título de ‘rainha do lar’, mas esta rainha é insatisfeita, embora não o confesse nem a si própria” (BASSANEZI, 1996 apud LINS, 2012, p. 195). Ela defende que é preciso, dentro do casamento, ter espaço para a criatividade, a espontaneidade e a subjetividade, para que assim, haja uma auto realização da mulher e ela consiga ser verdadeiramente feliz.

Lins (2012) aponta outro determinante a essas mudanças, dessa vez, mais radical que a supracitada acima: o “*Relatório Kinsey*” (1948-1953). Este foi possibilitado por um movimento fundamental referente à percepção do sujeito em sua relação com os outros. O aspecto mais fascinante desse trabalho erudito e sistemático é o fato de definir com clareza exemplar a diferença entre as normas e as realidades. “Nós registramos e mostramos os fatos; não julgamos os comportamentos, mas os descrevemos”, diz Alfred Kinsey (1894-1956 apud LINS, 2012b, p.200).

A realidade das condutas sexuais dos seres humanos num universo marcado por uma forte repressão sexual demorou muito a acontecer. Preconceitos, fanatismo e intolerância se levantaram contra os cientistas que ousaram tratar do assunto. A opinião pública, insuflada pelas religiões e outros setores conservadores da sociedade, atrasaram em séculos o estabelecimento de padrões de comportamento sexuais médios.

O relatório veio para abalar as normas sociais entre os sexos que circulavam no tecido social, desmistificando todo e qualquer tabu sobre sexo e religião, foi rapidamente utilizado por grupos confinados às margens da sociedade, que se apoiaram nos dados coletados para reivindicar direitos. Dentre eles, o grupo feminino, que passa a incentivar a busca pelo próprio prazer e sua independência (LINS, 2012; ALMEIDA; LOMÔNACO, 2018).

A partir da tomada de conhecimento e reflexão que o relatório instaurou, o sexo, antes voltado apenas para procriação, passou a ser considerado devido ao prazer do ato em si, dando espaço para se falar sobre orgasmo e desmascarando os tabus antes determinados, abrindo portas para uma realização sexual no casamento. Se, até meados do século XX, filhos tinham os mesmo pensamentos e gostos que seus pais, após a Segunda Guerra Mundial e a bomba de Hiroshima, os jovens começaram a questionar todos os ideais ensinados e, impulsionados pelo sentimento de insatisfação, recusam-se a dar continuidade a um estilo de vida medíocre e

superficial. Os adolescentes começam a procurar uma nova idealização para sua subcultura dentro de seus próprios mundos, com vontade de revolução (LINS, 2012; 2017; HADDAD, 2011; ARREGUY; GARCIA, 2012).

Giddens (1993) também destaca a importância que as reivindicações femininas tiveram para a criação de uma nova ordem nas relações amorosas, que priorizasse a igualdade na doação e no recebimento emocional para ambos os sexos.

[...] os princípios democráticos e os valores igualitários foram profundamente incorporados à dinâmica cotidiana das sociedades ocidentais, principalmente, a partir da segunda metade do século XX, a tal ponto que viabilizaram uma profunda transformação da intimidade. Isso se fez notar na maneira pela qual os relacionamentos afetivo-sexuais passaram a ser constituídos. (CAMPOS, FÉRES-CARNEIRO; MAGALHÃES, 2015, p. 409).

De acordo com Lins (2012 e 2017), Arreguy e Garcia (2012) e Haddad (2011), a Revolução Cultural dos anos 60 trouxe a busca pela igualdade e liberdade de gêneros em vários aspectos, inclusive sexual. Segundo Giddens (1993), o uso de contraceptivos marcou o início da caminhada das mulheres em direção à consolidação de sua independência em amplo aspecto. Também tornou possível desprender-se do sexo como via exclusiva para reprodução com a concomitante descoberta do prazer feminino através da sexualidade, além de outros métodos alternativos para a reprodução.

Segundo Lins (2012), a pílula anticoncepcional é a maior responsável pela transformação radical do comportamento amoroso e sexual nos anos 60 em diante. Com a dissociação definitiva entre procriação e sexo, este passa a ser aliado, finalmente, ao prazer, libertando a mulher da preocupação da maternidade indesejada, dando-lhe o direito de decidir sobre o seu corpo.

Não sem tempo, o sistema patriarcal vigente na sociedade há 5 mil anos, “que se apoiou na divisão sexual de tarefas e no controle da fecundidade da mulher — a mulher tinha quantos filhos o homem quisesse, passando grande parte da vida grávida —, recebe assim um golpe fatal e começa a entrar em declínio.” (LINS, 2012, p. 216). A mulher, a partir de então, consegue ter a possibilidade de dividir o poder econômico com o homem, além de poder escolher quando ter filhos caso seja seu desejo.

As fronteiras entre o masculino e feminino começam a se dissolver — nada mais interessa ao homem que não interesse à mulher e vice-versa —, atenuando a distinção entre eles, o que é uma precondição para uma sociedade de parceria entre homens e mulheres. Percebemos então o início de uma profunda mudança das mentalidades, não só no que diz respeito à dominação do homem sobre a mulher, mas também na forma de se pensar e viver o amor, o casamento e o sexo.” (LINS, 2012, p. 216).

Se antes a mulher era frágil, temerosa e submissa, a nova mulher que surge “é reconhecida pela sua educação e independência, sua tendência é desprezar antigos valores

familiares e não aceitar os limites rígidos entre os comportamentos femininos e masculinos.” (LINS, 2012, p. 130).

Notou-se que o amor romântico também foi um dos gatilhos para várias mudanças que ocorreram na composição do casal e do espaço ocupado pelo homem e a mulher no estabelecimento da conjugalidade, pois acordante com Giddens (1993), introduziu uma narrativa com uma vida mais individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, onde amor e liberdade passam a se vincular e a serem desejados juntos.

Segundo Del Priore (2006), nos anos 60, após o lento processo de amadurecimento do amor e suas relações, explode a Revolução Sexual, na qual, com o advento da pílula anticoncepcional, livres do risco de doenças venéreas e de gravidez indesejada, os jovens sentiam que podiam se aventurar nas oportunidades que a vida proporcionava, aproveitando cada momento com liberdade.

As músicas e ideais do movimento pregavam paz, sexo livre e drogas para atingir a libertação da mente e amor, buscavam satisfação sexual plena e de seus próprios desejos. Esses fatores encorajaram o movimento contra cultural, a revolução sexual e a forma de se relacionar. Essa geração ficou marcada pelo seu interesse em drogas, *rock n' roll* e sexo livre, buscavam satisfação sexual plena e a satisfação dos próprios apetites. (LINS, 2012; DEL PRIORE, 2006) “A inibição e a frustração eram apontadas com o dedo como doenças a serem erradicadas; o sentimento amoroso, com sua extraordinária complexidade e suas fantasias seculares — o sentimento de posse, o ciúme, o segredo — foi posto no índice.” (LINS, 2012, p. 221)

O principal objetivo da Revolução Sexual era, segundo Lins (2012),

[...] a eliminação, ou pelo menos a diminuição, da repressão. A aspiração, em suma, é por uma maior liberdade sexual. Essa aspiração sempre foi experimentada como uma necessidade crucial pela maioria das pessoas que, porém, tradicionalmente optavam entre duas alternativas, as que lhes eram normalmente oferecidas: ou se submetiam de corpo e alma à repressão, o que originava distúrbios psíquicos, ou procuravam atender às solicitações naturais das pulsões sexuais em segredo, escondidas de modo hipócrita e mentiroso. De qualquer maneira, a repressão sexual sempre causou problemas emocionais. O combate à repressão e a aspiração pela liberdade sexual significam uma busca decidida da saúde psíquica, que exige sinceridade consigo próprio, honestidade de propósitos e principalmente coragem. (p. 221)

Esses fatos, somados a mudanças econômicas e políticas, ajudaram a romper algumas barreiras antes postas. O papel da mulher muda gradativamente, passando a não ser vista exclusivamente como dona de casa e mãe, o prazer e a satisfação com o próprio parceiro eram assuntos presentes e necessários na vida sexual do casal; o adultério masculino e o feminino eram tratados igualmente, e o divórcio era permitido, muito que timidamente, pela sociedade,

que preferia preservar o *status* de família feliz a optar pela separação recorrente de problemas conjugais, principalmente o adultério (DEL PRIORE, 2006).

Para Del Priore (2006), a influência dos meios de comunicação também interferiu na maneira como era tratado o sexo e até o vocabulário usado para se referir a tal tema. Mulheres não eram mais proprietárias de seus maridos, e maridos violentos não eram mais aceitos ou perdoados. A mulher agora erguia a cabeça para dizer não, ao invés de abaixá-la para dizer sim. Com a liberalização dos costumes, até a identidade masculina começa a ser questionada.

Com o progressivo avanço, o diálogo passa a moldar as relações: amor, paixão e prazer sexual passam a ser cada vez mais valorizadas e a modernização da família e da moral se irradia até a base da sociedade. As últimas décadas do século XX deram início a uma transformação de valores muito grande, onde pôde se separar amor, sexualidade e casamento, dando espaço a uma transição entre o “amor idílico” dos avós para a “sexualidade obrigatória” dos netos. Ou seja, os jovens se permitiam experimentar as relações sexuais antes de casar, as mulheres discutiam sobre orgasmos de maneira tranquila e o domínio dos métodos contraceptivos consolida essa liberação, impondo a ciência sobre a ideia de pecado sexual (DEL PRIORE, 2006).

Em toda a história do amor, o casamento e a sexualidade estiveram sob controle; controle da Igreja, da família, da comunidade. Só o sentimento apesar de todos os constrangimentos, continuava livre. Podia-se obrigar indivíduos a viver com alguém, a deitar com alguém, mas não a amar alguém. Apesar dos riscos da aids – descoberta popularizada nos anos 80 -, a sexualidade foi desembaraçada da mão da Igreja, separada da procriação graças aos progressos e, mais, foi desculpabilizada pela psicanálise e mesmo exaltada. De forma oposta, a ausência do desejo é que passa a ser perseguida. O casamento fundado sobre o amor, não é mais obrigatório e ele escapa às estratégias religiosas ou familiares; o divórcio não é mais vergonhoso e os cônjuges têm o mesmo tratamento perante a lei. A realização pessoal coloca-se acima de tudo; recusamos a frustração e a culpa. (DEL PRIORE, 2006, p. 312).

Vimos que o amor já teve muitos sentidos e ideais: um considerado verdadeiro, estar próximo de Deus, o amor impossível, o cortejamento e o amor romântico, que ainda permanece nos tempos atuais, porém de uma forma repaginada. O que todas essas fases históricas têm em comum é a idealização, glorifica-se o outro, a si próprio e a relação. A paixão, presente em todos eles, instala-se e mantém o sujeito em um “estado febril”, onde “a presença do outro é fonte de bem-estar que parece ter possibilidades inesgotáveis” (LINS, 2012, p. 238), o corpo se enche de novas percepções que parecem “abrir nossa alma” e conjuntamente traz o pressentimento de possível perda da pessoa amada a qualquer momento, causando sofrimento. Luiz Alfredo Garcia-Roza, professor e escritor da teoria psicanalítica, em comunicação pessoal à autora, afirma que,

[...] o apaixonamento é algo que te atropela, você é assolado, é tomado por aquilo. E exatamente o que o torna imprevisível é a impossibilidade de você estabelecer quais

são os elementos que vão possibilitar esse apaixonamento. Caso contrário, você se protegeria. Para se apaixonar basta estar vivo e desejante, aberto para isso. (LINS, 2012, p. 238).

No entanto, nosso psiquismo não é capaz de manter esse “estado febril” por muito tempo, pois precisamos voltar a um estado mental relaxado, já que a paixão resulta, também em angústia. Se a paixão é cheia de tormentas, quebra a rotina e deveres e é universal, o amor-romântico é característico do Ocidente e caminha em direção a algo calmo e a uma vida a dois, estável (LINS, 2012).

Vimos que, se o amor romântico era detentor de um caráter dramático e de impossibilidade, hoje a contemporaneidade traz um novo olhar sobre essa problemática:

Surge um sujeito mais indiferente em matéria de afetos, com uma modalidade menos densa, sem paixões intensas, o que o conduz a uma existência que ‘não comporta tragédias’. Vive exatamente o oposto à tragédia: um ar leve, carente de dramaticidade. Falta-lhe disposição de passagem pra o estabelecimento de projetos individuais ou coletivos, inclusive em se tratando da família. (FUKS, 2010, p. 38).

Diante dos fatores socioeconômicos, políticos e culturais, criou-se um estado de consumo marcado pelo imediatismo, onde o amor é marcado por corpos e o erotismo é a base das relações. O objeto de desejo é volátil, multiforme, trocado incessantemente. De acordo com Terzis et al. (2008),

[...] a ênfase da atenção ao corpo parece ter-se transformado numa fonte de sensorialidade regredida, semelhante à fase oral da sexualidade infantil. Tal fenômeno parece, ainda, reverberar seus efeitos nas relações amorosas, através da busca incessante do gozo contínuo do corpo do outro e pela intolerância a falhas no que concerne à obtenção da satisfação na relação afetiva a dois. (p. 16).

Contudo, diante de novas configurações vinculares apreendidas “de um cenário sociocultural e econômico marcado pela efemeridade, pelas incertezas e por toda sorte de descompromissos diante do declínio dos valores tradicionais e das instituições que neles estavam apoiadas” (ZANETTI, SEI, COLAVIN, 2013), sonha-se com coisas diferentes dos dilaceramentos da paixão. A busca pela individualidade começa a ser posta e se transforma: homens e mulheres querem fazer descobertas em si mesmos, desenvolver seu potencial e ver quais são suas possibilidades.

Segundo Costa (1998), atualmente, cultiva-se uma “ética analgésica”, resultante da pressa em que temos do outro, onde se evitam sofrimentos e com isso, evita-se o amor-paixão, preferindo um romance onde se garante imunização contra frustrações. A cada decepção amorosa, “voltamos para nós mesmos, mimamos nossos eus” e “fortalecemos nossos egoísmos”. Por conseguinte, queremos tudo porque nos julgamos uma totalidade que não pode apresentar fraturas (COSTA, 1998; LINS, 2017; ALMEIDA; LOMÔNACO, 2018). O outro só é “desejado se enriquece o nosso ser” (COSTA, 1998, p. 135).

O amor romântico começa a mudar sua roupagem, levando seu principal ideal: a exclusividade. A ideia de encontrar alguém se enfraquece e a possibilidade de conhecer várias pessoas, e se relacionar sexualmente com elas, e de não ter um ideal de alguém que lhe complete ganha força e muda a maneira de se relacionar (LINS, 2012, p. 241-242).

Segundo Lins (2017), amamos por conta da paixão e enquanto não conhecemos, de fato, o outro, pois estamos relutantes em lidar com a alteridade do outro, que é quando, enfim, nos despimos da idealização que foi construída em torno do parceiro amoroso. Baseando-se em Birman (2004), as mudanças de valores das instituições, dos papéis antes definidos e do mundo econômico e social favoreceu uma “disposição psicológica para o descarte, incluindo o de pessoas moldando uma nova forma de relacionamento pautado pela efemeridade e pelo imediatismo.” (JUSTO, 2005, p. 70). Falamos de um mundo que não favorece vínculos duradouros, aproximação entre pessoas e grupalizações. Por um lado, os laços se tornam frágeis, e por outro, nota-se um grande movimento para relações formadas fora de um padrão culturalmente ensinado e apreendido, como, por exemplo, as relações abertas, o poliamor, casais casados que vivem em casas separadas e etc.

O amor, segundo Bauman (2004), torna-se frágil e mutável, em uma sociedade onde prevalece o culto ao efêmero. Acaba-se por preferir a solidão a tudo que possa vir impedir a liberdade do sujeito, inclusive o amor. Nesse cenário de fragilidade e insegurança ao estabelecer vínculos amorosos, “as frustrações amorosas são sempre imputadas a bloqueios pessoais, o que desencadeia os mais terríveis ataques superegóicos ao eu.” (COSTA, 1998, p. 136).

Nesse modelo de retraimento interpessoal, Sá, Mattar e Rodrigues (2006) notaram uma solidão que acomoda o sujeito, na tentativa de evitar um sofrimento causado pelo amor, que se traduz em condutas que passamos a chamar de inseguranças, medo de envolver-se, de comprometer-se com o outro, de ser rejeitado. Para tanto, opta-se por relações de curto prazo e superficiais, sem o estabelecimento de um certo grau de intimidade conjugal (ROJAS, 2013; MENEZES; BARROS, 2008; HADDAD, 2011; ARREGUY; GARCIA, 2012). “Não sofrer torna-se um imperativo e a evitação do sofrimento tem sido um dos ideais do homem contemporâneo em uma sociedade que cria a ilusão de que se pode ser o que quiser, só depende do empenho individual de cada um” (NEVES, DIAS; PARAVIDINI, 2013, p. 79).

Caetano Veloso, em toda sua maestria, ilustra bem o que é uma relação amorosa e tudo que a engloba, inclusive os dilemas do amor contemporâneo atualmente, com a música “O quereres”, de 1984:

Onde queres revólver, sou coqueiro
 E onde queres dinheiro, sou paixão
 Onde queres descanso, sou desejo
 E onde sou só desejo, queres não
 E onde não queres nada, nada falta
 E onde voas bem alta, eu sou o chão
 E onde pisas o chão, minha alma salta
 E ganha liberdade na amplidão

Onde queres família, sou maluco
 E onde queres romântico, burguês
 Onde queres Leblon, sou Pernambuco
 E onde queres eunuco, garanhão
 Onde queres o sim e o não, talvez
 E onde vês, eu não vislumbro razão
 Onde queres o lobo, eu sou o irmão
 E onde queres cowboy, eu sou chinês

Ah! bruta flor do querer
 Ah! bruta flor, bruta flor

Onde queres o ato, eu sou o espírito
 E onde queres ternura, eu sou tesão
 Onde queres o livre, decassílabo
 E onde buscas o anjo, sou mulher
 Onde queres prazer, sou o que dói
 E onde queres tortura, mansidão
 Onde queres um lar, revolução
 E onde queres bandido, sou herói

Eu queria querer-te amar o amor
 Construir-nos dulcíssima prisão
 Encontrar a mais justa adequação
 Tudo métrica e rima e nunca dor
 Mas a vida é real e de viés
 E vê só que cilada o amor me armou
 Eu te quero (e não queres) como sou
 Não te quero (e não queres) como és

Ah! bruta flor do querer
 Ah! bruta flor, bruta flor

Onde queres comício, flipper-vídeo
 E onde queres romance, rock'n roll
 Onde queres a lua, eu sou o sol
 E onde a pura natureza, o inseticídio
 Onde queres mistério, eu sou a luz
 E onde queres um canto, o mundo inteiro
 Onde queres quaresma, fevereiro
 E onde queres coqueiro, eu sou obus

O queres e o estares sempre a fim
 Do que em mim é de mim tão desigual
 Faz-me querer-te bem, querer-te mal
 Bem a ti, mal ao queres assim

*Infinitivamente pessoal
E eu querendo querer-te sem ter fim
E, querendo-te, aprender o total
Do querer que há e do que não há em mim*

Essa música fala dos desencontros do encontro amoroso. Do descompasso entre expectativa e realidade no amor. Quantas vezes queremos adequar a outra pessoa às nossas expectativas? Ou nos adequarmos ao que ela deseja? Se o amor fosse “redondinho”, sem frustrações (“*tudo métrica e rima e nunca dor*”), seria “*dulcíssima prisão*”, onde os pares não cresceriam juntos. No entanto, a vida “é real e é de viés”; cheia de imprevistos, de desafios. Nos relacionamentos há bem querer e, às vezes, mal querer. Conflitos (até certa medida) são oportunidade de crescimento. O amor é grande e, por isso, complexo. E o “quereres” é bruta flor que precisa ser olhada, regada e cuidada.

Para Birman (2007), o mundo e o desejo das pessoas sempre buscam a harmonia possível entre as demandas das pulsões e a efetividade de sua satisfação. Entre natureza e liberdade, o conflito continua a desestabilizar o sujeito, que busca uma harmonia ideal e um equilíbrio possível, para afastar, custe o que custar, o desamparo produzido por esse conflito.

É necessário pensar o casal de acordo com as condições de existência da contemporaneidade, as quais geraram novas formas e sentidos de amar e buscar um parceiro. Concluimos que o amor romântico permanece na idealização dos sujeitos, porém tem-se transformado devido ao imperativo narcísico e o consumo do gozo, recorrentes ao declínio simbólico sociocultural – que geram desconforto e mal-estar e que apagam a falta e a diferença por uma ilusão imaginária de erotismo totalizante e ausência de sofrimento. É, entretanto, utopicamente buscado e desejado, pois parece não corresponder às expectativas culturais do cenário contemporâneo atribuídas ao sujeito, por isso encontra dificuldade em se realizar (ROJAS, 2013; MENEZES; BARROS, 2008; ARREGUY; GARCIA, 2012).

2. CONSIDERAÇÕES PSICOSSOCIAIS SOBRE O AMOR

De forma gradual e em etapas, a história da humanidade se modifica e altera a mentalidade vigente na sociedade. Tal cenário resultou em transformações no conjunto de idéias e ideais, valores e expressões do coletivo, ordenadas em forma de tratado, que nutrem um sistema de pensamento e regem a conduta do grupo social (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011). Quando falamos das novas configurações vinculares amorosas e traçamos seu caminho na história, devemos ressaltar que nos referimos a uma mudança de paradigma ocidental, “que se produziu na Europa e que, com o descobrimento da América, também abarcou esse continente.” (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011, p. 112). A relação entre a mudança de mentalidade vigente com os momentos históricos impacta mutuamente na produção de sentidos de uma sociedade e, conseqüentemente, nas formas de subjetivação do sujeito.

Para que a modernidade viesse à tona, houveram duas revoluções importantes: a Revolução Industrial, que demandou mão de obra e fez as mulheres saírem de suas casas para ingressar ao mercado de trabalho, mobilizou a criação de direitos trabalhistas, expandiu os centros urbanos, dentre outras coisas; e a Revolução Cultural, que desafiou as normas da Igreja e demarcou um *boom* na cultura, reinventando a forma de pensar a música, a literatura, o cinema, o sexo, o lazer e a medicina, além de ter trazido mais liberdade aos sujeitos, desvestiu-se de conceitos conservadores e machistas e seguiu impactando famílias e casais. Esses movimentos trouxeram encaminhamentos para um novo estilo de vida, um estilo baseado em outros princípios, pautado numa liberdade e flexibilidade, uma vez que foi possível gerar mais autonomia e livre arbítrio aos sujeitos.

Na pós-modernidade, notamos uma mudança na maneira de expressão e satisfação dos desejos, fruto dos desdobramentos da subjetividade na contemporaneidade. Há uma predominância da individualização do desejo sem levar em consideração a ordem coletiva do qual ele faz parte e pode vir a ser inserido. Dessa forma, nota-se um sujeito mais acomodado em suas tradições, menos disposto a olhar as necessidades coletivas e mais atento aquilo que beneficia apenas a si mesmo.

Seguindo o raciocínio de Lasch (1991) para pensar as mutações sociais e as “ações humanas” que modificaram as relações, é preciso a compreensão de que, “a história da sociedade moderna é a afirmação do controle social sobre as atividades antes relegadas aos indivíduos ou às famílias.” (LASCH, 1991, p. 21). Diante do contexto sociocultural e político-econômico, em um primeiro momento, temos a Revolução Industrial, na qual os capitalistas

colocaram a produção, que antes era do controle doméstico, em um controle coletivo e sob supervisão nas fábricas. Posteriormente, apropriaram-se dos conhecimentos e habilidades técnicas dos operários e as uniram “sob uma direção administrativa”. Por fim, ampliaram

[...] seu controle também a vida privada dos trabalhadores, quando médicos, psiquiatras, professores, orientadores infantis, funcionários da justiça de menores e outros especialistas começaram a supervisionar a educação das crianças, tarefa que antes pertencia à família. (LASCH, 1991, p. 21).

Para Lasch (1991), essa transição de controle da vida privada teve dois lados: estabeleceram-se base para uma nova forma de sociedade onde prevalecem as necessidades coletivas como determinantes para a forma e o conteúdo de produção, e não mais o não lucro privado; por outro lado, tornou a população mais dependente da classe dirigente, das grandes empresas e do Estado,

[...] corroendo assim a capacidade de iniciativa própria e invenção social. No exato momento em que o capitalismo não só sobreviveu à sua utilidade, mas criou as condições para sua própria superação, atrofiaram-se a vontade e a capacidade para substituí-lo. (LASCH, 1991, p. 30).

Portanto, as mudanças sociais ocorrem através das ações humanas e não automaticamente, pois requerem intervenção humana ativa. Os homens fazem sua própria história, mesmo que o façam em condições em que não escolhem ou, muitas vezes, desejam (LASCH, 1991).

Segundo Giddens (2003), o que implica o caráter dinâmico da vida social moderna são três mecanismos que se afetam e dependem um do outro: separação de tempo e espaço, ou seja, uma homogeneização das condições das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo; os mecanismos de desencaixe, que são os deslocamentos das relações sociais diante de contextos locais, como a cultura, por exemplo, e do rearranjo do espaço tempo; e a reflexividade institucional, que é o “uso regularizado de conhecimento sobre as circunstâncias da vida social como elemento constitutivo de sua organização e transformação.” (GIDDENS, 2003, p. 26)

Isto posto, para Giddens (2003), “a reflexividade da modernidade se estende ao núcleo do eu. Posto de outra maneira, no contexto de uma ordem pós-moderna/tradicional, o eu se torna um projeto reflexivo.” (GIDDENS, 2003, p. 37). Tudo que gera transição na vida dos indivíduos, gera reorganização psíquica e, conseqüentemente, gera novas formas de funcionar uma sociedade, novas formas de se relacionar com si mesmo e com o outro e de se subjetivar.

Giddens (2003), vê a modernidade como um sentido geral para se referir as instituições e modos de comportamento estabelecidos na Europa, e que tomaram proporções mundiais e impactantes no século XX, devido as revoluções instauradas na época. Pode-se

entender, segundo o autor, que a modernidade é, aproximadamente, equivalente ao mundo industrializado, desde que se entenda que o industrialismo não é sua única dimensão institucional, uma vez que ele moldou comportamentos e alterou outras instituições como o casamento, o consumo e etc. A segunda dimensão da modernidade que o autor aponta é o capitalismo, que proporcionou tecnologias e meios de produção que exigiam uma força de trabalho maciça e gerou um mercado competitivo.

Para Giddens (2003, p. 22),

[...] o mundo moderno é um ‘mundo em disparada’: não só o ritmo da mudança social é muito mais rápido que em qualquer sistema anterior; também a amplitude e a profundidade com que ela afeta práticas sociais e modos de comportamento preexistentes são maiores.

Esse movimento acelerado que é observado no mundo moderno tem como característica a efemeridade, o hedonismo e o individualismo, presente na maneira como lida-se, atualmente, com o que está a nossa volta, seja nas relações ou na cultura, nos produtos ou nos desejos. O caminho que se tomou, pode caracterizar nossa sociedade em uma “cultura do narcisismo” (LASCH, 1979) ou “sociedade do espetáculo” (DEBORD, 1992), pois o mundo está centrado no eu e na exaltação desse eu. Assim, o sujeito busca sempre a estetização de si como finalidade de sua existência (BIRMAN, 2000).

[...] as culturas do narcisismo e do espetáculo construíram um modelo de subjetividade em que silenciam as possibilidades de reinvenção do sujeito e do mundo. Por isso mesmo, os valores da tradição são louvados na sociedade pós-moderna. Nesse sentido, existiria uma relação de oposição com a psicanálise, na medida em que o modo de subjetivação dominante na pós-modernidade se opõe ao que foi proposto pela desconstrução freudiana. Enfim, a dimensão crítica da psicanálise se perde quando o desejo sucumbe frente a exaltação dos emblemas narcísicos do eu, na demanda de autocentrismo e de espetáculo. (BIRMAN, 2000, p. 85).

Nas condições atuais, com o autocentrismo, a alteridade tende ao apagamento e a perda de seu valor, pois, nesse momento, o que importa é a valorização do eu, traço central da cultura do narcisismo. A princípio, o autocentrismo se apresenta como uma estetização da existência, para exaltar a individualidade, glorificando o eu (BIRMAN, 2000).

Podemos observar isso nas redes sociais, com a ascensão do *Instagram* e *Facebook* (redes mais usadas atualmente), que pautam seus algoritmos em números de *likes* nas publicações postadas, ferramentas como os *stories* (fotos ou vídeos curtos que ficam disponíveis para visualização por 24 horas) e *lives* (vídeos ao vivo do que acontece no momento da vida do internauta que utiliza a ferramenta), e permitem que o sujeito mostre seu dia a dia para seus seguidores – cujo termo reflete o uso desenfreado da tecnologia. As redes sociais geram influenciadores digitais, que associam seus rostos a marcas, produzindo mais consumo e lucro para a marca investida.

Toda essa midicialização da vida privada ganha feições exageradas diante do cuidado excessivo com o próprio eu, onde o foco é se tornar objeto para permanente admiração do sujeito e dos outros, de tal forma que leva o sujeito a gastar horas e horas do seu tempo para alcançar um brilho social na multidão, ou seja, reconhecimento (BAUMAN, 2000).

Esse brilho também se evidencia no registro erótico, usando a exaltação da imagem para atrair a atenção do outro no âmbito sexual. Um exemplo disso são os aplicativos de namoro como *Tinder* e *Happn*, que permitem escolher um parceiro sexual em potencial pelas fotos que este exibe em seu perfil. “Para o sujeito, não importa mais os afetos, mas a tomada do outro como objeto de predação e gozo, por meio do qual se enaltece e glorifica.” (BIRMAN, 2000, p. 167).

Sibilia (2015) vê a utilização dos aplicativos como uma forma de objetificar e instrumentalizar o outro para o consumo instantâneo, favorecendo a anulação da alteridade. Nessa dinâmica, a autora aponta para a tendência do sujeito em naturalizar a “descorporificação do outro, tão típico no contato via internet” (SIBILIA, 2015, p. 85), que se faz hábito da cultura globalizada o qual, a todo tempo, é compartilhado com entusiasmo pelos sujeitos.

Mas esse deslocamento do eixo que guia as subjetividades contemporâneas em direção à alteridade é muito complexo e ainda paradoxal. Por um lado, procura desesperadamente conquistar maior número de cliques no botão “curtir” para corroborar a existência e aumentar a autoestima. Nesse sentido, outros desempenham um papel fundamental na definição de quem você é. Por outro lado, acontece que essa alta dependência de outros para “ser alguém” pode acabar anulando a própria alteridade, transformando todos os outros em meros espectadores em potencial da própria performance. Mais uma vez, o poder erótico seria desativado nessa objetivação do próximo e em sua instrumentalização puramente utilitária para sustentar o ego. (SIBILIA, 2015, p. 88, **tradução livre**).

Para Birman (2000), o que se destaca para o indivíduo na sociedade do espetáculo, pontuada por Debord (1992), é a exigência da performance. O sujeito age como se vivesse num eterno *shotting* de fotos, onde tudo tem que sair milimetricamente perfeito esteticamente. O que importa é ser notado, e então o ser se confunde com o parecer, nutrindo uma imagem de vida perfeita, que a rede social ajuda a promover e espalhar, colaborando para que outras pessoas se espelhem naquele estilo de vida e busquem viver algo semelhante, senão, igual. “Com isso, o eu se transforma numa majestade permanente, iluminado que é o tempo todo no palco da cena social” (BIRMAN, 2000, p. 168).

A mídia continua sendo palco para ditar comportamentos, gostos e afetos. Espalha e colabora para que novas formas de subjetivação surjam, bem como de se relacionar e de viver. Foi assim com a literatura, teatro, cinema, desde a antiguidade, e continua, transformada e repaginada, pelas redes sociais. Sem a mídia, “o espetáculo se esvazia, perdendo seu colorido

retumbante e o poder de captura do outro. Tanto pelas vias da televisão quanto da informática e do jornalismo escrito, a cena pública se desenha sempre pelas imagens.” (BIRMAN, 2000, p. 188). A imagem, por sua vez, “é a condição de possibilidade da sedução e do fascínio, sem a qual o ideal de captura do outro não pode jamais se realizar nesse festim diabólico de exibicionismo.” (BIRMAN, 2000, p. 188).

A cultura da imagem é o correlato essencial da estetização do eu, na medida em que a produção do brilharesco social se realiza, fundamentalmente pelo esmero desmedido na constituição da imagem pela individualidade. Institui-se assim a hegemonia da aparência, que define o critério fundamental do ser e da existência em sua evanescência brilhosa. Na cultura da estetização do eu, o sujeito vale pelo que parece ser, mediante as imagens produzidas para se apresentar na cena social, lambuzado pela brilhantina eletrônica. (BIRMAN, 2000, p. 167).

Para Debord (1992), a demanda de geração do espetáculo pauta e produz a vida dos sujeitos e o estilo das individualidades. A ideia de sociedade do espetáculo se alia a teatralidade e exibição, onde o sujeito é o personagem principal da cena social, utilizando mascaras para se inscreverem em situações que elevam e glorificam o eu, priorizando a exterioridade da estetização dos indivíduos. Os termos de Debord (1992) e de Lasch (1979) dialogam e complementam-se na medida em que, para o primeiro teórico, a sociedade do espetáculo teria a capacidade de transformar os percalços da vida em uma grande obra, evidenciando o culto ao narcisismo e ceder às suas mazelas. As individualidades são descartáveis assim como qualquer coisa que se compra nas prateleiras dos supermercados e lojas e são fugazmente trocadas por outras coisas quando a publicidade lança algo mais interessante, provocando no indivíduo o desejo de ter aquele objeto (BIRMAN, 2000).

Portanto, tal como um objeto funcional, o outro só passa a ser bom para mim se é útil para mim, pois o imperativo social atual não deixa tempo para improdutividade. Dessa forma, procuramos seguir um padrão que seja consumível e domesticado, anulando a alteridade que possuímos e encontramos no outro; assim, evitamos qualquer ameaça com possíveis expulsões do confortável meio que construímos pra nós mesmos (SIBILIA, 2015).

2.1. OS DESTINOS DO AMOR NA CONTEMPORANEIDADE

“Até que a morte nos separe” pode ter sido um dia, algo muito desejado pelos casais enamorados, mas, hoje em dia, o famoso juramento cristão e apaixonado está perdendo espaço e sendo reelaborado em termos condizentes com o contexto contemporâneo que nos encontramos. Seu tempo está com os dias contados devido à “função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraia seu vigor e sua valorização.” (BAUMAN, 2004, p. 19). O desaparecimento dessa noção significa o alvará

para a experimentação do amor, ou seja, vários casos amorosos seguidos, na busca de uma satisfação pessoal e plena. Diante disso, o amor ganhou novos sentidos e seu significado expandiu-se muito. O amor passa a ser conhecido por “episódios intensos, curtos e impactantes, desencadeados pela consciência a priori de sua própria fragilidade e curta duração.” (BAUMAN, 2004, p. 20).

A entrada massiva da mulher no mercado de trabalho, o uso de métodos contraceptivos, a possibilidade de divórcio, as questões de gênero, as técnicas de fertilização e a perda do imaginário social que o casal tinha na sociedade moderna contribuíram para a ruptura com o modelo do casal moderno e o nascimento do casal pós-moderno. Houve uma reelaboração da composição das famílias, movida pela quebra das certezas modernas e, por outro lado, a vontade de estar só e o desencanto das promessas e expectativas da época defendem que é possível ser feliz sem estar vinculado amorosamente (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2011).

De acordo com Zanetti e Gomes (2013), esse processo seria responsável pelo que Bauman (2004) denominou característica da vida contemporânea, na qual homens e mulheres são treinados para perceber o mundo como algo descartável, incluindo os seres humanos. Nesse mundo,

[...] as oportunidades não podem ser perdidas e qualquer compromisso hoje pode indicar um obstáculo para uma nova oportunidade amanhã e, portanto, quanto mais leves e superficiais as relações, menores os riscos de prejuízo pessoal. Assim, a política da precarização acaba sendo apoiada e reforçada pela política da vida, ainda que adotadas por falta de alternativa, levando ao enfraquecimento dos laços humanos, das comunidades e das parcerias. Em outras palavras, afirma Bauman (2001), os laços hoje em dia são vistos e tratados como coisas a serem consumidas e não produzidas. (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 39).

Para Bauman (2001), o sistema econômico e a globalização têm grande peso na compreensão do contexto social contemporâneo; o processo para transformar tudo que é “sólido” em “líquido” provocou uma natureza acumulativa e de longo prazo no trabalho, proporcionando um “capitalismo leve” e volátil,

[...] porque nenhum administrador hoje necessita de seu capital empregado em solo firmes com trabalhadores fiéis. O capital segue solto, de tal forma que produz condições de trabalho incertas, cuja decorrência é a “flexibilidade” em torno do mesmo. Além disso, essa incerteza do presente se transforma numa poderosa força individualizadora quando, nesse contexto, a ideia de interesse comum perde o sentido. (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 38).

Bauman (2004) compara o investimento em ações com os relacionamentos amorosos. No mercado de ações, você consegue ter controle e previsão de queda, com os relacionamentos amorosos, você investe, mas não tem certeza do retorno ou da permanência, que seria o que proporcionaria segurança. Logo, “estar num relacionamento significa muita

dor de cabeça, mas sobretudo uma incerteza permanente. Você nunca poderá estar pleno e verdadeiramente seguro daquilo que faz – ou de ter feito a coisa certa ou no momento preciso” (BAUMAN, 2004, p. 29). Não está no controle o fato de que o parceiro pode ou não sair da relação, portanto,

[...] ao contrário de uma escolha pessoal do tipo “pegar ou largar”, não está em seu poder evitar que o parceiro ou parceira prefira sair do negócio. Há muito pouco que você possa fazer para mudar essa decisão a seu favor. Para o parceiro, você é a ação a ser vendida ou o prejuízo a ser eliminado – e ninguém consulta as ações antes de devolvê-las ao mercado, nem os prejuízos antes de cortá-los. (BAUMAN, 2004, p. 30)

Se pensarmos nas premissas do amor romântico, podemos compreender, dentro do possível, a insegurança que uma relação pode trazer e, conseqüentemente, o porquê ela apavora tanto o sujeito subjetivado na contemporaneidade. O amor romântico que aprendemos a esperar, segundo Lins (2017), é aquele que transforma dois em um só, um amor fusional, aprendido nas novelas, literatura e cinema. O ser humano está em constante busca de algo, de alguém que o complete, pois,

[...] acreditam que sem uma relação amorosa do tipo romântica – fixa, exclusiva e duradoura – não se pode ter uma vida satisfatória. Esse modelo imposto de felicidade, além de não corresponder a vida real, gera sofrimento por induzir as pessoas à busca incessante pelo parceiro idealizado. (LINS, 2017, p. 31).

Deste modo, o mito do amor romântico nos diz que nossos pares estão predestinados, “escrito nas estrelas”, que cada um tem seu par ideal e que fomos feitos para ele e vice-versa. Quando nos encontramos apaixonados, de fato acreditamos nesse destino, nos entregamos e acreditamos que seremos felizes para sempre “em completa união e harmonia”. Porém, se não nos satisfazemos mais, confiamos na hipótese de que esse relacionamento tão cheio de completude foi um erro e, conseqüentemente, a ideia de que não era um amor verdadeiro, não havendo solução para a situação.

Essas seriam, portanto, as trajetórias mais comumente encontradas para o amor romântico, de início o outro é tudo e, de repente, ele não é nada. Isso acontece devido a idealização do parceiro. Relacionamo-nos com uma pessoa que não é real e que se inventa de acordo com as nossas próprias necessidades (LINS, 2017).

Todavia, segundo Lins (2017), esse tipo de amor pode estar com os dias contados. Em uma sociedade que preza pela individualidade e dá maior importância às suas possibilidades na vida e ao seu desenvolvimento pessoal, a unicidade é cada vez mais vista como um fator essencial. O amor romântico idealizado deixa de ser atraente, pois segue caminhos opostos aos mencionados acima. Com isso, sobe o número de pessoas “que aceitam viver sem parceiro estável, recusando a se fechar numa vida a dois. Sem a crença de que é necessário encontrar

alguém que o complete, surge a possibilidade de variadas opções amorosas.” (LINS, 2017, p. 32).

O amor é tão excitante quando a morte, mas encobre seus temores com o excitamento do desejo. Amar gera medo de perder, pois seus fascínios também trazem infortúnios. Amar é se frustrar, é estar num barco que nem sempre pode estar seguro. No entanto, essa solidão abre espaço para uma angustia, insegurança e dúvidas quanto ao futuro e suas relações pessoais; portanto, muda-se apenas o nome das ansiedades (LINS, 2017; BAUMAN, 2004).

Quanto menor a hipoteca, menos inseguro você vai se sentir quando for exposto às flutuações do mercado imobiliário futuro; quanto menos investir no relacionamento, menos inseguro vai se sentir quando for exposto às flutuações de suas emoções futuras. (BAUMAN, 2004, p. 38)

Diante da atualidade e suas questões, nota-se mudanças nos relacionamentos amorosos e a relação com o inconsciente nessa transformação. Observa-se que as pessoas não mais se vinculam como ocorria tempos atrás. Com a nova roupagem do amor romântico, os sujeitos sentem mais liberdade para estabelecer várias formas de relacionar-se, seja uma relação passageira e sem compromisso amoroso ou com compromisso, e, até mesmo, desejam que a relação perdure apesar do medo eminente. Isso se dá pelo excesso de idealização do parceiro, presente no amor romântico, que, como vimos no capítulo anterior, tem como característica o exagero, a glorificação do outro e da relação. Muito embora o amor romântico tenha sofrido mutações, percebemos que as idealizações continuam e agora refletem na forma de tratar e enxergar a si mesmo, como vimos com Debord (1992) e Lasch (1979).

Segundo Sibilia (2015), ao dar atenção exagerada a nós mesmos, nos jogamos ao “inferno do igual” (SIBILIA, 2015, p. 86), dificultando o aflorar do amor, pois abrimos mão de sua única condição: a diferença. “Eros requer a presença de um outro, alguém diferente, capaz de nos arrancar de nós mesmos para confrontarmos com os mistérios da alteridade” (SIBILIA, 2015, p. 86). Logo, observa-se que o amor é trocado por outros desejos que parecem trazer segurança com um preço menor a se pagar, sem hipotecar a própria liberdade.

Se idealizamos a vida, o corpo, a felicidade, a satisfação, porque deixaríamos de idealizar o amor? Bom, a busca idealizada mantém-se, mas, a fim de evitar frustrações e sofrimento, o sujeito nega seu medo e desamparo, prioriza-se anseios diferentes de uma relação amorosa, como bens materiais, a carreira profissional, entre outras coisas. Afinal, todo ideal em algum momento é quebrado, pois trata-se de algo fantasioso, que nunca se concretiza; isso gera uma angústia que, talvez, o sujeito contemporâneo não tenha ferramentas

suficientes para lidar, pois está amparado por pressupostos voláteis e que estão em constante mudança.

Podemos dizer então que, a crença do mito romântico de que só seremos felizes e completos se encontrarmos um parceiro, faz com que a busca pelo outro seja constante – mesmo que mascarada - já que nutre a idealização do par. Jacques Salomé, psiquiatra francês, referenciado por Lins (2017), afirma que existem dois tipos de busca que variam de acordo com a dinâmica e história de cada pessoa; são elas, a busca ativa e a busca passiva. A primeira acontece “quando passa, principalmente, por processos e estratégias da ordem da sedução. Por atitudes, comportamentos e investimentos orientados para o outro.” (LINS, 2017, p. 57). Mobiliza o indivíduo, é inventiva e motiva uma série de ações baseadas, exclusivamente, no agir a favor do outro.

A busca é passiva “quando é constituída, sobretudo, por expectativas e até mesmo exigências implícitas. A forma clínica principal dessa maneira de ser corresponde à síndrome da “Bela Adormecida no bosque” (LINS, 2017, p. 57). Têm esse nome porque, tanto homens quanto mulheres, esperam com a mágica do príncipe e do outro venha corresponder suas necessidades e desejos, sendo capaz ao mesmo tempo de reparar magoas e satisfazer carências e falhas e ainda preencher os vazios do passado; o príncipe em um cavalo branco, despertará um amor e irá satisfazê-la para sempre.

Com as novas configurações vinculares, os ideais de amor romântico foram fragmentados sob pressão da emancipação e da autonomia sexual feminina. Existe um conflito entre o amor romântico e o relacionamento puro. Pois, se o amor romântico carrega valores de “pra sempre”, de espera ao amado, e vincula o amor ao sexo pelo casamento, o relacionamento puro não vincula o sexo a um compromisso, a não ser ao desejo. Esse movimento reestruturou a intimidade, dando mais liberdade aos sujeitos nas suas escolhas e contribuiu para o cenário efêmero da contemporaneidade (GIDDENS, 1991).

Na busca por uma satisfação plena, a intimidade se transformou e deu lugar a uma sexualidade plástica, por meio da qual prevalece o amor confluyente, que se mantém enquanto se satisfaz com o próprio gozo através do outro (GIDDENS, 1993).

[...] o amor confluyente é um amor ativo, contingente, e por isso, entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do amor romântico. A sociedade separada e divorciada de hoje aparece aqui mais como um efeito da emergência do amor confluyente do que como sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em sua possibilidade real, mais se afasta da busca da ‘pessoa especial’ e o que mais conta é o ‘relacionamento puro’. (GIDDENS, 1991, p. 72).

Isto posto, o amor confluyente é aquele que se desprende dos parâmetros masculino e feminino que o amor romântico delimita. É um relacionamento sexual, fluido, onde as partes

interessadas vão desenvolvendo sua intimidade conforme querem e sentem-se à vontade, mantendo suas identidades separadas e não fusionadas como no amor romântico. Podemos afirmar, segundo Giddens (1991), que o amor confluyente é um relacionamento sexual, não romântico.

O amor confluyente aliado a consolidação dos métodos contraceptivos permitiu que a exclusividade sexual se tornasse uma opção na forma de se relacionar. Essa opção, porém, também tem seu lado negativo, pois lida com uma questão muito delicada nas relações amorosas e está cercada de mais um ideal do que se espera do amor compromissado: a monogamia.

Segundo Lins (2017), numa relação amorosa estável, a cobrança por exclusividade é grande e, com o aumento da libertação sexual e toda a insegurança que isso pode trazer para um casal, o esforço para a garantia da exclusividade cresce cada vez mais. Em contrapartida, os desejos entram em conflito com a vontade de transgredir a moral, que foi determinada pelo mesmo mito do amor romântico, através da pregação de um parceiro ideal e único. Pensando em uma sociedade que já tratou a mulher como o anjo puro e procriador – embora caminhe atualmente cada vez mais para a libertação feminina – para elas, a aceitação desse desejo e de uma vida não monogâmica traz maior desconforto do que para o homem, uma vez que a mulher foi ensinada ao longo da história que o sexo estaria relacionado apenas a um parceiro fixo.

Não existe nenhuma evidência de que o ser humano é monogâmico e, segundo O'Neill (1974 apud LASCH, 1991), o homem não é monogâmico por natureza. O que existe, para Lins (2017), é uma mente fantasiosa que busca sempre um ideal que não se concretiza.

Um relacionamento pode ser plenamente satisfatório, do ponto de vista afetivo e sexual, e mesmo assim buscarmos outros parceiros. Afinal, estamos constantemente expostos a estímulos sexuais novos, provenientes de outros, que não o parceiro atual. É possível que esses estímulos não tenham efeito na fase inicial da relação, em que há total encantamento pelo outro. Entretanto existem e não podem ser eliminados. A maioria dos seres humanos já sentiu vontade de viver uma relação com alguém que lhe agradou, e isso, não só devido a fatores físicos. Os mais variados aspectos podem provocar desejo, mas somos historicamente limitados pela ideia de exclusividade. (LINS, 2017, p. 104).

Há casais que optam em não se fechar na relação, buscam independência além do outro (saem sozinhos, viajam separados, jantam com seus próprios amigos sem a presença do parceiro fixo), mas não abrem mão da exclusividade. “Tentam se convencer de que não há a necessidade de mais ninguém porque o amor que sentem os completa.” (LINS, 2017, p. 108).

Para Lasch (1991), a monogamia só pode sobreviver se for desvinculada das expectativas irrealistas do casamento, dado que “viver de acordo com expectativas,

especialmente quando estas derivam de papéis sociais rigidamente definidos, violenta as necessidades e sentimentos próprios do indivíduo.” (LASCH, 1991, p. 181). Pelo mesmo motivo o autor vê o amor romântico como gerador de expectativas que nenhuma relação pode satisfazer: “exclusivo, possessivo e ciumento, o amor romântico encoraja a dependência e leva os amantes a fazerem exigências exorbitantes um ao outro.” (LASCH, 1991, p. 182).

De acordo com Lins (2017), o que traz a exigência da exclusividade é a insegurança na relação, o medo da perda, da falta de amor, do parceiro não enxergar mais outro da mesma forma que antes o enxergava. “O medo de ficarmos sós, o medo de ser abandonado ou ficarmos desamparados, de não sermos reconhecidos, de nos sentirmos rejeitados” (LINS, 2017, p. 67), pode fazer com que o indivíduo aceite qualquer confirmação do seu valor e demonstração de interesse como resposta ao seu amor.

No entanto, para outros, esse fator de reciprocidade pode paralisar e afastar. Busca-se uma garantia no amor e paralisa-se nos riscos e nas aventuras que o sentimento oferece, sendo que, a relação é marcada, justamente, pela ausência de garantia. Para Garcia-Rosa, “por maior que seja a prova de amor dada, ela pode não ser verdadeira. Essa possibilidade de falsear é que a mola do ciúme. Ciúme é a contrapartida da ausência de garantia” (LINS, 2017, p. 63).

Muitos dos casais que têm medo das incertezas trazidas por um relacionamento amoroso correm o risco de cair em uma rede simbiótica e sem autonomia o que, naturalmente, já é tendência do amor nos proporcionar essa dependência emocional, devido ao estado de apaixonamento e comodismo diante do temor do desconhecido. A insegurança faz com que, além de se fecharem no relacionamento, tornem-se dependentes um do outro. Esse movimento é uma tentativa de tornar o amor mais seguro e mais confiável. “Você assume seus primeiros compromissos e, alegremente abre mão de sua liberdade por um pouco de estabilidade.” (LINS, 2017, p. 65). Quando o casal percebe, sufocaram a paixão e cederam espaço para o tédio conjugal enquanto tentavam matar as ansiedades através do controle (LINS, 2017, p. 65).

Na vida a dois não queremos jogar fora a segurança porque nossa relação depende dela. Uma sensação de segurança física e emocional é fundamental para uma relação saudável. Mas sem um componente de incerteza não há desejo, não há *frisson*. A paixão numa relação é proporcional ao grau de incerteza que você pode tolerar. No fim, modelamos um sistema de convicções, medos e expectativas – algumas conscientes, muitas inconscientes – em relação as formas de funcionamento das relações. Fazemos um pacote bem amarrado disso tudo e o entregamos ao nosso amor. (LINS, 2017, p. 65-66).

Para Sibilia (2015), o sujeito prefere resguardar-se em sua zona de conforto, dentro de um modo ilusório e acaba deixando de viver algo que poderia ser mais interessante, como viver o que desconhece e experimentar a alteridade plena em sua forma. O perigo que o outro

representa à segurança, estabilidade do eu e a nutrida autoestima faz com que o indivíduo busque segurança em outras formas que não no relacionamento amoroso.

Isto posto, podemos entender, mais uma vez, um dos motivos pelo qual um relacionamento amoroso pode causar medo. Assumir um compromisso com o outro, tendo em vista a exclusividade do parceiro, aumenta o risco da perda e a sensação de abandono, logo dá-se um jeito para evitar mais uma forma de sofrimento. Afinal, quando se abre mão da exclusividade, renuncia-se e renunciar, para o sujeito constituído na contemporaneidade, dói.

Hoje, o sexo é a síntese de qualquer relação amorosa, o modelo de relacionamento puro tornou-se o alvo ideal para os sujeitos. Espera-se que o sexo seja autossustentável e altamente prazeroso, mantendo-se apenas pela satisfação que ele possa trazer a si mesmo. Em contrapartida, se o sexo ganha tamanha importância nas relações, também aumenta sua capacidade de gerar frustração e de intensificar a sensação de angústia que esperava que se curasse. Em meio a uma dinâmica sexual sem restrições, baseada na felicidade e alegria, sem medo de efeitos colaterais, notamos um sentido de “satisfação ou seu dinheiro devolvido” (BAUMAN, 2000, p. 64), já que, se o sexo foi insatisfatório e não atendeu as expectativas idealizadas, basta esquecer da pessoa com a qual se esteve e partir para a próxima; “a mais completa encarnação de liberdade, tal como definida pela sabedoria e pelas práticas populares da sociedade de consumo.” (BAUMAN, 2000, p. 04). Assim, podemos perceber mais um traço da idealização na problemática da descartabilidade que o contemporâneo propõe: se não satisfaz a idealização, não serve e o sujeito parte em busca de outro que possa satisfazê-la.

É incrível e um grande avanço que o sexo seja assim liberado e sem impedimentos, o problema está em como mantê-lo como cura para um desamparo presente nas condições atuais. Todas as formas de relacionamento em voga carregam uma máscara de felicidade e realização plena. Mas, ao olharmos mais atentamente, descobrimos pretensões não realizadas, nervos e emoções despedaçados, amores frustrados, sofrimentos, medos, solidão, hipocrisia, egoísmo, compulsão à repetição... O amor, em todo seu pacote ambivalente, gera desconforto quando o sujeito se vê diante das frustrações, ansiedades, questionamentos e dúvidas.

Considerações técnicas igualam infortúnio a emoções. A concentração na performance não deixa tempo nem espaço para o êxtase. O físico não é o caminho que leva à metafísica. O poder de sedução do sexo costumava fluir da emoção, do êxtase e da metafísica – como ocorreria agora, mas o mistério se foi e desse modo os anseios não podem continuar irrealizados. Quando o sexo se apresenta como um evento fisiológico do corpo, a palavra “sensualidade” pouco evoca senão uma prazerosa sensação física, ele não está liberado de fardos supérfluos, avulsos, inúteis, incômodos e restritivos. Está, ao contrário, sobrecarregado, inundado de expectativas que superam sua capacidade de realização. (BAUMAN, 2004, p. 64-65).

Para Freud (1927-1931), a defesa contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos encontra-se no isolamento voluntário, manter-se a distância de outras pessoas.

A felicidade possível de ser conseguida através desse método, é, como vemos a felicidade da quietude. Contra o terrível mundo externo, só podemos defender-nos por algum tipo de afastamento dele, se pretendermos solucionar a tarefa por nós mesmos. [...] É que nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos nosso objeto amado ou o seu amor. Isso, porém, não liquida com a técnica de viver baseada no valor do amor como um meio de obter felicidade. (FREUD (1927-1931), 1996, p. 85 e 90).

Para Bauman (2001), na “modernidade líquida”, os elos que cruzavam as escolhas individuais em projetos de vida e ações coletivas se romperam, “e todo tipo de valor fundamentado na honra e na solidez dos relacionamentos, hoje, são vistos como “armadilhas” que se procura a todo custo evitar.” (ZANETTI, SEI, COLAVIN, 2013, p. 45).

Os sujeitos contemporâneos buscam um ideal de felicidade e procuram fazer isso a todo custo. Esse movimento está ligado ao que Freud (1920) chama de Princípio do Prazer, ou seja, a busca da descarga da energia pulsional através do caminho mais curto, a fim de evitar o sentimento de desamparo e vazio. No entanto, a vida em sociedade impõe uma realidade (Princípio de Realidade), onde devemos abrir mão de tal descarga imediata e irrestrita em detrimento de um prazer mais duradouro e de um projeto maior para nos mantermos na civilização. Para tanto, devemos fazer uma série de renúncias ao mesmo tempo em que desejamos tudo sem abrir mão de nada. A coexistência desses mecanismos psíquicos causa conflitos afetuosos e sociais, gerando um grande mal-estar, já que entendemos que ser feliz é estar o tempo todo satisfeito.

René Kaës (2015) analisa tais mudanças e o mal-estar que causam na sociedade contemporânea como articulações da vida psíquica e de seus *metaquadros*¹. Para o autor francês, o mal-estar contemporâneo é resultado de uma desestabilização nos metaquadros sociais, uma vez que a *fragilização* das garantias sociais gera sofrimento psíquico e afeta o funcionamento dos grupos, das famílias e das instituições.

Philippe Robert (2015) afirma que estamos sendo tomados por uma mutação antropológica, pois os metaquadros não nos garantem mais contenções diante das transformações que podem produzir. Existe um esmagamento do espaço e do tempo que faz com que a imediatez abale a noção de continuidade, permitindo que as mudanças sociais

¹ Penso o grupo como uma organização meta em relação ao espaço intrapsíquico do sujeito singular. Uma das funções centrais dos quadros e dos metaquadros é o de estruturar a vida social e psíquica, e garantir as condições para o seu desenvolvimento. (KAËS, 2015, p. 6, *tradução livre*).

ocorram de maneira mais rápida e dinâmica do que assistida em épocas anteriores.

Por conseguinte, as identidades não se fixam devido às constantes mudanças sociais no mundo externo, que podem afetar o sujeito e seus objetos ao longo do tempo, obrigando-o a fazer manobras para equilibrar as transformações vigentes com sua origem psíquica, causando um mal-estar, uma vez que se torna necessário “reajustar” seus processos de identificação. Robert (2015) refere-se a esse movimento como “mutação antropológica” e, citando Gauchet (2006), explica o seguinte:

Quand l’identité corporelle, l’identité temporelle, l’identité communicationnelle des êtres est affectée a ce point, em même temps que leurs institutions sociales en tant qu’individus, il y a toutes les raisons de penser que nous sommes en présence d’une mutation anthropologique.² (ROBERT, 2015, p. 71).

Segundo Robert (2015), alguns autores acreditam que as mudanças sociais relacionam-se com a mudança na personalidade dos sujeitos, já que as sociedades contemporâneas, sob o impacto da globalização, mudaram sua forma de organização, sendo mais flexíveis e fluidas, fornecendo recursos para que as personalidades sejam mais superficiais, pois os sujeitos voltam para si mesmo e agem de maneira hedonista e individualista. Entretanto, são também mais profundas do que se pensa, pois se desenvolvem de forma mais dolorosa, devido à solidão que esse comportamento resulta, causando um mal-estar coletivo.

Pensando na contemporaneidade como um enunciado para novas organizações de subjetividades, podemos pontuar que se trata de uma época de desencantos, de renúncia às utopias, de mudança de ordem econômica, de espetáculo, de falta de continuidade, de busca pelo imediato, do culto ao corpo. Lipovetsky (2005) pontua que, na contemporaneidade, vive-se puramente pelo prazer do espetáculo, “resta apenas o trabalho pictórico, o jogo da representação esvaziado de seu conteúdo clássico, o real se encontrando fora do circuito pelo uso de modelos representativos, essencialmente fotográficos.” (LIPOVETSKY, 2005, p. 21). Frente à ausência de investimento no real, a objeção entre o sentido e a falta dele não é tão dilacerante, pois é preenchido com frivolidades e futilidades da era do consumo e do espetacular.

A globalização serviu como auxílio para manutenção e fortalecimento da cultura do consumo, do imediatismo, do individualismo e da exacerbação da imagem e, assim como qualquer vida pautada apenas na sedução que tal organização possa gerar, os desejos tornaram-se crescentes e voláteis, ou seja, assim que adquirimos algo, logo perdemos o

² Quando a identidade corporal, a identidade temporal, a identidade comunicativa dos sujeitos são afetadas a esse ponto, no mesmo tempo que as instituições sociais e seus indivíduos, há razões suficientes para pensar que nós estamos na presença de uma mutação antropológica. (GAUCHE, 2006 apud ROBERT, 2015, p. 71, **tradução livre**).

interesse, dando espaço à necessidade de possuir algo maior, melhor e novo, seguindo a ordem do consumo atual. Com os antigos valores enfraquecidos e subjugados, substituímos, pouco a pouco, o ser ao ter (BEZERRA; JUSTO, 2010).

Na dinâmica da individualização, deseja-se ser “reconhecido, valorizado e preferido pelos demais, desejado para si mesmo e não confundido com um ser anônimo e ‘substituível’.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 19). Pensando nisso e nos ganhos do sujeito com o amor, conclui-se entre outras coisas, que o sentimento amoroso corresponde a essas aspirações narcísicas, dirigindo-se “ao encontro da valorização de si como pessoa única e diferenciada.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 19).

No entanto, no meio desse caminho de afirmação de valores que o voltar para si demanda do sujeito, esbarra-se na decepção, ou seja, no luto da idealização e, conseqüentemente, o outro perde sua atratividade e suas qualidades são dissipadas. Ao mesmo tempo em que o amor se mostra cego, fugaz, uma vez que o objeto de amor é mutável, a euforia do enamoramento dá espaço ao cansaço e ao desânimo, atestando as decepções da vida amorosa, revelando que as maiores expectativas com relação à felicidade obtidas através do amor, podem resultar, às vezes, em um equívoco. Dessa forma, fortalece o movimento transubjetivo da sociedade, colaborando para que os sujeitos contemporâneos mantenham esse estilo de vida.

Partindo do pressuposto que o capitalismo, a tecnologia, além do avanço do tempo espaço, favorece as mudanças que ocorrem e refletem no comportamento psíquico, social e cultural da sociedade, devemos reconhecer a faca de dois gumes da tecnologia e ciência: ao mesmo tempo que oferecem benefícios para a humanidade gera novos parâmetros de risco e perigo aos sujeitos (GIDDENS, 2003).

Quando se pensa na nova organização do sujeito e da contemporaneidade, Mafessoli (2004) constata que os pilares que sustentariam a modernidade – o conceito de tempo finalizado (pensado sempre em função do futuro), a racionalidade, o domínio, a autonomia, o individualismo e a identidade – estariam passando por um processo de ‘saturação’, dando lugar a novos elementos – o “presenteísmo”, o emocional e afetivo, a “heteronomia”, o “tribalismo” e as “identificações”. Resultando, para o autor, em um novo paradigma, reorganizando valores, ideais e visões de mundo.

A natureza da relação social nas sociedades ocidentais contemporâneas vislumbrar-se-ia, assim, qualitativamente diferente do passado. As estruturas fragilizaram-se e, se os mecanismos sociais favoreciam as determinações comportamentais, as escolhas são hoje múltiplas e reversíveis – embora nem sempre possíveis. (PAIS, 2001 apud RAGGI, 2010, p 81)

Para Giddens (2003), vivemos em uma sociedade de risco, ou seja, vivemos “com uma atitude calculista em relação às possibilidades de ação, positivas e negativas, com que somos continuamente confrontados, como indivíduos e globalmente em nossa existência social contemporânea.” (GIDDENS, 2003, p. 33). Podemos notar isso nos relacionamentos amorosos, no medo de envolver-se, na fragilidade escondida no consumo e a falta de crença no amor gerados pelo risco de estar em uma relação e tudo que ela demanda, representa e exige.

As dificuldades de viver numa cultura secular de risco são aumentadas pela importância da escolha de estilos de vida. Uma pessoa pode refugiar-se num estilo de vida tradicional ou preestabelecido como meio de aliviar as ansiedades que de outra maneira poderiam afligi-la. Mas, pelas razões apresentadas, a segurança que tal estratégia oferece será provavelmente limitada, porque o indivíduo não pode deixar de saber que tal opção é apenas uma entre muitas. (GIDDENS, 2003, p. 169).

Essa é outra característica do cenário contemporâneo: a variedade de estilos de vida, maneiras de ser, identificar-se e pertencer, além de o desejo ou a cobrança de escolher uma delas para seguir. O “problema” de muitas identidades e lugares para se pertencer, é que eles acontecem e são oferecidos ao mesmo tempo, indo de encontro à máxima de que sempre desejamos algo novo para se identificar, ter ou ser. No entanto, quando escolhemos um estilo de vida, uma ‘tribo’, nos sentimos pertencentes e, portanto, acolhidos e amparados e, dessa forma, nossas ansiedades diminuem, pois ganham espaço para novos sentidos (GIDDENS, 2003).

Com tantas identidades e subjetivações diferentes para conhecer e ser, é comum que o sujeito crie tantos laços e os desfça com a mesma rapidez com que os criou. Novos ideais surgem e deixam para trás a maneira antiga de relacionar-se, caminha-se então para uma conjugalidade efêmera e incerta. Rios (2008, p. 424) complementa

Amar dá trabalho. E o ganho pode parecer pouco – especialmente quando se vive em um mundo como o nosso, que nos cobra a busca por um fictício estado prazeroso ininterrupto. O ganho, que não está previsto nessa conta que soma êxtases, é aquele que não se percebe de imediato: as transformações do eu na experiência da intersubjetividade.

Para Lipovestky (2007),

[...] é como se a conquista da outra metade tivesse deixado de ser alvo prioritário, ou um fator inequívoco de diferenciação em face dos outros, no contexto de um universo cultural que dá primazia à atenção para consigo mesmo, ao relacional, à comunicação de teor intimista. À obsessão do quantitativo sucede o primado da qualidade do sentimento, do entendimento mútuo, da cumplicidade tácita, dos projetos elaborados a dois. Na época do hiperindividualismo, damos menos ênfase à experiência pela experiência do que ao “experimental”; menos à escolha do “par ideal” do que ao extravasamento da emoção. (p. 21).

É necessário pensar o casal de acordo com as condições de existência da contemporaneidade, as quais geraram novas formas e sentidos de amar e buscar um parceiro.

É notório que o amor romântico permanece na idealização dos sujeitos, porém tem-se transformado devido ao imperativo narcísico e o consumo do gozo, recorrentes ao declínio simbólico sociocultural, que geram desconforto e mal-estar e que apagam a falta e a diferença por uma ilusão imaginária de erotismo totalizante e ausência de sofrimento. Apesar do amor ser utopicamente buscado e desejado, parece não corresponder às expectativas culturais do cenário contemporâneo atribuídas ao sujeito, por isso encontra dificuldade em realizar-se (ROJAS, 2013; MENEZES; BARROS, 2008; ARREGUY; GARCIA, 2012).

Como fruto dessa nova configuração, vivemos atualmente uma sociedade ansiosa, que busca o amparo não mais nas relações inter-humanas, mas nas relações de consumo do modelo econômico atual. O amparo e a proteção são encontrados em uma carreira consolidada, na aquisição de bens materiais, nutrindo uma ansiedade constante provocada por um mundo que exige que você produza e obtenha sucesso. “A cultura contemporânea, reproduz conceitos e práticas que não sustentam a alteridade e, constantemente, devolvem o sujeito para o miolo de si mesmo quando este procura referências fora de si, na experiência coletiva” (RIOS, 2008, p. 423), colaborando para a manutenção da dificuldade em lidar com o outro e com a alteridade que se estabelece, optando por relacionamentos amorosos relâmpagos, efêmeros, sem frustrações, mas cheios de inseguranças e incertezas que são mascaradas pela sedução da ordem do consumo, seja ele da imagem ou do material.

Dessa forma, segundo Robert (2015), nos encontramos constantemente desamparados enquanto buscamos algo que preencha esse mal-estar ocasionado pelas condições de existência contemporâneas, que reforçam nosso medo de abandono experimentado desde os primórdios, nos primeiros anos de vida pela separação do objeto primário de amor, nos forçando a lidar com o luto da perda da potência infantil e da idealização. Consequentemente, esses fatores refletem no medo e na pouca tolerância do sujeito às frustrações. Buscamos retornar a esse paraíso perdido das experiências primárias através do consumo, no entanto, o estado de insatisfação só aumenta, dado que, “a partir do momento em que conseguimos preencher alguma necessidade, surge uma necessidade nova, gerando um ciclo em forma de ‘bola de neve’ que não tem fim. Aquilo que já possuímos acaba ficando com uma conotação decepcionante” (LIPOVESTKY, 2007, p. 23). Logo, a sociedade de consumo e do descartável fortalece nossas carências e nos coloca distantes da condição de plenitude que desejamos retomar e da idealização que queremos achar, “sempre descontentes, condoídos com a razão de tudo aquilo que não podemos proporcionar a nós mesmos.” (LIPOVESTKY, 2007, p. 24).

3. CONSIDERAÇÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O VÍNCULO AMOROSO

Vínculo, segundo o dicionário Michaelis, pode ser “o que ata, liga ou aperta; atadura, liame, nó.”, “o que estabelece uma relação lógica ou de subordinação”, “o que liga afetivamente duas ou mais pessoas; relação, relacionamento”, “o que restringe ou condiciona (algo)” (MICHAELIS, 2020). Em uma leitura mais popular, muito provavelmente escutaremos que vínculo se refere à ligação de sangue, parentesco e, também, a ligação com outras pessoas que consideramos importantes na vida e não estão ligadas umas às outras por laços familiares.

Para a psicanálise, vínculo é o espaço entre dois, é o mundo que se descobre, que se forma a partir da relação entre duas pessoas ou mais, proporcionando uma troca subjetiva psíquica, que influencia na nossa forma de viver e ser, ou seja, de se subjetivar. Berenstein (2011) afirma que o vínculo adquiriu maior especificidade com o tratamento psicanalítico para nomear o que ligava várias pessoas, fora da ordem de parentesco ou de outros sistemas de pertença. “A partir das famílias e casais como campo clínico inicial, expandiu-se para a relação entre um eu e outro eu, o que logo se tornou a relação entre eu e o outro, entre o eu e os outros ou, como prefiro dizer atualmente, relação entre outros” (BERENSTEIN, 2011, p. 90).

A noção de vínculo é tardia na teoria psicanalítica e difere do conceito de relação de objeto e de representação. O conceito de vínculo tem como “característica básica o fato de ser um fenômeno que aborda a mediação, a construção intersubjetiva entre os sujeitos e, assim, cada ego que constitui a dupla tem importância nessa constituição.” (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 41). A relação de objeto, refere-se à ligação do ego com um objeto interno, que é o que condiciona e media o objeto externo. Dessa maneira, “existe uma relação dialética entre vínculo e relação de objeto, já que a relação de objeto é o motor do vínculo, organizando-o e criando-o.” (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 41).

Fica evidente o caráter transformador que o vínculo impõe ao sujeito, pois questiona as realidades inconscientes específicas vivenciadas pelo outro ego que compõe a relação interpessoal (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 41).

O vínculo pressupõe a existência de mecanismos projetivos cruzados e diferentes formas de identificação, e toda a emissão proveniente do outro sujeito deverá ser tratada e elaborada pelo aparelho psíquico do sujeito. Segundo esse autor, cada objeto interno conserva um apetite de ligação com os outros objetos, pois o ego o coloca em trabalho mobilizado pelos gestos e pelo comportamento do outro. (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 42).

Um processo extremamente importante e fundamental para entender o vínculo sob a

psicanálise vincular é o conceito de intersubjetividade³, que amarra os três psiquismos (do sujeito, do outro e da relação entre eles). De acordo com Kaës (2011), a intersubjetividade é, portanto, o que estabelece o vínculo e a identificação do sujeito com um ou mais sujeitos, é o que partilham os sujeitos formados e ligados entre si por sujeições recíprocas (alianças), e por “mecanismos constitutivos do inconsciente: os recalques e as negações em comum, as fantasias e os significantes partilhados, os desejos inconscientes e as proibições fundamentais que os organizam.” (KAËS, 2011, p. 22).

Assim, é necessário, segundo Kaës (2011), articular a lógica das correlações de intersubjetividades cuja fórmula poderia ser enunciada da seguinte maneira: “Não há uma sem a outra e sem o conjunto que as constitui e mantém; uma sem a outra, mas no conjunto que as reúne.” (KAËS, 2011, p. 23). Isso significa que não é possível que o sujeito exista fora da intersubjetividade, pois este só existe na relação com mais de um outro. Podemos tomar como ilustração a relação mãe-bebê: para que a criança venha a ser, precisou de alguém que fosse mais do que quem atende prontamente suas necessidades vitais, mas alguém com quem possa se identificar para, então, começar a constituir-se como sujeito no mundo.

A intersubjetividade não é somente a parte constitutiva do sujeito que se dá na subjetividade do outro ou de mais de um outro. Ela se constrói no espaço psíquico próprio a cada configuração de vínculos. Isto é o mesmo que dizer que a questão da intersubjetividade consiste no reconhecimento e na articulação de dois espaços psíquicos heterogêneos, dotados cada um de lógicas próprias. (KAËS, 2011, p.23).

Para René Kaës (2011), o sujeito singular “é um sujeito moldado e mantido nos vínculos intersubjetivos dos quais ele faz parte, das alianças que o precedem e o que ele contrata por conta própria, nos espaços psíquicos comuns que partilha com outros” (KAËS, 2011, p. 11). A noção de vínculo intersubjetivo está presente desde o início da vida do

³ Para os autores argentinos, tais como J. Pujet, I. Berenstein, a intersubjetividade amarra três espaços essenciais do aparato psíquico vincular que tornam possível que o sujeito se relacione. Trata-se do intrassubjetivo, intersubjetivo e transubjetivo. O espaço intrassubjetivo é o aspecto mais individual do sujeito, nele estão as fantasias, o desejo, as pulsões e as relações de objeto. Portanto, “se constitui por meio de sua história de identificações com objetos externos significativos. O sujeito cria seus objetos internos, apropriando-se dos outros por meio de identificações. Criam-se, assim, as representações internas.” (WEISSMANN, 2009, p. 93) Ou seja, essas representações fazem parte da constituição particular do espaço psíquico de cada sujeito e permitem que o sujeito tenha registros dos objetos externos mesmo quando ausentes, sendo essa a condição para que se constitua uma representação de objeto no mundo interno.

O espaço intersubjetivo, conforme Weissmann (2009) compete ao encontro entre o sujeito e os outros, é o responsável para que o vínculo aconteça, uma vez que, para ser formado, precisa de dois ou mais sujeitos com algo em comum entre eles: um conector, ou seja, a integração no espaço “entre dois” com as representações vinculares de cada um que compõe o laço, criando, conseqüentemente, a subjetividade. Diferentemente do intrassubjetivo, esse espaço psíquico só acontece com a presença do outro, visto que demarca a alteridade presente na relação entre dois.

O espaço transubjetivo diz respeito ao social e ao cultural, é o mundo externo que partilhamos, o mundo em que estamos imersos e que construímos, é o espaço dos símbolos, da “linguagem comum a um conjunto, o da organização social na qual nascemos e na qual se organizam os grupos em torno de uma crença ou ideia compartilhada, o dos acontecimentos históricos, das tradições, dos mitos e dos sistemas explicativos da vida cotidiana.” (WEISSMANN, 2009, p. 107).

infans, com a sexualidade, no período de pré-maturação e de dependência inicial do recém-nascido e, conseqüentemente, reflete na fala e na linguagem, “marcados pelo recalque de sua sexualidade infantil e pelas condições intersubjetivas nas quais seu ambiente primeiro – a mãe – as traz” (KAËS, 2011, p. 11), transmitindo-lhe seus próprios conteúdos inconscientes e seu recalque, sob condições subjetivas que envolvem a psique materna, e, intersubjetivas, que seriam a interação entre o objeto primário e o *infans*. Dessa forma, a sexualidade, a fala e o vínculo colaboram de formas diferentes e fundamentais para a formação do sujeito inconsciente e a construção do Eu, da mesma forma, esses pilares cooperam para a formação da realidade psíquica inconsciente do vínculo intersubjetivo.

Kaës (2011) estabelece que o vínculo pode ser organizado por três termos constituídos por dois polos, “os dois eus, ou um eu (visto desde si mesmo) e um outro, e um conector (intermediário)⁴, que daria conta do modo particular de ligar ambos os eus.” Vimos que cada eu tem sua origem num passado infantil, que parte de sua relação com o objeto primário, e sua subjetividade. Portanto, para que haja um vínculo, é necessária a relação entre duas identidades em suas origens individuais e, então, ao entrar em uma relação, o eu de cada um remonta à sua origem primária, tornando possível o processo intersubjetivo. Portanto, “o vínculo se constrói numa realidade psíquica original que não se produziria sem o encontro intersubjetivo.” (KAËS, 2011, p. 19).

Nesse processo, o sujeito começa a estabelecer o que Eiguer (2008) chama de vínculo objetual, ou seja, quando o sujeito associa o outro com algum de seus vínculos inconscientes, comparando suas sensações e pensamentos com o do outro e, então, se vê de outra maneira, pois a identificação estabelecida passa a marcá-lo pela singularidade do outro.

Para Berenstein (2011), o vínculo é “um ponto de partida do processo de subjetivação próprio da pertença a esse vínculo, que, por sua vez, liga o passado, que parece estar topicamente em um dentro (a memória), com o atual (os acontecidos) que está em um fora.” (p. 91). O vínculo entre os sujeitos é inconsciente e está na ordem do imaginário humano, como uma pauta que conecta e que não está à vista. “É necessário a diferença para o registro da pauta. Mas não qualquer diferença, não unicamente a diferença da qualidade, mas aquela que surge da comparação dos distintos tipos lógicos de relação” (BERENSTEIN, 2011, p. 93).

O autor aponta um dos conceitos primordiais para o estabelecimento dos vínculos, o sentimento de pertencimento. Para que aconteça, é necessário um processo de identificação

⁴ Segundo Kaës (2011, p. 155), o intermediário são “funções específicas de ligação, de mediação e de transformação.”

entre os sujeitos, essencial para a constituição do vínculo. Diante do estrangeirismo que a constante mudança do espaço transubjetivo atual confronta ao sujeito, este vê necessidade de criar novos sentimentos de pertença dentro do novo contexto em que está imerso. Weissmann (2009) diz que temos no “sentimento de pertencimento” uma maneira de nos sentirmos parte de uma dada conjuntura social cultural, uma sustentação narcísica que acolhe o sujeito e que compõe a necessidade de se incluir em um vínculo com o outro.

Pertencer é sentir sustentado-sujeitado, premia a permanência e a estabilidade, tem a ver com ser parte de um conjunto. As marcas da cultura, da época e do tipo de subjetividade que a época determina são inconscientes, de modo que Berenstein (2004, p. 32) cita Lucien Febvre (1978), quando diz ‘que o sujeito se parece mais com sua época do que com seus pais’. (WEISSMANN, 2009, p. 108).

De acordo com Mandelbaum (2008), com cada outro, é estabelecido um vínculo que exige um trabalho particular, pois apresentam elementos que só podem ser analisados na presença desse outro.

A presença do outro, com que mantém o vínculo, obriga o sujeito a um trabalho psíquico particular, específico, dado pelas características de cada vínculo particular. Cada vínculo faz demandas próprias aos sujeitos implicados, que se constituem na presença um do outro. Cada sujeito faz parte de diversos e diferentes vínculos, e em cada um deles lhe é outorgado um lugar diferente, é privilegiada uma outra dimensão de seu ser e lhe são atribuídas diferentes significações. (MANDELBAUM, 2008, p. 99).

Outra característica dos vínculos é a impossibilidade de conhecer plenamente o outro, pois, mesmo quando acreditamos que o conhecemos, nos enganamos, uma vez que são nossas projeções de relação do objeto e não o que o outro realmente é, sendo a própria permanência do vínculo que nos aponta esses aspectos da alteridade. “O outro é sempre um outro não assimilável às representações que temos dele – é sempre um outro a conhecer, o que propicia o desenvolvimento do vínculo, mas também suas turbulências, pelas dificuldades advindas do convívio com o diferente.” (MANDELBAUM, 2008, p. 101).

Assim a alteridade⁵ é um aspecto fundamental do vínculo. Quando estamos em estado de enamoramento pelo outro, na febre da paixão, tudo parece similitude. “As coincidências, assim como a vivência ilusória de ter os mesmos gostos colaboram para exacerbar a ideia de complementariedade, de que ambos são um.” (BERENSTEIN, 2011, p. 104). A diferença não conta. Apenas quando a idealização se vai, é que aparece o irredutível do outro, acompanhado de estranhezas no relacionamento, e o sujeito começa a perceber o quanto não conhece seu

⁵ Para Puget (2000), a alteridade e ajenidad são partes fundamentais para lidar com as diferenças nas relações amorosas. “A diferença entre ajenidad e alteridade provém da necessidade de reconhecer que o conceito de outro contém diversos aspectos ou possibilidade de ser pensado. (...) A alteridade se refere à existência de uma diferença compatível. (...) A ajenidad leva a reconhecer as consequências de uma diferença radicalmente incompatível, pois o outro contém elementos incomparáveis que parecem um tanto desconhecidos.” (PUGET, 2000, p. 459, **tradução livre**).

parceiro. “Este está obrigado a admitir que algo do outro é inadmissível a seu conhecimento, surpreende-o porque deverá aceitá-lo como estranho, como não tendo existência prévia. Essas oposições são o trabalho do vínculo.” (BERENSTEIN, 2011, p. 106). Essa atividade, por sua vez, divide-se em outras duas: a primeira garante a especificidade do vínculo e o configura como algo diferente para o mundo interno. A segunda é a “idealização do amor em detrimento do trabalho de aceitação da presença que determina.” (BERENSTEIN, 2011, p. 106).

Para Eiguer (2008), o processo intersubjetivo ligado ao vínculo significa pensar que existem ali três psiquismos: o do sujeito, o do outro e o da relação entre eles. Logo, não se trata de uma relação entre duas subjetividades, mas sim, entre dois sujeitos do inconsciente, que buscam realizar e encontrar seu desejo no outro. Dessa forma, para vincular-se é preciso “uma relação de reciprocidade entre dois sujeitos (ou vários) cujos funcionamentos psíquicos estão articulados e se influenciam mutuamente: pensamentos, atos e afetos interagem.” (EIGUER, 2008, p. 38).

Para Eiguer (2008) o vínculo intersubjetivo é dividido em quatro aspectos que podem ser denominadas de 4R’s: reciprocidade, respeito, responsabilidade e reconhecimento. Os dois primeiros são conceitos mais simples. A reciprocidade, diz sobre como os sujeitos interagem e arquitetam juntos uma intersubjetividade criativa que os permitam nutrir o sentimento e se comprometer na relação. O respeito vem do sentimento de amor perante ao que foi construído e compartilhado juntos, supondo aceitar o diferente que se evidencia no outro e, para tanto, pressupõe que os sujeitos em vínculo se abstenham de maus julgamentos a fim de compreender a singularidade do outro.

A responsabilidade e o reconhecimento são conceitos mais complexos. Segundo Eiguer (2008), para entendermos a responsabilidade precisamos, primeiro, diferenciá-la da culpa. “Sentimo-nos responsáveis por aquilo que fizemos pelo outro; sentimo-nos culpados por aquilo que causamos.” (EIGUER, 2008, p. 128). Logo, a responsabilidade refere-se ao sofrimento do outro, sentindo-se cada um dos sujeitos afetado por aquilo que acontece ao seu próximo. O autor, esse “R” se insere na ética do supereu, uma vez que é responsável por inaugurar no sujeito os interditos sociais, ensinando-o o peso das relações e ações.

Existem três vias para entendermos o supereu: as proibições, onde ocorre a renúncia à satisfação das pulsões com a mãe e a castração, feita pelo pai; as identificações, resultantes de um supereu herdeiro do Complexo de Édipo, onde o supereu dos pais, com seus princípios éticos, suas tradições culturais e familiares e o respeito ao próximo, no sentido de responsabilidade, servem de modelo de identificação para a criança; a solicitude decorrente da dedicação parental dos pais, que, uma vez visto como dádiva, incita na criança o desejo de

igualmente correspondê-los, podendo provocar o sentimento de estar em falta e em dívida para com eles (EIGUER, 2008).

Logo, Eiguer (2008), pondera que “a culpa não é o único moralizador do supereu, a responsabilidade também o é à sua maneira.” (EIGUER, 2008, p. 135). A responsabilidade é uma produção da dádiva e da dívida, pois o que o sujeito recebeu de seus pais o permite ter responsabilidade com o outro, no entanto, a culpa manifesta-se quando sentimos que falhamos ao que nos foi herdado, portado, está ligada não só a falha, mas também a frustração.

O reconhecimento aponta a diferença do outro, “o ego precisa do reconhecimento do outro, de que seus atos sejam significantes para o outro, para que se tornem significantes para si mesmo.” (ZANETTI, 2012, p. 58).

O reconhecimento é um processo mais complexo e merece uma atenção detalhada. Eiguer (2008), referenciando Benjamin (1988), pontua que o eu só pode ser reconhecido através de seus atos e, se seus atos forem significativos para o outro, somente então, serão significativos para ele próprio. Dessa forma, o autor atribui à alteridade um trabalho de reconhecimento indispensável para a consolidação do vínculo. (EIGUER, 2008). O que se estabelece é um paradoxo: enquanto o ego precisa do reconhecimento do outro para se conceber separado de si, também tende a procurar se fundir com este outro, a fim de tornar-se único e absoluto, garantindo um universo onde não haja conflitos.

Segundo Eiguer (2008, p. 84), “a separação entre o que é meu e o que é teu é adquirida nesta etapa em que admito que o outro é diferente de mim.” É preciso aceitar que a diferença do outro significa encontrar um equilíbrio entre a afirmação que tenho de mim mesmo e o reconhecimento do outro perante essas afirmações. Para tanto, é crucial identificar o outro como um sujeito em toda sua totalidade.

É difícil existir sem o reconhecimento do outro, o sujeito precisa disso para sentir-se aceito e se afirmar. Se isso não é possível, um conflito surge no vínculo e a causa desse mal estar sempre presente é atribuída a um dos sujeitos da relação.

Para Eiguer (2008), a palavra “reconhecimento” significa conhecer o outro um pouco menos e de forma diferente do que imaginávamos à partida. Pois, a princípio, o reconhecíamos através de nossas fantasias e, portanto, “o problema do reconhecimento não se coloca em termos de saber, mas em termos de redução de curiosidade. Um dos elementos desta abordagem é, em suma, a renúncia a saber tudo sobre o outro” (EIGUER, 2008, p. 90). Ou seja, admite-se uma falta: “um reconhece que é desprovido das qualidades que se manifestam no outro e o outro aceita que não sabia reconhecê-las nele próprio” (EIGUER,

2008, p. 107). O que se busca aqui é a possibilidade de refundar uma mutualidade. “Mas essa mutualidade não pode ser conseguida sem a possibilidade de aceitar que a diferença faz parte da falta que esse fato passa pelo reconhecimento positivo e pelo seu corolário: o outro possui aquilo que me falta.” (EIGUER, 2008, p. 107). Contudo, para Zanetti, Sei e Colavin (2013, p. 50), nesse movimento de reconhecimento

[...] o outro tende a resistir, porque cada vez que é afetado pela subjetividade alheia se modifica e para preservar sua identidade ele resiste (Benjamin, 1988/1992). Assim, nasce um mal-estar, assinala Hegel (1807/1998), porque, nesse processo, enquanto o outro resiste e parece incontornável, o sujeito pode tentar dominá-lo. O sujeito poderá se servir do outro, tentar dominá-lo, porque precisa da preciosa certeza que advém do outro de ser “ele-mesmo”, para poder existir.

Zanetti e Gomes (2013) afirmam que o que está em jogo na construção dos vínculos amorosos são justamente a diferença e a capacidade de lidar com a alteridade “de maneira que se torne íntima e desconhecida ao mesmo tempo” (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 41), exigindo do sujeito “uma disponibilidade psíquica de trabalho de elaboração constante quando se está intimamente ligado com a alteridade, com o outro.” (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 42).

Para estabelecer um vínculo, de acordo com Kaës (2011), alguns processos são necessários: é preciso investir e ser investido de maneira eletiva, possuir identificações inconscientes entre nós e, então, possuir objetivos e traços comuns. Segundo Kaës (2011), nossas identificações apoiam-se sobre acordos prévios que acompanham nossas experiências intersubjetivas e aí elas encontram ressonâncias fantasmáticas, realizações de desejos e frustrações. Além disso, é necessário algo que sele esses elementos no entre-nós, que levem ao surgimento das alianças, sejam conscientes ou inconscientes, “sua função principal é manter e fortalecer (contrair) nossos vínculos, fixar suas questões e seus termos e instalá-los na duração” (KAËS, 2011, p. 198).

Kaës (2011) fundamenta que as alianças inconscientes são

uma formação psíquica intersubjetiva construída pelos sujeitos de um vínculo para reforçar em cada um deles e estabelecer, na base dos vínculos, os investimentos narcísicos e objetivos de que eles têm necessidade, os processos, as funções e as estruturas psíquicas que lhes são necessários e que resultaram do recalque ou da denegação, da rejeição e da desautorização. A aliança se forma de tal modo que o vínculo assume para cada um desses sujeitos um valor psíquico decisivo. O conjunto assim ligado (o grupo, a família, o casal) deriva sua realidade psíquica das alianças, dos contratos e pactos que esses sujeitos estabelecem e que seu lugar no conjunto os obriga a manter. (p. 199).

Logo, “estabelecem relações, todas essas intersubjetivas, transubjetivas e sociais, tanto as que vinculam as gerações entre elas como as que vinculam os contemporâneos entre si” (KAËS, 2014, p. 15) e nos mostram como o conteúdo particular de cada um se vincula ao do

outro e permanece no inconsciente dos sujeitos envolvidos nessa aliança, uma vez que “o inconsciente de cada sujeito traz traços, em sua estruturação e em seus conteúdos, do inconsciente de outrem, e até de mais de um outro.” (KAËS, 2011, p. 14). Portanto, precede o sujeito através dos grupos e das formações sociais que são constituídos de uma posição ideológica que se mantêm pela manutenção de uma crença no outro que, por sua vez, “sustenta a cada um, a todos e a tudo” (KAËS, 2011, p. 18), exigindo que os sujeitos pactuem com uma aliança que se instala no inconsciente e cumpram suas funções através de identificações narcísicas.

As alianças inconscientes se assentam em dois espaços psíquicos, segundo Kaës (2014), o do inconsciente do próprio sujeito e do inconsciente na relação com o outro ou com mais de um sujeito. Um dos atributos que confere essa relação é a segurança de uma ação comum que atinge por esse meio um objetivo preciso que com o sujeito isolado não seria possível, “dizemos, portanto, que a aliança seria ao mesmo tempo um processo e um meio de realização de objetivos inconscientes” (KAËS, 2011, p. 43) e, dessa forma, certifica-se que os investimentos vitais pela manutenção da relação e da existência de seus membros – que exigem uma mutualidade de investimentos narcísicos e objetivos – estejam seguros e ajudem o sujeito a lidar com as “diversas modalidades do negativo na vida psíquica individual e coletiva.” (KAËS, 2011, p. 43).

As alianças são designadas, segundo Kaës (2014), basicamente por quatro conceitos: o acordo, o pacto, o juramento e o contrato. O primeiro “ancora-se naquilo que é comum ou sobre o que seja o resultado: estar de acordo implica, consentimento.” (KAËS, 2014, p. 25). O pacto está em uma ordem mais abstrata e refere-se a

uma convenção submetida a uma obrigação diante de uma situação, podendo comportar riscos de conflitos violentos e de divisões. É o resultado de um arranjo ou de um compromisso (pactuar), que é obtido por transação ou concessão mútuas ou por imposição unilateral. (KAËS, 2014, p. 25)

O juramento tem a conotação de fidelidade e de compromisso, relaciona-se a um caráter sagrado, como uma promessa, dentro da relação que se estabelece. O quarto e último, o contrato, estabelece o desejo de “duas ou mais vontades de estabelecer a criação ou extinção de uma obrigação. (...) Podem definir as vantagens de todas as partes ou somente de uma delas” (KAËS, 2014, p. 25-27), garante um interesse comum e procura atingir um objetivo dentro da relação.

Segundo Kaës (2014), para gerar uma aliança inconsciente, além das operações de defesa, é necessária uma relação de identificação mútua, comum e compartilhada. “Os sujeitos pactuam uma aliança segundo um duplo movimento: eles identificam nos outros aquilo que

pode servir para seus próprios interesses ou de outrem” (KAËS, 2014, p. 50). Essa identificação acontece pela reciprocidade de um traço diferente que provoca prazer em seus respectivos espaços psíquicos.

Partindo desse ponto, Kaës (2014) traz o caráter beneficiário que as alianças inconscientes carregam, pois elas se mantêm se o outro traz algo que lhe interessa e, dessa forma, garante o que é do interesse do sujeito. Para tanto, faz-se sacrifícios de “certos objetos psíquicos ou a renúncia de alguns benefícios para que se possa entrar numa aliança e obter outros benefícios” (KAËS, 2014, p. 34). O autor elucida que esse mecanismo beneficiário da aliança existe, pois

Tanto em sua consistência psíquica como na social, a economia da aliança está ancorada sobre benefícios que são tidos como óbvios. É por isso que algumas garantias são necessárias para que haja a possibilidade de realização da função simbólica do terceiro e para assegurar, pela confiança na relação, as realizações pessoais dos sujeitos vinculados entre si. (KAËS, 2014, p. 34).

Nos casais ou em uma família, as alianças que os organizam são sustentadas segundo modalidades específicas e constantes, sobre a sexualidade e sobre os seus conflitos, principalmente, quanto às necessidades do narcisismo. Essas modalidades contam com as exigências psíquicas necessárias “para que a relação de família ou de casal se forme e se mantenha. Ao lado dessas exigências psíquicas e com interferência nelas, as alianças inconscientes inscrevem a relação da família e do casal no campo social e cultural” (KAËS, 2014, p. 161).

Em uma relação amorosa, estabelece-se um acordo amoroso, sem o qual o casal não vem a ser. É, portanto, um pacto narcísico perdido, onde não só se resgata o narcisismo recalcado na infância, mas também marca a busca pela complementaridade e diferença. Segundo Kaës (2014, p. 158),

O acordo está ancorado sobre acordos inconscientes, que formam o tronco inconsciente do casal. Esses acordos são também tributários de relações que cada sujeito conheceu ou experimentou em sua própria família. Mas são também construídos de modo original pela imprevisibilidade do encontro com o outro, que pelo próprio fato de ser outro não pode ser reduzido à posição ou à função de duplo narcísico de objeto de relações de objetos.

Para o acordo aparecer, não basta somente a identificação, mas um contrato inconsciente de interesses em comuns, o qual o casal nutre enquanto o mesmo o beneficia. A formação do casal, por conseguinte, “é sustentada pelo projeto de dar conta da realidade psíquica do casal e a realização de certos desejos desses sujeitos. (...) Esse investimento psíquico entre duas pessoas supõe um ajustamento, uma coincidência suficiente entre os desejos que presidem o acordo amoroso.” (KAËS, 2014, p. 161).

Isto posto, para Kaës (2011), o conceito de intersubjetividade pode encontrar nas

alianças inconscientes consistência para sua matéria, para a realidade psíquica e seus vínculos, visto que as alianças frutificam efeitos para além dos sujeitos, das circunstâncias e do momento em que foram necessárias: “elas constituem o agente e a matéria da transmissão da vida psíquica entre gerações e entre contemporâneos.” (KAËS, 2011, p. 199). Além disso, as alianças exigem obrigações e sujeições, distribuem benefícios e prometem satisfação: “os benefícios trazidos pelas alianças devem ser medidos com base nos custos psíquicos que elas exigem de seus sujeitos.” (KAËS, 2011, p. 199).

Desse modo, o autor considera as alianças inconscientes como o cimento dos mecanismos psíquicos que nos liga como grupos, casais e família. “São organizações metapsíquicas: elas contribuem para a estruturação da psique em sua organização narcísica e objetual, em suas modalidades de realização do desejo, em suas formações defensivas ou alienantes.” (KAËS, 2011, p. 200).

A aliança tanto une quanto exclui, no sentido que para estar na aliança é necessária uma renúncia. Para manter algumas representações, ideias devem ser recalçadas, negadas, rejeitadas, esquecidas, ou enquistadas nas profundezas do ser. “Alguns afetos e satisfações pulsionais também deverão ser reprimidos e devem-se admitir também algumas renúncias e mesmo sacrifícios consentidos. Para que a relação se constitua e mantenha-se, ninguém deveria vir a ter consciência disso.” (KAËS, 2014, p. 13).

Logo, podemos atribuir um caráter conservador às alianças, visto que, dessa forma, evitam conflitos e, evidentemente, colaboram para os sujeitos superem aqueles que eventualmente apareçam. O que os sujeitos podem vir a esperar disso são os benefícios: a segurança que se obtém, as realizações pessoais que não podem ser alcançadas fora da relação com um outro, o investimento narcísico bilateral, entre outros fatores que proporcionam o prazer alcançado através do outro.

Em “O Mal-Estar na Civilização”, Freud (1929) indaga a respeito do fato da cultura produzir uma indisposição na vida do sujeito, uma vez que esse mal se encontra no inevitável encontro da vida pulsional e a civilização, ou seja, a renúncia de algo natural ao nosso próprio corpo e aparelho psíquico por um bem maior: manter-se civilizado através do cumprimento dos acordos sociais e das leis comuns. Tentamos dominar esse sofrimento de origem social recalçando as pulsões originárias desse conflito e controlando-o com nossas defesas, como a sublimação.

No entanto, se a civilização é constituída pelos sujeitos, por que não nos damos direito somente ao poder e ao benefício? De acordo com Kaës (2014), Freud responderia a tal questão levando em consideração que se a civilização é a culpada pela nossa miséria, se

podéssemos voltar aos nossos estados primitivos, seríamos muito mais felizes. “Tal ponto de vista hostil tem sua origem naquilo que exige a vida em comum e é essa exigência que contraria a busca do prazer. [...] Entre os traços que caracterizam nossa civilização, o modo como são regradas as relações dos seres humanos entre si é decisiva.” (KAËS, 2014, p. 93).

Ou seja, de acordo com o autor francês, a compreensão freudiana a respeito da necessidade de uma civilização baseada em regras compartilhadas provém do direito da comunidade que, mediante à vontade de um todo, estipula leis a serem seguidas e aquele que não as obedece está sujeito a sofrer as consequências. “O que dá bases à comunidade é, portanto, a emergência do direito. Mas para beneficiar-se das proteções da comunidade, em troca, devemos renunciar à satisfação imediata de alguns prazeres.” (KAËS, 2014, p. 93). Desse modo, na civilização, prevalece o direito da comunidade em detrimento do direito do mais forte.

Kaës (2014), debruçado sobre a obra freudiana em questão, afirma que a renúncia é aquilo que se deve perder de prazer para que uma relação e uma cultura possam se formar e se manter. A renúncia expressa um afastamento ativo ou um abandono passivo: pode ser imposta ou voluntariamente consentida e indica uma adesão primeira a um objeto, a um estado, a uma expressão psíquica. O limite para se obter uma renúncia está na necessidade de satisfazer imediatamente uma pulsão. Essas operações não são apenas o efeito de uma necessidade intrapsíquica. “A renúncia supõe uma instancia de enunciação dos interditos fundamentais, a constituição de um superego confrontado com a culpabilidade das transgressões e suas saídas sublimatórias.” (KAËS, 2014, p. 98).

Na contemporaneidade, o que se observa são sujeitos pouco dispostos a conceder renúncias para a manutenção dos vínculos e, conseqüentemente, fixar alianças. As alianças são inconscientes, segundo René Kaës (2014), na medida em que elas estão submetidas aos processos constitutivos do inconsciente. Além disso, também são, como vimos, constitutivas do vínculo, uma vez que leva em consideração a existência de um contrato que incide na ideia de que nele o ser humano abdica de algo em função de outro, ou seja, justamente a marca civilizatória e constitutiva do psiquismo analisada na obra freudiana. Assim, essa questão permeia as bases nas quais as alianças inconscientes têm sido constituídas atualmente, diante da dificuldade em renúncia tão presente na atualidade.

3.1. A DINÂMICA DAS ESCOLHAS AMOROSAS SEGUNDO S. FREUD

Galeano e Bodoya (2017), Aydo (2017) e Mishima (2008) apontam para os aspectos

precoces da capacidade de amar e pontuam que tal capacidade advém do cuidado materno que é estabelecido com a criança em sua tenra idade. Os autores acreditam que essa relação promove abertura para outros tipos de vínculos com outros sujeitos, com si mesmo, com o próprio conhecimento e com o mundo. “A capacidade de sentir amor, provem do contato com outros objetos e, portanto, com nosso mundo interno, cenário que geraram grandes significados.” (GALEANO; BODOYA, 2017, p. 02, **tradução livre**).

A relação experimentada pelo bebê desde a gestação, os contatos precoces e iniciais com a mãe, assim como sua primeira infância permitirá ao recém-nascido o sentimento de estar integrado, de ocupar um corpo, buscar suas necessidades e reconhecer seu próprio desejo através da figura materna (MISHIMA, 2008). Da mesma forma, tem grande valor a maneira com a qual a mãe exercerá a continência com a criança, pois a identificação materna determinará os significados singulares desse mundo interno que é construído com a criança e, por ora, compartilhado com a mãe (GALEANO; BODOYA, 2017).

O que se coloca em jogo a partir dessa relação é a maneira com a qual o sujeito busca se relacionar após a separação com o primeiro objeto de amor, visto que a procura da escolha objetual é pautada pelas identificações que se construíram na relação mãe-bebê. Tais ideias nos levam a pensar, segundo Terzis et al. (2008), que “a relação de um casal constrói-se através de arranjos inconscientes, em identificações e projeções, favoráveis a ambas as partes, numa busca àquele período edipiano em que teve de abandonar seu objeto de desejo incestuoso” (p. 16). Isto posto, o objeto com o qual se identifica é marcado inconscientemente por traços semelhantes a este objeto preexistente e proibido e, dessa forma, a “alma gêmea” se apresenta como a representação do investimento narcísico dos pais, trazendo a sensação de recuperação do objeto perdido (TERZIS et al., 2008; HADDAD, 2011; MENEZES; BARROS (2008); LATOSINSKI, 2017).

Para entendermos melhor esse mecanismo, nos atentaremos à S. Freud que se dedicou ao tema em “Contribuição à Psicologia do Amor I, II e III” (1910, 1912 e 1918) para entender a dinâmica da escolha objetual do sujeito e, para tanto, evidenciou quatro condições para amar, pautados em tipos de escolha de objeto de amor por um homem.

A primeira delas aponta que a escolha do objeto de amor era voltada a uma terceira pessoa. Ou seja, só era amada a mulher impedida, impossível ao alcance de outro homem e, portanto, idealizada e glorificada. A mulher desejada era aquela que o homem podia reivindicar direito de posse e que pertencia a outro homem. Isso nos remete a ideia de disputa e, pensando no Complexo de Édipo, entende-se o porquê isso acontece. Repete-se o movimento anterior, a reivindicação de posse sobre a mãe, que pertence ao pai. A partir do

momento que essa disputa lembra a rivalidade com o pai para ganhar a atenção de sua mãe, desperta uma hostilidade, permitindo que a agressividade natural do homem seja evacuada de forma saudável para a conquista pela mulher almejada.

A segunda refere-se a mulher promiscua: a mulher de boa reputação e casta não exerce poder de atração sobre o homem, já a mulher que, mesmo casada, está envolvida em algum pequeno escândalo e a mulher de má reputação são consideradas fatais para os homens, que prontamente se apaixonam; basta seu prestígio e integridade estar posto em dúvida. Grosso modo, Freud chamava esse tipo de escolha de “amor à prostituta” (FREUD, 1910, p. 99).

Enquanto a primeira condição fornece a oportunidade para gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem de quem a mulher é arrebatada, a segunda, a da mulher se assemelhar a uma prostituta, se relaciona à experiência do ciúme, que parece ser uma necessidade para os amantes desse tipo. (FREUD, 1910, p. 100)

A terceira nos fala mais sobre a segunda, pois, na escolha amorosa objetal do homem, a mulher de alto valor é aquela que se reduz a características promiscuas, semelhante àquelas de uma prostituta. Esse tipo de atração causa imenso dispêndio mental aos pretendentes, pois se veem diante de uma dualidade: exigem fidelidade e integridade das mulheres com quem se casam, porém, com uma mulher promiscua, não poderá exigir o mesmo ou ter a certeza de sua fidelidade e amor. São esses mesmos fatores que nos mostram que uma vida amorosa erótica não é feita de um único amor, os relacionamentos amorosos desse tipo se repetem ao longo da vida, como uma eterna busca a algo que se deseja e se espera, quem sabe um dia, recuperar. Freud (1910, p. 101), afirma que

os relacionamentos apaixonados desse tipo repetem-se com as mesmas peculiaridades - cada qual uma réplica exata dos outros - sempre e sempre, nas vidas do homem desse tipo; de fato, devido a ocorrências externas, como mudança de residência e de ambiente, os objetos amorosos podem substituir uns aos outros, tão amiúde, que se forma uma extensa série dos mesmos.

A quarta pré-condição, aponta que os homens que se atraem por esse tipo de mulher têm o desejo de salvá-la e emprestar-lhe toda sua virtude e constituição de bom homem. Se convence de que ela precisa dele ou, caso contrário, declinará a um nível lamentável. “Salve-a, portanto, para não abandoná-la.” (FREUD, 1910, p. 101).

Este tipo de condição de escolha objetal deriva da fixação infantil dos sentimentos de ternura e acolhimento que a figura materna proporciona ao seu amado filho na tenra infância, consequências para as fixações de “amor à prostituta” e de figura salvadora, que pontuamos. Nas pessoas consideradas “normais” para Freud, apenas algumas características da fixação materna sobrevivem, mostrando-nos que suas escolhas apontam para um protótipo materno, por exemplo, homens jovens que optam por mulheres mais maduras e, dessa forma, o

destacamento da libido da mãe concluiu-se de maneira proporcionalmente rápida. Já no caso que descrevemos, a libido permaneceu por tanto tempo ligado à mãe, que as características maternas seguem reproduzidas nos objetos amorosos escolhidos posteriormente, transformando-os em substitutos facilmente reconhecíveis da mãe (FREUD, 1910).

Freud (1910, p. 102) demonstra a plausibilidade de tal afirmação sobre as condições para amar e o comportamento no amor nesse tipo de fixação que descrevemos.

Isto pareceria ser mais fácil no que diz respeito à primeira condição - a condição de que a mulher deve ser desimpedida, ou de que haja uma terceira pessoa injuriada. É, de imediato, evidente que, para a criança que está crescendo no círculo familiar, o fato de que a mãe, ao pertencer ao pai, torna-se parte inseparável da essência da mãe, e que a terceira pessoa injuriada não é outra senão o próprio pai. Pode-se observar a característica de supervalorizar a pessoa amada, e de considerá-la como única e insubstituível, por recair, também, naturalmente no contexto da experiência da criança, pois ninguém possui mais de uma mãe, e a relação com ela baseia-se em um acontecimento que não pode ser exposto a qualquer dúvida e nem pode ser repetido.

O adulto, segundo Freud (1910), tem o pensamento consciente de ver a mãe como sinônimo de uma pureza intangível e inigualável, de forma que, quando parte dos outros, poucas ideias são tão ofensivas e perturbadoras quanto mexer na imagem materna. A psicanálise nos ensina que o conteúdo inconsciente pode até ser dividido entre dois opostos, mas, muitas vezes, no inconsciente os dois opostos são uma coisa só.

Muito bem, quando o jovem menino, na pré-puberdade, adquire conhecimento sobre o mundo sexual dos adultos, essa vasta quantidade de informações é destinada a causar desprezo e rebeldia, destruindo a autoridade dos adultos que tem em seu imaginário. Consequentemente, afeta diretamente a maneira como vê seus pais, logo, tenta rejeitar a ideia, tentando se convencer de que outros adultos podem cometer tamanha injúria, mas seus pais não podem fazê-las (FREUD, 1910).

Concomitante a essas mudanças, o jovem descobre que existem mulheres que praticam relações sexuais como meio para ganhar a vida e, por isso, são vistas com desprezo pela sociedade. Ele, porém, está longe de sentir esse desprezo, pois percebe que pode ser iniciado por essas mulheres, caindo por terra, então, qualquer resquício de infância e, portanto, a ideia de que seus pais eram uma exceção à vida sexual. Isto posto, conscientemente tende a diferenciar sua mãe de uma prostituta, mas, inconscientemente, vendo-as como uma só, já que, em essência, fazem a mesma coisa (FREUD, 1910).

A informação esclarecedora que recebeu, despertou, de fato, traços de lembrança das impressões e desejos de sua tenra infância que, por sua vez, levaram à reativação de certos impulsos psíquicos. Ele começa a desejar a mãe para si mesmo, no sentido com o qual, há pouco, acabou de se inteirar, e a odiar, de nova forma, o pai como um rival que impede esse desejo; passa, como dizemos, ao controle do complexo de Édipo. Não perdoa a mãe por ter concedido o privilégio da relação sexual, não a ele, mas a seu pai, e considera o fato como um ato de infidelidade. Se esses impulsos não desaparecem rapidamente, não há outra saída para os mesmos, senão seguir seu

curso através de fantasias que têm por tema as atividades sexuais da mãe, nas mais diversas circunstâncias; [...]. (FREUD, 1910, p. 103).

Dentre as fantasias, a que se refere à fidelidade da mãe seria, de acordo com Freud (1910), a que o jovem prefere: “o amante com o qual ela comete o ato de infidelidade, quase sempre exhibe as feições do próprio ego do menino, ou, mais exatamente, de sua própria personalidade idealizada, adulta e, assim, elevada ao nível do pai.” (FREUD, 1910, p. 104).

Quando percebemos o desejo de salvação que há nesse tipo de escolha objetal, podemos atribuir a ele uma derivação do complexo materno, uma vez que a mãe lhe deu a vida e fez tudo para salvá-lo da morte no nascimento, além de tê-lo feito experimentar sentimentos de ternura. O sujeito sente-se em dívidas e, por isso, sente a necessidade de retribuir essa dádiva ou recompensá-la com outra coisa de mesmo valor. Na vida adulta, oferece sua virtude e hombridade para a mulher que se encontra, de acordo com seu olhar, abandonada e perdida (FREUD, 1910).

Sua mãe lhe deu a vida - sua própria vida - e, em troca, ele lhe dá uma outra vida, a de uma criança que tem com ele a maior semelhança. O filho demonstra sua gratidão desejando ter, com sua mãe, um filho igual a ele próprio; em outras palavras, na fantasia de salvamento ele está se identificando completamente com o pai. Todos os seus instintos, os de ternura, gratidão, lascívia, desafio e independência encontram satisfação no desejo único de ser o próprio pai. (FREUD, 1910, p. 105)

Em vista disso, o tipo de amor masculino que Freud (1910) descreve até aqui diz respeito à fixação das fantasias masculinas em relação à figura materna e sua função, formadas durante a puberdade e levadas a diante pela vida adulta.

Segundo Freud (1912), para um comportamento amoroso normal acontecer é preciso que duas correntes se combinem: a corrente afetiva e a corrente sensual. A primeira é instaurada na infância primeva, com as pulsões de autopreservação que se ligam aos componentes de interesse erótico da criança – que já se pode observar desde os primeiros dias de vida, como o chuchar; ou seja, os cuidadores são os primeiros objetos desse interesse. Essas fixações afetivas correspondem à escolha de objeto primário da criança e persistem por toda a infância e conduzem consigo ao erotismo que, mais tarde, desvia-se de seus objetivos sexuais.

Aprendemos, assim, que os instintos sexuais encontram seus primeiros objetos ao se apegarem às apreciações feitas pelos instintos do ego, precisamente no momento em que as primeiras satisfações sexuais são experimentadas em ligação com as funções necessárias à preservação da vida. A ‘afeição’ demonstrada pelos pais da criança e pelos que dela cuidam, que raramente deixa de delatar sua natureza erótica (‘a criança é um brinquedo erótico’), concorre, em grande parte, para erigir as contribuições feitas pelo erotismo às catexias de seus instintos do ego e para incrementá-la numa medida em que se compele a desempenhar um papel em seu desenvolvimento ulterior, principalmente quando algumas outras circunstâncias emprestam seu suporte. (FREUD, 1912, p. 108).

Com a puberdade, essas fixações se unem a corrente sensual; as forças libidinosas estão mais poderosas e já não se equivocam em seus objetivos. No entanto, elas precisam vencer alguns obstáculos que se impuseram com a barreira do incesto e, conseqüentemente, não mediram esforços para que esses objetos que, na realidade, são inadequados, encontrem um caminho e se liguem a outros objetos estranhos, mas adequados para se levar uma vida sexual. Os novos objetos ainda seguirão a imago de seu objeto primário e, com o tempo, “atrairão para si a afeição que se ligava aos mais primitivos.” (FREUD, 1912, p. 109).

[...] em consequência da irrupção bifásica da escolha de objeto, e da interposição da barreira contra o incesto, o objeto final do instinto sexual nunca mais será o objeto original, mas apenas um sub-rogado do mesmo. A psicanálise revelou-nos que quando o objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, frequentemente, por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona satisfação completa. Isto pode explicar a inconstância na escolha de objetos, o ‘anseio pela estimulação’ que tão amiúde caracterizam o amor dos adultos. (FREUD, 1912, p. 114).

Se a escolha objetal se baseia num passado infantil, é necessário entender sobre o narcisismo, pois este ressoa na escolha de objeto no futuro. Freud (1914) propõe três vias para entender o narcisismo: pela parafrenia, pela hipocondria e pelo amor que, aqui, muito nos interessa e pelo qual nos debruçaremos. Vimos que na escolha objetal da criança e do adolescente, ele toma seus objetos sexuais das vivências de satisfação para si e os associa com as funções vitais de autoconservação. Para tanto, o ser humano possui dois objetos sexuais, ele mesmo e a mulher que exerce a função materna, “e nisso, pressupomos o narcisismo primário de todo indivíduo, que eventualmente pode se expressar de maneira dominante em sua escolha de objeto.” (FREUD, 1914, p. 22).

Segundo Freud (1914), a maneira como a escolha objetal se constitui parece variar de acordo com o gênero, uma vez que observou que as posições podem mudar de acordo com o sujeito; no entanto, o autor enfatiza que essa dinâmica não é uma regra. Nos homens, chama-se “de apoio” ou anaclítico, pois exhibe uma superestimação sexual que parece derivar do narcisismo original “e corresponde assim, a uma transposição do mesmo para o objeto sexual” (FREUD, 1914, p. 23), abrindo caminhos para que surja o enamoramento, que remonta a um “empobrecimento libidinal do Eu em favor do objeto” (FREUD, 1914, p. 23).

Nas mulheres, chama-se de narcísico, pois parece trazer um aumento do narcisismo original, sem uma superestimação sexual em relação ao amor objetal. Freud (1914) nota que, quando esta amadurece e se torna bela, sente-se autossuficiente, o que acaba por compensar a pouca liberdade que o gênero tem na escolha do objeto. O teórico afirma:

A rigor, tais mulheres amam apenas a si mesmas com intensidade semelhante à que são amadas pelo homem. Sua necessidade não reside tanto em amar quanto em serem amadas, e o homem que lhes agrada é o que preenche tal condição. A

importância desse tipo de mulher para a vida amorosa dos seres humanos é bastante elevada. Tais mulheres exercem a maior atração sobre os homens, não apenas por razões estéticas, porque são normalmente as mais belas, mas também devido a interessantes constelações psicológicas. Pois parece bem claro que o narcisismo de uma pessoa tem grande fascínio para aquelas que desistiram da dimensão plena de seu próprio narcisismo e estão em busca do amor objetal. (FREUD, 1914, p. 23).

É como se as mulheres pudessem manter afastado de seu Eu tudo que possa diminuí-la e daí a grande atração que a mulher narcísica tem, pois, a o homem apaixonado causa a dúvida do amor da amada, suscitando queixas em torno de seu ser e, mais uma vez, nos mostrando seu tipo de escolha objetal: a mulher inatingível, bela e terna, assim como a mãe (FREUD, 1910).

Pensando na escolha de objeto amoroso para o homem, podemos levantar a questão do tabu da virgindade, onde, nada mais virtuoso do que a virgindade de uma mulher, que a torna intocável, a aproxima da imagem pura da mãe e dá permissão para a posse do homem sobre ela, uma vez que a exigência de que a mulher se guarde para o matrimônio, proveniente de sua educação e seu meio, colabora para que o homem a prenda em um relacionamento duradouro, onde tem a certeza de que, para ela, será único. “Essa experiência cria, na mulher, um estado de sujeição que garante que sua posse permanecerá imperturbada e que a torna capaz de resistir a novas impressões e tentações estranhas.” (FREUD, 1918, p. 117).

Para Freud (1914), portanto, uma pessoa ama conforme o tipo narcísico, “o que ela mesma é (a si mesma), o que ela mesma foi, o que ela mesma gostaria de ser e a pessoa que foi parte dela mesma” (FREUD, 1914, p. 24) e, conforme o tipo “de apoio”, ou seja, “a mulher nutriz, o homem protetor” (FREUD, 1914, p. 24).

O narcisismo primário encontra-se na ternura com a qual os pais veem seus filhos, reconhecendo-os como o revivescimento da reprodução do seu próprio narcisismo, há muito abandonado. Os pais atribuem às crianças todas as perfeições que julgam pertinentes e ocultam todos seus defeitos, possuem “tendência a suspender, face à criança, todas as conquistas culturais que o seu próprio narcisismo foi obrigado a reconhecer, e a nela renovar as exigências de privilégios há muito renunciados.” (FREUD, 1914, p. 25). A ela são atribuídos todos os sonhos frustrados dos pais e construída uma proteção às coisas ruins do mundo, portanto, “o amor dos pais, comovente e no fundo tão infantil, não é outra coisa senão o narcisismo dos pais renascido, que na sua transformação em amor objetal revela inconfundivelmente a sua natureza de outrora.” (FREUD, 1914, p. 25).

De acordo com Freud (1914), se tomarmos por base um adulto normal, podemos notar que os traços psíquicos do narcisismo infantil foram recalçados para que este entrasse na vida madura. Aprendemos que os impulsos das pulsões libidinais sofrem repressão quando entram

em contato com os ideais morais e culturais exigidos para se viver em civilização. À vista disso, podemos dizer que este movimento inconsciente vem do Eu que, diante da formação de um ideal, sufoca os impulsos antes desses se tornarem conscientes. Este ideal do Eu, desfrutado pela criança na infância (FREUD, 1914, p. 27), encaminha-se para si, ou seja, o narcisismo original é deslocado para o eu ideal que, assim como o sujeito infantil, encontra-se pleno e perfeito. O sujeito, incapaz de lidar com a necessidade de renúncia a satisfação já antes experimentada, entra em conflito entre desfrutar da condição narcísica infantil ou se privar do mesmo para viver em sociedade. Como solução, busca readquiri-la através de um substituto para o narcisismo perdido na infância, onde ele era seu próprio ideal. “O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal.” (FREUD, 1914, p. 28).

Outro traço importante que influencia e compõe a escolha amorosa é o desamparo, que, para Freud (1925), é um sentimento estruturante do psiquismo e “imprescindível para a descoberta da dependência da inevitável relação do outro com o mundo” (OLIVEIRA, RESSEL, JUSTO, 2014). Surge, logo, nas primeiras experiências de vida, na incompletude do organismo, depreendida das necessidades de realizar trocas com o mundo e da dependência da ajuda do outro, que entenderá e responderá aos sinais de apelo do bebê.

Logo, a figura materna (o outro) tem um papel fundamental neste sentimento, pois, a mãe funciona como intérprete dos medos, ansiedades e necessidades, devolvendo ao bebê suas interpretações, atendendo-o e, principalmente, o acolhendo em um sentimento de amparo. Ainda durante a finalização do narcisismo primário, o bebê descobre que a mãe não é uma extensão de seu corpo, percebe o quão incompleto é e experimenta o sentimento de desamparo, gerado pela separação e perda de seu objeto primário de amor (FREUD, 1925).

O narcisismo primário compõe a dinâmica do desamparo, uma vez que seria a ilusão em torno do objeto primário de amor, construída para que possamos desenvolver confiança com o mundo, erotizar-nos e integrar-nos. Assim, o sujeito se constrói frente a uma genealogia social e familiar, através de pactos e renúncias que foram ali estabelecidos com a função materna e a função paterna. Esse processo pauta nossa busca, pois, ao longo da vida adulta, o sujeito espera reencontrar a sensação de amparo da qual gozou no acolhimento materno e, tendo claro sua escolha amorosa, busca por alguém que possa completá-lo para, assim, reviver o sentimento de completude. Ou seja, busca reviver no outro as renúncias pelo objeto primário de amor.

Na procura pelo outro, o sujeito é convocado a lidar com os demônios comuns na vida psíquica infantil, como o medo de ser rejeitado e de, mais uma vez, ver-se só. Perante a

ameaça de perda do objeto amado, o sujeito receia retornar ao estado no qual experimentou o sentimento de desamparo e pode ser que, inconscientemente, desloque a maioria (se não todos) os elementos que marcaram o psiquismo da primeira relação com sua mãe para o outro objeto (LEITE, 2014). Para Freud (1925),

Os perigos internos modificam-se com o período de vida, mas possuem uma característica comum, a saber, envolver a separação ou perda de um objeto amado, ou uma perda de seu amor, ou separação que poderá de várias maneiras conduzir a um acúmulo de desejos insatisfatórios e dessa maneira a uma situação de desamparo. (p. 50)

O sujeito do mundo contemporâneo, cercado pelo receio de se vincular de maneira compromissada, ao deparar-se com esse cenário traumático, revive o desamparo que sentiu no passado infantil; na fantasia da possibilidade de revivê-lo, desperta o sentimento e o faz utilizar-se de mecanismos de defesa primitivos, prevendo possíveis situações de perigo.

O indivíduo terá alcançado importante progresso em sua capacidade de autopreservação se puder prever e esperar uma situação traumática dessa espécie que acarrete desamparo, em vez de simplesmente esperar que ela aconteça. Intitulemos uma situação que contenha o determinante de tal expectativa de uma situação de perigo. É nessa situação que o sinal de ansiedade é emitido. O sinal anuncia: ‘Estou esperando que uma situação de desamparo sobrevenha’ ou ‘A presente situação me faz lembrar uma das experiências traumáticas que tive antes. Portanto, preverei o trauma e me comportarei como se ele já tivesse chegado, enquanto ainda houver tempo para pô-lo de lado.’ (FREUD, 1925, p. 104).

Nesse vazio no qual o homem contemporâneo se encontra, nota-se o controle e o ciúme como uma maneira de garantir sua segurança ou, ao menos, parte dela. Lins (2017) assinala que uma explicação possível para a existência do ciúme é a relação materna que tínhamos: quando a mãe saía, a criança, que se vê como extensão do corpo materno, sente ciúme, uma vez que se ela desaparecer, esta morre. A autora complementa que, na vida uterina, em uma relação simbiótica, a pessoa obtém a satisfação de todas as suas necessidades: desconhece fome, frio, sede e aconchego. Quando nasce, precisa descobrir como usar seus pulmões, como fazer para pedir que atendam às suas carências e é tomada por uma enorme sensação de falta e angustia. “Sem retorno ao estágio anterior, isso a acompanha para o resto da vida. O condicionamento cultural impõe uma relação amorosa estável e exclusiva com uma única pessoa como única forma de atenuar o desamparo.” (LINS, 2017, p. 96).

Talvez seja essa experiência, provavelmente, que nos faz ter dificuldade em lidar com a preocupação da exclusividade sexual do parceiro. “Porque o amor sexual adulto representa a forma primitiva da união – a fusão dos corpos, o mamilo que nos enche inteiramente a boca e nos deixa inteiramente saciados.” (LINS, 2017, p. 96).

Na vida amorosa adulta, “a dependência infantil reaparece com bastante força. No parceiro é depositada a certeza de ser cuidado e não ficar só. A distância faz sentir o

desamparo, da mesma forma que sentia quando a mãe se ausentava” (LINS, 2017, p. 78). Consequentemente, o medo da solidão e do desamparo leva ao ciúme e, logo, a exigência de que o companheiro não tenha olhos para mais ninguém.

Procurando compreender o ciúme presente nas relações amorosas contemporâneas, Baroncelli (2011) salienta que, em função da experiência amorosa se ver marcada atualmente por intensa transitoriedade, flexibilidade e abertura, o ciúme extremo pode se revelar como um resultado possível diante de um grande sofrimento que toda essa instabilidade provoca. (ZANETTI, SEI; COLAVIN, 2013, p. 48).

Diante de tudo que foi posto, podemos notar que identificação tem grande importância na vida psíquica do sujeito, pois a partir dela forma-se uma base permanente e fundamental para a constituição da subjetivação. Nos casais, não é diferente, uma vez que, na conjugalidade temos uma recriação do nosso eu através da identificação com o par.

Para Laplanche (1967), a identificação é a assimilação de características do outro, transformando os sujeitos da relação total ou parcialmente. Sigmund Freud, ao longo de seus estudos, entendeu a identificação de diferentes formas, o que não quer dizer que elas não se complementem. Em “Estudos sobre a histeria” (1895), pontuou a identificação como a apropriação de uma série de elementos comuns que permanecem sob forma de fantasias e assemelham-se a ideia de imitação. Em 1923, em “O ego e o id”, o teórico observou que esta ideia favorece a compreensão de instâncias psíquicas como sistemas herdeiros de outras relações. Em “Sobre o narcisismo” (1914), relacionou a psicodinâmica das escolhas amorosas com o processo identificatório, de acordo com os objetos parentais.

Quando há uma série de identificações e desidentificações, há também um crescimento do sujeito, que assimila e se apropria daquilo que lhe é identificado. Diante desse movimento, temos a introjeção e a incorporação. A primeira opera no psiquismo do sujeito sob dois princípios: alargamento e retraimento, ou seja, a forma como cada indivíduo lida com suas heranças, traumas, prazeres e encontros resultará na expansão ou no retraimento da subjetividade perante a identificação, “o sujeito integra as representações dadas pelos objetos, introjetando-as, e não os objetos em si, incorporando-os.” (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 43). Já a incorporação é apontada como o fracasso da introjeção, pois “os sujeitos podem se devorar-aniquilar ou se interpenetrar-enriquecer.” (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 43).

Isto posto, a conjugalidade estruturar-se-á a partir desses movimentos provenientes da identificação com o parceiro, introjetando-o ou incorporando-o. Quando por incorporação, a alteridade é desconsiderada; quando por introjeção, é possível assimilar transformações nos parceiros, onde a alteridade é enaltecida e preservada, em um processo criativo e enriquecedor para aqueles que compõem a relação.

Observamos que, na escolha de um objeto, o sujeito busca reencenar vários tempos segundo essas modalidades, dividindo suas escolhas entre narcísicas e anaclíticas [“de apoio”]. Na conjugalidade, isto nos leva a revivescência do que fez surgir o desejo primário. Eiguer (1985) ressalta a importância das escolhas amorosas, pois possuem um aspecto “resolutivo, restitutivo e simbólico do encontro amoroso, na medida em que possibilita a elaboração do processo edípico (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Dessa forma, “o eu se torna herdeiro dos objetos que foram abandonados por imposição da realidade como objetos sexuais. Essa é a resultado do trabalho que é imposto ao sujeito no processo de vir-a-ser” (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 44).

O totemismo opera por meio da identificação em vários aspectos. O recalque do incesto e do canibalismo e uma das condições para que o sujeito adquira uma identidade e seja incluído no sistema de trocas. A partir daí, a identificação com o totem (possuir um nome) garante a individualização e a socialização. O totem é o representante do pai morto, que se instaurou retroativamente como o autor da lei e como ideal. (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 44).

Pensando na relação entre conjugalidade e o totemismo, podemos dizer que ambos se estruturam a partir de processos identificatórios. Para as autoras, Magalhães e Féres-Carneiro (2003), a conjugalidade une a corrente sensual e a corrente afetiva, também se estrutura através da castração e, assim, busca sua identidade. Por mediação deste processo, “o sujeito se prontifica a constituir e a ser constituído pela família. O processo identificatório que ocorre na conjugalidade, dessa forma, também constitui um dos acessos à individualização e a socialização.” (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 44).

Uma identificação pode ser considerada bem sucedida quando o objeto é visto como modelo para o ideal do eu, colaborando para um processo de reorganização interna, originando a recriação do eu, o que, na conjugalidade, é responsável pelas transformações nos sujeitos dentro de uma relação (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003).

O sujeito, na conjugalidade, tenta retomar seu narcisismo primário e, para tanto, o desejo do retorno é ilusório, assim como a tentativa de substituí-lo é simbólica, pois “o sujeito se identifica com a falta do outro e não com um atributo real” (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 46). “Alguém que ama perdeu, por assim dizer, uma parte de seu narcisismo, e apenas sendo amado pode reavê-la.” (FREUD, 1914, p. 31), portanto, é como se o sujeito buscasse preencher as lacunas, o intervalo entre o eu e seu ideal.

Chassegut-Smirgel (1975), ressalta que os ideais operam na articulação de experiências do prazerosas precoces do passado, do tempo mítico da completude fusional, com substitutos possíveis do tempo presente, de acordo com o princípio da realidade, projetando-os num tempo futuro, de acordo com um modelo a ser seguido. (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 48)

Devemos considerar que na conjugalidade, a ilusão e os ideais relacionados a ela são estruturantes e responsáveis pela manutenção da relação amorosa, uma vez que, na teia identificatória, estes são os componentes básicos e estruturantes que proporcionam as mutações nas subjetividades dos parceiros.

Chassegut-Smirgel (1975) alega que existem elementos fundamentais para o processo de desenvolvimento do ideal do eu pelo amor, são eles: a crença do reencontro da completude perdida em conformidade com o princípio da realidade; a sublimação e as satisfações adquiridas através das relações sexuais que colaboram para o reinvestimento no eu; “o investimento positivo na realidade, sendo o parceiro amado integralmente, considerando-se suas imperfeições; e os resíduos da busca do amor fusional manifesto na ligação com o objeto (MAGALHÃES; FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 49).

Dessa forma, pode-se dizer que a atividade sublimatória é uma forma dos sujeitos contemporâneos lidarem com a imagem de ideal do eu através do amor, pois “a formação de ideal aumenta as exigências do Eu e é o que mais favorece a repressão; a sublimação representa a saída para cumprir a exigência sem ocasionar a repressão.” (FREUD, 1914, p. 28). A busca da completude, evidencia o mito do amor romântico, da metade da laranja, que entra em contrapartida com a busca pelo amor fusional, a fim de retomar, de qualquer jeito, a relação com o objeto primário de amor incorporando o objeto e empobrecendo o eu, pois não se distingue do outro. Por fim, amar o parceiro integralmente, ou melhor, amar o parceiro integralmente levando em conta suas imperfeições, demonstra o reconhecimento da alteridade do outro na relação.

A leitura freudiana sobre a conjugalidade proporciona um outro olhar sobre a mesma, uma vez que se refere a um olhar para o sujeito e não para a relação. Considera, também, as escolhas amorosas que remetem à trama edípica e às identificações que dela derivam que marcam a vida psíquica e dão aportes para a alteridade.

Por um lado, reforça-se a ideia de que o parceiro de uma relação conjugal é, de certo modo, um instrumento a serviço do narcisismo do sujeito; mas, por outro lado, quando um casal se forma, para que cada cônjuge tolere as peculiaridades do outro, faz-se necessária uma limitação de seus narcisismos. O movimento de buscar no outro um suporte para o próprio narcisismo ou o reconhecimento da sua própria subjetividade esbarra num outro sujeito que, por sua vez, faz limite ao narcisismo do primeiro; ambos demandam o que o outro não tem e se confrontam com a própria castração. (LEVY, 1996, p. 27).

Vimos uma teoria da conjugalidade que demarca a importância das primeiras experiências do sujeito diante do vínculo amoroso conjugal e na complementariedade que ali se estabelece. Desse modo, podemos pensar a relação conjugal como uma possibilidade para a integração e maturação do sujeito, tendo em vista que o ser humano precisa se sentir contido e

busca fora de si algo que lhe traga o reestabelecimento da continuidade perdida. Logo, a conjugalidade se oferece como um campo benéfico de crescimento e de continente para o sujeito, agregando para que os cônjuges se contenham reciprocamente (LEVY, 1996).

Diante de uma leitura intersubjetiva, considera-se, segundo Levy (1996), duas subjetividades e o simbólico que as unem, bem como os encontros e os desencontros dos contornos pulsionais, os fantasmáticos e os edípicos. “A dimensão relacional e as dimensões simbólica e pulsional nela implicada, devem ser ressignificadas a partir do eixo edípico central, lembrando-se que a relação entre os sujeitos, sustentada por uma organização simbólica, não exclui a relação imaginária.” (LEVY, 1996, p. 32).

Desta maneira, conforme Levy (1996), é necessário entender que a relação conjugal precisa de um dinamismo para transformar o espaço psíquico em articulação com as diferenças do outro, permitindo um questionamento constante e essencial sobre o equilíbrio do eu. Logo, o desejo retrógrado de se perder no outro, enquanto resquícios de uma busca de amor fusional, opõe-se a um movimento próspero, que move o sujeito em direção a preservação de sua subjetividade. Portanto, “cada um dos eus deve ser para o outro, entre vários objetos possíveis, um objeto privilegiado para suas demandas de prazer.” (LEVY, 1996, p. 28).

3.2. OS DESAFIOS DO AMOR NA CONTEMPORANEIDADE

Para Moguillansky e Nussbaum (2017), estar em um vínculo é também sinônimo de estar em conflito; conflito entre o lugar que se ocupa, ao que nos é atribuído e as interpretações que fazemos desses movimentos. Logo, significamos relações e, em contrapartida, somos significados por elas. Em vista dessas ações, os autores chamam nossa atenção para o novo ideal de amor romântico, que está mais exigente diante das vicissitudes contemporâneas. “Hoje, esse ideal envolve sustentar amor, paixão e comunicação entre duas pessoas para formar um casal sem desistir dos projetos individuais.” (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2017, p. 475).

Um dos embates centrais da contemporaneidade é a busca de homens e mulheres em encontrarem alguém que lhes ofereça segurança e sentimento de pertencimento *versus* a desconfiança que a maioria tem para saber se conseguirão lidar com os entraves e dilemas resultantes de um envolvimento amoroso e, ainda, a dúvida quanto a renunciar de parcela de sua liberdade e individualidade, tão exaltadas no século XXI. Isto evidencia a cultura vigente, do individualismo e da glorificação das conquistas pessoais como o sucesso profissional e as realizações particulares. Para isso, “há um movimento de engajamento em si mesmo, nos

próprios projetos e um adiamento da conjugalidade, ou mesmo um questionamento se esta deve ser ou não vivenciada.” (NEVES, DIAS; PARAVIDINI, 2013, p. 75). Em vista disso, os dilemas contemporâneos do século atual em contraste com a conjugalidade passam a rondar os casais contemporâneos e, não sem conflito, essas situações são vivenciadas tanto pelos sujeitos quanto pelos pares amorosos.

Moguillansky e Nussbaum (2017) notam, em sua pesquisa, que houve um aumento proporcional de pessoas que vivem sozinhas e pessoas que vivem em casal. Portanto, podemos afirmar que, apesar de tempos individualistas e hedonistas, as pessoas seguem buscando um ideal de amor, porém, devido à sobrecarga da idealização, temem a frustração e o sofrimento. “Não há uma desvalorização do valor social do casal, mas uma expectativa maior do que eles devem oferecer. Ou, inversamente, uma menor tolerância ao desconforto ou insatisfação com o parceiro.” (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2017, p. 475).

A idealização que se observa vem da construção cultural que enraíza o amor em ideais que só se cumprem quando encontramos um par amoroso. Esses ideais, como vimos, são resultado da repressão da sexualidade infantil, na qual a renúncia às satisfações pulsionais, através dos interditos e fundamentos sociais, nos inscreve no mundo humano e nos torna passível de se sermos amados e queridos (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2017). “O significado de amor é procurado em nós mesmos, na nossa tendência em criar ideais que nos libertam da realidade ao mesmo tempo que nos une a ela” (SINGER, 1987, p. 431 apud MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2017, p. 482).

Nessa construção de ideias, percebemos a fundamentação do maior desejo do ser humano: o de ser amado pelo outro e ser reconhecido. O desejo em ser desejado nos move em direção ao outro, a fim de percebê-lo sem riscos e sem mistérios e, embora isso nunca seja possível de ser alcançado, ainda assim nos iludimos procurando descartar qualquer ameaça a uma unidade imaginária desejada consigo e com outro (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2017).

Segundo Neves, Dias e Paravidini (2013), na busca pelo objeto de realização do amor, o indivíduo sujeita-se ao risco de perdê-lo, expondo o homem a um sofrimento maior.

Freud destaca, inclusive, que os relacionamentos humanos são uma das três principais fontes de sofrimento, aqueles que mais são capazes de gerar dor e lançar o homem no desamparo. Mesmo assim, no projeto de estado de felicidade permanente e evitação do sofrimento, o amor parece nunca ter sido deixado como possibilidade da tão aclamada felicidade. (NEVES, DIAS; PARAVIDINI, 2013, p. 76).

Embora seja difícil abandonar o desejo de si e autossuficiência, a ilusão idealizada do amor se mantém, mesmo que seja menos valorizada para alguns grupos, continua sendo importante para uma parcela da sociedade. A experiência e convicção romântica trazem a

sensação de pertencimento, “prova disso é que, apesar da experiência, que muitas vezes contradiz essa convicção, a esperança de que o amor do casal seja uma realização duradoura da felicidade tem enormes raízes individuais e sociais.” (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2017, p. 786).

Para Moguillansky e Nussbaum (2017), o estar junto tem uma força representacional idealizada nos casais, estabelecendo essa ilusão de reciprocidade como uma verdade absoluta, uma religião, algo em que se acredita e que é necessária. É justamente essa ilusão, essa crença, esse pertencimento que traz bem-estar aos casais, no entanto, quando se vêem diante do conflito conjugal optam por se separar ou permanecer dentro do laço. “[...] Toda idealização – e também essa – instala uma lógica binária que apenas admite estar dentro ou fora da representação idealizada, neste caso, da instituição casal” (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2017, p. 486), se permanecem juntos, há o bem-estar em seguir na representação idealizada, mesmo que o preço seja o medo do fracasso conjugal e a esperança de sempre haver solução; se se separam, há o desconforto causado por estar fora dela.

O mal-estar que se nota em estar fora dessa lógica binária está na imperfeição, fruto da idealização. Somente aceitamos o outro se esse, por sua vez, atende às nossas expectativas, não se tolera incertezas e nem a inconsistência que um casal, dentro de sua vulnerabilidade, possui. Portanto, para os autores, o que une o casal não é o amor, mas a ilusão de reciprocidade dentro da contradição natural em estar acompanhado: o sentido infinito, ou seja, a crença de verdades e de unicidade e o colapso do significado, instaurado pela alteridade, que nos leva a confrontar a idealização (MOGUILLANSKY; NUSSBAUM, 2017).

Em observação a dinâmica contemporânea dos casais e dos sujeitos, Fuks (2010) nota que, com a intensificação dos relacionamentos relâmpagos e com tantos bloqueios a frustrações, vários vínculos são rompidos e idealizados novamente, causando desamparo no sujeito que busca no sentimento oceânico um alívio para o vazio. Assim, algumas pessoas se voltam para si mesmo, sendo autosuficientes, sustentando uma posição narcísica do sujeito, onde “pode acontecer que o outro seja transformado em objeto narcísico – que a identidade fique ligada a ele prioritariamente – ou seja, objeto idealizado de cuja apropriação dependerá o todo do ser” (FUKS, 2010, p. 39).

No que tange à conjugalidade, permanece na contemporaneidade a expectativa de que o outro dê conta da condição faltante, do desamparo de cada um, de se encontrar no outro a realização e o ideal de felicidade, “laço primário, dual, que exige reciprocidade, uma troca perfeita onde um tem que saciar o outro, paranoia conjugal, que aprisiona e alimenta. (DIAS 2007, p. 24)

Zanetti (2012) entende que a instabilidade que rege os contratos contemporâneos afeta a estabilidade do vínculo, pois trazem a incerteza de o casal se manter unido e sempre

permanente, como se pensava antigamente, “já que o sentimento de vulnerabilidade narcísica decorrente desta instabilidade interfere na capacidade de mediação de conflitos e de aceitação das próprias faltas” (ZANETTI, 2012, p. 47). Isto é, como o vínculo implica na determinação de um contrato que requer investimento narcísico, a incerteza desse investimento interfere no futuro, influenciando a disponibilidade dos parceiros para a resolução de conflitos na relação.

As condições de existência contemporânea trazem uma série de desafios para o casal de hoje. Os vínculos amorosos construídos são perpassados sobre uma incerteza de sua continuidade, que tem o potencial de interferir nessa dinâmica caso o casal não tenha condições de administrar o modo contemporâneo de se vincular. (ZANETTI, 2012 apud ZANETTI; GOMES, 2013, p. 46).

Ademais, o medo do sujeito pode residir na dificuldade em lidar com a alteridade do outro, de maneira que se torne íntima e desconhecida sem perder o equilíbrio e a dimensão do traumático. Para Berenstein (2010) e Eiguer (2008), “a presença do outro demanda um trabalho de reconhecimento da alteridade, que ao mesmo tempo é modificadora do vínculo. Isto significa que aspectos da singularidade do outro sujeito têm a potencialidade de atingir a constituição subjetiva do sujeito.” (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 41). Para Neves, Dias e Paravidini (2013),

Essa condição de falta é interessante para se pensar o vínculo amoroso, uma vez que na atualidade vive-se a cultura narcísica, que culmina com o autocentrismo, com as prerrogativas das facilidades de uma vida individualista, características do público alvo de todo um mercado voltado para a execução de produtos e serviços prontos a atendê-lo, desde as porções individuais nos supermercados até as viagens programadas para solteiros. Entretanto, a mesma condição faltante parece impelir o sujeito a um movimento pulsional, como bem descreve Alvarenga (1996), a fim de reencontrar o objeto perdido. Apreende-se que de forma ambivalente, na condição da falta humana, a busca pelo outro é própria da pulsão, mas ao mesmo tempo há o individualismo colocado pela pós-modernidade, e tal ambivalência é vivida conflituosa e intensamente pelos sujeitos. (p. 78)

De acordo com Zanetti e Gomes (2013), pode-se compreender que quando os fatores socioculturais e econômicos têm a força de instigar a construção psíquica dos indivíduos por meio de uma precarização das funções pré-conscientes, estas também têm capacidade de influenciar nas construções vinculares amorosas que, indispensavelmente, “exigem do indivíduo uma disponibilidade psíquica de trabalho de elaboração constante quando se está intimamente ligado com a alteridade, com o outro.” (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 42). Nesse sentido, segundo as autoras, Costa (2003) sugere que o indivíduo “em decorrência de uma insuficiência de recursos psíquicos para lidar com as atuais condições de vida, passou a estar mais autocentrado em seu narcisismo.” (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 42).

Diante desta questão narcísica e do contexto contemporâneo, Costa (2003) sugere como sintomatologia de um “narcisismo moderno”, as “oscilações bruscas de autoestima, de humor, a depressão, a sensação de tédio e a de vazio interior” (COSTA, 2003, p. 43), mas

também leva em consideração a fragilidade dos laços, a inconsistência dos vínculos amorosos, o medo da dependência e a sensibilidade às frustrações. Para Kaës (2005), a intolerância às frustrações são frutos de um narcisismo exacerbado e considera o “narcisismo moderno” fruto das novas condições e configurações de existência. (ZANETTI; GOMES, 2013, p. 42).

Nas configurações vinculares atuais, nota-se que o sujeito baliza sua procura amorosa principalmente em torno dos benefícios resultantes de uma relação, deixando pouca margem para a possibilidade de renúncias e sofrimentos que também seriam decorrentes de um envolvimento amoroso. Temem tanto a renúncia pulsional quanto as frustrações e se sentem tão ameaçados com a falta de segurança que uma relação pode trazer, no sentido que, uma vez que vivencia os fenômenos da paixão e se ama, o medo da perda do objeto amado se evidencia, causando temores no indivíduo. Tenta-se a todo custo evitar a dor, o sentimento de desamparo causado por um possível abandono. Por conseguinte, “não sofrer torna-se um imperativo e a evitação do sofrimento tem sido um dos ideais do homem contemporâneo em uma sociedade que cria a ilusão de que se pode ser o que se quiser, só depende do empenho individual de cada um.” (NEVES, DIAS; PARAVIDINI, 2013, p. 79).

A dificuldade e a falta de capacidade para compreender que o outro é diferente de si, resulta em um trabalho de reconhecimento e demanda muito esforço e elaboração psíquica. Nesse cenário de fragilidade e insegurança ao estabelecer vínculos amorosos, as frustrações estão sempre submetidas a bloqueios pessoais, que colaboram para que o sujeito volte para si mesmo e sustente um perfil hedonista e pouco tolerante.

4. OBJETIVOS

Nesse momento, apresentamos os objetivos delineados para a presente pesquisa.

4.1. OBJETIVO GERAL

O objetivo geral dessa pesquisa é compreender as aspirações e os modos de vinculação amorosa de jovens adultos na contemporaneidade.

4.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Como objetivos específicos, nos propomos a:

- a) compreender as repercussões desse cenário de transformações atuais no modo de vinculação amorosa;
- b) ter acesso às expectativas da busca amorosa e as dificuldades envolvidas diante do compromisso e das decepções da vida amorosa.

5. METODOLOGIA

5.1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA-METODOLÓGICA E MATERIAIS

Para desvendarmos as questões que surgem com a hipótese levantada, partimos da proposta de uma pesquisa qualitativa que responde a questões muito particulares e se preocupa, nas ciências sociais, com uma realidade que não pode ser quantificada, ou seja, “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalizações de variáveis” (DESLASDES, et al. 1994, p. 22).

Nesta pesquisa, utilizamos o método do grupo focal que, de acordo com Kamberelis e Dimitriadis (2000), é um método de pesquisa qualitativa, na qual ocorrem entrevistas grupais e conversas coletivas, de forma democrática, para ajudar o pesquisador a compreender causas e preocupações que seu objeto de estudo traz. “As such, focus groups, offer unique insights into the possibilities of or for critical inquiry as a deliberative, dialogic, and democratic practice that is always already engaged and with real-world problems”⁶ (KAMBERELIS; DIMITRIADIS, 2000, p. 887).

A técnica foi escolhida por se mostrar interessante dada a interação entre as pessoas que constituem o grupo, promovendo a elucidação de vários *insights* por meio da interação entre os participantes, no momento em que são geradas. Segundo Kamberelis e Dimitriadis (2000), a garantia de respostas em tempo real, sem que seus membros tenham que elaborar muito para responder, permite observar a reação dos outros membros ao ouvirem a fala dos colegas e, assim, conduzir a discussão focando nas interações que as falas vão produzindo no grupo, o que têm grande valor nos resultados que serão coletados e agregados à pesquisa.

De acordo com os autores americanos, Kamberelis e Dimitriadis (2000), através do grupo focal, podemos melhor compreender um fenômeno social e como as pessoas se envolvem e interpretam as questões propostas na pesquisa, visto que, por ser um método exclusivamente qualitativo, lida com questões sociais e culturais constituídas e desenvolvidas nas relações humanas.

⁶ “Assim sendo, o grupo focal oferece insights únicos dentro das possibilidades de uma consulta crítica como uma prática deliberativa, dialógica e democrática que está sempre envolvida com problemas reais.” (tradução livre)

O grupo focal pode ser útil para uma forma mais dinâmica de interação para obter novas formas de informação e se mostra mais eficaz que as entrevistas individuais, pois permite que se explore a dinâmica grupal e as características dos membros como um todo, possibilitando a construção de significado acerca do assunto pautado na pesquisa e para a vida social dos sujeitos que dela participam.

Ao que se refere à técnica, é importante ressaltar que o pesquisador precisa ser ativo na discussão e motivador da interação entre os membros, evitando se posicionar como um mero mediador. Esse papel também se refere à elaboração e montagem do roteiro de discussão e às decisões quanto à composição dos grupos, no tocante a pontos em comum que favoreçam a discussão, bem como experiências variadas que permitam debates e opiniões diversas (ARANTES; DEUSDARÁ, 2017).

Morgan (1997) propõe que se dividam os grupos focais em três modalidades: grupos autoferrantes, grupos focais como técnica complementar e grupo focal como proposta de multimétodos qualitativos. O primeiro – que utilizamos nesta pesquisa – significa que o grupo é usado como fonte principal de dados; o segundo tem a intenção de usar o grupo como avaliação preliminar para técnicas de intervenção, elaboração de questionários e escalas; o último integra seus resultados ao da observação participante e da entrevista em profundidade.

Em termos de recursos, é necessário um espaço apropriado, um território que seja neutro e de fácil acesso aos participantes, uso de gravadores ou câmeras. O número de participantes deve variar entre seis a quinze pessoas e a interação do grupo focal deve durar no máximo 110 minutos. Em relação aos participantes, o grupo precisa ser homogêneo quanto às características que interferem radicalmente na percepção do assunto em foco.

Para a realização dos grupos focais, elaboramos um roteiro com questões abertas com temas que visaram atender aos objetivos propostos para a presente pesquisa. O roteiro (em Anexo) é dividido em cinco categorias: o que é o amor para o sujeito constituído na contemporaneidade; as expectativas e buscas no amor; a importância do amor para os sujeitos contemporâneos e o cenário que envolve as dificuldades e decepções amorosas.

5.2. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Para encontrar voluntários para a pesquisa, divulgamos, através das redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, na conta pessoal da pesquisadora bem como nos grupos da Fundação Educacional do Município de Assis - FEMA, da Universidade Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - FCL/Assis e da cidade (“Muambeiro Assis e Região”). Além disso, colocamos

panfletos e cartazes com a proposta da pesquisa e como os grupos e encontros funcionariam nas mesmas instituições. Os anúncios diziam assim:

Olá, pessoal! Estou no mestrado em Psicologia e Sociedade, pela UNESP/FCL-Assis, e minha pesquisa traz como tema relacionamentos amorosos. Em resumo, a pesquisa procura compreender as aspirações amorosas do sujeito constituído na contemporaneidade, assim como sua dificuldade em se relacionar amorosamente, a importância e consequente repercussão dos parâmetros atuais na busca pelo outro, as expectativas e as decepções do amor. Diante das novas condições de existência, nota-se a transformação do processo de subjetivação do sujeito e, devido a este fato, busco compreender as alterações nas formas de se vincular amorosamente.

Para a coleta de dados, utilizarei como método o grupo focal. Mas o que é o G.F.? Trata-se de um método de pesquisa qualitativa, na qual ocorrem entrevistas grupais e conversas coletivas, de forma democrática e dinâmica, onde o pesquisador lança ao grupo perguntas disparadoras, promovendo a elucidação de vários insights por meio da interação entre os participantes a partir de seus discursos.

O grupo contará com dois subgrupos, um de indivíduos solteiros há no mínimo seis meses e o outro de indivíduos comprometidos amorosamente há no mínimo um ano. Para tanto, busco homens e mulheres que atendam a este perfil, entre 20 a 25 anos, na cidade de Assis-SP, dentro e fora do contexto universitário, em diversas áreas e que estejam dispostos a participar do grupo focal. Os encontros durarão um mês e acontecerão semanalmente. Não há restrição quanto a orientação sexual, nem ao tipo de relacionamento amoroso (monogâmico, poligâmico, amor livre, poliamor...).
 Diversidades são bem vindas.
 Interessados em participar, podem entrar em contato comigo pelo e-mail ca_alv@gmail.com.

A partir da divulgação desses anúncios, perfil pessoal e compartilhamento de amigos, recebemos várias mensagens de pessoas interessadas em participar. Alguns tinham o perfil solicitado, outros estavam mais curiosos com a ideia de participar e de saber mais sobre a pesquisa por se interessarem pelo tema do que de fato atendiam aos critérios da pesquisa, pois o perfil não era condizente com o que divulgava o anúncio.

Após as anotações de todas as informações de pessoas que poderiam compor o grupo, notamos que todos eram universitários. Como a pesquisa propunha pessoas de todas as áreas, inclusive leigos, resolvemos captar interessados no centro da cidade, assim, haveria maiores chances de encontrar pessoas fora desse âmbito. Além disso, a pesquisadora fez buscas através de contatos pessoais, em sistema bola de neve.

O panfleto era mais objetivo, tendo em vista que ao abordar as pessoas, explicaríamos com maiores detalhes a pesquisa e o que era grupo focal:

Sou mestranda em Psicologia e Sociedade, pela UNESP/FCL-Assis, e minha pesquisa traz como tema relacionamentos amorosos. Para a coleta de dados, utilizarei um método qualitativo chamado grupo focal. Busco homens e mulheres, solteiros há seis meses ou mais e comprometidos há um ano ou mais, entre 20 a 25 anos, na cidade de Assis-SP e que estejam dispostos a participar do grupo focal. Os encontros durarão um mês e acontecerão semanalmente. Não há restrição quanto a orientação sexual, nem ao tipo de relacionamento amoroso (monogâmico, poligâmico, amor livre, poliamor...). **Diversidades são bem vindas.**

Interessados em participar, podem entrar em contato comigo pelo e-mail ca_alv@gmail.com, ou telefone (18) 98137-9196! :)

Apesar de alguns interessados logo desistirem, pois trabalhavam em horário comercial e a disponibilidade de horários era às noites e aos sábados, após 12h ou 17h, quando saiam dos empregos. Outro empecilho desmotivador era ter que se locomover até a UNESP após um dia longo de trabalho e aos sábados, dia comum de lazer e descanso. Outros ainda se desinteressavam por não ser oferecido nenhum tipo de remuneração pela participação. Alguns estavam dispostos a pensar e diziam que nos procurariam, mas nunca entraram em contato.

A falta de voluntários para fechar a amostra fez com que reformulássemos a faixa etária dos voluntários para conseguir fechar o grupo dentro do que esperado, portanto, fizemos novamente todo o processo de captação nas ruas, redes, polos universitários e bola de neve para encontrar mais pessoas dispostas. Obtivemos sucesso entre pessoas do meio acadêmico, porém, apenas Gabriela e Bianca, que são psicólogas formadas atenderam ao convite.

Devido a questões de prazos⁷ para a coleta de dados e da falta de resultados na busca por pessoas que não estivessem no meio universitário, demoramos dois meses para fechar a amostra conforme a proposta com homens e mulheres solteiros e comprometidos, com faixa etária adulta entre 20 e 30 anos, segundo dados do IBGE.

5.3. CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA E COLETA DE DADOS

Após os procedimentos para a composição do grupo, seu desenho final foi definido em gênero (grupo feminino e grupo masculino), com solteiros e comprometidos.

O grupo feminino é composto por 5 participantes, sendo 3 estudantes de Psicologia, uma mestranda em Psicologia e uma psicóloga. Por outro lado, o masculino, composto por 6 participantes, dois estudantes de Engenharia Biotecnológica, dois estudantes de Psicologia, um estudante de História e um doutorando em Psicologia.

A seguir, descrevemos cada grupo, sucintamente:

- Grupo feminino: Gabriela (26 anos, heterossexual e solteira há dois anos), Cecília (25 anos, bissexual e solteira há um ano e dois meses), Marina (22 anos, heterossexual e solteira há dez meses) e Lívia (21 anos, heterossexual e comprometida em um relacionamento fechado há um ano).
- Grupo masculino: Joaquim (28 anos, heterossexual e solteiro há um ano e sete meses), Antônio (23 anos, heterossexual e solteiro há três anos), João (20 anos, heterossexual e

⁷ Os prazos também se estenderam devido a gravidez da pesquisadora do programa de pós-graduação.

solteiro há seis anos), Eitor (21 anos, heterossexual e comprometido há dois anos em um relacionamento fechado), Lucas (26 anos, heterossexual e comprometido há um ano e seis meses em um relacionamento fechado) e Rafael (22 anos, heterossexual e comprometido há quatro anos em um relacionamento fechado).⁸

Uma vez em contato com todos aqueles que se interessaram em participar da pesquisa e atendiam ao perfil proposto, recolhemos os dados acerca de suas disponibilidades, como horário e dias livres, e local onde se realizariam os grupos, no Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Betti Katzensten” – CPPA.

Diante da disponibilidade de horários dos participantes da pesquisa, definimos a realização de 2 grupos focais por subgrupo. A composição de cada subgrupo também foi alterada em relação ao projeto inicial que previa a composição entre seis solteiros e seis comprometidos amorosamente. Tal mudança ocorreu devido às dificuldades para compor o quadro de participantes, pois devido ao choque de horários entre eles, foi impossível manter o grupo focal misto. Para tanto, constituímos um grupo de mulheres e outro de homens, tanto solteiras (os) como comprometidas (os). Além disso, também reduzimos o número de encontros (de quatro para dois) para que todos os voluntários pudessem participar de todos os encontros realizados.

Posteriormente, agendamos a sala de grupos do CPPA e confirmamos horário, dia e duração dos encontros com cada voluntário. A dinâmica do grupo feminino também foi alterada, pois uma das participantes – Bianca – não compareceu aos encontros e não obtivemos respostas ao contatá-la. Logo, o grupo das mulheres se deu com três solteiras e uma comprometida. O grupo feminino aconteceu nos dias 13 e 27 de junho de 2019, com duração de 77 e 72 minutos respectivamente. Já o grupo masculino ocorreu nos dias 26 de agosto e 2 de setembro de 2019, com duração de 70 e 75 minutos, respectivamente.

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – FCL, CAAE 09525319.2.0000.5401. Assim, antes do início do primeiro grupo, os participantes foram esclarecidos quanto aos procedimentos e cuidados éticos e, após o consentimento de todos os participantes, solicitamos a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

Os grupos focais foram gravados e a pesquisadora convidou uma graduanda do quinto ano do curso de Psicologia, que realizava uma pesquisa acerca dos términos de namoros na

⁸ O nome de todos os voluntários da pesquisa foi substituído por um nome fictício para preservar sua identidade.

contemporaneidade – “E quando o namoro chega ao fim?: Uma experiência do término do namoro na atualidade” – para participar como co-condutora do grupo focal.

Após a realização dos grupos focais, seguimos os próximos passos: transcrição e escuta atenta dos relatos contidos nos grupos focais para, posteriormente, discussão do conteúdo e início da análise dos dados coletados.

Para a análise dos dados parciais, apresentados no presente material, utilizamos a teoria psicanalítica e a psicanálise vincular, visando realizar a análise dos dados provenientes dos diálogos travados entre os membros, bem como as ideologias presentes, resultantes de uma construção social, uma vez que envolvem um contexto cultural, político e econômico.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir análise das transcrições dos grupos focais, organizamos o conteúdo das entrevistas em três categorias que serão esmiuçadas em ordem decrescente, tomando como parâmetro os temas que apresentaram maior frequência entre os participantes quando instigados pelas perguntas da pesquisadora. São elas: a) o conceito de amor, as expectativas e idealizações; b) os dilemas do mundo contemporâneo frente o amor e c) as decepções amorosas.

6.1. O CONCEITO DE AMOR, AS EXPECTATIVAS E IDEALIZAÇÕES

Como vimos ao longo do desenvolvimento teórico desta pesquisa, o amor sofreu inúmeras ressignificações ao longo dos séculos, transformando-se de acordo com os paradigmas de cada época. Estas transformações sofreram grande influência cultural, social, política, econômica e religiosa que influenciavam, de acordo com os parâmetros vigentes, as expectativas e a busca no amor no sujeito. Na Idade Média o amor tinha grande influência do cristianismo e era voltado à Deus, como forma de alcançar a eternidade e a felicidade através do Bem Absoluto. Ora, apesar das mudanças do cenário social, por muito tempo a religião atravessou diretamente o Estado e ditou regras nas relações amorosas, estabelecendo critérios e rituais que deveriam ser seguidos pelas famílias de valor. Apenas na transição do século XIX para XX, com o avanço do capitalismo nos centros urbanos, a sociedade, bem como as relações começaram a caminhar para liberdade das influências religiosas, da família e de outras tramas sociais exigidas.

Um longo caminho de revoluções e (des)construções foi percorrido, até os anos 50, quando frente ao surgimento da pílula, a inserção da mulher no mercado de trabalho e outras conquistas, a sexualidade feminina é colocada em questão, dando maior visibilidade para a liberdade da mulher e mudando comportamentos, mesmo que lentamente ao longo das gerações. Com a Revolução Sexual, homens e mulheres se sentiram mais livres para amar e ir em busca de suas próprias escolhas. Algumas amarras puderam ser afrouxadas, outras, desfeitas e o amor, mais uma vez, reinventa-se (LINS, 2012, 2017; DEL PRIORE, 2006).

As revoluções têm papel central nas transmutações ao longo dos séculos, uma vez que no seu esteio, ocorreram variados por avanços tecnológicos, urbanos, por direitos humanos e sociais, conquistas trabalhistas e feministas, entre tantos outros. As revoluções colaboram para a evolução da cultura, tempo e espaço, proporcionando o alargamento da autonomia e da

liberdade dos sujeitos. No caso específico das reivindicações femininas, abriu-se portas para criação de uma nova ordem nos laços amorosos, pois despertaram a busca pela igualdade e liberdade dos gêneros em múltiplas questões, inclusive sexual (GIDDENS, 1993). Esta ação proporcionou profunda transformação na intimidade e se evidencia na maneira como os relacionamentos afetivos-sexuais passaram a ser construídos (CAMPOS; MAGALHÃES, 2015).

O cinema e a literatura também tiveram grande influência na construção do amor e principalmente, em sua idealização; no trovadorismo a mulher era cultuada através da poesia delicada e erótica, sem perder sua inocência, era colocada em um pedestal e reverenciada. Os folhetins contavam histórias da mocinha ingênua e indefesa e do mocinho salvador de todo mal e agente transformador da vida da mulher, e as músicas embalavam qualquer beijo, apaixonado ou não. A família também tem papel importante nessa construção, já que através de seu papel geracional, transmite valores, crenças e culturas interfamiliares que subjetivam o sujeito e o traçam. Por consequência, essas concepções refletem sobre o que buscam em um par, o que esperam do amor e o que acreditam que defina este sentimento bem como uma relação saudável.

Nessa categoria falaremos sobre o que é o amor para os participantes da pesquisa, o que esperam de uma relação amorosa e os desdobramentos desses sentimentos em suas vidas.

À princípio, o conceito de amor e as expectativas em torno dele são unânimes entre os homens e mulheres dos grupos: amor é construção e troca.

“Ah, pra mim amor é convivência e construção, é cotidiano. Não consigo achar que algo que não esteja nesse, ah, que não seja todo dia alimentado, fortalecido...não acho que o amor consiga existir de outra maneira assim, em qualquer relação, amorosa, de amizade...pra mim é isso.” (Cecilia)

“Acho que eu consigo pensar no amor com uma construção entre dois sujeitos, então sempre tem que ter a separação entre esse eu e esse outro.” (Eitor)

“[...] acho que também tem a ver com isso da construção, né? Geralmente diferenciam paixão e amor, né, e o amor é o que acaba sobrando ou não. E....fico pensando que é o resultado mesmo, das coisas, assim....(Marina)”

No grupo masculino, obtivemos respostas que se destacaram, como o amor sendo hormonal e um sentimento amplo, que se estende a todas as formas de amar (animais, times, comidas, família e etc...), além de terem pontuado como um sentimento que se origina de uma construção social.

“A primeira coisa que eu pensei foi em hormônio, né. Termina mexendo com a gente, mas ao mesmo tempo...é porque a gente dá essa brecha, né. O amor é um negócio muito louco.” (Antônio)

“Não só entre pessoas, como existe amor entre o animal e seu dono, a pessoa e seu time, enfim...Na minha opinião existem várias formas de amor e todas são válidas e nenhuma pode ser julgada.” (Rafael)

“Eu concordo que o amor não deixa de ser uma construção social e independente de que tipo seja, amor fraterno, amor erótico, é por alguma coisa. Envolve uma troca onde pessoas cedem e pessoas impõem algumas coisas. É um vínculo onde se estabelece um nível de confiança muito bom e um nível de troca também muito bom.” (Lucas)

Quando questionados sobre o que esperam de um amor, obtivemos respostas que indicam expectativas relativas ao desejo de partilha recíproca entre o casal e a construção de um espaço comum e próprio deles. O espaço construído pelo casal é o mundo que se cria, que se descobre e possibilita uma troca psíquica entre dois ou mais sujeitos, logo, cada ego que compõe a dupla ou o grupo, tem grande importância no vínculo que, por sua vez, assume um caráter transformador quando se depara com a realidade inconsciente do mundo interno e externo do outro (ZANETTI; GOMES, 2013).

É o que Kaës (2011) chama de intermediário, pois esse espaço compartilhado e tão pontuado pelos voluntários da pesquisa é responsável por ligar essas duas intersubjetividades e da mesma forma, mediá-las e transformá-las. Eiguer (2008) vê o vínculo intersubjetivo através da reciprocidade, responsabilidade, respeito e reconhecimento: os 4R's. Fundamentais para que o vínculo aconteça e se fortaleça, esses conceitos aparecem o tempo todo no discurso dos participantes do grupo como algo que buscam e esperam em uma relação amorosa de forma compromissada.

“Eu acho que busco um pouco da reciprocidade, de ser recíproco. De você dar, mas também receber.” (Gabriela)

“Na minha cabeça, primeiramente, tem que haver trocas, não importa o que seja.” (João)

“Estabilidade.” (Antônio)

“Muita construção, mas eu não espero infinitude, não espero que ele seja pra sempre.” (Lucas)

“[...]me vem a ideia de lealdade, da pessoa estar ali e é isso, ser parceiro, independente do que acontecer, a pessoa fazer o máximo que ela pode pra estar ali e você também, né, claro que todo mundo tem seu limite, mas também respeitando o outro, se respeitando, estar ali perto.” (Cecilia)

“[...] uma mistura de companheirismo, afeto e essa, esqueci qual é a palavra, mas de estar ali, te ajudando a fazer o que você precisa independente do que venha, ne.” (Lívia)

Reciprocidade para se sentir amado pelo outro e se comprometerem consciente e inconscientemente com o projeto que arquitetam juntos no espaço intermediário que construiriam. Respeito para se sentir compreendido nas diversas fases da vida e do vínculo,

podendo se mostrar para o outro sem medo de ser rejeitado, além de olhar para o que construíram e compartilharam nesse campo afetivo e respeitar o sentimento de amor resultante. Reconhecimento para que seus atos sejam significantes para o outro e, portanto, para si. Responsabilidade para pensar no outro em toda sua singularidade e sofrimentos que podem surgir de um vínculo amoroso e, assim, espera-se um olhar atento para o que pertence a um, a outro e aos dois (EIGUER, 2008).

Todos esses “R”, quando bem compactuados em uma aliança inconsciente trazem segurança para o sujeito do vínculo que, tecidos em suas intersubjetividades, veem-se apaixonados e unidos pelo o que é comum e compartilhado e, desta forma, sentem-se seguros.

Essas respostas nos levam a pensar a respeito da construção de um ideal e de uma idealização e, então, surgem afirmações que demonstram o impacto dos primeiros relacionamentos amorosos compromissados na concepção do amor, além da disponibilidade em nutri-lo e também de lutar contra ele.

A idealização presente na concepção do sentimento amoroso e de seu significado rege a maneira com a qual os participantes buscam o outro. Notamos que no grupo feminino, a idealização aparece de forma mais explícita; enquanto no grupo masculino, a questão está mais implícita, mas é citada com certa frequência. Poderemos explorar aspectos que fomentam e nutrem esse ideal amoroso, seja no sujeito solteiro ou no sujeito compromissado amorosamente.

As falas de Livia e Cecilia acima citam o desejo de estar com alguém que esteja com você independente de qualquer coisa e nos direciona a essa idealização em relação ao outro, que parece ser responsável por toda a felicidade da relação. Essas afirmações nos levam a pensar o espaço do indivíduo na relação e as funções atribuídas a ele, como estar ali para qualquer coisa, sem levar em consideração outros fatores como o tempo do outro, as diferenças, necessidades e os direitos, inclusive, o de dizer não. Além da ideia de reciprocidade, parceria, afeto e companheirismo parecer estar ligada a algo incondicional, uma vez que existe uma idealização de uma disponibilidade total do parceiro.

O grupo feminino traz a questão da completude, do sentir-se inteira como algo que desejam em uma relação amorosa. Além de evidenciar uma idealização do sentimento, o discurso retoma ensinamentos antigos, como a completude de duas metades de Platão, e ensinamentos familiares, onde só é possível ser feliz estando completa e o responsável por isso é o outro e o amor.

“[...] é! Eu penso que eu busco também me sentir inteira ao lado daquela pessoa. Não me sentir que eu tenho que me despedaçar ou que a pessoa me despedaça, né, pra eu estar ali ou do outro também, sentir que a pessoa tá inteira, né?” (Cecilia)

“[...] Eu acho que, tipo, nessas relações que a gente tem, não só, mas umas das coisas que atrai a gente é justamente as características do outro que a gente gostaria de ter, sabe, e aí eu fico pensando que isso não é uma forma de completar a gente. Porque a gente já é completo, mas a gente queria ser mais completo assim, sabe...” (Livia)

Além de evidenciar uma idealização do sentimento, o termo nos faz pensar em dois conceitos: reexperimentação de sentimentos da primeira infância e o R do reconhecimento.

No primeiro, relembramos conceitos que partem da fusão com a mãe, na qual o bebê se sente completo e um só, pois todas suas necessidades são atendidas prontamente pelo objeto primário. Reencontrá-lo em um objeto amoroso na fase adulta, é reexperimentar as mesmas sensações primevas, já que o outro está envolto em uma idealização e glorificação, fomentada não só pela euforia da paixão, mas também pelas crenças e expectativas do amor de que ele preencherá algo que ali não mais está (LEITE, 2014; FREUD, 1925).

O bebê que está sendo amamentado, nos braços de sua mãe, recebe junto com o leite, o carinho, o olhar, as palavras que as dirigidas a ela, a proteção, o amparo e muitos outros elementos que fazem uma profunda marca de satisfação em todo seu corpo e também em seu psiquismo. Desse modo, temos os moldes de uma relação subjetiva com o outro que se tornou objeto de satisfação e, por que não, a partir de um acréscimo nas excitações, esse outro é quem será desejado pelo bebê, a fim de que venha socorrê-lo devido ao seu estado de desamparo. Podemos ver, portanto, que se cria uma relação em que a falta faz com que o outro se torne o objeto de desejo. (LEITE, 2014, p. 47).

Pensando no R do reconhecimento, podemos dizer que é importante para o ego que seus atos sejam reconhecidos pelo outro para que então, seus atos sejam significantes para ele mesmo. Dessa forma, a alteridade se faz importante na formação do vínculo, pois, ao nos relacionarmos, tendemos a buscar a fusão com o outro, a fim de evitar conflitos. Com o reconhecimento da alteridade, lança-se a contramão deste desejo inconsciente, de origem primária, possibilitando ver o outro como diferente de si mesmo (EIGUER, 2008).

Logo, “se sentir inteira” (sic!) em uma relação talvez demonstre um desejo de fusão com o outro e de reconhecimento de todo seu eu, sem restrições e conflitos inconscientes diante das experiências internas e externas do outro. No entanto, a alteridade mostra ao sujeito que é no reconhecimento da falta que nos encontramos, justamente, em equilíbrio com o outro.

No grupo masculino a responsabilidade depositada no outro também aparece em algumas falas, mas de forma menos explícita; carregam o desejo de que o outro promova mudanças no sujeito que compõe o vínculo e que se encaixe nessa dança de dois, gerando expectativas com relação à importância do outro como responsável por transformações e

mudança, tornando o amor um pouco mais frágil a frustrações que podem se originar desses sentimentos.

“No meu caso, voltando aquele negócio de completar e receber um pouco, eu acho que buscaria uma pessoa que fosse enérgica e ativa, porque eu sou muito parado, e mesmo não gostando disso, eu não consigo mudar. Então eu gostaria de alguém que me forçasse a mudar, uma pessoa mais volátil.” (João)

“Parece que a gente sempre termina se juntando com quem a gente se encaixa melhor e depois termina vindo o amor.” (Antônio)

Pensar em tais expectativas e o temor de não as realizar nos remete a outro “R” que fundamenta os vínculos, a responsabilidade. Segundo Eiguer (2008), ela nasce com os interditos instalados pelo superego e, assim, adquire-se o parâmetro de certo e errado, consequentemente, nos responsabilizamos pelo que é errado e nos sentimos felizes quando somos responsáveis por algo que é certo. Tendo em vista esta dinâmica do aparelho psíquico e as expectativas depositadas no outro, bem como a fragilidade que naturalmente se impõe frente a esta ação, podemos pensar que qualquer frustração resultante da performance vincular pode causar a sensação de não ter sido responsável pelo outro ou não ter se sentido priorizado por esse. Logo, surge a sensação de falha e culpabilização.

Em ambos os grupos, o desejo de estar em um relacionamento amoroso compromissado foi mencionado como algo que ocupava grande parte de suas ambições e era visto como necessário, especialmente na adolescência e nos primeiros relacionamentos. Na fase juvenil, pensa-se o amor como algo fusionado: a pessoa com a qual você se relaciona representa alguém que suprirá os desejos e este aspecto atribui sentido à vida do sujeito. Diante do discurso dos participantes, parece que esse ponto é algo comum com relação ao primeiro relacionamento amoroso, carregados de expectativas e idealizações no tocante ao lugar que o outro ocupa na vida do sujeito e vice-versa.

“[...]Mas já teve muita importância [os relacionamentos amorosos], acho que quando eu buscava isso, vivia em uma idealização também e acho que depois que eu passei a namorar eu percebi o quanto eu me desdobrava para permanecer nisso, e não sei, acho que eu em contato com outras mulheres percebia a centralidade que isso tinha e como é diferente para as pessoas a forma que isso é construído. A partir do momento que a gente vai tendo consciência disso, vai deixando de ser um centro.” (Marina)

“Eu quando tinha uns 16, 17 anos, eu ficava numa busca, numa busca, assim, intensa, pelo outro. [...]E hoje eu vejo o quanto que eu buscava e aceitava muitas coisas e corria atrás e recebia isso aqui, um pinguinho assim só. [...] porque as vezes eu me espanto com a maneira como eu tô lidando com as coisas hoje em dia. Acho que é a primeira vez na vida que não coloco um relacionamento em primeiro lugar. Tô me colocando em primeiro lugar, investindo nas coisas que eu gosto, correndo atrás disso.” (Cecilia)

“Acho que no meu caso já foi mais importante. No meu primeiro relacionamento. Não digo que agora não é importante, só que eu descobri que agora tem coisas dentro do relacionamento amoroso que eu posso ter com outras pessoas...[...] E hoje em dia eu sei que eu tenho uma rede, moro numa rep, então isso me ajudou muito. Eu partilho muitas coisas com as pessoas, eu sei que eu não tô sozinho e que se eu precisar de ajuda alguém vai me ajudar, eu sei que se eu precisar dela ela vai também me ajudar. Então, já foi muito mais importante porque eu achava que só ia conseguir algumas coisas com aquela pessoa. [...] Mas tinha uma centralidade, eu gostava muito de viver em grupos e achava a relação muito mais importante e hoje em dia alguma coisa se desfez. Então é muito importante sim, mas pra mim já foi mais.” (Lucas)

“Já foi muito importante. Eu tinha impressão quando eu era mais novo que se eu não tivesse o meu moço, pra quem escrever meus poemas, eu tava incompleto (risos de todos) Mas hoje eu sinto que se eu tiver com alguém, beleza, vai ser legal.” (Antônio)

Atualmente, o desejo de se relacionar amorosamente e sua importância ocupa outro espaço na vida dos sujeitos e conjecturamos que tal mudança esteja relacionada à idade dos participantes e podemos pensar nas transformações de paradigma amoroso no cenário sociocultural no qual os sujeitos são subjetivados e surge, então, um sujeito mais individualista, menos tolerante às frustrações e voltado para si; que não procura estabelecer projetos individuais e coletivos em relação ao amor (FUKS, 2010).

O avanço do tempo e espaço permitiu que os sujeitos pudessem se desvincular de uma cultura estabelecida que dita uma ordem cronológica a ser seguida na vida e nos relacionamentos, principalmente para as mulheres, que devem ser vistas como cheias de valores para serem amadas e respeitadas. Se antes crescer, estudar, namorar, casar, ter filhos e envelhecer com seu par eram imperativos desejados e estipulado, hoje inverte-se a ordem e pensar em relacionamentos não é mais uma prioridade (DEL PRIORE, 2006; LINS, 2017; ZANETTI; GOMES, 2013).

Claro que o desejo relacionado ao matrimônio e a parentalidade ainda existem, mas é importante que se evidencie que a mudança das dinâmicas das relações familiares e conjugais estão promovendo algumas rupturas a este ciclo normatizado e reinventado a maneira como ele pode se reestabelecer, antecipando outros desejos para além deste.

Os projetos profissionais estão mais presentes nos planos e preocupações dos jovens do que a vida conjugal. Tanto os homens como as mulheres consideram a conjugalidade mais como uma fase posterior à aquisição da estabilidade financeira e profissional. (FÉRES-CARNEIRO; HENRIQUES; GALLAGHER, 2013, p. 9).

Nesse ínterim, não podemos deixar de pensar na influência familiar e cultural neste processo, como já mencionado acima. Nos relatos das mulheres notamos uma maior presença desses fatores, refletidos nas expectativas do amor e no anseio de se relacionarem, segundo elas, de acordo com outras épocas.

“Eu sempre falo que eu nasci na época errada, porque eu acho que eu queria ter nascido lá nos anos 80, que a galera saía, se olhava, ficava um tempo se paquerando, se olhando, aí ia na balada, dançava, depois de um tempo saía...Eu acho que deveria ter nascido nessa época, porque eu gosto disso.” (Gabriela)

“Sabe que eu me considero até um pouco antiga e acho que deveria ter nascido nos tempos passados. Porque eu sou muito dessas que quer ser mãe e quer casar e ter uma vida a dois. Eu acho que hoje em dia a gente tá buscando se libertar desse dever. Mas não é um dever pra mim, eu realmente quero. Acho que quero mais ser mãe do que casar, e aí eu fico pensando que eu gostaria de ter um parceiro pra me ajudar com os filhos e acrescentasse na minha vida. Então eu busco muito isso.” (Lívia)

A ideia do flerte no mundo atual toma um rumo de imediatismo e de consumo, já que a aproximação e demonstração de interesse no outro é direta e sem delongas. O investimento naquela relação é pontual e atende principalmente ao desejo do momento. Ao se abrirem sobre a vontade de paquerar “à moda antiga”, Gabriela e Lívia se sentem antiquadas e julgam que se encaixam em outra época, onde o olho no olho, a conversa e a conquista eram coisas mais valorizadas do que hoje em dia. Parece existir um receio em assumir essa preferência diante de um grupo que, aparentemente, prefere o oposto. Sendo assim, fica no ar o receio de não encontrar alguém que compartilhe do mesmo gosto na hora do flerte e de estabelecer planos futuros, como se o matrimônio e a maternidade fossem incoerentes, pouco desejantes e/ou aceitos entre os sujeitos contemporâneos e precisasse ser reafirmado como uma vontade genuína e não um dever incumbido às mulheres e sustentado pelo patriarcado, como é pontuado por aqueles que não partilham dessas escolhas.

Em todas as mulheres participantes do grupo focal, exceto em Cecília, temos relatos dos casamentos de seus pais onde a mulher se doava mais para o casamento e a vida familiar em detrimento do homem. Gabriela relata a ambivalência no relacionamento dos pais, e como ela acredita que daquela forma, considerada por ela torta, eles se entendem; também pontua como as tias transmitem a necessidade em se enquadrar nos padrões estéticos para conseguir um “bom par romântico”, além de valorizarem os homens que se encaixam no perfil bem sucedido financeiramente. Já Marina vê o casamento dos pais como algo suportado por eles, e pontua comportamentos de submissão e dedicação exclusiva aos filhos, semelhante às décadas passadas.

“Mas porque minha mãe é muito um modelo e fica muito dual quando ela tenta me passar isso, porque ela já teve muitos conflitos com meu pai. [...] Só que meu pai também sempre foi uma pessoa ausente em casa e então, sempre que a gente conversa, o discurso dela é muito assim...tipo, ela casou com 30 anos e ela fala que “ai, o meu pai não me deixava estudar, fui começar a estudar com 17 anos, fui começar a trabalhar, viajava solteira, de ônibus, ia pra todos os lugares” e toda vez que ela traz isso, essa fase independente dela, ela traz com muita felicidade, sabe? E quando ela fala do casamento e da relação com meu pai, é

basicamente os filhos. Então pesa na gente e a gente carrega um peso do que é o relacionamento deles.” (Marina)

“[...] a minha família inteira por parte de mãe é divorciada, né. E aí, eu fico “gente será que eu vou pegar isso pra mim?” Porque assim, ninguém quer divorciar, né? Se você tá com uma pessoa que você gosta e constitui uma família...pelo menos com a minha mãe eu vi que foi assim, sabe... pela responsabilidade de manter a família, você não quer que o pai separe e vá embora, até porque é melhor pra cuidar dos filhos, essas coisas todas sabe.” (Lívia)

“Eu sei assim, que meus pais se gostam muito, mas é um relacionamento que eles têm que pra mim, é muito complicado. Porque eu falo que eu não sei se outra mulher ia aguentar meu pai e outro homem ia aguentar minha mãe, porque assim, qualquer coisa eles discutem. [...] Minha mãe...eu percebo que...igual, minha vó também ela sempre coloca que meu deus foi o primeiro amor da vida dela e ela sofreu com meu vô igual uma condenada. [...] E ela fala que tem que persistir...[...] Aí ela sempre fala “aí não, relacionamento é assim, a gente tem que aguentar”. [...] Minhas outras tias também, aguentam o relacionamento sabe, por várias coisas. Uma porque as mulheres da parte da minha mãe pelo menos, elas não trabalham, a maioria, e elas dependem dos meus tios que são bem financeiramente. [...] A família da minha mãe tem muito isso, muito essa cultura de que pra você se dar bem, você tem que ser bonita e casar com homem rico. [...] Até o meu ex trabalhava no banco e ele tinha um pouco de status por isso, e minha família gostava mais dele do que eu, porque ele tinha status. Então eu tinha que andar no nível dele.” (Gabriela)

É incontestável que a subjetivação acontece de formas diferentes entre homens e mulheres. O patriarcado exige dos homens posição firme frente à família: regê-la financeiramente, coordená-la, e repassar genes fortes aos seus filhos e ensiná-los a serem homens. Às mulheres cabem o papel de coadjuvantes por trás dos ditames masculinos, responsável pela educação dos filhos e submissa aos imperativos sociais (Lins, 2012). Séculos depois encontramos tal posicionamento conjugal e social, fruto de uma cultura transmitida psiquicamente entre gerações e firmada por alianças inconscientes que são pactuadas, juramentadas e acordadas perante o contrato social firmado entre família e sociedade que, consequentemente, subjetivam os sujeitos, uma vez que as alianças e transmissões psíquicas são fundamentos edificantes do vínculo e esse tem seu ponto de partida no processo de subjetivação pertencente ao vínculo construído (BERENSTEIN, 2011; KAËS, 2011).

Diante deste cenário, podemos perceber que as mulheres e os homens participantes desta pesquisa se posicionam de maneira diversa com relação ao lugar ocupado por cada um. Verificamos que embora os relatos das mulheres venham carregados do lugar tradicionalmente a elas atribuídos numa sociedade patriarcal, as falas revelam conflitos, tais como apontados anteriormente, ou seja, como conjugar imperativos sociais tão diversos?

Mesmo diante de movimentos emancipatórios com as reivindicações femininas que lutavam por igualdade e liberdade, podemos observar a existência nos discursos masculinos e

femininos, das raízes da conjuntura familiar historicamente elaborada. Como podemos observar quando que as mulheres do grupo falam sobre doação em seus relacionamentos amorosos, e, neste sentido, sentem que fizeram muito e receberam pouco, mostrando a repetição dos modelos parentais, interditos familiares e subjetivação de gênero, que sugestionam as escolhas amorosas e ensinam como amar. A fala de Gabriela é bem impactante porque exacerba tal aspecto, enquanto as demais entrevistadas pontuam sobre decepções onde se doaram demais ou que buscam alguém que favoreça viver e se sentir inteiras num vínculo amoroso permanente, independente do que ocorrer, demonstrando o sofrimento diante dos rompimentos e da efemeridade amorosa, além da idealização de um amor com características narcísicas e com dificuldade em reconhecer a alteridade.

“Acho que hoje em dia tá muito na moda essa coisa de reciprocidade, de ser recíproco, por conta que olhando para as minhas experiências, às vezes a gente dá, dá, dá, busca, busca, busca e o outro dá só um pouquinho e a gente fica naquele desespero todo achando que pode ser que a questão seja, não sei, talvez, não sei nem explicar, assim...” (Gabriela)

“[...]eu vejo também como uma forma até de, não é dependência que fala...mas por exemplo ‘eu estou perto de você porque você me faz bem, eu gosto de estar perto de você porque você me faz bem’ e daí você cria aquele sentimento de ‘nossa quero ficar perto de você, porque você me faz bem e aí você cria esse sentimento de ‘nossa quero ficar com essa pessoa porque ela me faz bem’, né? Não chega a ser uma dependência, eu não sei...vício? eu não sei...” (Lívia)

“[...] eu queria cuidar muito...cuidar, cuidar, cuidar... [...] e tipo, fazer de tudo para que o outro ficasse bem e eu fiquei meio perdida. Como eu disse pra vocês, depois o outro ia embora e eu ficava chupando o dedo.” (Gabriela)

“[...] porque eu fiquei vendo aquela relação [do casal do filme “Diário de uma Paixão”], que por mais que seja no século 40 se não me engano, era tão legal, sabe? Aquela coisa que eles inovavam. Eu sei que é filme também, mas por eu estar sentindo falta de coisas novas na minha rotina, eu fico vendo aquilo e fico achando demais, porque tipo, era um romance de verão sabe, e 7 anos depois, mesmo separados, um tava pensando no outro ainda. Porque foi intenso sabe? E eu acho que a rotina tira um pouco a intensidade, ou mascara, não sei.” (Lívia)

As interessadas revelam o modelo de amor e a posição ocupada num relacionamento amoroso, ao homem e à família, no qual a posição da mulher girava em torno do parceiro e de seu envolvimento amoroso. Esta era a fórmula para a felicidade no amor, nas décadas de 30, 40 e 50 que, de uma forma ou de outra, ainda são cultuadas no meio familiar, levando Gabriela a pensar que reciprocidade está na moda quando, muito provavelmente, um relacionamento sem esse “R” fundante do vínculo, estaria incompleto.

Nos relatos obtidos nos dois grupos focais, a idealização é um traço marcante dentre as ambições amorosas dos participantes, no entanto, apenas o grupo masculino falou sobre a alteridade ao responderem o que esperam e buscam no amor.

“[...] reciprocidade acho que é uma palavra importante, e buscar compreender que essa própria construção em que o próprio amor não compreende só o amor em si. Então vão ter momentos em que essas pessoas vão se estranhar, vão ter momentos que essas pessoas vão entrar em conflito e parte desse amor é também tentar entender esse conflito e também tentar procurar de alguma forma ou suportá-lo ou saná-lo de alguma maneira, mesmo que isso envolva mudanças. (...) Nossa, acho que o que eu espero tem bastante a ver com a gente conseguir de alguma forma conter o que a gente quer um do outro e construir um caminho mais ou menos no meio.” (Eitor)

“[...] Vamos dizer então que ela me mostra uma visão “melhor” do mundo que eu não tenho, uma visão mais inocente. E eu uma visão de mundo “pior” pra ela. Estou usando aspas. (Rafael)

É interessante pensar nos discursos de Rafael e Eitor, os quais remetem a saber lidar com as diferenças do outro como algo pertencente ao amor e algo que buscam em seus relacionamentos, pois trazem uma ótica diferente de todos os outros participantes, tanto mulheres quanto homens, que pontuam a troca, a reciprocidade, o compartilhamento, a construção como algo essencial, mas sem mencionar as mazelas que podem ocorrer para acolher as diferenças que surgem na relação com o outro. Rafael fala sobre alteridade sem perceber, ou seja, o que sua namorada vê no mundo e lhe oferece é diferente do que ele vê e a oferece, logo, aprendem um com o outro um pouco de si e lidam com essa dessemelhança da melhor maneira que podem, compondo em conjunto.

Desta maneira, podemos perceber a presença de traços do modelo do amor romântico e de uma família patriarcal no conceito de amor e suas expectativas no discurso das mulheres. Em contrapartida, a busca por uma vida amorosa baseada na reciprocidade e no respeito é algo que permeia o imaginário de homens e mulheres. Porém, as mulheres têm este conflito no tocante à articulação e negociação de dois modelos, o patriarcal e o contemporâneo, fruto de todo um movimento de busca de liberdade e autonomia no amor.

6.2. OS DILEMAS DO MUNDO CONTEMPORÂNEO FRENTE AO AMOR

As novas configurações vinculares desprendem-se de um contexto socioeconômico e cultural no qual tudo passa quase que instantaneamente; da mesma forma nos identificamos e nos desidentificamos com muita facilidade e, em vista disso, cultivamos o efêmero (ZANETTI; SEI; COLAVIN, 2013). Para Giddens (1993), esse comportamento abre espaço para a busca pela individualidade, transformando a intimidade e levando os sujeitos a

desenvolverem seus potenciais, aumentarem suas possibilidades e se descobrirem em si mesmos. A liberdade sexual conquistada ao fim do século XX viabilizou a experimentação do amor sem a obrigação de estabelecer um compromisso, portanto, marcou o declínio de instituições bem consolidadas, como o casamento.

Tal perspectiva disparou os sujeitos em direção à satisfação a todo custo, onde o amor ativo, desamarrado dos antigos padrões baseados no patriarcado e no amor romântico, permite que o sujeito desenvolva sua intimidade com o outro conforme seu desejo e interesse. Por isso, este tipo de amor, presente nos relacionamentos puros, entra em choque com o “para sempre”, pois se afasta da consolidação do ideal e da busca pela outra metade (GIDDENS, 1993).

A nova configuração vincular amorosa torna-se interessante por se desprender de um padrão cultural conjugal apreendido, no entanto, traz a fragilidade para as relações uma vez que “a insegurança e a incerteza se apresentam como aspectos constitutivos do mundo contemporâneo.” (FERÉS-CARNEIRO; HENRIQUES; GALLAGHER, 2013). Nesse prisma pós-moderno, evita-se frustrações e fontes de sofrimento e, para tanto, os sujeitos seguem um ideal formado pelo capitalismo onde buscam segurança no imperativo do sucesso, no qual o fracasso não tem espaço e para alcançar seus objetivos é preciso foco e produção, não havendo tempo para as demandas do amor.

[...] o casamento não está entre os principais projetos de vida dos adultos jovens solteiros, sendo prioritário o sucesso profissional e a realização pessoal. Atualmente, o casamento é concebido mais como algo que possa vir a acontecer do que como uma finalidade a ser alcançada e pela qual os jovens estejam dispostos a lutar. (FERÉS-CARNEIRO; HENRIQUES; GALLAGHER, 2013, p. 6).

No discurso masculino, esta questão ficou evidente e aparece principalmente nos discursos dos participantes solteiros quando respondem o que esperam de um compromisso amoroso. Os relatos apontam que, no momento, o amor não é uma prioridade em suas vidas, além disto, o compromisso amoroso exige o trabalho vincular intersubjetivo de tecer o comum e compartilhado assim como as alteridades ao espaço psíquico subjetivo. Assim, diante deste cenário, a opção recai em não se relacionar compromissadamente, porque assim, seria possível atender à prioridade do momento de vida sem o desgaste e investimento imposto pelo vínculo amoroso.

“[...] na minha condição atual eu não consigo pensar no que esperar, porque sei lá, eu namorei pra caramba, né. Hoje em dia sempre tô ficando com alguém e demora um tempo pra não ficar mais com essa pessoa, mas chega a ser curioso porque eu não tô esperando muita coisa, eu não coloco expectativas, porque eu sei que tô numa fase da vida que logo eu tenho que ir embora pra outro lugar, então eu fico um pouquinho nebuloso sobre o que eu tô esperando e o que eu não tô esperando. Às vezes até um pouco ambíguo assim, às vezes eu

conheço alguém, “nossa que legal, a pessoa tem tudo a ver comigo”, e eu sei que essa fase vai acabar sabe, e logo, logo eu vou enxergar de outra forma, e qual vai ser o resultado disso, sabe. Então, na atual fase da minha vida, eu não consigo responder essa questão assim de modo não pragmático, de modo a pensar de alguém. Por mais que eu esteja me relacionando com outra pessoa eu fico nessa, sabe, não vou esperar nada porque eu tenho outras prioridades na vida, né.” (Joaquim)

“A expectativa é sobre tudo que eu não tenho. Depois do meu último término eu desencanei. Porque assim, eu sei, eu tinha mais ou menos uns 16, namorei até uns 18, depois dos 18 até um 20/21 e desde então fiquei solteiro e eu tô gostando muito disso, sabe? Porque parece que quando a gente entra num relacionamento meio que sem querer a gente termina perdendo um pouco da nossa personalidade e agregando a do outro também, né. Eu acho que eu tô num momento que é meu, então eu não penso futuramente que eu possa ou não ter um amor. Já é algo que tá no horizonte, quase na curvatura já.” (Antônio)

Essas afirmações podem ser levantadas como uma prioridade da vida de solteiro e, também, da ameaça de se perder na relação e porque não, se perder do outro. O que está por trás desse receio é a renúncia que a vida a dois exige quando se prioriza conquistas financeiras e profissionais. Ao assumir um compromisso amoroso, não estamos apenas sujeitos à frustração, mas também ao sofrimento que se instala devido à renúncia exigida pela dimensão intersubjetiva de um vínculo amoroso. Segundo Kaës (2011), somos sujeitos da intersubjetividade e, portanto, nossa história é composta de pactos e renúncias que foram pré-estabelecidas desde a primeira infância e envolveram o sujeito em um misto de dor e amor. Neste sentido, estes discursos revelam o conflito entre a prioridade existente e nela, o amor é deixado para outro momento.

Desta maneira, podemos notar que a prioridade deixou de ser o amor e o relacionamento compromissado, abrindo o caminho para o cumprimento dos ideais sociais e econômicos do capital, tão característico deste momento histórico.

Sennet (2006) ressalta o efeito desamparador do novo capitalismo, afirmando que as pessoas estão sujeitas ao sentimento do fracasso, pois cobra-se que o sujeito seja constantemente flexível às rápidas mudanças. Nesse contexto, os estilos de vida, as crenças e as convicções, mudam antes que tenham tempo para se solidificar. Também as relações humanas são afetadas por esse fenômeno, tornando-se frágeis. O compromisso com outras pessoas, em particular o compromisso incondicional, parece cada vez mais uma armadilha que se deve evitar a todo custo. Trata-se da compreensão de um livre compromisso com outrem, mas corroído pela insegurança. (FERÉS-CARNEIRO; HENRIQUES; GALLAGHER, 2013, p. 8)

Para Kaës (2015), as garantias que os metaquadros oferecem ao nosso psiquismo não conseguem acompanhar tamanha volatilidade diante das mutações sociais, abalando a noção de continuidade e gerando um mal-estar que colabora para a fragilização dos laços socioafetivos bem como o declínio das instituições sociais. Para Leite (2014), com as relações permeadas pelo capitalismo, procura-se um vínculo passível de uso: rápido e efêmero tal qual

as mercadorias lançadas para consumo imediato, derrubando o que antes havia de seguro para os sujeitos, isto é, as relações amorosas.

Tal arranjo apresenta o conflito de interesses entre os sujeitos que se deparam com dilemas a serem enfrentados emocionalmente e que afetam a maneira com a qual se relacionam amorosamente. Uma vez que o enlace conjugal não é mais um objetivo nem sinônimo de felicidade, podemos ver o imperativo do sucesso como o ideal de felicidade, ou seja, a realização profissional e econômica. Enquanto este ideal não for atingido, resta ao amor, o papel de empecilho para a consecução de tal finalidade, sendo, portanto, postergado para um momento futuro.

Entre o grupo feminino também há uma dimensão conflitante semelhante ao pontuado no discurso masculino. As mulheres sentem que trilharam um caminho de autoconhecimento após tantas decepções amorosas; relatam que, ao analisar situações de relacionamentos anteriores, puderam descobrir mais sobre si mesmas e passaram a aceitar apenas o que merecem, logo, a dinâmica pessoal que estabeleceram é tão preciosa que acaba por ser difícil se abrir para alguém sem a certeza de que aquela pessoa a merecerá.

A dualidade que se instala no discurso feminino é da ordem narcísica: o temor de repetir um vínculo baseado numa escolha narcísica ou abrir mão das escolhas feitas para investir no amor. Freud (1914) difere os dois tipos de amor, o anaclítico, onde vejo no outro a imagem do pai que protege ou da mãe que alimenta e, imediatamente como diferente de mim; e o amor narcísico, ou seja, amar o outro como semelhante a si mesmo e, nesse caso, implica em um grande investimento e esforço para a diferenciação entre os dois objetos envolvidos.

Costa (2004) pontua que o narcisismo funciona como uma “cola” que faz com que o indivíduo se perceba único diante de sua história e desenvolva um perfil; ele também é responsável pela criação da afeição por si mesmo e ao longo da vida, o sujeito tem a incumbência de expandir suas potencialidades e características para que se torne diferente do outro. O que o faz feliz com o outro é a nostalgia de que o sujeito seja alguém que satisfaça seu desejo e tudo que o caracteriza é deixado de lado a fim de viver aquilo que os une.

Dessa maneira, o que caracteriza os sujeitos dos grupos focais desta pesquisa frente ao dilema apresentado é a impossibilidade em investir libidinalmente em projetos de vida que exigem muito investimento, carreira *versus* amor ou abrir mão das escolhas feitas *versus* amor. No momento, o que os solteiros conseguem fazer de acordo com suas ferramentas psíquicas e singulares, é postergar a vida amorosa compromissada, inclusive porque exige renúncia e investimento e os discursos revelam que não existe disposição libidinal para tal, ao menos, no momento.

“Acho que tiveram momentos em outros relacionamentos que eu nem sabia como era viver com a pessoa, me identificar fora do outro, e isso é doentio pra mim, eu comecei a perceber e pedi ajuda. Entrar no narcisismo do outro...é horrível! Mas acho que hoje já não seria mais dessa forma, porque passei a focar mais em mim. Quem sou eu? Hoje eu sei quem sou eu, o que gosto, o que não gosto, que tenho essa qualidade, esse defeito, meus limites, então já não vou mais mergulhar no outro como mergulhei muitas vezes, que foram experiências ruins e tal.” (Cecilia)

“E hoje eu moro em Assis sozinho e às vezes eu fico pensando “e se eu tivesse uma namorada aqui? O que ia mudar?” e eu percebo que gosto do jeito que tá agora. Eu acho que tô num momento de saber muito mais quem eu sou do que mudar algumas coisas pra me adequar.” (Antônio)

“Ah, são momentos também, eu acho, né. Acho que...eu tô cansada um pouco. Acho que eu tô num momento que se pudesse definir seria ‘sem tempo irmão’ (Risos das demais), não tá rolando disposição emocional pra enfrentar algo do tipo por qualquer coisa que seja. Sinto que não tô buscando no momento, de verdade. E é muito difícil também porque a gente fala que não busca, mas as vezes alguma coisa desperta ali, mas aí é isso também “estou disposta a correr atrás disso?” e no momento acho que não, não tô dando muito bola pra esse desejo.” (Marina)

No entanto, podemos pensar no resultado deste movimento, uma vez que, a renúncia ao estabelecimento dos vínculos afetivos pode exacerbar o desamparo, sobretudo diante das falhas dos metaquadros. Com isso, frente ao sofrimento gerado pelo desamparo do enfraquecimento vincular, o consumo e a mercadoria reluzem como a saída possível e, muitas vezes, desejável.

O sujeito contemporâneo tem sido tomado pelo que Robert (2015) denomina mutação antropológica, uma vez as identidades do corpo, do tempo e da comunicação do sujeito são afetadas concomitantemente às instituições sociais e seus indivíduos. Isso acontece, pois o cenário efêmero abala a noção de continuidade, colaborando para que as mudanças sociais aconteçam num ritmo mais veloz do que em outras épocas e, nesse sentido, os metaquadros não conseguem mais garantir a continência necessária diante de tantas transformações. Instala-se então, um mal-estar coletivo, visto que os sujeitos se expandem de forma mais dolorosa, em razão da solidão que esse comportamento fugaz e empresarial resulta.

O que podemos perceber então com a distribuição dos vínculos afetivos entre humanos, liga-se diretamente com a possibilidade necessária do outro, mas na ausência de um semelhante, agarra-se ferrenhamente à mercadoria numa tentativa desesperada de pertencer à sociedade que lhe ordena a satisfação imediata. (LEITE, 2014, p. 78)

Durante o andamento dos grupos focais masculinos todos os participantes foram impactados pela fala de Joaquim, que reafirmou ao longo do primeiro encontro seu objetivo de priorizar seus “protocolos” que intencionavam a realização de planos profissionais em um futuro próximo, não havendo espaço para se dedicar a uma relação amorosa compromissada.

Sua fala, embora determinada, não vem sem sofrimento; o sujeito subjetivado no contemporâneo faz um esforço enorme para manter as prioridades em um lugar central na vida, onde o amor seria um empecilho ao longo deste trajeto e acaba por sofrer, mesmo que a dor seja escondida pela determinação em seguir com o imperativo do sucesso.

“[...] eu não consigo namorar ninguém porque eu tenho umas coisas pra fazer aqui, tenho um projeto que vai ser enviado agora pra alguém, então não consigo firmar nada pra alguém” [...] Eu não consigo pensar, por exemplo, “nossa vou começar alguma coisa com alguém”, não pera! Vai ser inviável construir coisas com essa pessoa porque eu tenho que trabalhar nos projetos profissionais primeiro, então eu não quero namorar essa pessoa.” No máximo vai ter hora que quando eu começar a sentir uma atração muito forte por ela ou o sentimento começar a entrar em conflito com essas coisas mais profissionais, tô já terminando. [...] Eu tô numa fase que eu não consigo mais modificar meus planos, agora meus planos são esses e, enquanto não terminar isso daqui, eu não vou conseguir ter um relacionamento, que é justamente essa ideia de construção. (Joaquim)

Porém, no segundo encontro realizado, Joaquim revela ao grupo que está namorando e que não sabe ao certo como contribuir com a pesquisa. Demonstra certa inquietude diante desta mudança, e afirma a trilha sonora romântica que não para de tocar em sua cabeça. Digo que sua participação ainda é interessante para o grupo e logo ele segue, afirmando implicitamente sua disposição para amar, a mesma que fora negada e para a qual ele não se permitia priorizar na fala anteriormente apresentada. Diante de tal mudança, demonstra o quanto está confuso, tentando rever seus protocolos e negociando as diferenças que advirão deste compromisso amoroso “fora da hora”.

“[...] Então, por mais que esteja sentindo confuso na minha cabeça, eu tô saindo da situação do solteiro pragmático e tô começando a entrar na situação, ainda não entrei de fato, do compromissado totalmente apaixonado. [...] Mas acho que essa questão do compromisso, uma das primeiras coisas que me veem na cabeça é isso, de estabelecer um diálogo com limites e um relacionamento com limites. Porque as vezes eu não sei como vai ser o comportamento logo menos, porque até agora chegou 19h e eu falo vou ali deitar e ler alguma coisa eu nem falo boa noite mais, porque eu vou dormir provavelmente, eu durmo cedo tá gente? Acordo 6h da manhã. Aí de modo pragmático eu fico pensando o que é limite. Será que a pessoa vai achar mais estranho que agora que eu tô numa relação eu tenho que falar boa noite 00h sabe, ou será que 18h eu vou tomar um banho, acabar adormecendo e vai tá tudo bem no dia seguinte? Então são coisas que assim que eu me encontrar com ela hoje à noite eu vou querer conversar e estabelecer. E tinha algumas coisas que eu tinha pensado nos meus limites e achava que não dava e eu ia terminar com ela, mas aí fui pedido em namoro.” (Joaquim)

A experiência relatada por Joaquim aponta para um dilema muito comum na vida do jovem adulto do século XXI, o receio do que se perde quando se escolhe e, em contrapartida, não querer perder nada. Esse tipo de sentimento dá força a outros, como a descartabilidade tão

presente na nova configuração amorosa e, também, o medo da renúncia que um relacionamento exige, pois, toda escolha implica uma perda.

“[...] você sabe que quando eu tava mais aberta e era exigente, uma das coisas que acontecia comigo é que eu enjoava da pessoa e não queria mais contato com ela. E cara, não é justo com a pessoa, porque imagina, ela tá lá toda envolvida e do nada eu digo tchau, não é justo, mas o que eu podia dizer se eu enjoava? Então eu achava também que eu não poderia ter uma relação mais duradouro por isso, porque era com toda pessoa, e eu achava até estranho.” (Lívia)

“Eu sinto que de alguma forma eu tô segurando o baralho assim e algumas cartas eu tô descartando e outras deixando na minha mão, mas ao mesmo tempo eu tô olhando para as que eu descartei.” (Eitor)

Há um conflito entre o preço a se pagar pelo amor e o risco em abrir mão dos planos, além do temor em ficar sozinho. Nos dois grupos percebemos essa dualidade: o receio do desejo de amar e, ao se amar, perder todas as conquistas e garantias construídas. Enquanto os discursos das mulheres revelam o medo de perder todo o autoconhecimento conquistado, nos homens, existe o medo da renúncia exigida ao formar uma aliança inconsciente com o sujeito do vínculo. De qualquer maneira, podemos apontar que os discursos revelam que este conflito custa um preço alto, evidenciando que realmente tal dicotomia entre a prioridade profissional e o amor compromissado e suas exigências revela sua importância para as subjetividades na contemporaneidade, quando se discute as novas configurações amorosas.

“[...] colocada nesse lugar de que você tem que ficar quieta, que os caras não tão nem aí mesmo...e isso é uma desgraça, porque não é pra ser assim, isso é errado. E muitas vezes é melhor ficar sozinha, sem ninguém, do que se submeter a um negócio desse, de joguinho mesmo, uma coisa meio quinta série, não sei. Cansa. Nem todo mundo é assim, claro, mas isso é muito frequente.” (Cecília)

“Mas é uma dinâmica desejante meia estranha porque de alguma certa forma não parece errado eu pensar que talvez eu possa ir pra um apartamento junto e até dividir as contas, porque de uma certa forma parece que algumas possibilidades de projeto ficam mais fáceis, ou elas aumentam, quando você tá com alguém. Assim como alguns projetos também ficam quando você tá sozinho e parece que é uma dinâmica desejante meio conflituosa, porque não é como se fosse completamente ruim viver com a pessoa, mas também parece que pagar esse preço agora antes de acontecer, parece ruim.” (Eitor)

“É isso, a impressão de que parece um preço muito alto a pagar. Você terminar se doando e largando os seus projetos, ou parte deles, sabe?” (Antônio)

Assim, para o grupo masculino, não parece possível que os dois projetos de vida caminhem juntos e na mesma intensidade. O relacionamento amoroso é sinônimo de renúncia, resultando em sofrimento porque é visto como perda, como um sacrifício. Segundo os participantes, amar é uma construção, nutrir uma relação com alguém sem o objetivo de construir algo, torna-se uma “guerra de valores”, isto é, coloca em pauta o desejo conflituoso que falamos acima.

“Eu tô com uma oportunidade de intercambio pros próximos anos, de 6 meses há um ano, tô começando esse semestre construir o projetinho e tal. Daí é isso, quando tô com uma moça penso “ah, mas podia ser só seis meses e não um ano”, daí eu fico “pera, eu já tô replanejando uma coisa...coloca o pé no chão primeiro, você tá começando a construir coisas mais no chão...” é uma guerra de valores, né.” (Joaquim)

Como os discursos masculinos revelam a necessidade de renúncia na vida amorosa, se deparam com a necessidade da responsabilidade, ou seja, a individualidade do outro precisa ser respeitada e vice-versa. Portanto, o individualismo fortalecido nesta geração precisa, em parte, ser posto de lado, para que possa se olhar para além de si e, assim, reconhecer o outro. No entanto, neste momento em que estamos inseridos, esse esforço parece mais um preço alto demais a se pagar.

“Você gera outras responsabilidades, mais ou menos coisa de dois anos pra cá, às vezes eu pensava em fazer alguma coisa e logo pensava “não, mas eu tô com essa pessoa, eu não posso fazer isso”, não que eu esteja me podando ou podando meus sonhos mas é que é uma responsabilidade a mais né.” (Rafael)

“Termina sendo automático isso né. Você deu o exemplo, às vezes você dava seus roles e a partir do primeiro dia de namoro você começa a repensar muita coisa disso. Você já fica, pera... (Antônio)

Traçar um plano e segui-lo tem uma importância muito grande para os homens solteiros participantes do grupo focal e, apesar da posição firme que possuem sobre a situação, parecem se sentir cansados por sustentá-la a todo custo. Frente essa percepção, os indaguei a respeito deste cansaço e percebemos a dimensão do trabalho psíquico efetuado para evitarem se relacionar e, assim, não colocando em risco seus projetos e ideais de vida, buscando a segurança de não se frustrar. Porém, tal situação é descrita como “cansaço”, “dilema” e “cansaço emocional”, revelando que tal escolha ocorre com conflito e sofrimento.

“[...] começou um conflito de “Ah, eu quero namorar essa menina e se rolar posso levar ela porque o programa de doutorado lá é grande, a bolsa dá pra duas pessoas” passa um minuto eu fico, “meu, que que eu tô falando” (Todos riram) e eram coisas de minuto mesmo, tava tão conflituoso na minha cabeça, que tava criando uma coisa, um cansaço físico. [...]Três semanas atrás tava com uma menina e conheci essa. Agora tô ficando com a menina que eu sempre quis conhecer, ela é psicóloga também, tudo é parecido comigo, o nome é parecido, o jeito de reclamar é parecido, o jeito de falar é parecido, e eu falei, cara tô numa relação narcísica! Mas também muitas coisas são diferentes e isso me deixa mais aliviado. Mas ao mesmo tempo na minha cabeça eu fico “nossa, agora eu tô apaixonado mesmo, de fato, tô quebrando várias coisas. Mas não, meu plano é esse. Tenho que ficar aqui, terminar o protocolo, o doutorado e depois arranjar alguém.” Então é muito cansativo pensar nisso. A outra pessoa me causava um desgaste maior, essa outra, não. Eu tô mais confortável sobre essas coisas. Tô deixando num deixa estar pra não seguir isso e cansar.” (Joaquim)

“Eu acho que esse é o maior cansaço pra quem tá solteiro. Você tá ficando com uma pessoa, aí você começa a gostar dela. No meu caso eu tava ficando com uma menina e a gente se encaixava muito. Só que aí eu pensei “mano, tô em Assis, ela é de outra cidade, eu

quero voltar pra minha cidade depois que terminar a faculdade ou então ir pra fora do país. E aí, se essa relação acontecer, será que meus planos vão continuar os mesmo? O que eu faço?” Terminei optando por seguir meu plano, mas era um negócio que termina cansando a gente ficar nesse dilema. E muito mais por pensar demais você termina deixando essa oportunidade escapar. Esse é maior dilema pra gente. Minha vó falava: não apressa o rio porque ele pode ir sozinho.” (Antônio)

“No meu caso também dá um cansaço, mas emocional. Eu me sinto muito instável. Eu fico “pô, essa menina é perfeita, encaixa certinho a situação dos dois. Se acontecer isso daqui a gente pode mudar pra tal cidade e tatata, daí na hora que eu coloco os contrapontos eu fico em choque, porque se não der certo, e mesmo não tendo um relacionamento sério com a pessoa eu já tô em crise de não dar certo. Então me dá um cansaço emocional muito lascado, então eu prefiro não pensar muito, só ter um plano leve que pode ser mudado.” (João)

Assim, tal dilema contemporâneo revela a tentativa em evitar o sofrimento, um dos grandes ideais do homem pós-moderno em uma sociedade que fabrica a ilusão de que se pode ser o que desejar, desde que isso dependa do esforço individual de cada um (NEVES; DIAS; PARAVIDINI, 2013). Os entrevistados, porém, revelam que o sofrimento existe e, embora busquem evitá-lo, não obtêm o sucesso tão almejado.

“E eu acho que a gente sempre termina atropelando esse rio.” (Antônio)

“E se afogando.” (Joaquim)

É interessante apontar a diferença do posicionamento dos compromissados perante as afirmações dos solteiros, porque relatam que é possível estabelecer a manutenção de uma relação amorosa de forma mais leve e desinibida, em contraposição aos discursos dos solteiros.

“Eu achei muito engraçado porque parece que a galera que tá solteira tem muito mais um desgaste, porque eu tenho zero desgastes com relacionamentos. Se o relacionamento tá desgastando eu já vejo que aquilo não é pra mim. Eu gosto muito de viver em grupo, então é meu pensar em outras pessoas junto comigo e tentar formar pequenos planos assim. Então eu não ligo, não ligo mesmo. Pensar em só uma pessoa, pra mim é muito fácil. E se tá me desgastando, já não é o relacionamento que eu quero. Não é uma meta. Meus relacionamentos não muito leves tanto pra mim quanto pra pessoa que tá comigo. Não há um desgaste. A gente pensa no outro e pensa junto, mas isso de nenhuma forma me desgasta.” (Lucas)

“Pra mim não é cansativo, tem muitas outras coisas na vida que é mais cansativo. Acho que isso é um pouco mais trabalhoso, mas eu não chego a ter uma fadiga mental por conta disso, sabe? É que sei lá, resolver problemas pra mim é diário. E outra coisa que eu faço é não ter planos. Quanto mais planos você tem, mais cansado você fica. Cara, sei lá, de cinco anos pra cá eu vi na minha vida que fazer planos não dá nada, esquece. Se for pra ser, você vai seguir esse caminho e as coisas vão acontecer na sua vida. Não fica nessa, “ah eu vou ter um filhos aos 22 anos de idade” porque presta atenção, significa que você tem 9 meses pra nascer um filho e 3 pra engravidar, tá entendendo? Vou ter uma casa aos 30! Quando que você vai ter que fazer esse financiamento? Tá entendendo? Vou me formar? Vou!

Vou procurar um emprego? Vou! Mas onde der, deu! Eu sou um cara que não faz planos, então acho que por isso não tenho essa fadiga aí.” (Rafael)

Quando perguntado aos grupos sobre o que pensam sobre o compromisso amoroso, foi unânime a resposta entre homens e mulheres: compromisso é acordo. Estar de acordo com as diretrizes da relação e respeitá-las. Um acordo que varia desde manter um relacionamento monogâmico até não assistir uma série que compartilham juntos sozinhos, como mencionado na entrevista. Além disso, é sobre respeitar o tempo e o espaço do outro, para que o lugar entre do vínculo seja fortalecido de forma saudável. O acordo pode abranger muitas facetas, mas certamente parte das alianças inconscientes que se estabelecem no vínculo com o outro e passam por outros pontos que a compõe junto do acordo, como o pacto, contrato e juramento (KAËS, 2011).

A alteridade também faz parte da aliança, já que é preciso acolhê-la no vínculo. Contudo, acolher é tão doloroso quanto evitar; logo, neste mecanismo relatado pelos homens, pensar na alteridade também faz parte do cansaço mental que eles sentem, pois lidar com ela é renunciar algo de si e, sem demora, quebram a aliança com muita facilidade. “Uma vez que o indivíduo encontra outro alguém que imaginariamente irá dar a ele uma satisfação pretendida, ele simplesmente faz uma troca de objeto, como faria com qualquer outra mercadoria.” (LEITE, 2014, p. 77).

“E eu fico pensando até na questão do compromisso, porque compromisso são tantas coisas, né? Tanto assim, a gente vai se ver tal dia e fazer tal coisa junto ou a gente não vai fazer isso, até o você não vai ficar com ninguém e nem eu, tudo é acordo, eu vejo. Pra mim a maior dificuldade em lidar com isso é que as duas pessoas cumpram o que é combinado. Seja o combinado de não quero que você fale assim comigo, que sei lá, faça tal coisa, até, sei lá, vamos tentar fazer isso juntos, vamos conversar, falar sobre nossos sentimentos. Eu acho isso difícil porque a pessoa tem que estar disposta a fazer isso, cada um com sua dificuldade e não é simples, né.” (Cecilia)

“Pra mim o compromisso existe na forma que o casal exige regras ou não, e a partir disso decidem tentar de outra forma, sim ou não. Então compromisso é isso, ter compromisso com o que o grupo, você e a pessoas estabeleceram.” (Lucas)

“Eu acho que o compromisso envolve muito mais uma relação dos dois e algo que tende a ser mais duradouro. Porque se é algo que os dois aceitam e mantem, fica mais fácil.” (João)

Dentre os conflitos existentes na nova configuração vincular, a prática do desapego é uma tendência a ser seguida, porém, gera sofrimento, porque muitas vezes o não se vincular muitas vezes ocorre para atender ao imperativo social do que ao desejo propriamente dito. Assim, verificamos que, muitas vezes, o descompromisso pode gerar sofrimento, porque embora seja valorizado socialmente, nem sempre é o desejo do sujeito, sendo denominado de “rótulo” por Marina. Ou seja, percebe-se que existe certo esforço e sofrimento em demonstrar

o descompromisso como maneira de atender às demandas sociais de descartabilidade e liberdade.

“Tenho uma amiga na faculdade, ela entrou esse ano, e aí acho que desde que ela entrou ela tá ficando com um menino, e daí eles vão pra festa e todo mundo fica com todo mundo. Só que ela gosta dele, e parece que ele mesmo assim, nunca fecha no rolê, fica com todo mundo. E a gente sabe que ela gosta dele, daí ela fica “ah será que eu sento pra conversar?” e isso desencadeia um sofrimento, né. Você ver a pessoa que você gosta ficando com um monte de gente, ali na sua frente, sabe, sendo que domingo eles almoçam junto, chega na faculdade, despedem com um beijo na testa...sabe?” (Lívia)

“A galera usa isso de não rotular pra ser cuzão né, na real. Então é isso, “a gente não tem nada, pra que por rótulos” e assim não precisa cobrar nada de mim, eu posso fazer o que eu quero sem me responsabilizar.” (Marina)

Neste mesmo sentido, apontamos outro dilema demonstrado por Lívia e por João. No primeiro caso, refere-se ao desejo em casar e ter filhos, o qual contraria o imperativo social de liberdade e do estabelecimento de vínculos amorosos efêmeros. Em contrapartida, João revela a pressão social quando se está sozinho e não namorando. Tais discursos revelam o sofrimento causado diante de ditames sociais muitas vezes contraditórios e que mantêm as amarras no sujeito a despeito da tal liberdade tão propagada.

“Não. Que eu quero casar e ter filhos, não. Eu sinto vergonha de falar, é que o A é meu primeiro namorado, e daí é esquisito você chegar e falar que você e seu primeiro namorado estão planejando casar. O pessoal fica, vai viver outras experiências e eu até concordo. Por exemplo, o A sabe que eu quero ter filho, então as vezes eu vivo muito no futuro, começo, por exemplo, a planejar o nome dos meus filhos com ele. Mas não é o tipo vamos casar e esses vão ser os nomes porque a gente já planejou, sabe? Não é uma coisa tipo “a gente vai casar daqui dois anos”, é algo que se acontecer, aconteceu, se não, paciência. Isso eu tenho vergonha de falar, eu não falo. Mas que eu quero ser mãe e busco o ideal de família, eu não tenho não. Acho tranquilo. Só pra um pessoal que...é que assim, tem um pessoal que a gente fala isso e eles entendem como se a gente nunca tivesse refletido sobre isso e falam que a gente precisa se libertar, mas quem falou que eu tô presa? Eu já pensei sobre isso, e eu quero. É algo meu, não cultural.” (Lívia)

“No meu caso eu vejo bem parecido. Como eu nunca quis me envolver muito, teve uma época que eu via como uma pressão grupal, se você não namorava com alguém você era tratado diferente, como se você fosse um criança” (João)

Duas questões surgiram apenas no grupo feminino, a influência familiar, que vimos acima, e a questão de gênero. Os homens sofrem com o dilema da escolha; as mulheres com o medo de perderem toda a liberdade conquistada relativa a padrões estabelecidos anteriormente. Tal contraponto revela que o sofrimento é diferente no grupo masculino e feminino e para isto, pesam a transmissão e a perpetuação da condição da mulher apesar de todos os avanços obtidos no último século. Pelo que os discursos dos participantes revelam, tal conflito ainda está longe de ser resolvido.

Segundo Kaës (2014), existe uma solidariedade entre elementos constituintes de um sistema e que são garantidos pelo sistema metapsíquico, o que compõe esse sistema são as alianças sociais, políticas e religiosas e, as garantias de tal são realizadas pelo que o autor francês chama de avalistas, “cuja função é assegurar um sólido fundamento para seu objeto, para seus objetivos e para seus termos, mas também as sanções que acompanham a falta de respeito de sua manutenção, a ruptura ou a traição da aliança” (KAËS, 2014, p. 37). Logo, as garantias são um compromisso, pois ancoram um voto de confiança e credibilidade, e todo contrato coloca uma tensão nessas garantias, principalmente, os da confiança que os sustenta. Para Torraine (1965), as garantias metassociais - interditos sociais e culturais presentes no inconsciente do sujeito - dão conta dos enquadres que legitimam o pacto, o juramento e o contrato, bem como as alianças que mantêm validadas as relações sociais e suas organizações. Assim, nas garantias metapsíquicas, estariam os enquadres nos quais se apoia a vida psíquica do sujeito e, no primeiro plano desse enquadre, estariam as alianças inconscientes (KAËS, 2014).

Em síntese, as alianças são responsáveis pelo estabelecimento dos parâmetros socioculturais que atravessam o discurso dos participantes desta pesquisa, enquanto as transmissões psíquicas por sua vez, colaboram para que se perpetuem transgeracionalmente, já que, apesar da transformação dos conteúdos, tais fundamentos sociais permanecem enraizados nos sujeitos participantes desta pesquisa, atravessando seus discursos e ressoando em suas subjetivações.

A psique de cada sujeito é enquadrada pelos avalistas metapsíquicos, onde “a regra fundamental, o enquadre e o contrato psicanalítico cumprem essa função metapsíquicas” (KAËS, 2014, p. 181), ordenando os processos de simbolização e de subjetivação.

Eles preexistem a cada um de nós e são pactuados com nossos contemporâneos. O espaço psíquico comum e compartilhado pelos membros de uma família, de um casal, de um grupo ou de uma instituição é constituído por formações metapsíquicas desse tipo. (KAËS, 2014, p. 182).

As mulheres demonstram a permanência do discurso conservador não apenas no contexto familiar, mas nas mídias sociais, ou seja, a manutenção da identidade feminina atrelada ao homem continua presente nos meios de comunicações mais avançados, o das redes sociais, apontando a grande contradição vivida pelas mulheres nos dias atuais.

“Até tem vários, acho que, esses coachings de relacionamento, e tenho uma amiga que segue vários e sempre me manda “olha Gabriela, segue esse cara aqui que ele vai te ajudar” e tem essa questão de como você tem que fazer, como você tem que se portar, o que fazer quando acontece esse tipo de coisa... [...]Ah, se o cara fizer isso, você faz aquilo. Se ele não responder, você não responde. Se ele responder, você demora quinze minutos pra responder” Aí tem as perguntinhas assim, que eu já assisti, gente, não nego. Porque eu as

vezes ficava tão perdida, achando que o problema era eu, que não conseguia lidar com isso e meto os pés pelas mãos? Depois na terapia a gente vai aprendendo, né. Tendo consciência de algumas coisas, só que tem alguns rótulos. Não sei se vocês percebem de que o homem tem que ir atrás, se a pessoa não respondeu, você também não responde, se demorar duas horas, você demora cinco. Então não sei até que ponto isso...isso as vezes me confunde.” (Gabriela)

“Como se fosse um jogo né? Você tem que saber as regras pré-estabelecidas pra jogar, e tem os padrões né, principalmente, né...tudo bem que eu sou meio suspeita porque sempre tenho essa leitura das coisas. Mas tem a questão de gênero aí né, de uma performance da mulher de fazer isso e aquilo e o cara que tem que fazer isso, isso e aquilo e em geral, o cara tem que fazer muito menos coisas, né. Pra nós mulheres, pensando no relacionamento hétero... eu acho isso paia.” (Cecilia)

“Sim, o cara tem que ficar na posição de caçador e a mulher de caça. Porque ele que tem que caçar.” (Gabriela)

O contexto das mídias sociais abre espaço para outras problemáticas, também só mencionadas entre as mulheres, como os padrões estéticos. Em uma sociedade espetacular e narcísica, o eu está no centro da vida e precisa ser exaltado a todo momento e isso ocorre inclusive com a imagem corporal (LASCH, 1979; DEBORD, 1992). A fragilidade em que somos constituídos frutifica inseguranças e dúvidas no sujeito em relação a si mesmo e as redes sociais contribuem para exacerbar essa cobrança por um padrão, produzindo a comparação excessiva com o outro.

“[...] acho que minha maior dificuldade foi insegurança, por parte minha mesmo. Porque assim, eu tenho muitas inseguranças sabe, tipo, até falo com a psicóloga, tenho insegurança até com o depois do casamento, que eu nem sei se vou casar com ele, não sei nem se eu vou casar um dia, né. Quero, porém não sei, né. Aí eu tenho tipo umas preocupações que nem nos próximos cinco anos vai acontecer, e isso me causa bastante insegurança. A vida inteira eu tive problema com meu corpo, minha mãe também tem insegurança com o corpo dela desde os 13/14 anos eu ouço falar que tem que emagrecer e tal...aí hoje eu percebo que piorou até minha relação com o corpo depois que eu comecei a namorar. Porque eu fico, “Tá. Agora tem uma pessoa que vai ver.” Até falei pra psicóloga, às vezes eu como hambúrguer (e eu nem sabia que fazia isso, fui reparando) e eu entrava no Instagram e seguia um monte de foto de gente de biquíni, sabe? Essas modelos. Aí quando eu levei isso pra psicóloga eu comecei a desseguir tudo. Mas era muito frequente isso, então eu tenho muita insegurança, aí tipo, as vezes eu vejo o Anderson olhando pra outra pessoa e eu fico “nossa, o que será que ela tem que eu não tenho” e aí é o tempo inteiro – não é uma coisa que eu gosto de pensar sabe, obvio. Mas é uma coisa muito frequente.” (Livia)

“Você falando assim, eu também tenho essa questão...de por que que a pessoa tá comigo, gente, o que ela tá fazendo aqui. E a outra passa e eu fico “nossa, é tão mais bonita que eu, porque o outro tá comigo aqui?” Eu tenho muito essa questão da comparação, do outro sempre é melhor, sempre mais bonita...isso eu fui trabalhando, mas ainda tenho um pouco disso comigo.” (Gabriela)

“Nossa, acho que me identifiquei com vocês duas. Eu lembro que teve alguns momentos que eu falava, “meu acho que eu vou terminar porque não quero mais sentir isso que eu tô sentindo sabe? Por que que essa pessoa tá comigo?” (Marina)

A exigência da performance faz com que o sujeito entre em uma fixação estética para ser notado e a mídia fornece o cenário perfeito para a estetização de si. A fim de ser notado pelo outro e pelo grupo, alimenta-se a ilusão de que podemos alcançar a vida ideal que a rede social promove. Portanto, a comunicação social continua ditando comportamentos e estilos de vida, atravessando diretamente os sujeitos que a ela recorrem (BIRMAN, 2000).

O uso de aplicativos digitais auxiliou para novas idealizações sob o palco da brilhantina eletrônica. Idealiza-se o corpo perfeito, a vida sem grandes problemas, o casal feliz e, imediatamente, experimenta-se a frustração diante das dificuldades ou mesmo de execução de tal imperativo hedonista. Os aplicativos disponibilizaram e instrumentalizaram o outro para ser consumido como mercadoria, anulando a alteridade e enquadrando todos os homens em uma moldura só, característica de uma sociedade empresarial, produtiva, performática e espetacular (SIBILIA, 2015).

6.3. AS DECEPÇÕES E DIFICULDADES NO AMOR

Ao encarar o amor, abrem-se caminhos para expectativas, alegrias, prazeres, tristezas, conflitos, frustrações, decepções e vários outros sentimentos que compõem a ambivalência da vida amorosa. Amar requer coragem para enfrentar as necessidades e decepções do amor, sobretudo diante das idealizações que ocorrem, afinal, há tempos a visão composta da vida amorosa está baseada numa ideia idealizada de completude e felicidade a qual impede perceber a alteridade e suas exigências. O amor é revolucionário porque pode resultar em transformações que atingem os sujeitos de forma profunda, moldando suas percepções e atitudes frente ao sentimento e ao envolvimento.

Notamos que diante de decepções e frustrações, cria-se uma série de defesas, inclusive contra a idealização, vista como algo nociva, pois aumentam as expectativas e tornam as coisas desproporcionais.

“É muito desafiador eu acho, porque também a gente entra nessa ideia de amor idealizado, né. Ah, metade da laranja, a tampa da minha panela, você vai em completar, e assim, não!! Ninguém vai completar ninguém se for pensar, eu pelo menos tento pensar dessa forma, porque eu ainda me vejo muito nessa coisa de idealização, um pouco menos que antes, mas ainda, por vezes, eu me percebo nessa lógica, e aí eu falo ‘opa, não!’ Se eu ficar pensando assim eu tô fudida né.” (Cecilia)

“Nos tempos que estamos hoje né, às vezes ficar presa nessas fantasias assim, nessas histórias e tal, pelo menos pra mim foi o mais difícil de desprender, de acordar pra realidade, às vezes eu não preciso estar com o outro pra poder me sentir melhor, feliz, e enfim...” (Gabriela)

“Eu acho que meu maior problema é que depois do meu último término eu me tornei muito individualista. Que nem eu já tinha falado, né, eu não consigo me ver namorando alguém ou tendo um relacionamento mais sério hoje. Acho que isso é um problema que eu tô enfrentando. Enquanto eu tô seguindo esse caminho individualista, por outro lado também faz falta ter alguém.” (Antônio)

O enfrentamento da idealização é visto como um desafio pelos participantes. Para Antônio, a idealização está em seu caminho individualista, e o contraponto na falta que sente em ter alguém. Neste caso, ele se defende do desejo de ter alguém através da glorificação da vida sozinho, que prioriza outros desejos que estão além do amor. Para o sentimento amoroso existir, ele passa pelo auge da paixão, ou seja, a idealização de que o outro representa a completude, uma vez que o estado de enamoramento atribui a sensação de similitude. Após o encantamento, abrem-se as portas para a alteridade e investimos mais uma vez no outro diante de sua diferença e, assim, possibilitamos que o amor se reinvente. No entanto, vivemos em uma sociedade individualista que tem como ideal o produtivismo e o sucesso; desta forma, lidar com a alteridade e as renúncias que o amor demanda requer um investimento, que conforme discutimos anteriormente, tem sido vivido como um conflito. Portanto, combater a idealização é também uma defesa, uma vez que ela está presente quando se apaixona e no ideal social construído como concepção do amor.

Quando abordados sobre as dificuldades enfrentadas nos relacionamentos amorosos compromissados, homens e mulheres apontam as mesmas adversidades: a falta de maturidade, do diálogo e a dificuldade para se expressar são pontos que aparecem tanto no grupo masculino quanto no grupo feminino. No entanto, no grupo feminino isso é dito com grande facilidade, já entre os homens, há um contorno para falar sobre suas dificuldades. Antônio e Joaquim conseguem admiti-las, mas os demais parecem dizer nas entrelinhas as atribulações quando estão em uma relação.

“[...] eu acho que melhorou muito as dificuldades de relacionamento depois que eu passei a ser aberto e falar sobre essas coisas, e pedir também pra pessoa conversar sobre isso, pontuar. Coisas mínimas mesmo que geram um pequeno incomodo. Acho que melhorou muito conversar sobre as dificuldades quando a gente começa a perceber elas no início, quando elas ainda são simples.” (Joaquim)

“O meu maior problema foi a falta de maturidade e de maturidade emocional. [...] Então muitas vezes eu queria ficar só e não dava, as vezes eu queria resolver um problema que se eu tivesse sozinho talvez eu resolveria de boa.” (Antônio)

“[...] quando enfrentar eu nunca fui muito bom. Era sempre muito curto e grosso, terminava com a pessoa não querendo mais te olhar, então sempre foi meio problemático.” (João)

“[...] eu também tenho uma grande dificuldade em falar o que sinto, colocar limites no outro.” (Cecília)

“Eu acho que quando a gente pega nessas coisas simples, parece que é uma forma de se responsabilizar pela construção que você tá tendo, porque parece que quando a gente deixa essas coisas irem passando, é uma irresponsabilidade da nossa parte querer continuar vivendo essa identificação, sabe?” (Eitor)

Antônio aponta sua falta de maturidade para estabelecer um diálogo com suas companheiras, em expor o que ele sente e o que precisa naquele momento. Eitor não fala diretamente sobre sua dificuldade, mas aponta a responsabilidade em relação ao outro, inclusive em expressar seus incômodos e desejos para que o vínculo se estabeleça.

Surge no discurso feminino o receio da rotina em uma relação duradoura como uma dificuldade a ser enfrentada. A ameaça surge quando pensam em uma relação duradoura com o mesmo companheiro, pois, perante a idealização construída em torno do casamento de seus pais, há uma preocupação de que possam repetir este modelo, no qual duas pessoas que parecem se entender entre várias queixas e discussões, mas que também parecem acomodados em um relacionamento insatisfatório e infeliz. Esta indagação gerou sofrimento entre as mulheres do grupo focal, temendo repetir a história vincular de seus pais.

“Eu tenho medo dessa questão da rotina, assim....de acabar me deixando levar por essa rotina, medo do que pode vir sabe, então essa questão da rotina me pega um pouco...” (Gabriela)

“Pra mim é meio que o olhar do outro, sabe? Acho que é um pouco de...fica meio...hum...quando bate a rotina fica meio que cada um no seu canto, e acho que esse olhar do outro, tipo, que as vezes eu me esforço muito pra ter pra outra pessoa e não tenho isso de volta. Por exemplo, reconheço isso o que tá acontecendo com você, olha isso e tal, sua rotina também, sabe. Acho que me sinto deslegitimada.” (Marina)

“Acho que o dialogo acaba se perdendo bastante, né.” (Livia)

“Que com a perda do encanto, vire um comodismo.” (Gabriela)

O temor da rotina diz muito do medo de sentir-se acomodado, não se sentir olhado e de anular as diferenças existentes, como se o outro fosse completamente conhecido e, portanto, não requer mais investimento ou mesmo não traz nenhuma novidade com a sua presença. Kaës (2011) afirma que não existe vínculo sem a presença do outro, uma vez que esse se origina da intersubjetividade de cada um e, para tanto, é necessário a presença de um outro diferente e que exigiria um trabalho vinculante diante da alteridade, a qual ameaça a segurança e estabilidade do eu, exigindo um jogo vincular de abertura do eu e colocando em jogo uma aritmética libidinal, no sentido dos investimentos que se fazem necessários, o estabelecimento das fronteiras é igualmente importante, assim como os acordos das alianças afiançadas consciente e inconscientemente (SIBILIA, 2015).

Em síntese, o receio da rotina do casal é o temor de viver o desconhecido e dar-se conta de que o outro sempre será alguém para conhecer e reconhecer e nem sempre coincide com a imagem ou a expectativa depositada sobre o outro. Contudo, é justamente na dificuldade do convívio com o diferente que desenvolvemos e fortalecemos o vínculo: do convívio com o diferente (MANDELBAUM, 2008).

Enquanto os impasses das mulheres em um relacionamento amoroso comprometido, além da falta de diálogo e da dificuldade em se expressar, é o da rotina, o dos homens surpreende ao escancarar uma fragilidade que a todo tempo foi evitada ao longo dos nossos encontros: o medo do fim, do rompimento e suas consequências.

“Eu tenho medo de...não sei como colocar isso em palavras...me afogar demais nos problemas da minha parceira. Eu não saberia como terminar meu relacionamento se um dia eu tiver que fazer, isso seria um medo do caralho” (Rafael)

“Acho que não ser uma memória que a pessoa guardaria com carinho é uma coisa que me consome um pouco, de pensar que de alguma certa forma, aquele momento da vida não importou, aquele momento da vida que a pessoa gostaria de esquecer.” (Eitor)

“Acho que no meu caso seria terminar de uma forma extremamente violenta.” (João)

“Terminar perdendo parte da minha identidade. Talvez parte do medo pra mim seja o termino.” (Antônio)

“De não ter tato.” (Joaquim)

“Acho que meu maior medo é de traição, no sentido amplo da palavra.” (Lucas)

Todos citam o término e seus possíveis desdobramentos, sempre permeado pela dor. Seja a dor do outro ou a de si próprio. Esse luto vem carregado de outras simbologias que chamam a atenção, como a violência, a falta de tato, a perda da identidade, o receio de ser rejeitado. Todos esses apontamentos vão de encontro com os dilemas masculinos citados ao longo do grupo e até mesmo ressoam no grupo feminino. O que está em jogo na fala dos entrevistados é o arrebatamento da paixão, o respeito à individualidade, os projetos individuais e as escolhas feitas. Tanto homens quanto mulheres buscam prazer, seja nas relações interpessoais, nas relações com objetos de consumo ou com o trabalho, mesmo assim, parece que possuem cotas diferentes para sustentar um vínculo amoroso.

Os homens temem o fim do relacionamento quando deixam claro que esse não é uma prioridade, e as mulheres buscam uma paixão duradoura apesar do temor da rotina e da repetição da história amorosa de seus pais. Estamos falando ao longo desta pesquisa de um amor extremamente idealizado, no entanto, com uma nova roupagem. A busca pela intensidade permanece, todavia, apontando para o respeito à individualidade e, principalmente, que aconteça no “tempo certo”, ou seja, no caso dos discursos, o tempo seria

depois da consecução do projeto profissional. Esse é um ponto a ser destacado nas falas dos participantes desta pesquisa, sobretudo dentre os homens.

As pressões e exigências de liberdade, sucesso, felicidade e prazer advindas da sociedade contemporânea capitalista geram um temor de frustrações e falhas e, ao que tudo indica, o envolvimento amoroso toma estes contornos, da imprevisibilidade e da falta de controle. Por isso, tem sido adiado, temido ou mesmo negado nos discursos de homens e mulheres, respectivamente, porém, ainda é uma busca na vida dos jovens adultos, apesar das reticências, temores e adiamentos.

É importante destacar que os resultados apresentados dizem respeito a uma população de jovens adultos com acesso ao ensino superior, e que compartilham de tais ideais apresentados. Assim, não é possível generalizar os resultados aqui apontados para outras realidades e contextos de vida.

Por outro lado, o amparo que o sujeito encontra está em um ideal de felicidade de trabalho e consumo que tem um potencial volátil, mas que ao mesmo tempo parece lhe trazer segurança e estabilidade e dividir esse espaço com os investimentos pulsionais que o amor demanda parece um preço alto demais a se pagar sem garantias de sucesso, afinal, diante da efemeridade e a liberdade alcançada para as dissoluções, o amor deixou de ocupar um lugar de garantia como se fazia na modernidade.

O desejo é adiado, mas não deixa de ser verbalizado, mesmo que inconscientemente pelos participantes, mostrando-nos que há sofrimento e conflitos que talvez apenas serão solucionados quando o desejo encontrar o devido espaço e voz para ser realizado.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cenário socioeconômico, político e cultural gera importantes ressonâncias em nossa forma de ver e sentir nossa relação com o mundo, atravessando comportamentos e alterando instituições, tais como o casamento, a família e o trabalho. O capitalismo e o consumo têm grande papel nessas transformações, pois geraram um avanço tecnológico importante na história do mundo, além de ser gatilho para outras revoluções que vieram à tona e mudaram paradigmas. O amor também é atravessado por este movimento e muda de acordo com as ambições dos sujeitos e da sociedade, em cada momento. Para as paixões proibidas, poesias; para o acúmulo de bens e crescimento na hierarquia burguesa, casamento arranjado; para ser uma mulher de respeito, comportar-se; para ter um casamento feliz, ser submissa; para poder estar genuinamente com quem se ama, casamento por escolha própria; para se rebelar contra as exigências parentais e sociais, Revolução de 60; para experimentar vários amores e parceiros, Revolução Sexual e pílula anticoncepcional.

Quando um paradigma muda esses movimentos este não afeta apenas o mundo externo e coletivo, mas também o mundo interno dos sujeitos subjetivados neste tempo. Transforma-se uma sociedade e o espaço psíquico que construímos, reorganizando-o, determinando novos comportamentos e novas formas de subjetivação. Atualmente, notamos um sujeito mais centrado em si mesmo, preocupado com a imagem e a estética, individualista, performático e empresarial. Logo, uma sociedade mais consumista, acelerada e ansiosa.

Esta cultura denominada narcísica por diversos autores e associada às demandas do capital interfere diretamente na capacidade de reinvenção do sujeito, uma vez que oferece um amplo espectro de objetos para se identificar e tudo está em constante mudança, sem continuidade. O sujeito sente afinidade com muitos deles, mas se sente pertencente a poucas ou quase nada, pois não há tempo para construir algo sólido e transformador diante de tantas opções. Há uma urgência em experimentações, principalmente as novidades, e, portanto, uma instantaneidade e fugacidade do prazer.

Diante desta dinâmica consumista, o sujeito se vê diante de um imperativo social que engrena o maquinário atual onde o sucesso é sinônimo de felicidade e esta, por sua vez, é encontrada na estabilidade financeira, realização profissional e liberdade. Se em tempos anteriores a felicidade esteve ligada a encontrar o amor e estabelecer uma família, atualmente, embora o sujeito busque o amor, não o faz mais como uma prioridade subjetivante. O ciclo se inverteu, a carreira ocupa lugar de preferência e o amor é postergado para quando o desejo de

sucesso estiver concretizado, gerando o conflito da liberdade e de um vínculo amoroso estável.

Assim, uma vez que as novas demandas de subjetivação estão pautadas no capitalismo, o que se espera do sujeito é produtividade, imposta por modelos muitas vezes inatingíveis e que facilmente podem gerar experiências de frustração nos indivíduos.

Pensar o casal de acordo com esses parâmetros de existência é entender que a busca pelo amor ganhou novos sentidos e novas direções. As características do amor romântico, tais como a glorificação do outro, entendido como a metade que completa o ser, o amor eterno e a vida que girava em torno da família viveu uma reviravolta, quando se está em uma busca tão intensa por liberdade, realização pessoal e financeira. Desta maneira, alguns conflitos foram apontados nesta pesquisa, tais como a incompatibilidade entre o amor e a carreira e a dificuldade em manter a vida amorosa como prioridade quando o mundo social exige sua postergação. Soma-se a isto, o ideal de liberdade em contraposição à possibilidade de uma vida amorosa estável, porém livre do sofrimento da perda.

A liberdade sexual colaborou para a predominância do amor confluyente e, assim, homens e mulheres se sentem totalmente livres para experimentações afetivas e sexuais sem a exigência do compromisso amoroso. Prevalece o relacionamento puro, a era do prazer e da satisfação a todo custo.

A concepção de um mundo e de relações afetivo-sexuais descartáveis resulta no consumismo de laços afetivos com a mesma rapidez em que se consome outros produtos do mercado, prevalecendo a lógica dos amores expressos e efêmeros. Embora nesta modalidade vincular o destaque refere-se sempre ao prazer e à liberdade, nos deparamos com o sofrimento decorrente do rompimento e das frustrações provenientes do ato de não se vincular. Podemos acrescentar que toda esta movimentação não impede que o amor aconteça e os jovens adultos participantes desta pesquisa demonstraram as dificuldades e conflitos diante desta possibilidade, seja quando ocorre no momento errado ou mesmo quando se deseja um amor estável, incompatível com tal concepção.

Destacamos que a ideia do momento errado para o amor surgiu principalmente nos discursos dos homens, que destacaram em seus discursos a importância do sucesso profissional e da carreira e, caso surja um envolvimento amoroso durante este percurso, é entendido como um dilema e um preço alto demais a se pagar. Em contraposição, muitas jovens relataram que nasceram numa época errada, porque gostariam de viver um amor

estável e estabelecer uma família, porém, o projeto social não abarca tal desejo e, assim, essas mulheres vivem o conflito da não-aceitação de seu desejo.

Apesar destes dilemas, o amor continua sendo concebido como reciprocidade, respeito e partilha, mas também como relacionamentos baseados num movimento fusional. Além disto, para as mulheres ficou evidente a influência da família, que ainda espera um casamento estável e a doação como característica de um relacionamento amoroso. Em contrapartida, os homens estão dispostos a adiar a vida amorosa para atingir o sucesso laboral. Esta prioridade não surgiu com tanta ênfase nos relatos femininos. Aqui, podemos notar as distinções nos modos de se relacionar e de objetivos entre homens e mulheres, o que nos aponta para muitos conflitos nestes encontros. A permanência dos valores da família burguesa e patriarcal permanecem muito mais evidentes na subjetivação das mulheres e as mesmas apontam o temor em repetir a vida amorosa de seus pais, caracterizada pelo comodismo mascarando a insatisfação. Importante destacar que tal situação ocorre num cenário que herdou as conquistas de liberdade da mulher do século XX.

Diante deste cenário, o trabalho vincular, necessário para o estabelecimento da vida amorosa e que pressupõe a aceitação da alteridade é uma questão importante nesta pesquisa. Amar exige renúncias para o estabelecimento das alianças e a tessitura da intersubjetividade, da composição dos psiquismos envolvidos. Se para os homens o amor não é a prioridade ao contrário das mulheres, todo este trabalho vincular terá alguns enfrentamentos, inclusive para o estabelecimento daquilo que é comum e partilhado. Além disto, as mulheres revelaram o sofrimento gerado nos envolvimento amorosos devido ao excesso de doação, ou seja, de investimento libidinal no outro, sem que as fronteiras e as individualidades fossem respeitadas. Estamos diante de disparidades e conflitos que ao que tudo indica, ainda trarão embates e a busca de um movimento centrípeto para acomodar os desejos e ideais de vida diante da lógica transubjetiva que se impõe.

Os participantes da pesquisa demonstraram os temores e as decepções relativas à vida amorosa e os homens revelaram o medo do rompimento e os sofrimentos advindos deste processo de perda e luto, ao passo que as mulheres, conforme apontado anteriormente, demonstraram que temem a repetição da vida amorosa de seus pais, com o comodismo e insatisfação que percebem e, com isso, entende-se que perderiam a liberdade alcançada pelas gerações anteriores.

Frente a estas colocações, parece inevitável a reflexão de que, numa época marcada

pela busca incessante de prazer, do sucesso, da felicidade e liberdade, amar ainda revela conflitos, hesitações e temores. Apesar da predominância do amor confluyente e efêmero, os jovens adultos participantes da pesquisa apontaram os dilemas, dúvidas, expectativas e temores diante do amor. Demonstraram o sofrimento e os desafios do amor no mundo contemporâneo.

Não foi apenas o modo de vinculação amorosa e as expectativas que pairam sobre o amor que mudaram. As garantias coletivas estão enfraquecidas e não oferecem a sustentação necessária para garantir a estabilidade necessária para a determinação identitária e grupal. Assim, prevalece a suposta estabilidade prometida pela estabilidade financeira e profissional.

Finalizamos esta pesquisa com o poema “Por que te amo”, de Pablo Neruda (1904-1973), que nos brinda com todas as contradições e movimentações provocadas pelo amor.

*Te amo, com o mundo que não entendo
com as pessoas que não compreendem
com a ambivalência de minha alma
com a incoerência dos meus atos
com a fatalidade do destino
com a conspiração do desejo
com a ambiguidade dos fatos
ainda quando digo que não te amo, te amo
até quando te engano, não te engano
no fundo levo a cabo um plano
para amar-te melhor.*

*Te amo
Te amo, sem refletir, inconscientemente
irresponsavelmente, espontaneamente
involuntariamente, por instinto
por impulso, irracionalmente
de fato não tenho argumentos lógicos
nem sequer improvisados
para fundamentar este amor que sinto por ti
que surgiu misteriosamente do nada
que não resolveu magicamente nada
e que milagrosamente, pouco a pouco, com pouco e nada,
melhorou o pior de mim*

O poema fala do despertar do amor e apontamos que, diante desta pesquisa, é relevante destacar que o mesmo provoca um descompasso entre a expectativa da completude e da reciprocidade e da realidade do amor, relacionada à alteridade que inevitavelmente se coloca em tal processo e, uma vez posta, revela a não-completude, o que pode fazer com que os

sujeitos se decepcionem e questionem o desejo em permanecer no vínculo que se encontram, tal qual nos deparamos diante dos discursos dos jovens adultos que contribuíram para a pesquisa, demonstrando que a despeito de todos os desafios, o amor ainda é buscado, com a permanência de ideais anteriores e com as novas exigências.

Para além do amor que se sente, há uma criança-no-adulto debruçada em sua necessidade de ser amado e reconhecida. Para além da pessoa com a qual o sujeito se encontra apaixonado há um passado infantil representado por outra figura. Para além do sentimento febril da paixão existe um sujeito que anseia por se sentir completo e, assim, tão potente quanto na ligação afetiva com sua mãe. Para além do esperado “eu te amo” está o olhar do desejo do outro sobre si. O amor exige identificação, pertencimento e disposição. Busca-se no outro a reciprocidade do caminhar juntos e o amor em sua mais pura forma; encontra-se um pequeno redemoinho de vivências e representações tão singulares quanto os que o sujeito carrega e, intercalados, fazem emergir o conflito e o duro exercício de conjugar o verbo amar se põe em xeque: para entender a teia que se instala nesse enlace entre dois é preciso aceitar a diferença do outro do que ressoa no sujeito, para enfim, amar entre tantos entretantos e reticências. Novamente, a revolução promove a mudança, pois, ter coragem de encarar o ato de amar é minimamente revolucionário.

A finalização desta pesquisa nos colocou em contato com os ideais da busca amorosa de jovens adultos, mas, sobretudo, com os dilemas, conflitos e sofrimentos do amor no contexto contemporâneo e suas marcas peculiares. Assim, os resultados revelaram as dicotomias, contradições e o difícil jogo de negociações para conjugar o amor, suas revoluções e os ideais de liberdade, sucesso e felicidades tais como são colocados no momento. Conforme apontamos, o amor continua ansiado e temido, sobretudo, permeado por novos conflitos, revelando um terreno fértil para futuras pesquisas que poderiam demonstrar como este jogo se revela em pessoas de outros contextos e momentos de vida. A questão final que permanece é como adensar um vínculo amoroso recíproco, mas que leve em consideração a alteridade e, sobretudo, a liberdade e as fronteiras do outro, num mundo marcadamente narcísico?

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, T.; LOMÔNACO, J. F. B. O conceito de amor: um estudo exploratório com participantes brasileiros. São Carlos: Pedro & João Editores, 2018.

AMOR. **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, Online, 2020. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/amor>> Acesso em: 18 mar. 2020.

ARANTES, C. C. P.; DEUSDARÁ, B. Grupo focal e prática de pesquisa em Análise do Discurso: metodologia em perspectiva dialógica. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 791-814, 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/8846/pdf>> Acesso em: 18 mar. 2019.

ARREGUY, M. E.; GARCIA, C. A. A ausência de ciúmes como um ideal cultural: reflexões clínicas sobre a fragilidade subjetiva frente ao amor na atualidade. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 755-778, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312012000200019&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 18 mar. 2020.

AYDO, L. C. El amor: um desafio para la teoría psicoanalítica. In: Simposio Anual “El Amor”, 39, 2017, Buenos Aires, **Anais[...]**. Buenos Aires: Asociación Psicanalítica de Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.apdeba.org/wp-content/uploads/TRABAJOLIBRE-LuisCorrea.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2020.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. Em busca da política. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. Modernidade líquida. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERESTEIN, I. **Do ser ao fazer: Curso sobre a vincularidade**. São Paulo: Via Leterra, 2011.

_____. Conflictos en la pareja y/o conflictos de pareja. **Revista Actualidad Psicológica**. Buenos Aires, v. 35, n 386, 2010.

BEZERRA, P. V.; JUSTO, J. S. Relacionamentos amorosos na pós-modernidade: análise de consultas apresentadas em sites de agenciamento amoroso. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 4, n. 2, São João Del-Rei. p. 193-204, 2010.

BIRMAN, J. **O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação**. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. Excesso e ruptura na subjetividade hipermoderna. **Cadernos de Psicanálise**, v. 26, n. 17, pp. 175-95, 2004.

COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

_____. **Violência e psicanálise**. 3 ed. Editora: Graal, São Paulo, 2003.

_____. **A paixão vista pelo enamorado**. Café Filosófico. [s.l.]. TV Cultura, 2004. (52 minutos). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=L79jUhE4JeM&ab_channel=Caf%C3%A9Filos%C3%B3ficoCPFL> Acesso em: 20 mar. 2020.

CAMPOS, M. C., FÉRES-CARNEIRO, T., MAGALHÃES, A. S. Intimidade e extimidade virtual na conjugalidade contemporânea. **Interação Psicol.**, Curitiba, v. 19, n. 3, p. 407- 416, 2015.

DEBORD, G. **La société du spectacle**. Paris: Gallimard, 1992.

DEL PRIORE, M. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

DENZIN, K. N.; LINCOLN, Y, S. **The sage handbook of qualitative research**. 2nd ed. California: Sage Publications, 2000.

DESÁ, R, N., MATTAR, C. M., RODRIGUES, J. T. Solidão e relações afetivas na era técnica. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, v. 18, n. 2, 111-124, 2006.

DESLASDES, S. F. et al. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

Dias, A. G. **Campo-relação na clínica conjugal: reflexões psicanalíticas sobre a cultura hoje**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Aplicada). – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia. Disponível em: <<http://www.pgpsi.ip.ufu.br/node/220>> Acesso em: 16 mar. 2020.

EIGUER, A. **Nunca eu Sem Ti**. Lisboa: Editora Pasifal, 2008.

_____. **Um divã para a família**. Editora: Artes Médicas, 1985.

FREUD, S. (1927-1931). O mal-estar na civilização. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 21. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1910-1918). Contribuições à psicologia do amor I, II e III. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 11. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1914). Sobre o narcisismo: uma introdução. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, v. 14, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1925-1926). Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros trabalhos. In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**, v. 20, Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1923). O Ego e o Id. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1920-1922) **Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

_____. (1913). Totem e Tabu. **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. v. 13. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1893-1895). **Estudos sobre a histeria**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FUKS, L. B. **Narcisismo e vínculos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

GALEANO, J., BEDOYA, M. El amor: el encuentro con un otro. In: Simposio Anual “El Amor”, 39, 2017, Buenos Aires, **Anais[...]**. Buenos Aires: Asociación Psicanalítica de Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.apdeba.org/wp-content/uploads/TRABAJOLIBRE-GaleanoBedoya.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

GIDDENS, A. **Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

_____. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Tradução Dentzien, P. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

HADDAD, G. Encontros amorosos: amor, paixão e desejo na cultura moderna. **Revista IDE**. São Paulo, v. 34, n. 52, p. 123-131, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000100013> Acesso em: 18 jul. 2020.

JUSTO, J. S. O “ficar” na adolescência e paradigmas de relacionamento amoroso da contemporaneidade. **Revista do Departamento de Psicologia - UFF**, v. 17, n. 1, p. 61-77, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-80232005000100005&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 15 set. 2018.

KAËS, R. Os espaços psíquicos comuns e partilhados: Transmissão e negatividade. Trad. Lounès Bouhadoun. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

_____. **Um Singular Plural**. São Paulo: Edições Layola, 2011.

_____. **As alianças inconscientes**. São Paulo: Ideais & Letras, 2014.

_____. (Org). **Crises et traumas à l'épreuve du temps: Le travail psychique dans les groupes, les couples et les institutions**. Paris: Dunod, 2015.

_____. (Org). Le malêtre dans la culture de notre temps. In: **Crises et traumas à l'épreuve du temps: Le travail psychique dans les groupes, les couples et les institutions**. Paris: Dunod, 2015.

KAMBERELIS, G.; DIMITRIADIS, G. Focus Groups: Strategic Articulations of Pedagogy, Politics, and Inquiry. In: **DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Eds.), The Sage handbook of qualitative research**. California: Sage Publications Ltd., 2005.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração. A família: Santuário ou instituição sitiada?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. (1979). **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1967.

LATOSINSKI, P. Sobre la busqueda del amor. In: Simposio Anual “El Amor”, 39, 2017, Buenos Aires, **Anais[...]**. Buenos Aires: Asociación Psicanalítica de Buenos Aires. Disponível em: <<http://www.apdeba.org/wp-content/uploads/Contribucion-Patricia-Latosinski-Simposio-2017.pdf>> Acesso em: 18 mar. 2020.

LEITE, M. C. **O desamparo na contemporaneidade e sua perspectiva teórica de subjetivação**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2014.

LEVY, L. A. Uma leitura psicanalítica do laço conjugal. In: **FÉRES-CARNEIRO, T. (Org): Relação amorosa, casamento, separação e terapia de casal**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Psicologia, 1996.

LINS, R. N. **O livro do amor: do Iluminismo à atualidade**. Rio de Janeiro: Best Seller, v. 1, 2012a.

_____. **O livro do amor: do Iluminismo à atualidade**. Rio de Janeiro: Best Seller, v. 2, 2012b.

_____. **Novas formas de amar: nada vai ser como antes – grandes transformações nos relacionamentos amorosos**. São Paulo: Editora Planeta, 2017.

LIPOVETSKY, G. **A sociedade da decepção**. São Paulo: Editora Monole, 2007.

_____. **A era do vazio**. 1 ed., São Paulo: Editora Monole, 2005.

MAFESSOLI, M. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MAGALHÃES, A. S.; FÉRES-CARNEIRO, T. A conjugalidade na série identificatória: experiência amorosa e recriação do eu. **Pulsional: Revista de Psicanálise**. v. 16, n. 176, p. 41-50, 2003.

MANDELBAUM, B. **Psicanálise da família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

MENEZES, J. E. X.; BARROS, M. J. S. Ressonâncias do romantismo no discurso freudiano

sobre o amor. **Estudos de Psicanálise**, Salvador, n. 31, p. 76-85, 2008.

MINERBO, M. **Diálogos sobre a clínica psicanalítica**. Editora Blucher: São Paulo, 2016.

MISHIMA, F. K. T. A experiência do vínculo amoroso: ser um ou ser dois? **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo, São Paulo**, v. 9, n. 2, pp. 21-28, 2008. Disponível em:

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-29702008000200004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2019.

MOGUILLANSKY, R.; NUSSBAUM, S. L. **Psicanálise vincular: teoria e clínica**. São Paulo: Editora Zagodoni, v. 1, 2011.

_____. Bienestares y malestares del amor en la pareja moderna. **Psicoanalysis**. Caba v. 39, nº 3, p. 471-499, 2017. Disponível em: <<https://www.psicoanalysisapdeba.org/wp-content/uploads/2018/04/2017-revista3-moguilla.pdf>> Acesso em: 15 mar de 2020.

MORGAN, D. **Focus group as qualitative research. Qualitative Research Methods Series**. 16. London: Sage Publications, 1997.

NEVES, S. A., DIAS, A. S. F., PARAVIDINI, J. L. L. Psicodinâmica conjugal e contemporaneidade. **Psic. Clin.**, Rio de Janeiro, v. 25, n.11, p. 73-87, 2013.

OLTRAMARI, L. C. Amor e conjugalidade na contemporaneidade: Uma revisão de literatura. **In: Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 14 n. 4, p.p. 669-677, 2009.

O QUE O AMOR SIGNIFICA PARA CRIANÇAS DE 4 ATÉ 8 ANOS. **Hypeness**, 2014. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2014/06/o-que-e-o-amor-segundo-criancas-de-4-a-8-anos/>> Acesso em: 20 abr. 2019.

OLIVEIRA, A. A. A.; RESSTEL, C. C. F. P.; JUSTO, J. S. Desamparo psíquico na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, Assis, v. 13, n. 1, pp. 21-32, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/127030/ISSN1984-9044-2014-13-01-21-32.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 25 mar. 2020.

PUGET, J. Traumatismo social: memoria social y sentimiento de pertinência. **Psicoanálisis APdeBA**. Buenos Aires, v. 12, n. 2, pp. 455-482, 2000.

RAGGI, N. Juventude na contemporaneidade: identidade, identificações, nomadismos. **Revista Brasileira Adolescência e Conflitualidade**, São Paulo, p.78-93, 2010.

RIOS, I. C. O amor nos tempos de Narciso. **Comunicação, saúde, educação**, Botucatu, v. 12, n. 25, pp. 421-426, 2008. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-32832008000200016&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 25 mar. 2020.

ROBERT, P. Le couple: permanence et transformations. **In: KAËS, R. (Org.) Crises et traumas à l'épreuve du temps: Le travail psychique dans les groupes, les couples et les institutions**. Paris: Dunod, 2015.

ROJAS, M. C. Parejas de hoy: conflictos y diversidad. **Vínculo-Revista do Nesme**. São Paulo, v. 10, n. 2, p.30-33, 2013.

SIBILIA, P. Mal de amores: afectos y vínculos eróticos en tiempos hiperconectados. **Psicoanálisis de las Configuraciones Vinculares**. v. 38, pp. 83-90, 2015.

TERZIS, A., et al. As vicissitudes das pulsões nas escolhas amorosas contemporâneas. **Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, São Paulo, v. 9, n. 2, pp.13-20, 2008.

ZANETTI, S. A. S.; SEI, M. B.; COLAVIN, J. R. P. Desafios de se manter como um casal na contemporaneidade. **Vínculo – Revista do NESME**, São Paulo, v.10, n. 1, pp. 45-54, 2013.

ZANETTI, S. A. S.; GOMES, I. C. Efeitos da herança psíquica na opção pela não construção do vínculo amoroso. **Estudos interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 3, n. 1, pp. 57-74, 2013.

ZANETTI, S. A. S. **A opção por não se vincular amorosamente de maneira compromissada entre as condições de existência contemporâneas e a herança psíquica geracional**. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-22052013-145239/publico/zanetti_do.pdf> Acesso em: 30 jul. 2018.

WEISSMANN, L. **Famílias monoparentais: clínica psicanalítica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

ANEXOS

ANEXO A - ROTEIRO DE DISCUSSÃO

- O que acreditam que seja o amor? O que buscam e esperam no amor? O que esperam do seu (futuro) par?
- Qual a importância do relacionamento amoroso para a vida de vocês?
- Vocês percebem e enfrentam dificuldades nos relacionamentos amorosos? A que atribuem essas dificuldades?
- O que vocês pensam a respeito de um relacionamento amoroso comprometido? Esse tipo de relacionamento coloca dificuldades? Justificar.
- Quais são os empecilhos para manter uma relação amorosa?
- Vocês já viveram uma decepção amorosa? Como foi essa experiência? A que vocês atribuem essa decepção?

ANEXO B - TRANSCRIÇÃO – GRUPO FOCAL FEMININO

1º encontro: 13/06/2019

Pesquisadora: O que vocês acreditam que seja o amor?

Gabriela: Pesado! (Risos)

Cecilia: Começou já..(Risos)

Risos de todas, meio tímidas ainda.

Marina: Ai...muito idealizado, né? Mas eu acho que é difícil de definir justamente porque a primeira coisa que aparece quando a gente fala de amor, é esse amor romântico, né...aí quando você tá um pouco mais com a ideia, não, o amor existe em várias relações né, existem vários tipos de amor, assim....acho que complica a definição.

Cecilia: Ah, pra mim amor é convivência e construção, é cotidiano. Não consigo achar que algo que não esteja nesse, ah, que não seja todo dia alimentado, fortalecido...não acho que o amor consiga existir de outra maneira assim, em qualquer relação, amorosa, de amizade...pra mim é isso.

Lívia: Eu concordo com as duas, assim...Só que eu acho que...eu não sei, porque eu acho que provavelmente a gente vai falar disso depois, mas eu vejo também como uma forma até de, não é dependência que fala...mas por exemplo ‘eu estou perto de você porque você me faz bem, eu gosto de estar perto de você porque você me faz bem’ e daí você cria aquele sentimento de ‘nossa quero ficar perto de você, porque você me faz bem e aí você cria esse sentimento de ‘nossa quero ficar com essa pessoa porque ela me faz bem’, né? Não chega a ser uma dependência, eu não sei...vício? eu não sei...

Gabriela: É, pra mim, eu acho que é o dia a dia como ela falou, é uma construção, de você estar com alguém e aquela pessoa, você ir ao longo do tempo construindo algo com ela, ela te ajudando, você ajudando ela...e vocês dois indo juntos assim, ao longo da vida, passando por experiências juntos, trocando...não só a questão física, mas de apoio, enfim...

Marina: Acho que quando a gente fala assim, também passa a ideia de amor genuíno né, que acho que também tem a ver com isso da construção, né? Geralmente diferenciam paixão e amor, né, e o amor é o que acaba sobrando ou não. E....fico pensando que é o resultado mesmo, das coisas, assim....

Lívia: É, não sei...é porque eu acho que a gente falando assim, tipo, eu acho que a gente tenta fugir um pouco da idealização do amor, mas tem muitos amores que não são assim, deixa eu te ajudar a crescer também, sabe? Eu acho que as pessoas não deixam

de considerar que seja amor porque não tem essa característica, sabe? Não sei, cabem outras coisas aí.

Pesquisadora: Você diz que o conceito de amor nem sempre pode, é considerado uma coisa genuinamente boa, porque pode ter outras curvas, por exemplo, relacionamentos abusivos, essas coisas, e que as pessoas consideram que seja um amor também. É isso mais ou menos que você quis dizer?

Lívia: É, é... Mais ou menos isso mesmo, porque eu acho que pra quem tá dentro desse relacionamento e pra quem sente também, acho que elas não deixam de pensar nossa isso é menos amor do que aquela relação, sabe?

Marina: Como se fossem diferentes tipos, assim?

Lívia: É.

Pesquisadora: E o que vocês buscam e esperam no amor?

Cecilia: Num geral assim, ou especificadamente pensando nos relacionamentos amorosos?

Pesquisadora: Nos relacionamentos amorosos.

Marina: Ah, acho que eu espero minimamente parceria, assim...de uma disponibilidade, de construir algo mesmo assim, acho que é um estar lá que não atrapalhe também, sabe. Acho que a parceria.

Cecilia: Lealdade, né. Eu penso que...me vem a ideia de lealdade, da pessoa estar ali e é isso, ser parceiro, independente do que acontecer, a pessoa fazer o máximo que ela pode pra estar ali e você também, né, claro que todo mundo tem seu limite, mas também respeitando o outro, se respeitando, estar ali perto. Eu também acho que busco isso, pensando em relacionamentos, independente do nome que essas relações tenham, mas tenham amor. Parceria. Afeto.

Gabriela: Eu acho que busco um pouco da reciprocidade, de ser recíproco. De você dar, mas também receber. Acho que hoje em dia tá muito na moda essa coisa de reciprocidade, de ser recíproco, por conta que olhando para as minhas experiências, as vezes a gente dá, dá, dá, busca, busca, busca e o outro dá só um pouquinho e a gente fica naquele desespero todo achando que pode ser que a questão seja, não sei, talvez, não sei nem explicar, assim...mas acho que eu busco mais a reciprocidade, o respeito, a parceria de estar junto, de estar ali, construindo algo com alguém, e que a pessoa também esteja disposta, aberta, aquilo. Acho que é isso.

Lívia: Acho que é uma mistura dos três assim....uma mistura de companheirismo, afeto e essa, esqueci qual é a palavra, mas de estar ali, te ajudando a fazer o que você precisa independente do que venha, ne.

Cecilia: E se vier tudo junto melhor ainda né (risos de Cecilia e risos de todas), porque acho que não tem nem como separar essas coisas que a gente tá falando né?

Gabriela: Sim, vem tudo no pacote, ne.

Cecilia: é! Eu penso que eu busco também me sentir inteira ao lado daquela pessoa. Não me sentir que eu tenho que me despedaçar ou que a pessoa me despedaça, ne, pra eu estar ali ou do outro também, sentir que a pessoa tá inteira, ne?

Gabriela: Uhun....

Cecilia: Não que ela tenha que se, não sei, fazer coisas que ela não gostaria, ah, não destruir o outro ne, que acontece muito.

Marina: Se sentir bem e que o outro se sinta bem, ne.

Lívia: Acho que é isso também, de que a outra pessoa também consiga te ver como inteira. Isso é importante.

Cecilia: Sim.

Marina: E que a gente também consiga ver.

Cecilia: É muito desafiador eu acho, porque também a gente entra nessa ideia de amor idealizado, ne. Ah, metade da laranja, a tampa da minha panela, você vai em completar, e assim, não!! Ninguém vai completar ninguém se for pensar, eu pelo menos tento pensar dessa forma, porque eu ainda me vejo muito nessa coisa de idealização, um pouco menos que antes, mas ainda, por vezes, eu me percebo nessa lógica, e aí eu falo 'opa, não! Se eu ficar pensando assim eu tô fudida né' (Risos de Cecilia e de todas), não vai funcionar né.

Gabriela: Nos tempos que estamos hoje ne, as vezes ficar presa nessas fantasias assim, nessas histórias e tal, pelo menos pra mim foi o mais difícil de desprender, de acordar pra realidade, as vezes eu não preciso estar com o outro pra poder me sentir melhor, feliz, e enfim...

Lívia: Mas ce sabe que...opa, desculpa! (Lívia interrompe Gabriela para falar algo, mas ao perceber que ela ainda continuaria sua fala pede desculpa e aguarda)

Gabriela: Não, tudo bem. Eu acho que foi ou ainda é, um dos meus vários desafios.

Lívia: É....eu faço faculdade de psicologia aqui, né, daí muitas vezes a gente ouve de professores ou de colegas, falando que muitas vezes a gente se atrai por aquilo, por características do outro que você gostaria de introjetar, ne e aí eu fico pensando nesse

negócio de ser completo que, a gente é completo, mas que a gente gostaria de ter outras características do outro que a gente não tem, né. Eu acho que, tipo, nessas relações que a gente tem, não só, mas umas das coisas que atrai a gente é justamente as características do outro que a gente gostaria de ter, sabe, e aí eu fico pensando que isso não é uma forma de completar a gente. Porque a gente já é completo, mas a gente queria ser mais completo assim, sabe...

Marina: Eu gosto de uma música que fala assim, que quando a gente se apaixona, a gente está se apaixonando por a gente mesmo, né, porque a gente constrói uma imagem e essa imagem também faz parte da gente, a imagem desse outro, né.

Lívia: Sim...

Cecilia: Nossa, ainda mais quando é um apaixonamento daqueles que você fica deslumbrada com a pessoa e que na verdade você nem conhece ela direito, e é simplesmente você ali. Você tá idealizando, sonhando, planejando milhões de coisas e é tudo você, porque pensando nessas situações, você nem conhece a pessoa direito e fica nessa loucura, é você ali. Não é o outro. (Risos)

Pesquisadora: Ouvindo o que vocês tão falando...Tenho outra pergunta...Como vocês acham que se dá essa busca, como é buscar essas coisas pra vocês? Vocês sentem que já deu e vocês decidiram que vão esperar chegar ou vocês realmente vão atrás, se sentem abertas, vão pra aplicativos ou não. No caso você Lívia, que namora, com que foi isso pra você, como foi quando encontrou seu companheiro e você viu que ele tinha o que você esperava e o que você buscava?

Lívia: Ah, na verdade, assim, o Anderson que é meu namorado hoje, é a primeira pessoa que eu namoro. E aí minha mãe, antes disso eu nunca tinha namorado, comecei a namorar com 20 anos, e minha mãe jurava que eu ia morrer solteira. Porque meus pais se separaram quando a gente era criança, então minha mãe achou que a gente ficou traumatizado, meu irmão também começou a namorar com 22 anos. E se você pensar foi até meio tardio, mas não sei se tem a idade certa, não sei. Mas, pra mim, eu não sei, eu entrava no *Tinder* mas não tinha tanta paciência. Eu não tenho tanta paciência de ficar conhecendo as pessoas online, parece que o dedo até cansa (Risos). Mas eu acho que sempre estive aberta. Também sou uma pessoa um pouco difícil de lidar porque acho que sou bem exigente, assim. Mas ao mesmo tempo que sou exigente, eu vejo várias mulheres que tem isso de que as vezes não é suficiente e aceitam qualquer coisa que vem, e eu não sei, eu não sou assim. Mas acho que quando aconteceu de eu vir pra faculdade e encontrar o Anderson, ah não sei nem como é que foi, porque a gente era

vizinho e fazia parte do mesmo grupo de amigos, então...Acho que foi um processo, e nesse processo eu ficava comentando com minhas amigas, ‘ah o Anderson, o Anderson...Assim não que eu esteja gostando dele, porque claro que não’ (Risos), mas quando eu vi eu estava gostando já. Se for parar pra pensar, eu não sei direito as características assim, sabe, que eu vi e falei ‘nossa eu busco isso’ ou algo que eu tenha dado um estalo e ‘nossa é esse!’. Meio que foi um processo mesmo.

Gabriela: Eu sempre falo que eu nasci na época errada, porque eu acho que eu queria ter nascido lá nos anos 80, que a galera saia, se olhava, ficava um tempo se paquerando, se olhando, aí ia na balada, dançava, depois de um tempo saia...Eu acho que deveria ter nascido nessa época, porque eu gosto disso. Eu acho que esses negócios de aplicativos eu não sou adepta. Acho que eu usei uma vez só e não tive paciência também não. Eu gosto do olho no olho, aquela coisa de você trocar olhares ali, energia, aquela coisa de você conhecer e conversar. Eu gosto disso. Então a minha maior dificuldade, eu no momento não consigo, não tô aberta, não consigo me abrir acho que pra chegar as coisas. Eu...Eu acho que até preciso parar pra pensar nisso...(Risos)...Não sei se é o momento, não sei...mas eu não me considero que esteja aberta, não. Porque as vezes eu saio e a última coisa que eu penso é olhar pra alguém ou alguém me olhar. As vezes minhas amigas falam ‘E, fulano tá olhando pra você, olha pra ele...’ e eu tô lá, prestando atenção em outras coisas (Risos), mas acho que é uma dificuldade que eu tenho de conseguir voltar a ter mais vontade de conhecer alguém, ter essa motivação.

Marina: Ah, são momentos também, eu acho, ne. Acho que...eu tô cansada um pouco. Acho que eu tô num momento que se pudesse definir seria ‘sem tempo irmão’ (Risos das demais), não tá rolando disposição emocional pra enfrentar algo do tipo por qualquer coisa que seja. Sinto que não tô buscando no momento, de verdade. E é muito difícil também porque a gente fala que não busca, mas as vezes alguma coisa desperta ali, mas aí é isso também “estou disposta a correr atrás disso?” e no momento acho que não, não tô dando muito bola pra esse desejo.

Cecilia: bom, eu tô completamente fechada pra qualquer tipo de envolvimento. Eu até fujo, sinceramente. Não tenho vontade nem de tocar outra pessoa, de beijar, nada. Faz meses que eu não saio com outra pessoa e assim, tô ótima, graças a Deus. Mas depois de tantas experiências, de vários tipos, já sai com gente de aplicativo, já usei aplicativo, já namorei cinco vezes, anos de relacionamento...Então acho que tudo que eu vivi me fez olhar para as pessoas e pra mim e eu sei exatamente o que eu quero. No sentido de que eu não me relaciono mais com gente x, não mais, se eu perceber qualquer

características dessas eu caio fora. Características assim, vou até exemplificar, por exemplo, uma pessoa que levanta a voz um pouquinho pra você. Às vezes você pensa, ‘ah tá um pouquinho exaltado só’, mas não! Eu já me relatei com uma pessoa que quase me bateu e esse tipo de sinal eu já caio fora. Um exemplo. Então por conta das experiências que eu já tive eu já sei muito bem o que eu quero, o que eu mereço, porque é um pouco disso que você falou, que as vezes a gente acha que mesmo que seja uma coisa que não estamos conscientes, a gente não se dá muito valor, não to falando no sentido de, vocês entenderam ne, não é essa coisa moral, mas as vezes a gente não se acha legal, acha que não vai conseguir ninguém, alguém as vezes enfia isso na sua cabeça, infelizmente tem muito disso. Então a gente cai em relacionamentos que colocam a gente muito pra baixo, em dinâmicas doentias, né. Então depois de ter passado por várias situações legais, outras nem tanto, outras horríveis, eu já sei bem o que eu quero e o que eu não quero e a partir do momento que eu vejo algo que me desagrada eu pulo fora. Não atualmente, porque como eu falei, eu não quero, tô completamente fechada, quero nem sair com ninguém. (Risos)

Gabriela: Às vezes eu falo assim, gente, como assim eu to escutando uma música e não lembro de ninguém?

Cecilia: (Rindo) Ai, eu também!

Gabriela: Que isso, meu Deus! Não consigo sentir nada!! Antigamente ficava la ouvindo uma música a ficava ‘ah, fulano!!’, ouvia uma música e lembrava de fulano, ciclano...Gente o que tá acontecendo comigo senhor.

Cecilia: Exatamente, eu todinha ouvindo música, tenho isso de associar e agora, “que musica legal, ponto.”

Lívia: Sabe que esse negócio de se dar o valor...eu tenho uma amiga que terminou um namoro recentemente e ela tava muito triste e a gente saiu com um amigo conversar. Aí ele tava falando várias coisas e eu queria ter gravado a conversa pra ouvir todo dia, de tanto que foi impactante pra mim. Mas ele tava falando que você tem que se conhecer, não...Primeiro ele falou que o amor é um mercado, e que pra você colocar o seu preço, você tem que se conhecer, então as vezes esse negócio machista de sempre pensar que a gente é menos e sempre procurar uma avaliação masculina, tipo se uma amiga chegar e falar ‘como você é bonita!’ você vai falar, “ah, brigada!”, agora se um homem chegar e falar “nossa, como você é bonita!” já é outra história, né. É sempre um aprovação masculina. E daí quando ele falou isso, eu achei fantástico, porque eu não sei pra vocês, mas eu sinto que eu tô muito inserida nesse meio assim, sabe. Então pra mim, fez um

sentido absurdo. Daí ele tava falando que se a gente não parar, se olhar, ver nossas características e tentar aceitar quem a gente é e gostar, a gente não vai saber dar o valor para o mercado e vamos acertar qualquer coisa que vem.

Pesquisadora: É interessante esse negócio que seu amigo falou sobre o mercado do amor, porque quando você entra em um aplicativo ou vai em busca de alguém...por exemplo, quando você está aberta e em busca de alguém, e vai em lugares como bares e festas atrás disso, as vezes você vai pronta pra aquilo, e vai de um jeito que se sinta bonita mas também porque vai que você possa encontrar alguém, ou chamar atenção de alguém. Nos aplicativos também é isso. Você coloca sua imagem lá e fica esperando uma aprovação, como se quando alguém te aprovasse você pudesse pertencer a algo maior que não é onde você está, mas onde o outro está. E quando você consegue olhar pra você e fazer essas coisas exclusivamente pra você, sem a pretensão do encontro amoroso, tem a mudança de como vão te olhar, e como vão te procurar e como rola. É como se a gente se calejasse mesmo a cada relacionamento e fosse separando em uma caixa o que a gente quer e o que não queremos, até onde estamos dispostos a ir e tudo isso reflete na maneira como nos mostramos pro outro, mesmo quando não queremos algo. Outras características se evidenciam, porque nos importamos menos com o que o outro vai gostar e ver de primeira, e focamos mais no que temos de bom e está ali, sem uma maquiagem. Outras características. Vocês percebem isso?

Marina: Às vezes parece que é muito de época. Brota, assim, né? E você se pergunta...” Meu o que tá acontecendo? Nada a ver”. Mas acho que tem muito a ver isso de que conforme o tempo vai passando, a gente vai ficando mais exigente. E acho que fez total sentido o que vocês falaram também. Além de você identificar coisas nas outras pessoas que você não quer, é de tipo se identificar, construir uma imagem de si mesma e pensar, “poxa, eu sou assim e, infelizmente ou felizmente, eu funciono dessa forma” e a disposição para lidar com isso. É importante a gente saber que tem algumas coisas que incomodam a gente e outras não.

Cecilia: Eu quando tinha uns 16, 17 anos, eu ficava numa busca, numa busca, assim, intensa, pelo outro. E um dia, eu não lembro se foi num grupo que eu fui, as vezes até na minha cidade mesmo, as vezes religioso que eu frequentava e perguntaram quem a gente era. E eu fiquei “não sei” e isso ainda hoje é muito presente em mim, em saber as minhas características, e saber o que eu tenho de bom a oferecer ao outro, eu preciso estar bem comigo, dessas questões dos padrões, do que eu mereço, do que não mereço e preciso aceitar ou não. E hoje eu vejo o quanto que eu buscava e aceitava muitas coisas

e corria atrás e recebia isso aqui, um pinguinho assim só. E hoje em dia eu percebo um pouco da minha evolução e me pergunto, “gente, será que isso é normal?” porque as vezes eu me espanto com a maneira como eu tô lidando com as coisas hoje em dia. Acho que é a primeira vez na vida que não coloco um relacionamento em primeiro lugar. Tô me colocando em primeiro lugar, investindo nas coisas que eu gosto, correndo atrás disso. Uma hora ou outra não sei se isso vai melhorar, se eu vou ficar mais apertada, mas por enquanto, tá assim.

Lívia: Sabe que, quando você falou (apontou para a pesquisadora) que a gente não sai buscando, a gente pode até atrair mais com outras características...quando eu morava em outra cidade, tô lembrando agora, eu buscava, sabe? Ficava “queria tanto namorar”, eu tava sempre aberta, mas não tinha paciência. Eu nunca esperaria namorar no primeiro ano de faculdade, porque era justamente quando eu não estava aberta pra isso, sabe...primeiro ano de faculdade, todo mundo quer curtir. E eu comecei a namorar justamente no meu primeiro ano e era quando eu tava focando mais em mim. Eu não tava na busca. Acho que foi acontecendo num processo, mas no começo dele, não é como se eu tivesse procurando.

Marina: Eu também sempre tive muito essa brisa, sabe. Das minhas amigas da cidade de onde eu vim, eu fui a última a tudo. A namorar, transar e eu tinha muito essa pira “porque isso acontece só comigo?” e acho que era um momento que eu buscava mas era flexível a qualquer coisa e não conseguia me enxergar ali no meio. Acho que depois de um tempo, quando você percebe o que você é e o que as coisas representam em você, parece que você tá tão introjetada em você, que você passa essa identidade para as pessoas e gera uma atração.

Gabriela: Eu tinha um perfil de homens, eu gostava daquele mais bruto, rústico e sistemático. Aqueles meio agrobó, do sítio, bem chucro. E hoje eu olho e não me chama mais atenção, e eu só ficava com caras nesse estilo. E hoje eu não consigo nem pensar, nem imaginar. Pra mim perdeu um sentido de ter um padrão pra me relacionar. Hoje, não sei...não me cativa mais tanto.

Pesquisadora: O que vocês esperam do seu par ou do futuro par?

Lívia: Sabe que eu me considero até um pouco antiga e acho que deveria ter nascido nos tempos passados. Porque eu sou muito dessas que quer ser mãe e quer casar e ter uma vida a dois. Eu acho que hoje em dia a gente tá buscando se libertar desse dever. Mas não é um dever pra mim, eu realmente quero. Acho que quero mais ser mãe do que casar, e aí eu fico pensando que eu gostaria de ter um parceiro pra me ajudar com os

filhos e acrescentasse na minha vida. Então eu busco muito isso. Tanto que nosso professor ele critica muito os pós modernos, e uma das coisas que ele fala, que é tudo meio liquido. Deu algum problema, alguma característica que você não gostou, as pessoas dizem chega e terminam. Ai eu acho que por eu buscar esse tipo de coisa, eu sempre busco conversar sobre o que tá acontecendo, porque se for parar pra pensar já teve algumas situações em que eu podia ter dito chega, não quero mais. Mas eu acho que essa busca de tipo “eu quero ser mãe, eu quero uma vida a dois, eu quero constituir uma família” eu acho que até hoje tem a ver com meus pais, porque meu pai saiu de casa quando eu tinha 7 anos. Mas eu acho que busco muito isso e sinto que no meu relacionamento tem muito dialogo, porque é uma coisa que a gente quer construir e manter, sabe.

Pesquisadora: E você se sente confortável de falar isso no seu grupo de amigos, dessa vontade de ser mãe, ter um marido e sua família, que você espera isso, ou você sente alguma vergonha em dizer isso?

Lívia: Não. Que eu quero casar e ter filhos, não. Eu sinto vergonha de falar, é que o A é meu primeiro namorado, e daí é esquisito você chegar e falar que você e seu primeiro namorado estão planejando casar. O pessoal fica, vai viver outras experiências e eu até concordo. Por exemplo, o A sabe que eu quero ter filho, então as vezes eu vivo muito no futuro, começo, por exemplo, a planejar o nome dos meus filhos com ele. Mas não é o tipo vamos casar e esses vão ser os nomes porque a gente já planejou, sabe? Não é uma coisa tipo “a gente vai casar daqui dois anos”, é algo que se acontecer, aconteceu, se não, paciência. Isso eu tenho vergonha de falar, eu não falo. Mas que eu quero ser mãe e busco o ideal de família, eu não tenho não. Acho tranquilo. Só pra um pessoal que...é que assim, tem um pessoal que a gente fala isso e eles entendem como se a gente nunca tivesse refletido sobre isso e falam que a gente precisa se libertar, mas quem falou que eu tô presa? Eu já pensei sobre isso, e eu quero. É algo meu, não cultural.

Cecilia: Ah, todas nossas vontades são sociais ou culturais, mas é isso, não quer dizer que você é oprimida porque você quer ser mãe e a outra que não quer, que tá liberta e não presa nessas amarras...né...porque é isso, você é livre e você pode escolher e se a gente não pudesse escolher a gente não estaria aqui, estaríamos em casa, casadas e sem ter escolhido isso, né...

Pesquisadora: Eu acho que a contemporaneidade prega um pouco isso. Como tudo hoje em dia é geração *fast-food*, tudo ganha sentido e tudo perde sentido muito rápido e sempre em grandes proporções e nunca é simples. Parece fácil viver nessa geração,

porque parece simples, mas também traz muita solidão e desamparo ver tudo mudando e perdendo e ganhando sentido tão rápido e várias coisas pra gente se identificar e desejar...gera até um sentimento de estar perdido no meio disso, do que você quer identificar e ao mesmo tempo não poder se identificar com tudo, porque sempre vai ter um pessoal que vai dizer o que é ser presa e ser livre. E no mesmo tempo que a gente vive nesses tempos e uma geração sem rótulos, quando a gente diz o que é ser livre e ser presa, a gente colabora pra que os rótulos permaneçam independente do que o sujeito deseja.

Cecilia: Sim...acho que é isso mesmo. Você tinha falado sobre o que a gente espera...Acho eu espero companheirismo, cumplicidade, presença, não só física, mas bancar a relação, carinho, afeto, construção, porque pra mim construção é tudo, poder contar com a pessoa mesmo que não fisicamente. Se sentir ligada, ser bem tratado e tratar bem. Coisas que deviam ser básicas, mas não é, dada as minhas experiências. É isso, por enquanto. Nem consigo conceber essa ideia na minha cabeça parece, porque to tao distante de querer algo com alguém.

Gabriela: Acho que também, essa questão da cumplicidade e companheirismo, de fazer planos juntos...acho que é o que faz o casal funcionar e ir pra frente, ter coisas ideais. Não ideais, mas ter planos juntos e olhar o presente e o futuro em trocas.

Marina: Pra mim também é isso. Eu tenho muita vontade de ser mãe também mas eu não vejo ela ligada a uma outra pessoa. Me vejo sendo mãe, independente de estar num relacionamento ou não. Mas se futuramente eu tiver e isso vier acontecer, acho que é aquilo da parceria ne, não só fisicamente, mas as vezes isso nem é tão importante assim em alguns momentos, mas saber que existe essa atividade de poder se deslocar com a pessoas e ela se deslocar em direção a você. Reciprocidade, né.

Cecilia: Nossa, reciprocidade em todos os sentidos ne, não só do amor, do carinho, sentimento, mas dá atenção, da presença.

Gabriela: Eu tenho uma influência muito grande as vezes da minha mãe e das minhas tias que falam “não casa não, E, olha ai eu e o seu pai.” Mas os dois não se desgrudam. Tem as brigas, as vezes discutem por conta de nada e aí...mas assim, os dois tão la, faz 30 anos que tão juntos e você percebe que tem companheirismo e cumplicidade da maneira deles, não do jeito que eu gostaria de ter. Mas na maneira deles, eles funcionam bem, mas elas falam “não casam não, ein, olha a situação que eu tô”. As vezes fala num momento de raiva, só que eu fico, será que eu vou ter que passar a vida toda com a mesma pessoa assim? Ficar com alguém o resto da vida parece muito tempo. Claro que

se for com alguém que a gente gosta, é outra coisa, mas no momento que eu tô, de pensar nisso me dá preguiça. (Cecilia e Marina riem e falam “ééé”) Eu penso “mas eu vou ter que ficar com uma pessoa o resto da vida, passar os dias e resolver problema, e dividir as coisas com ela.” E isso me dá preguiça. Mas as vezes é porque eu não tenho ninguém que esteja disposto, e nem eu estou, daí eu tenho preguiça.

Lívia: você sabe que quando eu tava mais aberta e era exigente, uma das coisas que acontecia comigo é que eu enjoava da pessoa e não queria mais contato com ela. E cara, não é justo com a pessoa, porque imagina, ela tá lá toda envolvida e do nada eu digo tchau, não é justo, mas o que eu podia dizer se eu enjoava? Então eu achava também que eu não poderia ter uma relação mais duradouro por isso, porque era com toda pessoa, e eu achava até estranho.

P: Qual a importância de um relacionamento amoroso na vida de vocês ou qual ela já teve e hoje não tem mais?

Marina: Acho que...que nem eu tinha falado...acho que são momentos, né, cada *vibe*, cada parte da sua vida, você está em uma fase, pensando em coisas diferentes. É...acho que hoje pra mim tem que valer muito a pena, acho que é essa a sensação. Mas já teve muita importância, acho que quando eu buscava isso, vivia em uma idealização também e acho que depois que eu passei a namorar eu percebi o quanto eu me desdobrava para permanecer nisso, e não sei, acho que eu em contato com outras mulheres percebia a centralidade que isso tinha e como é diferente para as pessoas a forma que isso é construído. A partir do momento que a gente vai tendo consciência disso, vai deixando de ser um centro. É que nem você falou, não é a primeira coisa hoje que vem a minha cabeça enquanto desejo.

Gabriela: Eu lembro que nos dois relacionamentos que eu tive, era sempre o outro, a pessoa, os amigos dele, a família dele e eu acabava me afastando da minha rotina de sair, de ficar com minhas amigas e fazer as coisas que gostava e ficava muito nele, nas coisas que ele gostava, que ele fazia. Então depois dos dois terminos, comecei a perceber que acabou, cada um ia pro seu canto e eu sempre ficava sozinha. Aí eu tinha medo de terminar quando percebia que o relacionamento não tava lá aquelas coisas pelo medo de ficar sozinha, porque eu acabava me afastando das minhas coisas e aí, onde ficava a coragem de retomar tudo isso? Mas eu percebi que a questão do outro estar muito na centralidade, você acaba deixando de levar e quando o outro sai você perde o chão, pra onde você vai? Como você vai? Ai a dificuldade de enfrentar e retomar algumas coisas. Pra mim pelo menos, foi muito difícil. Hoje eu penso que tenho minha

vida, minhas coisas e meus amigos e não gostaria de ter alguém e deixar isso de lado, de sair sozinha...acho que isso tá muito presente e aí eu fico pensando “nossa e se eu começar a namorar e me perder de novo nisso tudo aí, aí o outro vai embora e eu fico aqui...”

Cecilia: Pra mim já foi central, já tive relacionamentos em que eu achei que ia ficar com a pessoa, nossa “amo você, amor da minha vida...” PUF, CLARO QUE NÃO, NÃO ERA. E assim, depende do momento, porque tem relacionamentos que as vezes...eu acho meio torto...você ficar só focada em qualquer outra coisa que seja só você, só sua vida...não que eu tô falando...como eu posso explicar...não que você não tenha que se dedicar no relacionamento a outra pessoa, afinal é uma troca, mas colocar alguém que não é você no centro é complicado por conta disso que você falou. Depois a pessoa sai e fica aquele vazio libidinal até, onde que eu vou colocar minhas energias vitais ne, saiu aquele objeto de amor e fiquei sem chão. Mas a última vez que namorei não foi assim, eu não colocava...gostava do meu ex mas eu sabia que iríamos acabar em alguma hora e eu dizia “tô com você agora, não tenho planos de estender essa relação” e foi muito bom, mas ele sentia um pouco, porque ele achava que eu era muito independente (Risos) então mulher independente as vezes incomoda os homens, assusta, deixa eles frágeis. Não todos os homens claro, mas ainda mais esse que namorei que era o típico machinho, masculinidade frágil, dominador, então isso incomodava ele demais, tanto que terminamos porque isso me destruía. Acho que tiveram momentos em outros relacionamentos que eu nem sabia como era viver com a pessoa, me identificar fora do outro, e isso é doentio pra mim, eu comecei a perceber e pedi ajuda. Entrar no narcisismo do outro...é horrível! Mas acho que hoje já não seria mais dessa forma, porque passei a focar mais em mim. Quem sou eu? Hoje eu sei quem sou eu, o que gosto, o que não gosto, que tenho essa qualidade, esse defeito, meus limites, então já não vou mais mergulhar no outro como mergulhei muitas vezes, que foram experiências ruins e tal.

Lívia Eu, antes de namorar, eu não gostava de ficar sozinha, sabe? Meu, o que eu vou ficar fazendo sozinha? Não tem ninguém pra conversar, vou ficar mexendo no celular? Não gostava, sabe...Aí quando comecei a namorar, fiquei muito dependente do A., aí eu comecei a terapia e mudou minha vida inteira (Risos) Aí eu tô descobrindo que é justamente essa questão: eu me doava demais assim, sabe. Tanto que uma das últimas conversas que tive com ele foi porque ele tava falando que eu tava desinteressada, que eu não dava atenção, sendo que eu só tô vivendo minha vida. Teve uma vez que eu

achei que foi o ápice, isso ficou nítido. Eu estava resolvendo umas coisas no celular, de uma cachorrinha que foi atropelada e eu tava ajudando, aí ele foi me mostrar um vídeo e eu falei “não, peraí, depois você mostra” e continuei, daí ele ficou bravo. Mano, não vou parar de fazer minhas coisas pra fazer o que você quer, primeiro vem eu, e eu tava ocupada. São as minhas coisas. E aí ele ficou chateado. Aí eu também tô fazendo várias coisas na faculdade e aí as vezes ele fica mandando mensagem pra saber se eu já cheguei em casa, e notando essas coisas, comecei a....por exemplo, quando tô sozinha, fico muito no *The Sims* e quando não respondo a mensagem dele ele vai até minha casa perguntar porque não tô respondendo. Mas é legal esquecer o celular as vezes, sabe. Quando ele me mandava mensagem eu já respondia, e quando eu mandava ele demorava muito. Aí eu comecei a me importar menos com a pressa também. E aí veio a cobrança.

Pesquisadora: E quando você era mais dependente dele, você acha que ele gostava ou não gostava?

Lívia: Eu acho que ele gostava. Porque antes ele queria ficar mais sozinho, e eu mais junto, agora que quero ficar mais sozinha, ele quer ficar mais junto. Acho que na verdade, a gente meio que se desequilibrou. Antes eu sentia que ele gostava porque era sempre alguém querendo ficar com ele, mas ele verbalizava quando queria ficar sozinho e eu respeitava.

Pesquisadora: vocês percebem ou perceberam as dificuldades que enfrentaram nos relacionamentos? Ao que vocês atribuem essas dificuldades?

Cecilia: Todo tipo de dificuldade, distância em alguns relacionamentos, comportamentos complicados, que nem esse que eu relatei, de alguém que é violento...manipulação...que aí é um negócio sério e pra mim sai da esfera de problema de relacionamento...porque briga? Tá, já vivi também, mas aí é algo mais contornável, de sentar, conversar, agora essas outras experiências que eu tive, credo...aí eu acho que isso aí não era nem problema que veio tanto de mim. Apesar que de certa forma eu me permiti estar nessa situação e ficar ali, que é algo meu. É difícil de separar, né. Porque o relacionamento é uma dinâmica que tem coisa que a gente nem imagina que pode sentir ou pensar e aquilo acaba acontecendo enquanto você está ali com o outro...uma coisa de você que você nem sabia...pesado. Mas os mais difíceis que tive foi de me relacionar com uma pessoa que me encurralava mesmo, que me surrou a alma, que queria tudo e não queria dar nada.

Marina: Acho que uma dificuldade que eu tive é que pesava muito a comunicação, assim...de nunca ficar evidente se as coisas estavam batendo ou não, sabe? Tipo “ah o que você quer? O que eu quero é isso...” Sabe? As coisas conversam ou não? E acho que com o tempo eu fui sentindo muito essa necessidade de sempre querer falar o que eu tava sentindo e pensando e a pessoa não tinha essa demanda também, não sentia essa necessidade. E pra mim isso é fundamental, sabe? Você querer conversar sobre as coisas e eu sentia uma falha muito grande na comunicação e sempre era eu que falava “nossa, quero conversar” e a pessoa não ter essa iniciativa também me incomodava muito, porque em alguns momentos eu sabia que a coisa não tava bem, e eu ficava “meu, você não vai querer conversar sobre isso? Como assim...Isso vai ficar assim? Não rola” então acho que isso pesava muito pra mim.

Gabriela: Eu acho que uma das maiores dificuldades era minha, de tentar...Eu acho que nos meus dois relacionamentos eu queria cuidar muito...cuidar, cuidar, cuidar...o meu primeiro não tinha a figura da mãe e acho que automaticamente eu virei a mãe dele no meu relacionamento, e depois o outro recém separado e eu não sabia, e depois que a gente separou que eu fiquei sabendo da história real, então eu queria cuidar, cuidar, cuidar, e tipo, fazer de tudo para que o outro ficasse bem e eu fiquei meio perdida. Como eu disse pra vocês, depois o outro ia embora e eu ficava chupando o dedo. Hoje, depois de um tempo, consegui equilibrar essa reciprocidade, né. O quanto que vale a pena eu ficar me desdobrando e ficar fazendo esse papel de mãe muitas vezes e o outro não corresponder.

Lívia: acho que minha maior dificuldade foi insegurança, por parte minha mesmo. Porque assim, eu tenho muitas inseguranças sabe, tipo, até falo com a psicóloga, tenho insegurança até com o depois do casamento, que eu nem sei se vou casar com ele, não sei nem se eu vou casar um dia, né. Quero, porém não sei, né. Aí eu tenho tipo umas preocupações que nem nos próximos cinco anos vai acontecer, e isso me causa bastante insegurança. A vida inteira eu tive problema com meu corpo, minha mãe também tem insegurança com o corpo dela desde os 13/14 anos eu ouço falar que tem que emagrecer e tal...aí hoje eu percebo que piorou até minha relação com o corpo depois que eu comecei a namorar. Porque eu fico, “Tá. Agora tem uma pessoa que vai ver.” Até falei pra psicóloga, as vezes eu como hambúrguer (e eu nem sabia que fazia isso, fui reparando) e eu entrava no *Instagram* e seguia um monte de foto de gente de biquíni, sabe? Essas modelos. Aí quando eu levei isso pra psicóloga eu comecei a desseguir tudo. Mas era muito frequente isso, então eu tenho muita insegurança, aí tipo, as vezes

eu vejo o Gabriel olhando pra outra pessoa e eu fico “nossa, o que será que ela tem que eu não tenho” e aí é o tempo inteiro – não é uma coisa que eu gosto de pensar sabe, obvio. Mas é uma coisa muito frequente.

Gabriela: Você falando assim, eu também tenho essa questão...de porquê que a pessoa tá comigo, gente, o que ela tá fazendo aqui. E a outra passa e eu fico “nossa, é tão mais bonita que eu, porque o outro tá comigo aqui?” Eu tenho muito essa questão da comparação, do outro sempre é melhor, sempre mais bonita...isso eu fui trabalhando, mas ainda tenho um pouco disso comigo.

Lívia: Medo de ser trocada a qualquer momento, né? Eu tenho muito disso.

Marina: Nossa, acho que me identifiquei com vocês duas. Eu lembro que teve alguns momentos que eu falava, “meu acho que eu vou terminar porque não quero mais sentir isso que eu tô sentindo sabe? Porque que essa pessoa tá comigo? E nitidamente ela quer estar com outra pessoa...o que eu tô fazendo aqui? Tô perdida, sabe?”

Gabriela: Aí a impressão que eu tinha é que ninguém olhava pra mim e ninguém olhava pra pessoa. Todo mundo...

Lívia e Maria: É....

Gabriela: Todo mundo olhava pra ele, e pra mim ninguém olhava, ninguém cantava, porque eu ficava tão focava em perceber em quem ele tava olhando que eu nem percebia.

Cecilia: Ah, tudo isso eu também já vivi, e é um inferno, né, porque as vezes estar num relacionamento por causa de tudo isso que acarreta que as vezes a pessoa que tá com a gente não faz a menor ideia, porque não é algo que ela causa né, assim, por querer. Você estar com a pessoa desperta isso ou aflora mais forte do que se você estivesse sozinho. É....as vezes isso é tão infernal que de fato, você fica “ah, porque que eu tô aqui? Gosto da pessoa, mas eu sou tão lixo que assim...” é horrível, e não só essa questão de estética, mas pra mim claramente isso é uma questão de gênero, posta porque toda essa ideia do papel da mulher, que tem que ser a que cuida...eu também, quantas vezes não fui a mãe da pessoa, que tenho que prover tudo e o outro só tem que dar, ou no caso, uma questão de diálogo, que os homens não sabem conversar, não são ensinados a falar sobre sentimentos, os aspectos sensíveis são negados a eles desde pequeno, tem que aprender a bater, a socar, mas não a falar o que sente, a não chorar...e tudo isso também tá ligado nos relacionamentos e tá na gente e tá no outro, e eles também sofrem muito, porque precisa se libertar disso pra parar de sofrer.

Gabriela: Sim...até hoje minhas tias falam “Ai Gabriela, você precisa emagrecer, ai não tá legal, olha, tá bem gordinha, em cima do peso...desse jeito não vai arrumar marido nunca.” Ai eu fico, “nossa, realmente, fulano é magro, fulano é isso, mais assim, mais assado” ai eu falo “opa, isso não é meu não, isso é do outro. Se eu quiser emagrecer, um corpo bonito eu vou fazer isso pra mim, não vou fazer isso pra ninguém não.” É que a família da minha mãe tem muito isso, muito essa cultura de que pra você se dar bem, você tem que ser bonita e casar com homem rico. Então tem uma prima que sempre foi muito bonita e muito olhada, e minhas tias sempre falavam que ela ia se dar bem, porque ia casar com um cara rico, que vai bancar ela e beleza. Então sempre teve essa questão de comparação comigo nesse ambiente e dessa cobrança de ter esse corpo, esse cabelo, de andar sempre toda montada e é uma coisa que não é minha, que é muito cobrada até hoje. Até o meu ex trabalhava no banco e ele tinha um pouco de status por isso, e minha família gostava mais ele do que eu, porque ele tinha status. Então eu tinha que andar no nível dele.

2º encontro: 27/06/2019

Pesquisadora: O que vocês pensam de um relacionamento amoroso comprometido? Vocês acham que esse tipo de relacionamento coloca mais dificuldades do que uma relação sem compromisso?

Marina: Eu acho que as duas formas tem suas dificuldades, tem coisas pra lidar. Mas acho que quando a gente tá num relacionamento comprometido, sério, assim, eu acho que você sempre projeta no outro, porque é um objeto. Quando você tá se relacionando com mais de uma pessoa, saindo, tudo volta pra você, né. Então acho que as dificuldades estão muito mais na sua segurança, na sua auto imagem. Tudo volta pra você. E quando tá num relacionamento comprometido tem a ideia de construir algo ou não, então você sempre se depara com essas dificuldades, mas com alguém. Acho que as duas formas não tem como impedir de passar por certas dificuldades. Mas acho que quando a gente tá solteira, sozinha, é muito mais lidar com a gente mesmo, né. Não sei, eu sinto isso.

Lívia: Em relação a lidar com o outro, tava conversando com a psicóloga outro dia, que parece que tem muitas coisas que a outra pessoa faz ou deixa de fazer que você fica “olha que cuzão, ele podia ter feito, né?” Daí ele sempre fala que o obvio também precisa ser dito. Que as vezes não a gente tá educando o outro, de certa forma a gente tá,

mas é que o outro não sabe que x aspecto me incomoda. Se você não falar pra ele, ele não vai saber, porque talvez pra outra namorada dele não incomodava. Entendeu? Então acho que esse é um dos maiores desafios de lidar com o outro, é você saber que tem uma outra pessoa com os próprios gostos, sem saber tudo sobre você e que você precisa falar, entender seus sentimentos, colocar em palavras, ter a coragem de falar, sabe? Acho que é um desafio muito grande, assim.

Gabriela: Acho que o começo é um delícia (risos) você tá naquela loucura da paixão e não consegue ver muita coisa. E ao longo do tempo, conforme vai passando os períodos, você vai tendo, igual ela falou, tendo que enfrentar algumas coisas, e daí que começa a aparecer as dificuldades. Acho que quando você tá num compromisso com alguém, pelo menos pra mim é algo que é sério, tô dividindo minha vida com outra pessoa. Pelo menos pra mim, é muito difícil fazer esses processos: oh, não gostei, acho que não é esse o caminho. Daí chega alguns momentos que explode tudo, porque vai tudo de uma vez. Então acho que... não sei. Apesar da minha dificuldade em estar compromissada com alguém, falar sobre as dificuldades, o que gosta, que não gosta, o que tá legal, o que não tá. Acho que eu tenho um pouco de dificuldade quanto a isso. Quando eu tô sozinha, sem compromisso você não tem aquela coisa de ficar falando, porque as vezes você nem tem o que falar pra pessoa. Às vezes é uma coisa de vez em quando, daí como que você vai pedir algo pra ela. Tenho dificuldade nisso também, porque começo a misturar as coisas...não é um compromisso, mas você começa a querer, a gostar...então acho que os dois tem dificuldades. Como que você vai falar, porque daí o outro fala “a gente não tem nada aí” e sai correndo.

Lívia: Tenho uma amiga na faculdade, ela entrou esse ano, e aí acho que desde que ela entrou ela tá ficando com um menino, e daí eles vão pra festa e todo mundo fica com todo mundo. Só que ela gosta dele, e parece que ele mesmo assim, nunca fecham no rolê, ficam com todo mundo. E a gente sabe que ela gosta dele, daí ela fica “ah será que eu sento pra conversar?” e isso desencadeia um sofrimento, né. Você ver a pessoa que você gosta ficando com um monte de gente, ali na sua frente, sabe, sendo que domingo eles almoçam junto, chega na faculdade, despedem com um beijo na testa...sabe?

Gabriela: Não tem um nome pra dar pro relacionamento né?

Lívia: É!

Gabriela: Acho que isso causa muita dúvida, muitas questões, quando as coisas ficam meio soltas assim.

Marina: A galera usa isso de não rotular pra ser cuzão né, na real. Então é isso, “a gente não tem nada, pra que por rótulos” e assim não precisa cobrar nada de mim, eu posso fazer o que eu quero sem me responsabilizar.

Gabriela: Até tem vários, acho que, esses *coachings* de relacionamento, e tenho uma amiga que segue vários e sempre me manda “olha Gabriela, segue esse cara aqui que ele vai te ajudar” e tem essa questão de como você tem que fazer, como você tem que se portar, o que fazer quando acontece esse tipo de coisa, mas eu falo...as relações parecem que são, pelo menos pra mim, tão únicas, que não sei, funciona até certo ponto. Eu pelo menos não consigo fingir algo que não sou, então como vou seguir essas questões dos padrões? “Ah, se o cara fizer isso, você faz aquilo. Se ele não responder, você não responde. Se ele responder, você demora quinze minutos pra responder” Aí tem as perguntinhas assim, que eu já assisti, gente, não nego. Porque eu as vezes ficava tão perdida, achando que o problema era eu, que não conseguia lidar com isso e meto os pés pelas mãos? Depois na terapia a gente vai aprendendo, né. Tendo consciência de algumas coisas, só que tem alguns rótulos. Não sei se vocês percebem de que o homem tem que ir atrás, se a pessoa não respondeu, você também não responde, se demorar duas horas, você demora cinco. Então não sei até que ponto isso...isso as vezes me confunde.

Cecilia: Como se fosse um jogo né? Você tem que saber as regras pré-estabelecidas pra jogar, e tem os padrões né, principalmente, né...tudo bem que eu sou meio suspeita porque sempre tenho essa leitura das coisas. Mas tem a questão de gênero aí né, de uma performance da mulher de fazer isso e aquilo e o cara que tem que fazer isso, isso e aquilo e em geral, o cara tem que fazer muito menos coisas, né. Pra nós mulheres, pensando no relacionamento hétero... eu acho isso paia.

Gabriela: Sim, o cara tem que ficar na posição de caçador e a mulher de caça. Porque ele que tem que caçar.

Cecilia: E eu fico pensando até na questão do compromisso, porque compromisso são tantas coisas, né? Tanto assim, a gente vai se ver tal dia e fazer tal coisa junto ou a gente não vai fazer isso, até o você não vai ficar com ninguém e nem eu, tudo é acordo, eu vejo. Pra mim a maior dificuldade em lidar com isso é que as duas pessoas cumpram o que é combinado. Seja o combinado de não quero que você fale assim comigo, que sei lá, faça tal coisa, até, sei lá, vamos tentar fazer isso juntos, vamos conversar, falar sobre nossos sentimentos. Eu acho isso difícil porque a pessoa tem que estar disposta a fazer isso, cada um com sua dificuldade e não é simples, né. Sempre a gente tá sendo

desafiado nos nossos relacionamentos. Às vezes é bom, a gente cresce muito, mesmo quando tem sofrimento, o bom é que não sofra tanto ou não sofra, ne. Não sei. Mas acho que é difícil fazer as duas pessoas estarem na mesma rotação pra cumprir esses combinados de uma forma que ninguém sofra, ninguém se sintam mal, mas que tenha concessões ne, porque eu sempre acredito, que é tudo concessão. Eu dou um pouco, mas eu também recebo. Não é nem uma questão de medida pra mim, quantitativa assim, mas uma troca. Você não vai entrar pra perder no jogo, ficar se doando, não receber nada. E ao contrário também. Mas eu acho que é uma grande dificuldade, ne. Até pensando nisso, que você falou...eu também tenho uma grande dificuldade em falar o que sinto, colocar limites no outro. E isso é muito comum nos relacionamentos porque eu vejo, não só isso, mas também eu vejo uma educação de gênero. Da gente sempre ser educada e colocada nesse lugar de que você tem que ficar quieta, que os caras não têm nem aí mesmo...e isso é uma desgraça, porque não é pra ser assim, isso é errado. E muitas vezes é melhor ficar sozinha, sem ninguém, do que se submeter a um negócio desse, de joguinho mesmo, uma coisa meio quinta série, não sei. Cansa. Nem todo mundo é assim, claro, mas isso é muito frequente.

Marina: E parece que isso de né...não sei...toda essa dificuldade de impor limite, também...já me senti assim e percebo nas mulheres que acompanho como um sentimento muito grande de culpa, de ter que colocar o dedo na ferida e pensar “meu, porque que tá tudo errado, será que sou eu?” “Porque eu tenho que falar isso?”

Lívia: Parece que a vezes a gente quer falar e a outra pessoa não quer tocar no assunto, daí você fica guardando as coisas pra você, e aí você não pode conversar porque a pessoa vai ficar de saco cheio, e aí fica esse trem, você guarda cada vez mais coisa, é um saco.

Cecilia: Ai explode uma hora, né. Uma hora você não aguenta mais, começa a pegar birra da pessoa.

Gabriela: Começa a ficar com raiva, ne, só de olhar.

Pesquisadora: Pensando nessa questão de gênero e nessa questão do silêncio diante dos sentimentos, que torna tão difícil que a gente expresse eles na relação, me lembro da configuração antiga das relações onde a mulher estava em função do homem e as revistas reproduziam tutoriais de como ser uma mulher atraente para encontrar o homem ideal, como ser uma esposa perfeita e como agir nas relações, sempre em tom submisso ao homem. E ao homem, existiam uns gibis com o mesmo propósito, que era vendido escondido, mas que tinha uma coisa erótica de como se portar, como agir, e sempre

pendendo pro lado sexual, sedutor, chefe de família...E daí você traz essa questão do coaching de relacionamentos que grava os mesmo tutoriais, mas com adaptações pros tempos de hoje, e pessoas comprando essas ideias, e vendo elas como solução para as relações.

Gabriela: Numa experiência que eu tive, minha mãe e minhas tias ficavam assim: mas se ele pediu um tempo, você tem que esperar o tempo dele. E aí eu pensava assim: ah, então ele pode ter o tempo dele e eu fico me ferrando aqui? E na época eu acabei cedendo alguma coisa. Mas hoje, que tudo passou, eu percebo na fala das minhas tias e da minha mãe que assim, o homem pode pedir um tempo, mas você tem que esperar belezinha na sua casa, você não pode sair, ficar com ninguém, mas ele pode fazer o que quiser, aí quando ele decidir, ele volta. Então é isso, a gente tá em 2019 e tem muito esses estigmas ainda de antigamente.

Lívia: Vocês já viram aquelas revistas que falam como deve ser a relação marido e mulher, que fala que tem que deixar tudo preparado quando o marido chega em casa, e você faz um jantar, e uma massagem, porque ele vai estar estressado e não pode questionar, não pode conversar, porque ele já vai tá estressado. E assim, ce vai tá na sua casa e você não pode conversar? Af.

Pesquisadora: Quais são os empecilhos pra manter uma relação amorosa?

Cecilia: Pra mim a disponibilidade de ambas as partes e em todos os sentidos. De estar disposto a bancar isso em todas as instâncias e assumir, não no sentido de publicizar a relação, mas no sentido de tô com você e a gente vai fazer isso e aquilo, é isso que você quer? Eu também quero, então beleza. De estar nesse equilíbrio de poder ter um diálogo, que cada um, mais ou menos né, ao longo da relação, que a gente vai descobrindo o que cada um pode dar e abdicar. Acho que isso é um empecilho, estar no mesmo timing da coisa. Porque as vezes você até quer, mas a pessoa não quer, as vezes a pessoa quer mas você não quer, e até tem sentimento, mas você não se sente disposto ou que tem espaço na vida pra aquilo.

Marina: Pra mim acho que é muito isso também, essa disponibilidade. E..ah não sei, só sei que é muito complicado.

Lívia: Não sei, também acho que tem tanta coisa sabe...no meu relacionamento eu não vejo tanto essa questão de tempo, de disponibilidade, mas faz mais sentido a questão de tempo, porque tô na faculdade sabe, e assim por mais que eu tenha, que eu faça várias coisas assim, faculdade você não tá correndo atrás de emprego, pelo menos não no segundo ano, não pra mim, então eu moro no mesmo prédio do meu namorado, então é

super tranquilo em relação a isso. Eu acho que o que tô passando agora, é pra mim, ter um tempo de relação considerável sem deixar ficar a mesma coisa, não fazer nada de novo, não sair, ficar a mesma coisa de sempre sabe? A rotina da relação sabe?

Gabriela: É disso que tenho medo também (risos)

Lívia: Gente, eu assisti esses dias um filme, chama “Diário de um paixão”, não sei se vocês já assistiram, que assim, é um dos meus filmes preferidos e eu não gosto nem de romance. Assim, eu já tinha assistido esse filme antes e ele mexeu muito comigo, sabe...porque eu fiquei vendo aquela relação, que por mais que seja no século 40 se não me engano, era tão legal, sabe? Aquela coisa que eles inovavam. Eu sei que é filme também, mas por eu estar sentindo falta de coisas novas na minha rotina, eu fico vendo aquilo e fico achando demais, porque tipo, era um romance de verão sabe, e 7 anos depois, mesmo separados, um tava pensando no outro ainda. Porque foi intenso sabe? E eu acho que a rotina tira um pouco a intensidade, ou mascara, não sei.

Cecilia: Esse filme é um que alguém fica doente, acho que ela fica com Alzheimer, não sei...

Lívia: Sim... ela fica doente. Eu acho esse filme super bom, eu acho ele sensacional.

Cecilia: Acho que já vi em algum lugar...sei lá.

Gabriela: Eu tenho medo dessa questão da rotina, assim....de acabar me deixando levar por essa rotina, medo do que pode vir sabe, então essa questão da rotina me pega um pouco, e essa que a B falou da reciprocidade e de estar disponível, porque as vezes você ta tão assim e o outro tá “ah vamos dar uns beijinho”, e você quer outras coisas, você ta realmente afim da pessoa e ela não ta disponível. Aí você entra nessa questão...que será que eu to fazendo, começa a entrar nessa energia de culpa. Hoje nem tanto, mas já achei muitas vezes que o problema era eu e que minha intensidade afastava as pessoas. Então um pouco das duas coisas: medo da rotina e de ficar algo pesado ao invés de leve.

Marina: O que pra mim fica muito assim, é que quando chega a rotina, é que fica posta a vontade das pessoas de realmente estarem juntas, de superar a rotina. Então isso da disposição é central pra mim.

Cecilia: Também vou mais por aí. Porque depois de um tempo, a vida vai tomando outros rumos, trabalho, buscar outras coisas...você nem vai ver a pessoa direito, sei lá. Você chega em casa cansado e quer dormir, sei lá, você não quer transar, enfim...outro tempo! E talvez o tempo fique mais escasso para estar com a pessoa. Tô supondo né, porque não to com ninguém agora, tô pensando daqui uns anos, se tiver a convivência mais intensa com alguém. Você passa a ter uma rotina tão maluca, trabalhando e

fazendo outras coisas que o tempo já é curto, passa a ser pouco, né. E as vezes nem cai tanto na coisa maçante. Por exemplo, pelo que você tava falando, seu namorado tá na graduação também, né. Então tem um ritmo parecido. Eu lembro quando eu tava na graduação, a gente fazia cursos diferentes, ele tinha mil aulas e eu quase nada. Então a gente se via bastante e ficava se perguntando o que faríamos pra mudar estando em Assis, que não tem muitas coisas pra fazer de diferente. Mas, acho que é um desafio legal quando você gosta e está disposto a estar com a pessoa, eu acho bacana pra ver quanto cada um está na relação dado uma situação de adversidade. Temos um problema, como que a gente vai resolver junto isso, ne?

Pesquisadora: Vocês já viveram uma desilusão amorosa? Como foi essa experiência?

Cecilia e Gabriela entre risos: Nooooooossa....risos

Gabriela: A gente tem quantas horas? Risos

Cecilia: Quanto tempo?

Pesquisadora: A que vocês atribuem essa desilusão?

Gabriela: Ai Jesus...

Lívia: Ai, eu não sei sabe...porque assim, a minha vida inteira eu sempre gostei de pessoas nada a ver sabe?

Pesquisadora: Nada a ver com você ou com outras coisas?

Lívia: Nada a ver com tudo, nada a ver comigo e nem com nada. As poucas pessoas que eu gostei eu mal tinha contado direito. Não sei o que acontecia. Acho que eu tinha tanta vontade de gostar de alguém que eu gostava de pessoas aleatórias, mas não era pouco sabe? Eu ficava muito tempo gostando. Era platônico também. Eu lembro quando eu tava no oitavo ano, eu fiquei gostando de um menino por muito tempo, e eu considero que era muito tempo porque eu esquecia! Daí eu lembrava e já tinha passado um ano e eu realmente ainda gostava. Eu lembro que quando eu cresci, é porque eu nunca tive muita experiência amorosa, a primeira pessoa que beijei na vida eu tinha 18 anos, sabe? Então, ai eu fiquei com um menino e comecei a gostar dele, um menino nada a ver, eu mal falava com ele. Tenho vergonha até.

Pesquisadora: Não precisa ter vergonha!

Lívia: É que foi assim, eu fiquei com um menino, ai comecei a gostar dele, aí fiquei com ele outras vezes, mas foi assim, uma em março, outra em outubro. Sabe? Ai, tipo...porque que eu gosto sabe? Eu não converso, eu não tenho contato, eu nem estudo na mesma sala. É boçal sabe? Acho que a desilusão máxima que eu tive foi com um menino do meu cursinho, que, eu...acho que perdi a virgindade com ele...ai depois eu

fiquei sabendo que ele tinha um relacionamento aberto e a namorada dele me odiava, claro que me odiava, ne? Mas que culpa eu tenho se eu não sabia? Mas essa foi a máxima. Eu sei que é uma coisa tipo assim, muito...ai perdi a virgindade, sabe? Mas pra mim era muita coisa, porque eu nunca tive muitas relações e ai eu cheguei nesse ponto e descobri que era um terceiro elemento. Eu fiquei muito chateada. E na outra semana ele nem olhava na minha cara mais. Daí isso me deixava com raiva. Não sei se foi uma desilusão amorosa porque eu não gostava dele, mas foi uma desilusão porque me deixou muito, tipo assim, pistola.

Cecilia: Eu já tive muitas decepções amorosas de acabar comigo e ficar meses mal. Nossa...várias situações assim, mesmo! Tanto de relacionamentos que acabaram, e que eu gostava muito da pessoa, mas tava um destruindo o outro. Quantas pessoas que eu me envolvi muito e a pessoa me fudeu, eu perdoei, a pessoa voltou, eu acreditei nela e ela fez a mesma coisa, então assim....ou por exemplo, de me apaixonar...eu nunca me apaixono por ninguém, mas as vezes eu me apaixono por alguém, raro, graças a deus, porque eu odeio me apaixonar, acho um saco, detesto!

Gabriela: Ai, eu adoro!

Cecilia: Nossa, eu odeio, porque eu só (gesto de quem se ferra)...sabe aquele dedo podre? Só vem coisa ruim. E as vezes eu não preciso nem encostar na pessoa pra se apaixonar...

Gabriela: A B, deve ser como eu, vive 100 dias em 1.

Cecilia: Exato! É a intensidade...nooossa....assim....várias desilusões. Ano passado foi o ano da desilusão pra mim, por exemplo. Risos.

Gabriela: Acho que eu tive duas assim, mais intensas que foi...eu sempre busquei perfil de cara que não tava nem ai comigo. Era impressionante. Eu ficava com o cara e tava tudo bem e de repente dava uma louca nele e puff, tchau. Aí eu ficava que nem uma louca tentando mostrar pro cara que eu tava ali, que eu queria e que eu era isso, era aquilo...ai ao longo da terapia eu descobri que papai tava metido no meio, né (Risos) Então depois que tomei consciência de algumas coisas eu fui melhorando, mas antes era sempre assim. Me envolvia com uns cara que não queria nada com nada, ou queria só dar uns beijinhos. Daí eu fantasiava tudo na minha cabeça e depois pra dar conta de colocar pé no chão e falar “nossa, isso não tem nada a ver. Para de ser louca. Fulano não é tudo isso que você tá pensando não.” Mas os dois relacionamentos que eu tive, um foi dois anos e meio que eu namorei e eu comecei a namorar porque eu queria namorar. Era meu sonho: usar aliança, ter alguém... E foi no meu primeiro ano de faculdade, me

arrependo até hoje até o último fio do meu cabelo. Mas no começo foi tudo bem, a gente saía junto, se divertia, mas não tinha momento a dois, era sempre turma, churrasco, festa, não tinha, não conseguia acho que conhecer realmente...ter uma coisa mais assim. E aí eu tava no terceiro ano da faculdade, ele não tava nem aí com nada, não queria estudar, só queria festar e eu já sentindo que não tava legal e fui empurrando com a barriga, porque tinha medo de ficar sozinha, minhas amigas todas namoravam, enfim...Até que tivemos uma briga e ele terminou brigando e no outro dia terminou comigo por mensagem e eu fiquei louca surtada, emagreci 6kg só chorava, não comia e passou uma semana ele já tava com outra. Então isso pra mim foi muito complicado de lidar. Depois eu fui falar com ele e ela me comparava com ela, falava que a menina era mais madura, que era isso, aquilo, que já era formada, ganhava super bem, e eu era mimada que não sei o que. Então eu internalizei isso como uma verdade pra mim. Toda vez que eu ia me relacionar com alguém eu lembrava dele falando “ah você é mimada isso e aquilo”. Então, algumas coisas que eu já tinha e sempre tive ele reforçou mais ainda e foi muito difícil me desprender. E eu ficava “gente, como ele gostava de mim até uma semana e agora gosta de outra e tá fazendo altas declarações?” Aí passou um tempo até que eu ia nas festas ele ia também e ele começava a sair com um monte de menina. Aí que eu me toquei que aquilo não era pra mim mesmo! E a melhor coisa foi ter terminado. Aí foi onde eu comecei a viver, a sair com minhas amigas e ativei meu modo assim, de sair com os caras, de experimentar, sabe? Sair na balada e beijar dois, sair com quem eu tava com vontade. E foi umas experiências bem legais. Depois de dois anos eu conheci meu último namorado, em 2015. A gente começou a ficar e eu me apaixonei e foi uma loucura, te amo em dois meses e ele foi na minha casa, e aquela paixão avassaladora, sabe? Se quiser ficar perto...enfim, fiquei apaixonada. Mas, eu não sabia, fazia dois meses que ele tinha se separado de um relacionamento onde ele chegou a montar uma casa com ela e tudo, e eu não sabia, porque ele falou pra mim que faziam seis. E pra mim, bom, seis meses aí, por mim tudo bem, e me envolvi. Aí, a menina terminou, juntou as coisas e foi embora, e nesse período eu apareci, então foi mais uma válvula de escape dele, e eu que tava ali, me apaixonei e ficamos oito meses. Aí eu comecei a perceber que alguma coisa não tava legal, mas eu fui levando. Até o dia em que ele pediu um tempo, falou que tava confuso, que não sabia o que tava querendo, que queria ir pro sul, que não sabia como a gente ia ficar. E eu fiquei esperando mais ou menos dois meses, ele me torturando, e eu deixei, claro. Ele não me atendia, não respondia, eu ia atrás pra conversar com ele, ele não queria conversar comigo, ele

começou a sair, fazer coisas que não queria fazer mais e começou a fazer... aí um dia eu chamei ele, conversei, ele pediu mais um tempo, eu disse que não dava e fui embora com muita dor no coração. Ele me mandou uma mensagem e a gente terminou. Mas eu sofri muito, muito mesmo, porque eu gostava muito dele. E como acho que eu tava mais aberta eu me entreguei muito mais que ele. E ele, acho que eu fui uma válvula de escape mesmo dele ali, e eu, repito, vários padrões aí. Depois desse relacionamento eu ainda fiquei um ano sofrendo, remoendo e pensando porque, porque, porque, poderia estar com ele. Aí foi passando, fui entendendo algumas coisas e eu esqueci. Hoje ele tem uma filha, mora no sul, e isso é tranquilo pra mim. Porque o Rodrigo foi um cara que me fez amadurecer em muitas coisas. Em seis meses que fiquei nesse sofrimento intenso e depois mais seis meses balançada, eu amadureci coisas assim, que eu não amadureceria em seis anos que eu tivesse passado. De entender a minha responsabilidade no relacionamento, de não ficar me submetendo a um tempo, que ele tava me machucando, me torturando. Acho que tudo que ele queria ter feito com a ex dele, ele fez comigo, sem perceber, então, eu acho que foi um aprendizado muito grande, mas eu sofri bastante.

Marina: É, não atribui isso a ele não, isso tudo aí foi você quem fez sozinha.

Gabriela: É....foi só um disparador né. Fui me reconstruindo ao longo do tempo, mas foi muito difícil. A minha família gostava muito dele, e a minha mãe, por ele ter um emprego bom, trabalhar no banco...então ele era a galinha dos ovos de ouro pra mim. Além do meu sofrimento, tinha minha mãe que fomentava isso em mim “espera, homem é assim mesmo, com seu pai também foi assim.” Então foi onde, também, sei lá...Mas é isso aí. Eu tenho essa coisa de buscar uns caras assim que eu preciso sempre ficar mostrando que eu sou alguma coisa, ficar chamando a atenção, e os cara nem aí, e eu tô lá: olha como eu sou legal, olha como eu faço isso e faço aquilo. Mas tô tentando mudar os padrões.

Marina: Eu acho que...decepção amorosa...eu não sei. Tava ouvindo as coisas que vocês tavam falando e eu não sei onde eu me encaixo. Mas na época que eu era mais nova, adolescente, eu tinha muita dificuldade de gostar de alguém, e quando eu gostava, me sentia como você (aponta para J). Eu pensava que talvez pudesse haver uma possibilidade e ficava fissurada, ficava anos gostando da mesma pessoa sem acontecer nada, só pra preencher meu tempo mesmo.

Gabriela: Só pra ter o que falar com as amigas. Risos

Marina: É, é! E sofria quando acontecia alguma coisa, tipo a pessoa estar com outra pessoa, nossa...sofria, assim....mas eu nem sabia direito, meu. Pensava “ah, mas nunca falei pra pessoa que gosto dela” “ah, mas também nunca aconteceu nada” e tal, e ficava nessa. Aí, depois de um tempo que eu comecei a me relacionar de verdade com as pessoas, eu pegava muita coisa pra mim, sabe. Aí acho que começou um pouco essa história da culpa. As vezes de não conseguir falar e não entender, tipo, porque a pessoa não queria mais, e eu ficava me culpando, não conseguia superar, tipo, e ficava só na minha e tal. Mas acho que não sei se existe uma grande decepção assim. Eu tive só um termino também. E pra mim foi complicado até chegar a decisão, mas por questões que eu tive que amadurecer e depois que ele passou, pra mim foi muito tranquilo. E daí depois disso acho que foi muito tranquilo. Mas de ter aquela decepção de, “nossa, sabe, tipo, meu, chorei muito, minha vida...fiquei três anos pensando nisso...” ainda não aconteceu, mas pode ser que um dia aconteça. E não sei, peguei muito na sua fala também (apontou para E) , de, é...ter me decepcionado em alguns momentos com uma pessoa e daí minha família ter apontado pra mim tipo...é que tá muito presente...eu peguei carona com meu ex esse final de semana, e ele foi na minha casa me buscar, aí minha mãe comprou várias coisas pra ele, minha família saiu na porta de casa receber ele, e nem quando eu vou embora eles fazem isso. E é muito isso, minha mãe com um discurso do tipo “da mais uma chance porque eu e o seu pai também teve muitos conflitos mas eu estava sempre muito disposta e olha a relação que a gente tem hoje” e eu fico pensando: meu, que relação? Aí, sabe...

Pesquisadora: Queria perguntar pra vocês... quando aparece esse discurso de comparação com o casal parental, como vocês apontaram, a Livia por exemplo que relatou no outro encontro que a mãe estava preocupada porque ela começou a namorar tarde, assim como o irmão. A Gabriela que pontuou várias vezes como a mãe orienta ela numa relação, e agora o relato da Marina... vocês veem esses relacionamentos como? E até que ponto vocês sentem que reproduzem, de certa forma, essas relações? Como é isso?

Livia: Ai eu não sei, como eu nunca tive um termino, nunca chegaram a falar isso pra mim. Mas a relação da minha vó e do meu vô por parte de pai, pelo que minha vó conta (meu vô já morreu), mas pelo que minha vó conta, foi a melhor coisa que aconteceu na vida dela. Ela perdeu dois filhos e o marido, hoje ela sofre muito. Mas ela vai contar a história, ela fala do marido, e não dos filhos. Ela fala que foi presente de Deus, porque o pai dela tava contra o relacionamento e ela foi mesmo assim, e ela nunca poderia ter

sido mais feliz, sabe? E pra mim, e também isso há muito tempo ne, e eles ficaram juntos até ele morrer, e ela fala assim que é o ápice da vida dela. Mas ao mesmo tempo eu não sei, a minha família inteira por parte de mãe é divorciada, né. E aí, eu fico “gente será que eu vou pegar isso pra mim?” Porque assim, ninguém quer divorciar, né? Se você tá com uma pessoa que você gosta e constitui uma família...pelo menos com a minha mãe eu vi que foi assim, sabe... pela responsabilidade de manter a família, você não quer que o pai separe e vá embora, até porque é melhor pra cuidar dos filhos, essas coisas todas sabe. Mas eu fico pensando, eu acho que a minha família por parte de pai falaria essa coisa sabe, “ah não, dá mais uma chance”. Já a minha família por parte de mãe...a gente brinca que minha família por parte de mãe tem mulheres muito geniosas, são muito bravas, e é meio verdade, é muito engraçado de ver. Porque realmente são mulheres bravas, que vão lá, que mandam em casa, é muito bom ver. E acho que elas falaria pra não continuar, que merece coisa melhor, assim....é meio dividido.

Gabriela: Minha mãe...eu percebo que...igual, minha vó também ela sempre coloca que meu deus foi o primeiro amor da vida dela e ela sofreu com meu vó igual uma condenada. Meu vó bebia, ficava alterado, não chegou a agredir fisicamente, mas verbalmente. E ela fala que tem que persistir...é uma coisa muito...aí ela fala que quando meu vó chegava assim, ela pegava as crianças e ia pra igreja, não dava motivo pra ele continuar falando. Aí depois que meu vó quase morreu, enfartou, quase bateu as botas, aí ele parou, aí eles começaram a ter uma relação mais tranquila. Mas isso, assim, depois de 40 anos de casado. Aí ela sempre fala “aí não, relacionamento é assim, a gente tem que aguentar”. Eu tenho uma tia que vive um relacionamento abusivo, e ela vive com o marido, ela se tornou evangélica daquelas igrejas mais rígidas que existe pra dar conta de levar essa relação, e é Deus no céu, marido na Terra. Minhas outras tias também, aguentam o relacionamento sabe, por várias coisas. Uma porque as mulheres da parte da minha mãe pelo menos, elas não trabalham, a maioria, e elas dependem dos meus tios que são bem financeiramente. Então elas aguentam, aguentam, aguentam, até não querer mais e vive reclamando, mas não movimenta nada pra conseguir evoluir naquilo, mas tem essa crença de dar mais um chance, “ah, mas você é muito orgulhosa, E”, tipo o cara lá me fodendo, eu sofrendo igual uma condenada, né, e não, tá tudo bem, “dá mais uma chance, desse jeito você não vai conseguir casar com ninguém, porque a primeira dificuldade que você tiver, você já vai chutar o balde”. Eu falava assim “criatura, as coisas não são assim, olha o que tá acontecendo” mas eu fiquei de orgulhosa, e isso e aquilo, pra elas. Na visão delas.

Cecilia: Pra mim não tem esse discurso na minha família, na verdade é contrário. Eu sempre ouvi da minha família e dos meus pais, mais dos meus pais, né. Que eu não tinha que aguentar nada, não, que é melhor ficar sozinha mesmo se eu quisesse, ou namorando, se fosse minha vontade, mas que o mais importante é que eu fosse independente em todos os sentidos e não tivesse que depender de marido. E isso é uma coisa que minha mãe ouviu muito da minha vó, porque minha vó, também foi casada com meu vô a vida inteira e só ficou sozinha quando ele morreu e ela falava pra minha mãe, eles eram muito pobres, mas minha vó fazia um diabo pros filhos irem pra escola, e falava pra minha mãe “olha, eu vou fazer de tudo para que você não passe o que eu passei, você vai estudar, você vai trabalhar e você nunca vai depender de homem” e de fato, meus pais são casados mas eles tem uma boa relação, faz mais de 30 anos que eles tão juntos, e é tudo muito dividido na minha casa. Eu tenho uma irmã ne, e a gente sempre foi cuidada pelos dois, comida, banho, e sempre era dividido, então assim....nunca tive esse tipo de discurso. Muito pelo contrário, “ah se faz mal, pé na bunda mesmo e não tem que aguentar nada não”. Meu pai até brinca “ah, vocês são umas feministas, uns monstros, esses marmanjo não aguenta não o tranco, segurar esse rojão” risos. E é isso, pé na bunda tem coisa melhor, não tem que aguentar nada, não. Tem que ser alguém que some. Meu pai sempre fala “olha, B., tem dois tipos de pessoa, a ancora e o balão. O balão vai te levar pra subir e a ancora só vai te afundar, tem que fugir da ancora” e é verdade. Claro que a gente não é só uma coisa ou só outra, mas tem umas coisas que tendem a puxar a gente pra baixo e não crescer. Não quer que a gente cresça junto, não faz a gente ir pra frente, enfim...

E: Eu vejo muito esse discurso, assim, é....que hoje em dia os caras tem medo das mulheres de hoje em dia. Da independência, da maneira como a gente se porta, de com a gente busca o mercado de trabalho, da questão da carreira. Então eu escuto muitas frases tipo “homem tem medo de mulher independente” e não sei o que, sabe? Eles não dão conta hoje em dia, porque tem essa questão da cultura que o homem é o provedor nãnnã...aí chega a mulher e né...

Cecilia: Mexer na masculinidade frágil, ne.

Marina: Pra mim isso é muito nítido. É até um assunto que eu sempre tento levar pra terapia. Mas porque minha mãe é muito um modelo e fica muito dual quando ela tenta me passar isso, porque ela já teve muitos conflitos com meu pai. Inclusive, quando eu era criança fui eu que descobri a causa de um e acabei gerando conflito entre eles. E pra mim, até conseguir reformular essa imagem do meu pai e a gente ficar numa boa,

demorou um tempo. E minha mãe, a princípio, dessa primeira vez, ela só não pediu separação por conta dos filhos. Eu tenho dois irmão também que eram bem pequenos, e ela decidiu que ia aguentar e mudar as coisas e beleza. Só que meu pai também sempre foi uma pessoa ausente em casa e então, sempre que a gente conversa, o discurso dela é muito assim...tipo, ela casou com 30 anos e ela fala que “ai, o meu pai não me deixava estudar, fui começar a estudar com 17 anos, fui começar a trabalhar, viajava solteira, de ônibus, ia pra todos os lugares” e toda vez que ela traz isso, essa fase independente dela, ela traz com muita felicidade, sabe? E quando ela fala do casamento e da relação com meu pai, é basicamente os filhos. Então pesa na gente e a gente carrega um peso do que é o relacionamento deles. E pra mim fica muito claro, muito evidente que, meu, não é uma relação e nem o exemplo de uma que eu quero ter. Parece que tá tudo muito no automático e quando ela me colocou isso eu pensei que aquilo não era um modelo pra mim, sabe. Tipo, não dá. Então eu fico nessa.

Gabriela: Eu sei assim, que meus pais se gostam muito, mas é um relacionamento que eles tem pra mim, é muito complicado Porque eu falo que eu não sei se outra mulher ia aguentar meu pai e outro homem ia aguentar minha mãe, porque assim, qualquer coisa eles discutem. Não é discute, é tem um negócio ali e questiona “porque você colocou esse negócio aqui, tem que por ali” aí o outro “não, tem que deixar aqui” e começa. E é todo dia a mesma coisa, desde a hora que eles levantam, até a hora que vão dormir. O dia inteiro assim. Então, tipo, meu pai é bem sistemático, criado no sítio de um jeito bem bruto, rustico e sistemático. Então se ele fala assim, “oh, vamos usar três copos aqui em casa” e se ela pega mais um copo pra usar já começa e pá pá pá... Então eu quero ter paz sabe, não quero brigar por esse tipo de coisa, se usou mais um copo ou não. Pra mim, não dá.

Lívia: Tô pensando aqui...acho que em toda relação que vejo desse pessoal mais velho...eu não posso falar da minha vó, porque a minha vó ela fala com muito carinho da relação dela e pelo que sei, meu vô foi muito bom pra ela. Mas não convive com eles, porque eu morava no Tocantins e eles moravam em São Paulo, sabe. Mas se você parar pra ver, a maioria das relações que eu vejo dessas pessoas mais velhas, nenhuma é espelho pra gente, sabe? Eu não acho legal e vejo um ideal de relação. Parece que não tem isso. As relações bonitas que eu vejo ou estão nos filmes, como eu disse agora, ou estão nos jovens, sabe? Porque parece que é uma coisa do tipo, ah tá confortável, não tenho que fazer mais nada, e não tem surpresa, não tem nada disso. Essa questão da rotina. Cai tanto na rotina que parece que tanto faz e tanto fez.

Gabriela: Eu tenho um casal de padrinhos e minha tia tem problemas de saúde desde que ela era nova, ela tem artrite reumatoide, então ela atrofiou todos os dedos da mão, do pé, enfim. E meu tio queria casar com ela e minha vó pediu pra ele esperar ela casar. Ele disse que não e que casaria com ela desse jeito, e assim, minha tia ficou um ano de cama por conta de sérios agravos de saúde. Meu tio carregou ela no colo, dava banho, sabe? E até hoje ele liga pra ela todo dia (eu moro na casa dela), todo dia ele liga pra ela, ele mora em Itapuí por conta do trabalho dele, e no final de semana ele vem. E quando ele tava nessa situação, ele pegava ela no colo, colocava pra dormir, dava banho...ela chorava porque a condição que ela tava e ele manda buque de flor de aniversario, dia das mulheres, faz café da manhã...e é uma relação que eu admiro muito dos dois porque você vê carinho. Ele tem uma coisa que meu pai não tem com minha mãe. Meu tio tem todo esse carinho com ela. Os dois tem um bom dialogo até hoje, decidem junto as coisas e eu acho bem legal. Acho que é a única relação que eu tenho de espelho é a deles, assim, de família.

Pesquisadora: Como vocês vêm o impacto das frustrações e decepções amorosas na vida de vocês hoje em dia?

Marina: Acho que me fez entrar em contato comigo mesmo de outra forma, então acho que amadurecimento.

Cecilia: Eu sinto amadurecimento muito intenso, crescimento, muita interiorização. Uma coisa mais densa em contato comigo e não tanto dada pelo outro, assim, “oh entra na minha vida e não importa nada mais, só você” que era uma coisa que aconteceu muito comigo. E eu sinto que eu fiquei mais dura também, casca grossa mesmo. Poucas ideias, desconfiada, o que é muito bom. Eu sinto que isso tudo é muito positivo, porque ah, já tive muitas experiências ruins, já sai com muitas pessoas...eu cansei, não to procurando isso, apesar de ser nova, agora eu to sossegada, se aparecer beleza, se não, não. Que nem eu tava falando pros meus amigos, agora eu quero ficar uns 5 anos sem ninguém, depois eu já conheço alguém, namoro, caso e acabou. Risos. Chega dessa palhaçada, não quero mais me envolver! Risos Brincadeira, né? Porque tem coisas que acontecem, a gente não pode prever também, né? Mas eu sinto que fiquei mais dura, mas me conheci muito mais também. Acho que sou uma pessoa melhor pra mim e pros outros, em todas as relações. Porque acho que as relações amorosas estão dentro do contexto das nossas relações em geral, né? Então acho que a gente melhor enquanto ser humano, pra gente ir pro mundo, né. A ideia é melhorar ne, e eu vejo que melhorei. Pra

dor não ser em vão ne? Ficar só chorando e sofrendo, pra que? Pra ficar amargando? Não, pra tirar algo disso e melhorar.

Gabriela: Pra mim foi também, essa questão de entrar em contato comigo, de auto reconhecimento, de perceber meus limites, o que eu dou conta e o que eu não dou conta. Mas também me causou um pouco de bloqueio, uma defesa. Porque quando eu gosto muito de alguém, eu dou um jeito de estragar. Minha intensidade espanta e eu já quero estragar, me distancio...sei lá, são várias situações. É algo que tô trabalhando comigo mesmo, tentando viver mais o presente. Mas é algo que eu fico muito em choque, falar “ai meu deus to gostando e agora senhor o que eu vou fazer”. Ou as vezes a pessoa fala algo pra mim e eu vou com uma proposta que vai contra a dela tipo, “ah, vamos ser amigo colorido” mas eu não to querendo aquilo que falei...é umas coisas meio doida ai. Mas me causou muita dificuldade e eu não sei até que ponto é bom ou ruim, mas o problema é que eu vou por um extremo e acabo metendo os pés pelas mãos. Mas acho que num geral, foi bom.

Lívia: Ah, eu não sei, ne. Eu não tive muita frustração. Eu não sei o que falar. Não sei se aprendi muito. Pra mim, não sei...não fiquei mais forte, não fiquei...nada disso. Acho que a maneira que eu me porto numa relação amorosa foi mais as coisas que eu aprendi me conhecendo na terapia e tudo mais do que com frustração, de fato, sabe?

Pesquisadora: Vocês falaram da rotina, e eu disse que tinha uma pergunta sobre isso, mas ela tinha me fugido depois que ela me veio na cabeça ouvindo vocês. Agora eu lembrei, e queria fazer... Qual é o maior medo que vocês sentem da relação cair na rotina? O que fica mais em jogo? O que que pega quando a rotina bate, que se transforma em medo?

Marina: Nossa, acho que tô em choque com a pergunta. Tô com as coisas na ponta da língua e não consigo falar. Risos. Pra mim é meio que o olhar do outro, sabe? Acho que é um pouco de...fica meio...hum...quando bate a rotina fica meio que cada um no seu canto, e acho que esse olhar do outro, tipo, que as vezes eu me esforço muito pra ter pra outra pessoa e não tenho isso de volta. Por exemplo, reconheço isso o que tá acontecendo com você, olha isso e tal, sua rotina também, sabe. Acho que me sinto deslegitimada.

Lívia: Acho que o dialogo acaba se perdendo bastante, ne. Por exemplo, agora no final de semestre, chego cansada, ele também. Daí fica um do lado do outro mexendo no celular, e poxa, um do lado do outro, porque que não conversa, ne? Ao invés de mexer no celular. Eu não sei se isso acontece com vocês, mais eu fico muito irritada, muito

irritadiça. Tipo, outro dia eu tava saindo de casa e o A. tava na porta e eu fiquei “vai cara, da licença, sai da frente” sabe? Não é mais aquela coisa “você pode me dar licença por vamos amor?”, mas o olho chega arregalar de vontade de empurrar pra sair da frente logo, sabe? Ce não tá vendo que eu quero sair?

Todas: Risos de todas e “Aham”

Gabriela: Mas é..Eu acho que o meu é o cansaço, a perda do encanto. O medo disso, de tamo aqui mesmo, vamos fica junto, porque eu não tenho nada pra fazer e você também. Então eu tenho um pouco de medo disso. Que com a perda do encanto, vire um comodismo.

Cecilia: Nossa, eu não sei assim. É que é projetável. Das relações que eu tive, essa rotina chegou de maneiras diferentes porque eram relações muito diferentes. Mas uma vez ne, dessas coisas que falei de reciprocidade e compromisso, de ter o time, de cada um saber respeitar o que o outro tá precisando naquele momento e o que pode fazer e o outro não. E acho que quando tem o momento de virar rotina, essas diferenças acabam se acentuando, assim. E depende da relação, porque depende da pessoa que tá ali com você. Mas algumas coisas podem ser um problema, outras não. Acho que conseguir regular esse tempo, não só cronológico mas também o outro tipo de tempo das coisas, as possibilidades de cada um. Do tipo, por exemplo, chega sexta feira a noite e o que que eu quero fazer? Ah, quero ficar em casa assistindo um filme. Mas e a pessoa? Quer ir no bar encher a cara. E aí? O que a gente vai fazer pra conciliar essas duas coisas? Mas em um ano assim, as vezes acaba que a pessoa já tá...aí fica insistindo pra você sair, ou fica insistindo que você só quer ficar em casa, não quer sair. Enfim...conciliar o que cada um pode fazer ou não, nesse tempo em que cada um pode e quer fazer junto e separado. O tempo de ficar separado também, porque eu sou uma pessoa que gosta de ficar sozinha. Em geral a mais que a maioria das pessoas, sempre via de regra. Então isso pra mim é...no caso tem gente que entende isso e tem gente não. No caso esse ex que eu contei que eu sonhei que tava esmurrando ele depois do primeiro encontro de grupo focal. Ele não entendia meu tempo...ele não entendia nada, na verdade! Ele queria uma pessoa que não existia e ele não respeitava meu tempo. Então, assim, “ah mais você não quer ficar comigo” e eu “não é isso, mas agora eu quero ficar sozinha”.

Gabriela: É tipo uma chantagem, ne?

Cecilia: Nossa, horrível. Horrível. Não sei, mas acho que conciliar esses relógios, os desejos. O que que vai fazer quando se ver, o que que não vai, o dia que vai se ver, né.

Manter algo em comum pros dois, e acho que a rotina acentua isso. Acho que essa seria uma dificuldade, que é né. Que já vivi.

ANEXO C - TRANSCRIÇÃO – GRUPO FOCAL MASCULINO

1º encontro: 26/08/2019

Pesquisadora: O que vocês acreditam que seja o amor?

João: Bom, da minha parte eu acredito que o amor é muito mais que uma sensação, ele é um jeito de viver. Existem pessoas que mesmo não conhecendo as outras, tratam elas com amor e respeito. E eu creio que o amor é um nível a mais na relação social. É você estar em equilíbrio com outra pessoa.

Rafael: O amor no sentido amplo da palavra ou o amor no relacionamento?

Pesquisadora: Como você quiser responder.

Rafael: Ah, o amor existem várias formas de se amar. Não só entre pessoas, como existe amor entre o animal e seu dono, a pessoa e seu time, enfim...Na minha opinião existem várias formas de amor e todas são válidas e nenhuma pode ser julgada.

Eitor: Acho que eu consigo pensar no amor com uma construção entre dois sujeitos, então sempre tem que ter a separação entre esse eu e esse outro. Quando não há a separação, é uma relação simbiótica e ela diz mais sobre o narcisismo de um do que da relação de dois. Então, de certa forma, é como se fosse um vínculo em que um vai ter que abrir espaço pra outro e tipo, entrar em contato com a diferença desse outro, independente se esse outro é tipo, humano ou animal e de alguma certa forma eles vão ter que criar esse espaço em conjunto. Acho que vai por aí.

Lucas: Eu concordo que o amor não deixa de ser uma construção social e independente de que tipo seja, amor fraterno, amor erótico, é por alguma coisa. Envolve uma troca onde pessoas cedem e pessoas impõem algumas coisas. É um vínculo onde se estabelece um nível de confiança muito bom e um nível de troca também muito bom. E ele perde um pouco da idealização, onde você conhece o sujeito em si e abaixa um pouco as idealizações que você tem dessa pessoa, dessa coisa, desse animal, independente do que seja. Acho que o amor é muito amplo e ele diferencia pessoas com animais, tipos de vínculo, se é mãe, se é pai, uma pessoa que você gosta muito, e assim vai.

Joaquim: Eu tava...primeira coisa que me passou pela cabeça quando você perguntou o que era o amor foi uma resposta mais ou menos assim também, uma construção de vínculos e uma construção social.

Antônio: A primeira coisa que eu pensei foi em hormônio, né. Termina mexendo com a gente, mas ao mesmo tempo...é porque a gente dá essa brecha, né. O amor é um negócio muito louco. Porque ao mesmo tempo que ele consegue alavancar a gente e deixar a

gente se sentir muito bem, as vezes você vira a chave e quando você percebe você tá num bar tomando uma cachaça e ouvindo Bruno e Marrone. Risos de todos. O amor é cego, surdo, mudo e burro, as vezes.

Joaquim: Eu tava pensando isso hoje de manhã... tava lembrando que tinha que vir aqui hoje, aí eu tava lembrando de um situação de um autor, que ele fala que o amor é uma doença, o amor é catastrófico, é uma desgraça, mas a gente fica extremamente triste sem ele. A vida não tem graça sem ele.

Antônio: Parece que é aquela cerejinha do bolo da vida.

João: É isso mesmo!

Antônio: Você não gosta muito, mas tá lá.

João: E você não consegue mais comer o bolo sem ela.

Pesquisadora: E o que vocês buscam e esperam no amor dentro de uma relação?

Antônio: Estabilidade.

Eitor: reciprocidade acho que é uma palavra importante, e buscar compreender que essa própria construção em que o próprio amor não compreende só o amor em si. Entao vao ter momentos em que essas pessoas vão se estranhar, vão ter momentos que essas pessoas vão entrar em conflito e parte desse amor é também tentar entender esse conflito e também tentar procurar de alguma forma ou suportá-lo ou saná-lo de alguma maneira, mesmo que isso envolva mudanças. E acho que tipo, quando a gente não percebe essas mudanças é que a gente termina no bar ouvindo algumas coisas, quando a gente não quer mudar nada. Então buscar alguém que consiga compreender que vão haver momentos ruins e vão haver momentos bons.

Lucas: Não querendo sempre falar assim, mas eu concordo com o Eitor (Risos), principalmente em construção. Muita construção, mas eu não espero infinitude, não espero que ele seja pra sempre. Eu entendo que as pessoas mudam e as vezes querem outras coisas e que o amor se ele é amor mesmo, as vezes chega uma hora que ele tem que deixar de ter esse relacionamento. Então eu não espero infinitude, mas eu espero construção, companheirismo e amizade. Porque algumas coisas elas vão embora conforme o tempo passa, mas se tem uma construção legal, se tem um companheirismo, uma amizade, independente de forma de amor que a gente esteja falando, eu acho que é sempre valido.

Eitor: Então pensando assim, e não dizendo que eu também quero concordar com você, mas pra mim tem muito também do que eu espero dele, que é cumplicidade, assim, que de alguma certa forma, quando a gente tá amando a gente compartilha partes da nossa

existência que são muito íntimas e normalmente são partes que a gente tenta até esconder as vezes e acho que uma cumplicidade dentro de uma relação faz com que a gente consiga compartilhar esse tipo de experiência de parte da nossa existência.

João: Eu também entro nessa *vibe*, eu acho que um relacionamento é um porto seguro, um lugar onde eu possa ter confiança nessa pessoa, um lugar onde ela me entende e reflete na convivência. Eu quero ter com essa pessoa o que eu não posso ter com todas. Um relacionamento que é muito muito legal, ótimo de estar perto da pessoa. E geralmente a gente vai andando por aí e tem gente que a gente não aguenta ouvir falar e eu quero num relacionamento o oposto, alguém que eu adoraria ouvir a voz da pessoa.

Antônio: Parece que a gente sempre termina se juntando com quem a gente se encaixa melhor e depois termina vindo o amor. Hoje eu não acredito mais naquela história de amor à primeira vista, “meu deus conheci aquela gurria hoje e tô apaixonado”. Hoje eu não acho que é mais assim, eu acho que aquela ideia de opostos se atraem não é muito válido, é isso, você se encaixar com a pessoa é primordial, é o primeiro degrau.

João: Na minha cabeça, primeiramente, tem que haver trocas, não importa o que seja. Trocas tanto de coisas boas como também de coisas ruins, a partir do momento que você tá num relacionamento com a pessoa tem que haver isso, se não, não existe relação, igual também não acredito que exista amor. Então tem muito a haver com as trocas, o que a gente passa um pro outro, conhecimento, saberes...

Joaquim: É engraçado assim, porque vocês que estão num relacionamento estão pensando nessa questão do recíproco, essa questão da troca, né. É engraçado que eu não sei se essa pergunta é atemporal, que eu sempre vou pensar o que eu espero do amor, ou se é da minha condição atual. E na minha condição atual eu não consigo pensar no que esperar, porque sei lá, eu namorei pra caramba, né. Hoje em dia sempre tô ficando com alguém e demora um tempo pra não ficar mais com essa pessoa, mas chega a ser curioso porque eu não tô esperando muita coisa, eu não coloco expectativas, porque eu sei que tô numa fase da vida que logo eu tenho que ir embora pra outro lugar, então eu fico um pouquinho nebuloso sobre o que eu tô esperando e o que eu não tô esperando. As vezes até um pouco ambíguo assim, as vezes eu conheço alguém, “nossa que legal, a pessoa tem tudo a ver comigo”, e eu sei que essa fase vai acabar sabe, e logo, logo eu vou enxergar de outra forma, e qual vai ser o resultado disso, sabe. Então, na atual fase da minha vida, eu não consigo responder essa questão assim de modo não pragmático, de modo a pensar de alguém. Por mais que eu esteja me relacionando com outra pessoa eu

fico nessa, sabe, não vou esperar nada porque eu tenho outras prioridades na vida, né. Enfim...

Pesquisadora: E o que vocês esperam do futuro par e do par que vocês tem?

Antônio: A expectativa é sobre tudo que eu não tenho. Depois do meu último termino eu desencanei. Porque assim, eu sei, eu tinha mais ou menos uns 16, namorei até uns 18, depois dos 18 até um 20/21 e desde então fiquei solteiro e eu tô gostando muito disso, sabe? Porque parece que quando a gente entra num relacionamento meio que sem querer a gente termina perdendo um pouco da nossa personalidade e agregando a do outro também, né. Eu acho que eu tô num momento que é meu, então eu não penso futuramente que eu possa ou não ter um amor. Já é algo que tá no horizonte, quase na curvatura já.

João: No meu caso, voltando aquele negócio de completar e receber um pouco, eu acho que buscaria uma pessoa que fosse enérgica e ativa, porque eu sou muito parado, e mesmo não gostando disso, eu não consigo mudar. Então eu gostaria de alguém que me forçasse a mudar, uma pessoa mais volátil.

Rafael: Tô num relacionamento, como disse, há quase 4 anos e a única coisa que eu espero, não a única, mas principalmente, é que minha companheira aprenda comigo e eu aprenda com ela, porque não foi intencional, não buscava isso nela e nem ela em mim, mas eu sou quase que o oposto do que ela é de várias coisas, principalmente em visão de mundo, assim. Eu sou um cara, por exemplo, num exemplo prático...eu jamais deixaria meus pertences, coisas, não dinheiro, dinheiro eu não me importo tanto, mas coisas que vão me dar dor de cabeça, tipo documento. Eu não deixaria minha carteira num lugar aqui pra qualquer maluco passar e pegar, só pelo trampo de ir atrás dos documentos, sabe? Enquanto ela eu vejo que é uma pessoa mais inocente nesse sentido. Se passar por exemplo uma pessoa que visivelmente, ou sendo mais preconceituoso, no sentido da palavra pré-conceito e a pessoa falar “ah, me dá tanto ai”, ela é capaz de dar tanto. Eu também sou capaz de dar tanto, só que o ato de me deixar vulnerável, entende? Eu não tenho tanto isso e ela já tem. Vamos dizer então que ela me mostra uma visão “melhor” do mundo que eu não tenho, uma visão mais inocente. E eu uma visão de mundo “pior” pra ela. Estou usando aspas.

Eitor: Nossa, acho que o que eu espero tem bastante a ver com a gente conseguir de alguma forma conter o que a gente quer um do outro e construir um caminho mais ou menos no meio. Eu também namoro com uma pessoa que faz psicologia, e a gente gosta de áreas parecidas, então a gente quer caminhar e trilhar caminhos parecidos. Então eu

acho que eu gostaria que ela entendesse os caminhos que eu quero tomar e que eu possa entender os que ela quer tomar também. E de alguma forma, continuar compartilhando conhecimentos, continuar compartilhando ideias próximas de construção de futuro como a gente compartilha agora.

Lucas: Eu espero que eu continue conseguindo construir com a pessoa. Construir o que? Não sei, construir vida. Porque no momento que a gente para de construir, cada um vai pra um lado e isso acaba. Então eu espero continuar construindo com a pessoa que eu estou. Porque a gente vai mudar e as vezes isso também muda. Eu sei o que eu não espero. Não espero, vou falar sempre disso porque no ultimo relacionamento que eu tive eu esperava muita infinitude, esperava que as coisas fossem durar pra sempre, agora eu sei que as coisas acabam e não importa como e porque, então eu quero sempre estar construindo. No momento que a gente parar de construir, esse relacionamento acaba. Talvez o amor acaba? Não sei, mas que de uma enfraquecida, sim. Talvez eu ame muito a pessoa, mas eu queira ir pro Canada e a pessoa queira muito ir pra outro pais. A gente não vai mais construir juntos. Acabou o amor? Não. Mas não vamos mais seguir juntos. Então eu espero ter amor e construção juntos. A partir do momento que queremos coisas diferentes, não conflui mais. Não sei se passa a ser outro sentimento, ou qual é a sensação, mas acho que é isso.

Joaquim: Eu acho que concordo com você Lucas, porque eu fico pensando muito nessa questão da construção, muito dessa questão do “ah, agora eu não consigo namorar ninguém porque eu tenho umas coisas pra fazer aqui, tenho um projeto que vai ser enviado agora pra alguém, então não consigo firmar nada pra alguém”. Então fico pensando “não, a partir do momento que eu terminar esses projetos aqui eu vou arranjar alguém, e construir coisas com ela.” É diferente de anos atrás que as vezes você começa a namorar alguém e sei lá, um exemplo...namorei uma menina que era de Bauru que estudava aqui. “Nossa, meu deus, agora vou me formar, terminar o mestrado, aí vamos mudar pra Bauru e alugar uma casa lá e não sei o que” aí eu fico vendo que hoje eu não consigo mais pensar nisso, eu coloco sempre minhas questões profissionais na frente dessa construção. Eu não consigo pensar, por exemplo, “nossa vou começar alguma coisa alguém”, “não pera! Vai ser inviável construir coisas com essa pessoa porque eu tenho que trabalhar nos projetos profissionais primeiro, então eu não quero namorar essa pessoa.” No máximo vai ter uma hora que quando eu começar a sentir uma atração muito forte por ela ou o sentimento começar a entrar em conflito com essas coisas mais profissionais, tô já terminando. “Olha, agora não dá pra gente namorar, eu não vou

namorar com você, não dá porque agora eu quero construir essas minhas coisas profissionais primeiro, brigada e tal”. Porque eu já passei muitas questões de namoro que começavam assim “nossa agora eu vou modificar totalmente meus planos”, agora eu tô numa fase que eu não consigo mais modificar meus planos, agora meus planos são esses e, enquanto não terminar isso daqui, eu não vou conseguir ter um relacionamento, que é justamente essa ideia de construção. Acho que isso é muito forte pra mim, essa coisa de tentar construir alguma coisa e ver que é inviável.

Lucas: Meio que se torna algo em vão né? Parece que se a pessoa não te dá um... não sei...é...se você não consegue construir e fica tentando, não sei se dá pra se sentir muito bem. Só você ter um proposito x.

João: Parece que não vale a pena, né.

Joaquim: É que assim, eu sempre sinto que alguma coisa construiu, um aprendizado...alguma coisa se elevou. É muito curioso porque por exemplo, a primeira coisa que você falou que espera do amor, do parceiro, é casa, criança, uma construção, a cerquinha, as graminha e tal. Aquela coisa família margarina, meio *Modern Family* que tá todo mundo feliz. E é curioso porque eu lembro que em vários relacionamentos...um relacionamento que tive em 2013, era uma coisa assim....eu tava na graduação em 2013, tava acho que no quarto ano de faculdade aí era uma coisa assim...namorada uma moça que fazia ciência sociais em Marília...” nossa, você vai se formar e eu também e daí eu posso fazer o mestrado aí em Marília e a gente pode alugar uma casa” daí a gente passava em frente de uma casa que tava pra alugar há séculos e ficava olhando pra aquela casa..

Lucas: Fazendo planos, eu imagino...risos

Joaquim: Daí ela falava “meu, você vai ser muito importante na minha vida porque você vai me dar um filho” (todos riram) Não, e é engraçado porque dois anos depois que a gente terminou ela virou mãe, e a criança já tá com quase cinco anos, correndo, falando.

Lucas: Ela seguiu o plano dela!

Joaquim: Sim, ela seguiu o plano dela. Hoje em dia ela tá numa relação estável, tá feliz, enfim...Dai no outro relacionamento era “ah então a gente vai morar em Bauru né, é perto da tua mãe” ...Adorava a mãe dela! E eu pensava nessas coisas sabe, e agora eu vejo que não tenho o que esperar, porque construção tem que ter o terreno ali pra construir, né. Tem que ter um pressuposto, se não fica inviável.

Eitor: Eu acho que essa é outra coisa que é um pouco presente no meu relacionamento assim, porque é uma lógica um pouco estranha de evitar e não evitar ter esse tipo de

conversa, porque de uma certa forma eu moro em Sorocaba e ela em Campinas, então a gente faz alguns planos perto e tal, mas sempre no final da conversa sai algumas coisas tipo “não, mas é que se eu em algum momento quiser fazer um intercâmbio eu não vou seguir uma relacionamento a distância”, “não, mas se por algum motivo eu decidir ir pra São Paulo a gente pode repensar algumas coisas”, então parece que por algum motivo a gente quer isso, mas a gente dá uma evitada de falar muito sobre, acho que até por decepções passadas, é importante que se essa construção tiver que ser, ela vai sendo. Premeditar ela, na minha experiência só foi negativo, então a gente meio que evita, mas continua fazendo.

Joaquim: Eu tenho absolutamente essa questão. Eu tô com uma oportunidade de intercambio pros próximos anos, de 6 meses há um ano, tô começando esse semestre construir o projetinho e tal. Daí é isso, quando tô com uma moça penso “ah, mas podia ser só seis meses e não um ano”, daí eu fico “pera, eu já tô replanejando uma coisa...coloca o pé no chão primeiro, você tá começando a construir coisas mais no chão...” é uma guerra de valores, né.

Eitor: Mas é uma dinâmica desejante meia estranha porquê de alguma certa forma não parece errado eu pensar que talvez eu possa ir pra um apartamento junto e até dividir as contas, porque de uma certa forma parece que algumas possibilidades de projeto ficam mais fáceis, ou elas aumentam, quando você tá com alguém. Assim como alguns projetos também ficam quando você tá sozinho e parece que é uma dinâmica desejante meio conflituosa, porque não é como se fosse completamente ruim viver com a pessoa, mas também parece que pagar esse preço agora antes de acontecer, parece ruim.

Joaquim: Uhun

Antônio: É isso, a impressão de que parece um preço muito alto a pagar. Você terminar se doando e largando os seus projetos, ou parte deles, sabe?

Rafael: Eu tenho um problema que, depois que eu comecei a namorar, depois de um tempo, eu comecei a repensar algumas coisas da minha vida que eu sou uma pessoa que eu encaro qualquer coisa. Dormir ali no bosque hoje, vamo embora. Mas a partir do momento que você tá com uma pessoa, você não tá em condições de dormir no bosque. Você gera outras responsabilidades, mais ou menos coisa de dois anos pra cá, as vezes eu pensava em fazer alguma coisa e logo pensava “não, mas eu tô com essa pessoa, eu não posso fazer isso”, não que eu esteja me podando ou podando meus sonhos mas é que é uma responsabilidade a mais né.

Antônio: Termina sendo automático isso né. Você deu o exemplo, as vezes você dava seus roles e a partir do primeiro dia de namoro você começa a repensar muita coisa disso. Você já fica, pera...

Rafael: Não posso mais ir naquele lugar mais com aquele amigo.

João, Antônio e Eitor: É..

Rafael: Não, mas eu digo mais no sentido de planejar a sua vida. Por exemplo, você deu o exemplo de São Paulo. Vamos pra São Paulo mas vamos pra onde? Eu sozinho vou pra qualquer lugar em São Paulo e fico em qualquer lugar, mas a partir do momento que eu tenho a outra pessoa, não só eu tenho que pensar no bem estar dela como nas coisas que ela tem que fazer. “Ah vamos ficar aqui onde você demora seis horas pra chegar no seu emprego e eu demoro meia hora pra chegar no meu? Não! Vamos ficar num lugar onde eu demore três e você também!” Tá entendendo? É meio complicado você se remanejar o tempo todo pra pensar por dois e a outra pessoa também e vice e versa.

Eitor: Eu sinto que se alguma forma eu tô segurando o baralho assim e algumas cartas eu tô descartando e outras deixando na minha mão, mas ao mesmo tempo eu tô olhando para as que eu descartei.

Rafael: É, e é isso. Cada escolha é uma consequência.

Pesquisadora: E quão cansativo é pra vocês pensar nisso e viver nisso.

Joaquim: Muito grande, é muito cansativo, porque por exemplo, eu tava ficando com uma moça até semanas atrás, aí aquela coisa assim, eu pensava numa questão assim, começou com uma coisa de a gente tá ficando de boa e tal, daí decidi ser extremamente aberto e começou um outra coisa, tipo assim, tem uma moça, que é minha amiga e a gente conversa abertamente sobre relacionamentos e as vezes a gente fica, aí essa moça que eu tava ficando, começou um papo assim “ah eu não consigo fazer essa coisa que você faz, tentei e não consegui” ou “ah, não sinto ciúmes” depois de umas semanas “sinto muito ciúmes”, daí você explica que não tá com ninguém além daquela pessoa, que essa amiga é de vez em quando e olha lá, se a gente se encontra quer mais trocar ideia do que qualquer outra coisa. Daí começou um conflito de “Ah, eu quero namorar essa menina e se rolar posso levar ela porque o programa de doutorado lá é grande, a bolsa dá pra duas pessoas” passa um minuto eu fico, “meu, que que eu tô falando” (Todos riram) e eram coisas de minuto mesmo, tava tão conflituoso na minha cabeça, que tava criando uma coisa um cansaço físico. E tinha uma outra pessoa no *Tinder*, uma terceira, que era muito parecida comigo, e eu falei pra ela que “olha, a única pessoa que você pode ter medo, que eu sinto uma coisa parecida com a sua é uma pessoa que eu

nem conheço” e recentemente conheci essa pessoa. Daí eu disse que o sentimento ambíguo tava me desgastando e que eu queria ficar sozinho. Uma semana depois conheci essa terceira pessoa, conheci de verdade, e daí já fico “nossa vai começar tudo de novo”, ontem mesmo ela tava em casa e tava meio grudada em mim assim, assistindo coisinha lá e tal. E eu falei “não”, mas é uma coisa diferente com essa pessoa. Sempre tive costume de não conseguir dormir numa cama de solteiro com alguém e puxava a minha embaixo, agora com ela, parece que eu quero dormir grudado. Então tem coisas que meu corpo vai falando que tá acima da minha compreensão. Aí começa a sofrer algumas coisas, por exemplo, eu comecei a sentir uns sinais de ciúmes. Três semanas atrás tava com uma menina e conheci essa. Agora tô ficando com a menina que eu sempre quis conhecer, ela é psicóloga também, tudo é parecido comigo, o nome é parecido, o jeito de reclamar é parecido, o jeito de falar é parecido, e eu falei, cara tô numa relação narcísica! Mas também muitas coisas são diferentes e isso me deixa mais aliviado. Mas ao mesmo tempo na minha cabeça eu fico “nossa, agora eu tô apaixonado mesmo, de fato, tô quebrando várias coisas. Mas não, meu plano é esse. Tenho que ficar aqui, terminar o protocolo, o doutorado e depois arranjar alguém.” Então é muito cansativo pensar nisso. A outra pessoa me causava um desgaste maior, essa outra, não. Eu tô mais confortável sobre essas coisas. Tô deixando num deixa estar pra não seguir isso e cansar.

Antônio: Eu acho que esse é o maior cansaço pra quem tá solteiro. Você tá ficando com uma pessoa, aí você começa a gostar dela. No meu caso eu tava ficando com uma menina e a gente se encaixava muito. Só que aí eu pensei “mano, tô em Assis, ela é de outra cidade, eu quero voltar pra minha cidade depois que terminar a faculdade ou então ir pra fora do país. E aí, se essa relação acontecer, será que meus planos vão continuar os mesmo? O que eu faço?” Terminei optando por seguir meu plano, mas era um negócio que termina cansando a gente ficar nesse dilema. E muito mais por pensar demais você termina deixando essa oportunidade escapar. Esse é maior dilema pra gente.

João: No meu caso também dá um cansaço, mas emocional. Eu me sinto muito instável. Eu fico “pô, essa menina é perfeita, encaixa certinho a situação dos dois. Se acontecer isso daqui a gente pode mudar pra tal cidade e tatata, daí na hora que eu coloco os contrapontos eu fico em choque, porque se não der certo, e mesmo não tendo um relacionamento serio com a pessoa eu já tô em crise de não dar certo. Então me dá um

cansaço emocional muito lascado, então eu prefiro não pensar muito, só ter um plano leve que pode ser mudado.

Rafael: Pra mim não é cansativo, tem muitas outras coisas na vida que é mais cansativo. Acho que isso é um pouco mais trabalhoso, mas eu não chego a ter uma fadiga mental por conta disso, sabe? É que sei lá, resolver problemas pra mim é diário. E outra coisa que eu faço é não ter planos. Quanto mais planos você tem, mais cansado você fica. Cara, sei lá, de cinco anos pra cá eu vi na minha vida que fazer planos não dá nada, esquece. Se for pra ser, você vai seguir esse caminho e as coisas vão acontecer na sua vida. Não fica nessa, “ah eu vou ter um filhos aos 22 anos de idade” porque presta atenção, significa que você tem 9 meses pra nascer um filho e 3 pra engravidar, tá entendendo? Vou ter uma casa aos 30! Quando que você vai ter que fazer esse financiamento? Tá entendendo? Vou me formar? Vou! Vou procurar um emprego? Vou! Mas onde der, deu! Eu sou um cara que não faz planos, então acho que por isso não tenho essa fadiga aí.

Eitor: Você é sábio!

Antônio: Minha vó falava: não apressa o rio porque ele pode ir sozinho.

Rafael: É!

Todos: Boa!

Antônio: E eu acho que a gente sempre termina atropelando esse rio.

Joaquim: E se afogando.

Eitor: Ah, eu acho que eu tive que passar um processo, porque até então eu namorava pessoas da minha cidade, mas era diferente porque eu tava na casa dos meus pais. Aí quando eu vim pra cá e comecei a namorar com a pessoa, eu vi que começou a viver junto praticamente, todos os dias. Então foi um processo de me adaptar pra entender que agora eu não era só um e que consequentemente, eu tinha que pensar pra comida de dois, pro fazer do dia a dia de dois, então no começo foi muito desgastante, então foi uma fadiga mental de eu estar assim, talvez por ter tido uma vida tranquila na minha as e me dar bem com minha família, foi bem desgastante e com o tempo e a experiência agora torna-se algo menos desgastante, mas consequentemente, como é o motivo da minha análise agora, deixou de ser desgastante pra se tornar quase um *modus operandi*. Tá sendo desgastante pra mim pensar no quanto eu tô fundido e não me considerando tanto e considerando dois do que pensar no dois.

Lucas: Eu achei muito engraçado porque parece que a galera que tá solteira tem muito mais um desgaste, porque eu tenho zero desgastes com relacionamentos. Se o

relacionamento tá desgastando eu já vejo que aquilo não é pra mim. Eu gosto muito de viver em grupo, então é meu pensar em outras pessoas junto comigo e tentar formar pequenos planos assim. Então eu não ligo, não ligo mesmo. Pensar em só uma pessoa, pra mim é muito fácil. E se tá me desgastando, já não é o relacionamento que eu quero. Não é uma meta. Meus relacionamentos não muito leves tanto pra mim quanto pra pessoa que tá comigo. Não há um desgaste. A gente pensa no outro e pensa junto, mas isso de nenhuma forma me desgasta. A gente se estressa por outras coisas, mas pelo relacionamento acho que isso ocorreu pouquíssimas vezes. E acho que no outro relacionamento isso ocorria mais por parte da outra pessoa, que eu tinha um relacionamento a distância, ela tava em São Paulo, eu tava aqui em Assis. E ela fazia muitos planos, “ah, a gente vai casar e ter filhos quando você voltar” e eu ficava assim “gente, jeová!” (Risos) “mas eu nem passei em psicanálise II ainda, tem que chegar no três”. E como o amigo ali, eu não faço planos a longo prazo, eu guardo dinheiro a longo prazo, pra fazer o que? Sei lá! A longo prazo, o que aparecer de plano eu faço com o dinheiro que eu guardo. Então, eu tô terminando a faculdade agora e tô começando a fazer planos pro ano que vem hoje. Não comecei no semestre passado. E assim, talvez de isso, talvez de aquilo e o que der foi, a gente vai seguindo. Vamos ver o que vai acontecendo. Eu acho que eu parei de me precipitar, de idealizar algumas coisas, que no meu primeiro relacionamento eu tinha muito, e eu ficava “caralho, será?” porque eu via que não era pra mim. Acho que isso foi algo que ajudou a gente terminar. Eram outras épocas, outras idealizações, eram coisas que tavam na mente dela e não na minha, que ainda nem apareceram na minha. Ela já queria comprar casa e eu ficava “nossa como eu queria comprar um vídeo game novo”, e eram idealizações diferentes. As minhas eram mais imediatas. Pra mim, pra um relacionamento acontecer comigo, eu não posso me desgastar tanto e a outra pessoa também não, e a gente tem que viver legal dessa forma. Como qualquer relacionamento que eu tenho com amigos, com família, pessoas que eu gosto.

Joaquim: eu acho que uma coisa que você falou e me fez pensar, é que dessa última vez com a moça que eu tava ficando, era muito essa cobrança de tipo assim, “ah cheguei nas minhas amigas da minha cidade e perguntam de você. Ah tá mesmo!” Parecia que ela tava me empurrando e forçando um namoro. E agora essa moça que eu to começando a ficar, eu não tava me sentindo desgastado. To sentindo um pouco de saudade, mas aquela coisa que não é um desgaste. Mas eu acho que é isso. Quando eu namorava, nos tempos auges do namoro, da relação, era uma coisa muito interessante “ah olha que

legal achei alguém agora eu vou pensar em muitas outras coisas e não vai me cansar em nada”, era muito essa questão de diferença de objetivo porque outras pessoas que eu fiquei a longo prazo não me cansaram em nada, mas eram objetivos muito pontuais. Ano passado eu ficava com uma moça, por exemplo, que ela era colombiana. Então tipo assim, “ela vai se formar e ir embora, êêêê!”, então tipo assim, tinha data pra acabar. Tinha uma época que eu tava ficando com uma moça e ela ia voltar pro Japão, então era a mesma coisa, tinha data pra acabar. Era interessante.

Lucas: Seus relacionamentos seguem um padrão né?

Joaquim: Sim (Risos) então assim, nunca me cansou muito. Acho que o que mais me desgastou foi isso, de alguém que eu tava ficando tava gostando e de repente tava me dando umas indiretas do tipo “e ai mano, você não gosta de mim, você não vai pedir pra me namorar?” e não, namorar agora ia ser forçação de barra, uma coisa que não quero agora. Então sabe, era meio isso. Essa moça comentar o que queria através dos amigos, e como assim, pra mim a gente tava numa relação ok, sabe? De boa. Então parecia que ela tava forçando a querer alguma coisa e isso me cansou. E agora que eu tô ficando não tá me cansando, mas também é o comecinho, ne.

Luas: Eu sempre achei muito estranho pessoas que tavam nitidamente cansadas e investiam muito no relacionamento e eu ficava, eu nunca entendi isso pra mim. Isso pra mim nunca bateu...eu sei que é uma forma de se relacionar, mas as vezes não é nem só um, é o casal. As vezes eles investem tanto, e eles estão tão cansados, exaustos, e eles se gostam muito mas falam “que bosta”, e não sei porque não pode ser algo mais leve, mais prazerosa, usar as energias pra outras coisas e a energia aqui tem que ser confluyente, tem que ser natural, ela se cria, ela se esvazia aqui. Eu acho que muito mais no relacionamento, as vezes eu, ele me cansava porque eu ficava muito, eu gostava daquilo dali, não fazia outras coisas e então depois eu tinha que correr atrás dessas coisas, então “nossa eu tenho que fazer o trabalho pra amanhã mas seria tão legal assistir *Masterchef* com ela hoje e depois a gente vê o que faz”, mano, é o tipo de cansaço que as vezes eu tenho. Muito mais porque eu esqueço de outras coisas, porque lá tá tão legal, tão gostoso, depois as vezes eu fico, sem fazer e tenho que correr atrás. Então não sei, esse investimento, essa energia, não rola. Se eu ver que tô investindo muito e a pessoa também, pra mim eu sei que não vai dar certo, não é assim que eu me relaciono.

Joaquim: Eu acho que quando a demanda do outro começa a ser muito acima da sua, assim.... Igual que você falou: você quer comprar um videogame e a outra pessoa quer

comprar uma casa. Calma aí, sabe? Acho que isso começa a cansar um pouco, você entrar em conflito.

Lucas: Não sei se demanda, mas com certeza tempos diferentes, né? Tenho 500 reais guardado, dá pra fazer o que? Um vídeo game, ou comprar a maçaneta? As vezes não é sua idealização.

Joaquim: Acho que cansa as vezes colocar expectativa demais em cima de você quando você só quer viver o dia a dia e a pessoa tá ali, te chamando, te invocando a tomar decisões por ela. Tipo pedir em namoro. Porque tem que ser eu sabe? Porque não pode ser você? Se for eu, vai ser na boca pra fora, velho. Acho que isso que cansou.

Pesquisadora: Qual é a importância do relacionamento amoroso na vida de vocês hoje em dia?

Antônio: Já foi muito importante. Eu tinha impressão quando eu era mais novo que se eu não tivesse o meu moção, pra quem escrever meus poemas, eu tava incompleto (risos de todos) Mas hoje eu sinto que se eu tiver com alguém, beleza, vai ser legal. Mas se eu não tiver, tudo bem. Minha vida vai seguir. É que também eu sei que...eu fui filho único, né, e lá em casa a gente ficava muito cada um no seu canto também, então ficar sozinho nunca foi um problema. E hoje eu moro em Assis sozinho e as vezes eu fico pensando “e se eu tivesse uma namorada aqui? O que ia mudar?” e eu percebo que gosto do jeito que tá agora. Eu acho que tô num momento de saber muito mais quem eu sou do que mudar algumas coisas pra me adequar. Então, no momento, pra mim, não tem muita importância.

Rafael: Deixa só eu pegar o gancho do que você falou agora...É que eu também fui criado filho único e por conta disso, desde minha infância, até hoje, eu tenho uma personalidade bem solitária, assim, extremamente solitária, eu posso passar meses sem olhar na cara de ninguém que tá tudo bem. Mas obviamente eu namoro, e pra mim é de extrema importância, talvez uma das 4, 3 coisas mais importantes da minha vida hoje. Obviamente se eu terminasse o namoro, ou de uma forma trágica ou de uma forma consensual entre as duas pessoas, eu sei que estaria bem. Eu não estaria da mesma forma que estou hoje, mas eu sei que estaria bem, eu sou “autossuficiente” (fez sinal com aspas), né. Mas antes de eu começar a namorar, voltando a época em que estava solteiro, meu principal medo de namorar era de como, achar alguém que ia respeitar o meu momento. E o meu momento as vezes sozinho é muito a mais que a média, tá entendendo? E fui feliz nessa parte pelo menos, achei alguém que respeita.

Joaquim: Eu acho isso muito importante também, essa questão da solidão. Porque assim, eu não sou filho único, mas eu sou filho temporão. Meu irmão tem 43 anos e eu tenho 28.

Rafael: Meu irmão vai fazer 50, cara. E é por isso que eu falei que eu fui criado como filho único.

Joaquim: É engraçado porque apesar de eu ter convívio com meu irmão, o meu irmão do meio faleceu quando tinha 18 anos e eu tinha 6, e o meu irmão mais velho, um ano depois que meu irmão do meio faleceu, ele já tava pra casar, e eu tinha 7 anos quando ele casou. Então dos 7 até os 17/18 eu tava vivendo como filho único. Ainda mais com um irmão que faleceu, tem muita a questão de querer bastante respeitar minha solidão. Então não é sempre que alguém me chama pra um rolezão e eu quero ir. Essa questão de solidão é muito importante pra mim, e querer achar alguém que respeite isso. Tanto que no meu último relacionamento eu dizia assim “olha, eu tenho essa questão da solidão”, se tivesse quarto separado, ia ser muito interessante. A pergunta era qual mesmo? (Risos)

Alguns meninos: A importância do relacionamento amoroso!

Joaquim: Ah, é. Eu acho que assim, por mais que você esteja solteiro é sempre gostoso estar com alguém né. Eu sempre tô ficando com alguém, e eu acho que é gostoso assim, todo dia você trocar uma ideazinha. Igual essa moça que eu tô ficando agora, assim, ela respeita meu tempo, ela também tem a agenda cheia, então tem essa questão de ficar um tempo separado, trocar ideia de vez em quando. Tem dia que conversa muito, tem outros que conversa menos. É gostoso, sabe, você ter esse contato. Por exemplo, agora eu tô solteiro, então eu não sinto, tipo assim...eu acho que uma das grandes diferenças...é que vai entrar em muitas coisas, como a vida começa a ficar mais estreita pros dois, tem muito problema que você pega pra você e vice versa. Quando você tá solteiro tem uma distância maior. Você conversa, e é um problema de um amigo, mas você não pega pra você. Eu sinto que é gostoso sentir um sentimento de amor, a pessoa gostar de você, você mandar mensagens e tal, sabe? Esse sentimento é gostoso. Enfim...

Lucas: Acho que no meu caso já foi mais importante. No meu primeiro relacionamento. Não digo que agora não é importante, só que eu descobri que agora tem coisas dentro do relacionamento amoroso que eu posso ter com outras pessoas, então, é...antigamente minha mãe era minha confidente, a pessoa que eu partilhava tudo – quando digo antigamente, é o meu primeiro relacionamento – e assim como minha ex, tudo eu falava pra ela e pros amigos eu contava uma coisa ou outra, tudo meio picado, mas pra ela eu

contava tudo. E hoje em dia eu sei que eu tenho uma rede, moro numa rep, então isso me ajudou muito. Eu partilho muitas coisas com as pessoas, eu sei que eu não to sozinho e que se eu precisar de ajuda alguém vai me ajudar, eu sei que se eu precisar dela ela vai também me ajudar. Então, já foi muito mais importante porque eu achava que só ia conseguir algumas coisas com aquela pessoa. Hoje em dia eu sei que tem outros fatores, tem a questão de construção, de querer ficar junto, diversas coisas. Mas tinha uma centralidade, eu gostava muito de viver em grupos e achava a relação muito mais importante e hoje em dia alguma coisa se desfez. Então é muito importante sim, mas pra mim já foi mais.

João: No meu caso eu vejo bem parecido. Como eu nunca quis me envolver muito, teve uma época que eu via como uma pressão grupal, se você não namorava com alguém você era tratado diferente, como se você fosse um criança. E hoje em dia eu vejo de outro modo e que a importância de um relacionamento é uma evolução. Todo mundo que eu conheço que já teve algum relacionamento trata as pessoas diferente. Não é mais uma visão egoísta de mundo, “eu vou fazer só o que quero”, o mundo é das pessoas e eu tenho que respeitar como elas vivem. Então eu vejo que hoje, um relacionamento seria uma forma de quebrar meus limites, porque eu sou muito travado. Eu vejo que um relacionamento seria importante pra eu ampliar horizontes e ampliar conhecimento na questão do respeito, de aprender me relacionar melhor com gente de tudo quanto é jeito.

Eitor: Acho que meu relacionamento é bem importante pra mim no momento porque de alguma certa forma, muito do que eu construí e do que ela construiu, a gente construiu junto aqui. Então, de alguma certa forma, eu ainda to numa centralidade, acho que eu consigo muita coisa dentro do meu relacionamento e eu também espero dar muitas coisas pra ela. E ainda que eu consiga coisas com outras pessoas, acho que com ela é quando me doou mais, eu tô mais presente e me implico mais. Eu acho que eu me implico muito no relacionamento, então ele tem uma centralidade muito importante.

Pesquisadora: Como vocês enfrentam e percebem as dificuldades dos relacionamentos amorosos?

João: No meu caso eu vejo que perceber nunca foi muito um problema porque quando tinha era um problema bem pontuado. Eu tinha muito esse negócio de envolver a pessoa e querer reciprocidade, e fazer aquele negócio que você tinha falado que tenta forçar um relacionamento, e a pessoa não dá nada. Então, a questão de perceber nunca foi problema, porque você vê no feeling que a pessoa não tá na mesma que você. Agora,

quando enfrentar eu nunca fui muito bom. Era sempre muito curto e grosso, terminava com a pessoa não querendo mais te olhar, então sempre foi meio problemático.

Eitor: Eu acho que os problemas que eu resolvi e que eu resolvo no meu relacionamento atual e também no antigo, ele se deu muito em uma implicação das duas pessoas em resolver esses problemas. Então de um certa forma, acho que sempre tive relações muito intensas e as duas pessoas acabam pensando bastante em como resolver. É uma coisa que eu sempre comento e que foi meio que o motivo de eu ter terminado meu relacionamento passado, que foi perceber que enquanto eu tava tentando resolver, correr atrás de estar com a pessoa, ela não se interessava. A partir do momento que eu percebo que a pessoa não tá afim de resolver os problemas comigo e não tá se importando tanto quanto eu em resolver o problema, pra mim é muito complicado. A partir do momento que as duas pessoas conseguem entender o tamanho do problema, ou tentar compreender o problema que tá acontecendo com o parceiro, dá pra continuar o relacionamento. Quando os problemas se tornam algo a se denegar e pensar que não existe, ou algo a pensar que pode ser resolvido depois, ou tentar resolver com coisas tipo sexo com raiva, esse tipo de coisa eu acho que não consigo, sinto que a pessoa tem que estar tão implicada quanto eu em passar por essa fase, e caso ela queira ignorar ou fingir que não é tão grande pra ela que pra mim ou se eu me vejo nessa posição, eu sinto que é uma hora de repensar a existência do relacionamento.

Joaquim: Ah eu acho que assim, no meu caso, depois de dar tanto murro em ponta de faca...sei lá, eu namorei umas cinco vezes aí, sei lá. Eu acho que minhas ultimas relações, independente de chamar de namoro ou não, são relações que eu tento arrumar assim....começa a dificuldade e o problema eu já penso em dialogar, ficar assim, olha vamos resolver esse problema e falar o eu a gente tá sentindo. Qualquer probleminha, qualquer pequeno incomodo sabe. Nossa...um probleminha vira uma pequena bola de neve e pode virar uma nevasca. Então é incomodo, assim....por exemplo, uma situação hipotética “aquele dia te achei grosso com uma pessoa muito querida, achei estranho, não te reconheci nisso”, então assim, eu acho que melhorou muito as dificuldades de relacionamento depois que eu passei a ser aberto e falar sobre essas coisas, e pedir também pra pessoa conversar sobre isso, pontuar. Coisas mínimas mesmo que geram um pequeno incomodo. Acho que melhorou muito conversar sobre as dificuldades quando a gente começa a perceber elas no início, quando elas ainda são simples.

Eitor: Eu acho que quando a gente pega nessas coisas simples, parece que é uma forma de se responsabilizar pela construção que você tá tendo, porque parece que quando a

gente deixa essas coisas irem passando, é uma irresponsabilidade da nossa parte querer continuar vivendo essa identificação, sabe? E porque, tipo, naquele momento que você tá com tanta identificação e você deixa passar as coisas, pra mim, parece uma falta de responsabilidade. E quando você fala, você está se responsabilizando, não deixando aquela coisa voltar em outro momento com raiva, grito...um problema maior.

Joaquim: Ou quando você tá terminando, aquela coisa clássica, porque aquele dia, naquela vez você fez isso e tal. Porque as vezes pra outra pessoa não foi nada demais, você nem percebe, sabe. Atualmente eu faço esses acordos, o mínimo que te incomodar você fala, por mais que a gente não planeje algo a longo prazo, pra ter uma relação sadia. Mas isso veio depois de muito tempo arrebentando a cara no muro.

Rafael: A minha questão, como eu identifico, assim, na hora eu já sei. Pessoas próximas a mim eu identifico na hora se tem algo ou não, minha parceira então, nem se fala. Como diz um amigo próximo, “vareia”. Depende do estado dela e quem fez. Se foi ela que fez eu espero o momento certo de apontar, mas nunca aponto na hora porque nunca é um bom momento. Se ela fez alguma coisa que eu não gostei. Agora se eu faço algo que ela não gostou, e obviamente eu percebo isso, porque não faço de propósito, e eu vejo que ela tá meio assim, eu já pergunto o que é. Daí as vezes rola uma criancice de “não vou falar” e não sei o que, daí eu aguardo e espero porque a maturidade é o melhor jeito de resolver qualquer tipo de problema. Então eu espero e vai chegar uma hora que “então, e ai, qual vai ser?” mas tem que ter paciência e momento certo. É assim que se resolve qualquer problema em um relacionamento.

Lucas: Eu acho que problema de relacionamento, pelo menos os meus, a gente resolve no relacionamento. Eu não resolvo sozinho, a outra pessoa não resolve sozinha. A gente senta, conversa. Não posso dizer que vejo todos de imediato, mas as vezes a gente pensa “será que vai se resolver sozinho?”, porque as vezes é uma condição passageira e precisa respeitar o momento do outro, as vezes melhora sozinho porque foi só um estresse momentâneo e afeta pontualmente. E isso tudo ajuda, dá espaço. Mas no meu relacionamento é resolvido por quem tá dentro dele. Comigo sempre foi “tá acontecendo isso e aquilo, vamos conversar? Show!” e as vezes eu guardo pra pensar e pontuo depois de um tempo pra resolver. Acho que as vezes não são no relacionamento, mas externos que afetam o relacionamento também. E daí você fica no seu espaço e vice versa e dá um apoio. Pra mim é primordial que os dois resolvam, dentro do espaço.

Antônio: O meu maior problema foi a falta de maturidade e de maturidade emocional. É igual você falou, as vezes a gente tá ruim e precisa de um espacinho, e a gente não se

dava esse espaço um pro outro, porque sempre tava junto todo dia, dormia junto todo dia, a gente tava vivendo junto praticamente. Então muitas vezes eu queria ficar só e não dava, as vezes eu queria resolver um problema que se eu tivesse sozinho talvez eu resolveria de boa. O negócio é ter o tato pra saber o momento que você pode meter a mão na massa e e ajudar a pessoa, né. E você perceber que a pessoa tem que fazer sozinha. Um problema também de qualquer relacionamento, usando o exemplo do muro...a gente não constrói um muro sozinho, precisa estar em conjunto pra fazer, porque se não cai.

2º encontro: 02/09/2019

Pesquisadora: No final do último encontro nós falamos sobre as dificuldades que surgem numa relação amorosa. Continuando a pergunta, a que vocês atribuem as dificuldades nas relações amorosas?

Joaquim: Falta de diálogo é uma delas.

João: Acho que além de falta de diálogo, infantilidade de uma das partes ou de ambas as partes e daí fica difícil estabelecer uma relação estável, fica muito mais violenta a relação, tem muito mais surtos de brigas. E como ele falou, dialogo é essencial, se tá junto de uma pessoa e você não conversa nem das coisas simples, é meio que falso.

Antônio: Eu acho que meu maior problema é que depois do meu último termino eu me tornei muito individualista. Que nem eu já tinha falado, ne, eu não consigo me ver namorando alguém ou tendo um relacionamento mais sério hoje. Acho que isso é um problema que eu tô enfrentando. Enquanto eu tô seguindo esse caminho individualista, por outro lado também faz falta ter alguém.

Eitor: Acho que pra mim é a dificuldade na divisão do espaço, da convivência, na organização do que fazer, quando fazer, quando quer fazer junto ou sozinho, as vezes precisar de um tempo sozinho e a outra pessoa não querer ou não poder que você fique esse tempo sozinho, ou as vezes o contrário, estar passando muito tempo junto e estar vendo que isso tá ficando estressante e em alguns momentos os dois querem estar sozinho e não conseguem. Acho que pra mim essa é uma coisa que eu tive que ir desenvolvendo ao longo de todos relacionamento e agra tá começando a melhorar com terapia, mas é bem por aí.

Lucas: Vou ser bem generalista, mas parece que os problemas são todos atrelados a vivenciar em grupo, porque eu acho que não existe um fator predominante ou um quesito mor, viver em grupo dá trabalho. Então eu poderia falar alguma coisa x aqui,

mas com uma pessoa eu vou me relacionar de um jeito e não vou ter esse problema, e com a pessoa y eu vou ter. Então qualquer dificuldade encontrada em você se relacionar com qualquer pessoa, independente do que você queira nomear, que seja amorosa, profissional, aluno-professor, existem problemas, então juro, não consigo definir alguma coisa única. Acho que viver em sociedade causa problemas, você tem uma relação amorosa causa os mesmos problemas por exemplo, por falta de conversa. Mas vão existir pessoas que você vai conversar muito bem e não vai ter esse tipo de problema, mas no lugar vem um problema de idealização, as vezes eu querer uma coisa e o outro, outra coisa diferente. E isso acontece em qualquer tipo de relação. Então eu vou ser muito generalista e eu não sei se respondo, mas tô respondendo ao meu modo, que qualquer problema que você tenha em conviver com alguém, em manter um grupo, em se relacionar, qualquer tipo de forma, pode ser estendido para relacionamento amorosos ou não. Do mesmo jeito que vice versa, pra qualquer outro relacionamento como seu pai, sua mãe, ou qualquer pessoa que você goste.

Rafael: Eu acho que eu entendo o que você tá falando, porque eu ia responder que é o externo a principal causa dos atritos. Acho que minhas relações com a minha parceira é muito boa, criar um problema simplesmente entre nós dois é algo raríssimo, como por exemplo, ciúmes. Mas não, geralmente quando a gente tem alguma dificuldade, é por um problema externo, seja a família dela, seja a minha, faculdade e algum projeto que a gente tá tentando fazer e não dá certo.

Antônio: O inferno são os outros, né?

Rafael: Exatamente, eu sou normal (risos de todos)

Lucas: Acho que só pra complementar, eu não acho que seja externo, eu acho que é qualquer coisa. Por exemplo, eu posso me relacionar com o Eitor agora, e meu problema com ele ser a comunicação, porque ele não consegue se comunicar comigo. Mas aí eu falo com o McGiver e o problema é que ele é muito carinhoso, a gente é só amigo e não precisa ser tão carinhoso assim. Então o problema tá nas diferentes formas do ser, porque somos diferentes, seja interna ou externa. Cada relação é uma coisa. Acho que agora eu me fiz valer, tô satisfeito! (Risos)

Pesquisadora: O que vocês pensam a respeito de um relacionamento amoroso compromissado?

Lucas: Eu acho que um relacionamento compromissado é você aceitar ou não, mas entender as normas que foram impostas pelo casal. Ter compromisso é isso, e descobrir novas normas e falar o que tá legal e o que não tá. Porque eu falo assim “ai ser fiel é

uma coisa papapa...” se vocês decidiram que vocês tem um poli amor, que vale alguma coisa, show! Mas vocês decidiram juntos? Sim! Então pronto, você tem um compromisso com isso. Pra mim o compromisso existe na forma que o casal exige regras ou não, e a partir disso decidem tentar de outra forma, sim ou não. Então compromisso é isso, ter compromisso com o que o grupo, você e a pessoas estabeleceram. “Olha, não pode ficar com ninguém de segunda a quinta feira”, show, então se eu ficar com alguém na segunda eu estou quebrando esse compromisso. Se eu aceitei e a pessoa também, mesmo que você não tenha aceitado, vamos sentar, vamos discutir...e daí “olha, acho que já cheguei num ponto que eu cedi bastante e você também numa parte, e acho que isso pode ser algo legal pra nós.” A partir daí acho que isso é você ter compromisso num relacionamento amoroso, aceitar as normas definidas.

João: Acho que eu vejo como um objetivo, sabe? Conseguir mais que uma coisa momentânea, volátil, igual copinho descartável, sabe? Eu acho que o compromisso envolve muito mais uma relação dos dois e algo que tende a ser mais duradouro. Porque se é algo que os dois aceitam e mantem, fica mais fácil.

Joaquim: Ô Camila, tô com um problema, eu trouxe uma buxa pro seu grupo de pesquisa.

Pesquisadora: Porque?

Joaquim: Porque me pediram em namoro hoje!! (Todos riram)

Pesquisadora: E você nem perguntou se não podia aceitar a noite, depois das 19h? (Todos riram)

(Grupo totalmente eufórico e surpreso)

Joaquim: Tá tocando música do Janeci na minha cabeça, uns carrossel, algodão doce, tô até meio avoado.

Pesquisadora: Eu vi que você tá de poucas palavras hoje!

Lucas: É, ele tá quietinho mesmo, também achei!

Rafael: E você aceitou?

Joaquim: Eu aceitei! E não sei, tô meio perdido...não tô conseguindo pensar muito racionalmente nas perguntas. O que é bom né, estamos em ciências humanas e as vezes ao invés de ser um problema é um bom analisador, né. Não sei! Tô confuso!

Lucas: Dá pra ver! Você voltou a ter 15 anos?

Joaquim: Voltei, voltei!

Pesquisadora: Mas você acha que você consegue responder?

Joaquim: Sim, eu acho que consigo. Até por conta do encontro passado nosso, assim, algumas coisas de antes e depois. Porque acho que você um grupo de um ano ou mais de namoro e um grupo de solteiros, então você não pegou um grupo que tá deslumbrado com as palavras, todo mundo, sabe...? Então por mais que esteja sentindo confuso na minha cabeça, eu tô saindo da situação do solteiro pragmático e tô começando a entrar na situação, ainda não entre de fato, do comprometido totalmente apaixonado. Que ainda é diferente do comprometido de um ano ou mais. Mas acho que essa questão do compromisso, uma das primeiras coisas que me veem na cabeça é isso, de estabelecer um diálogo com limites e um relacionamento com limites. Porque as vezes eu não sei como vai ser o comportamento logo menos, porque até agora chegou 19h e eu falo vou ali deitar e ler alguma coisa eu nem falo boa noite mais, porque eu vou dormir provavelmente, eu durmo cedo tá gente? Acordo 6h da manhã. Aí de modo pragmático eu fico pensando o que é limite. Será que a pessoa vai achar mais estranho que agora que eu tô numa relação eu tenho que falar boa noite 00h sabe, ou será que 18h eu vou tomar um banho, acabar adormecendo e vai tá tudo bem no dia seguinte? Então são coisas que assim que eu me encontrar com ela hoje à noite eu vou querer conversar e estabelecer. E tinha algumas coisas que eu tinha pensado nos meus limites e achava que não dava e eu ia terminar com ela, mas aí fui pedido em namoro.

Pesquisadora: Mas eu acho interessante mesmo assim a sua participação hoje, porque acredito que pode contribuir muito positivamente pro grupo e pra análise essa sua experiência. Então vai falando o que você pensa, sente e fica à vontade.

Joaquim: Ah, tudo bem, então! Que bom!

Lucas: Qual era a pergunta mesmo?

Pesquisadora: O que vocês pensam de um relacionamento amoroso comprometido?

Rafael: O que mais próximo que vou chegar é que compromissos são limites que você estabelece pra não magoar outra pessoa. E eu falo isso no meu relacionamento, porque casais que eu conheço pessoalmente, aí são limites que você estabelece para quebrar e dizer que não quebrou. É complicado, o casamento dos meus pais é uma mentira, o casamentos dos pais da minha parceira também é uma mentira, meu irmão tá no terceiro casamento porque não aceita mentiras e é por isso que dá errado. É o que eu sei vendo outros relacionamentos, é meio pesado, mas por aí vai.

Antônio: Eu acho que tudo depende dos acordos, se um dia, sei lá, vai que amanhã alguém me pede em namoro (risos de tudo), eu acho que não tem problemas no compromisso em si, se você se dispõe a assumir acordos ou compromisso com seu

parceiro, talvez esteja tudo bem, querendo ou não é um negócio que a gente vai atrás, a gente busca estar no relacionamento ou sair fora. É isso, basicamente acordos.

Rafael: É...acho que é muito o que se estabelece, igual você, citou o poliamor, mas não sei, existe alguma coisa no poliamor...a gente sempre liga compromisso com fidelidade, mas é mais abrangente do que isso. Teve um caso de um amigo meu que um dos compromissos estabelecidos na época que ele tava distante, então um relacionamento a distância, era não assistir *Netflix* com outra pessoa. Bom, eu falei, que coisa mais idiota mas é o compromisso dele, faz o que? Coisas bem abrangentes.

Antônio: Com a minha ex a gente tinha um jogo, eu sempre fui muito de jogar, né. A gente tinha um jogo, *The Last Of Us*, que a gente combinou que a gente só ia jogar se a gente tivesse junto, porque a gente queria terminar a história junto. Isso é um exemplo, ne, que nem poliamor, *Netflix*. Acho que o problema é se você começa a quebrar os acordos ou se o seu parceiro começa a quebrar você.

Joaquim: Esses acordos assim, depois de um tempo eu não consegui mais estabelecer. Nos meus primeiros namoros eram umas coisas assim, não bem isso, mas algo do tipo, só que depois de um tempo desgasta, você tá cansado e começa a estabelecer limites em coisas mais sérias. Porque se não fica algo muito sei lá...Tô cansado, quero ver um filme coisa assim. Claro, é legal combinar de ver junto, super gostoso. Mas a nível de regra assim, pesa. Pra mim não dá certo. Seriam coisas mais sérias. E também não dá pra dar vacilar nessa coisas de tipo, sei lá, se você falou que vai viajar no lugar do ano junto num lugar x lá, não vai vacilar com isso porque isso as vezes é muito importante pra ambas as partes, ou as vezes você pode não levar muito a sério. Eu já fiz isso, assim, tinha uma relação que queria viajar não lembro pra onde, e entrava num ouvido e saía pelo outro, e depois eu falei pra gente nem ir. E eu vacilei muito porque pra ela era muito importante e pra mim tanto faz. Eu acho que uma das coisas que aprendi é que as vezes aquele lugar, o compromisso, é muito importante pro outro. Mas se eu vejo que não vou conseguir fazer, eu falo, olha vou pensar com mais calma, ou não vou conseguir fazer, sabe? Ser mais aberto e menos uma coisa silenciosa. Às vezes você tá sofrendo calado, a coisa tá acontecendo lá, e você tá “ok” e dando só o aval de aprovação.

Pesquisadora: E vocês acham que o relacionamento amoroso de forma compromissada coloca mais dificuldades ou facilidades? 25:19

Eitor: Olha, pra mim não tem como assumir um relacionamento amoroso sem comprometimento. Então pra mim ele coloca mais facilidades no sentido de que a partir

do momento que eu estabeleci alguma coisa, eu sei até onde dá pra ir e até onde não dá pra ir. Se não tiver esse estabelecimento e cada um poder fazer da forma que quiser, no momento que quiser, pra mim vai ser uma coisa próxima do impossível, ou muito angustiante e ansiosa. Eu acho que traz facilidades no sentido que te traz uma espécie de segurança em relação a essa coisa que tá sendo construída.

Antônio: É....é bom ter um norte pra você olhar e falar: tá, o caminho é por ali. Ou pelo menos você sabe um ponto, né? O caminho que vai seguir pode mudar, mas você quer chegar lá. O compromisso ajuda nisso. Porque que nem, já teve vezes que eu tava ficando com uma menina e a gente só vai ficando, ficando, daqui a pouco a gente tava há um ano ficando e aí? E agora? A gente se vê praticamente todo final de semana, a gente dorme junto, mas tem um compromisso? Qual é o meu limite agora? Então nessa parte ajuda muito. Eu acho que a gente precisa de certas fronteiras na nossa vivencia social.

Lucas: Depende. Se eu tiver muito compromisso, isso pode me engessar. Isso falando eu. Eu tenho medo de quebrar compromissos se eu tiver muito. Se eu tiver pouco, não sei se é de se sentir muito livre, e daí eu posso fazer alguma coisa que acabe machucando o outro. Eu digo que agora eu tenho um meio termo aceitável. É aquilo, isso pra mim agora. Eu sei que amanhã eu posso mudar e estar num relacionamento com outra pessoa e posso estar numa fase diferente e necessite ter muitos compromissos pra isso me facilitar e não me dificultar. E isso é estabelecido no casal. Eu digo que pra mim, realmente, no momento em que eu estou, eu não posso nem ter muitos e nem ter poucos, porque se eu tivesse muitos dificultaria, se eu tivesse poucos, dificultaria. Então a facilidade se encontra no meio termo hoje, amanhã minha facilidade pode ter tendo muita coisa.

João: Eu me vejo numa realidade muito parecida. Antes de ter um relacionamento compromissado eu tenho coisa a menos, então parece que vai trazer mais dificuldade. Então dependendo do relacionamento, é tão fluido, que pode ser muito bom. Pode me ajudar a se reorganizar, ou a estabelecer prioridades nas coisas, porque as vezes uma coisa que é extremamente fútil, como ir jogar bola com meus amigos, pode se tornar algo muito valioso pra mim quando eu tô sozinho. Mas quando eu tô compromissado com alguém isso fica mais flexível, eu posso marcar outros dias. Então fica meio termo. E se o relacionamento tiver fluindo muito bem facilita minha vida, porque daí eu organizo minha vida, e eu falo porque sou muito desorganizado. Mas se for algo, igual ele falou...se eu tiver lotado de tarefa, tiver dois dias da semana livre, daí acho que eu

veria mais como uma dificuldade, porque eu não vou conseguir me comprometer tanto com a pessoa e ela pode se sentir menosprezada.

Rafael: Mais dificuldade. Porque geralmente envolvem muitas outras variáveis ali na sua vida. Você se torna um elo que liga não só seu relacionamento com outra pessoa, mas também com o em volta, né. Quando você namora você muda seu círculo de amizade, não tem como. Você acaba se relacionando com outros casais, saindo menos com seus amigos solteiros, lugares onde você vai, suas finanças mudam completamente, seus planos pro futuro, se você planeja ou não planeja, independente. Por conta disso acho que envolve mais dificuldades. Contudo, o ganho é muito melhor, pelo menos ao meu ver. O ganho de experiência de vida, as experiências são muito mais enriquecedoras pra você como pessoa quando você tá compromissado.

SILÊNCIO.

Rafael: Me diz uma coisa, vocês que são solteiros, já que vocês não tão conseguindo desenvolver aí a resposta...Posso fazer uma pesquisa pra eles?

Pesquisadora: Pode!

Rafael: Vocês não se sentem mais livres assim? Tipo “tenho tanta liberdade que eu não sei nem o que que faço, então não vou fazer nada”

Antônio: Todo dia!

Rafael: Porque chega final de semana, pra gente que tá compromissado pelo menos, não é que é um dever que eu ou ela impõe, mas daí fica aquilo “temos que sair, né, meu, fazer alguma coisa, tá ligado?” Nem que seja ver *Netflix* e arrebentar pipoca. Eu lembro que na época que eu tava solteiro chegava sábado à noite e eu podia não fazer nada, jogar videogame, sair com meus amigos, ou fazer nada e dormir cedo.

Antônio: Às vezes eu tô em casa na madrugada, depois que eu acabei de fumar, eu penso: mano, na moral, vou jogar.

(Risos)

Antônio: Aí eu fico pensando, e eu tivesse namorando, será que eu taria fazendo isso agora?

Rafael: Jamais!

Antônio: Ou será que eu ia tá deitadinho ou sentadinho no sofá vendo alguma série. E também tem outra coisa...eu não sei se é porque eu moro sozinho, mas tem uma hora que eu preciso ver gente, fazer alguma coisa, não aguento mais só ver minha cara no espelho. Mas essa liberdade as vezes incomoda um pouquinho. Você pode fazer tudo e não faz nada.

Rafael: Mas essa liberdade não gera dificuldade. Por exemplo, no sábado, por mais que eu fique em casa, eu sei que eu não posso ficar jogando ou fazendo qualquer coisa até 4:30 da manhã porque no domingo tem almoço em família, se não for na minha, é na dela. Tá entendendo? Aí já começa as dificuldades mínimas até as estratosféricas.

Eitor: Ah, mas eu sinto que eu tenho uma liberdade no meu relacionamento de algum sábado os dois decidirem que cada um vai pra sua casa e daí eu fico até as 4:30 da manhã fumando e jogando, aí no outro dia a gente encontra e consegue ficar de boa. Mas realmente, a liberdade de solteirice as vezes faz você fazer vários nada.

Antônio: Eu acho que um fato que ajudou a me traumatizar foi meu último namoro porque a gente...eu morava em SP na capital, na Zona Leste e ela em Mogi. Só que assim, a gente praticamente ficava a semana toda junto. Se ela não tava na minha casa eu tava na dela, e tudo que a gente fazia era junto e eu sentia muita falta de fazer coisas sozinho. Ai as vezes tinha dia, por exemplo, final de semana, ela pegava no sono, eu não, então eu descia na sala e jogava um game. Aí quando eu menos esperava ela tava na escada puta: porque você me largou lá? Ué, porque será? Eu ai ficar vendo você dormindo? Mas os limites que são estabelecidos pra isso são coisas que só vem com o tempo, quando você é muito novo você não sabe.

Rafael: Em anos de relacionamento eu consigo desenvolver esse diálogo. Eu digo que, bom, você tem que sair um dia.

Antônio: A gente tem que ter um tempo pra si, nem que seja um pouquinho, mas tem que ter.

Eitor: Olha, quando eu não tava tendo, e tava o tempo todo assim, chegou um momento que nenhum momento era prazeroso. Quando eu fui estabelecendo a partir de conversas, que nem sempre foram tão pacíficas assim, quando a outra pessoa também foi vendo que precisava, e a gente viu que precisava estabelecer um tempo sozinho e junto, parece que o tempo sozinho ficou muito bom e o junto também. Porque tava em equilíbrio.

Lucas: Agora eu entendi o ponto do Eitor, porque eu não tava entendendo de jeito nenhum, eu ficava achando estranho. Porque eu tô numa época da minha vida que eu produzo muita coisa, que eu tô aprendendo a produzir, tô fazendo processo, concurso, tô fazendo o caralho a quatro. Ok. Eu tô disparando pra todo lado. Mas tem final de semana que eu não vejo minha namorada mesmo ela morando perto. Eu falo “hoje não vai dar pra ver não, eu to fazendo algumas coisas, ou vou sair com uma amiga minha” e ela fala “não, demorou, hoje eu vou num role, ou pra uma festa” e eu falo “opa, vai na paz!” E eu entendo, porque ela tem o tempo dela e eu tenho o meu tempo e não tem essa

obrigatoriedade, essa coisa. E eu não entendo porque o vídeo game parece ser o problema do século do relacionamento, porque ela também não gosta que eu fique jogando. As vezes ela fala assim “vou dormir, fica la jogando!” e eu falo ok. Mas quando a gente ta junto eu quero jogar com ela. Não quero ficar conversando, mas quero saber que tem alguém lá. (Risos) E ela não gosta disso. Mas eu gosto de jogar e ter alguém do lado pra falar “ih perdi” “ih morri” e ela não gosta disso porque ela fala que eu não dou atenção que não sei o que, e eu sei que é isso. Eu não falo mesmo, e eu sei que incomoda ela. Mas a gente concilia. Quando ela tá fazendo algo e eu não tô, eu vou jogar.

Os participantes começaram a divagar sobre game se afastando do propósito da pesquisa. Pedi que eles, por favor, voltassem a focar no assunto em que estávamos propondo que era de interesse e objeto de estudo.

Joaquim: Eu fiquei confuso se eu tinha respondido ou não. Pra mim não é tão preto no branco, tem relacionamento que são muito bons, é uma grande parceria, e tem solidões muito ruins. Então depende muito do que você quer construir e do que acaba sendo. Teria que visualizar cada momento de relação e cada momento de solidão. Mas se vocês conseguem construir as coisas bem com alguém, acho que uma das coisas é o apoio para as coisas importantes, essa questão de que se as vezes você tem um vício e a pessoa te puxa pro lado oposto, pode ser positivo. É que tem essa questão, por exemplo, não sei palavra de apoio, porque meus amigos já fazem isso também, né. Então não sei, assim....teria que ver como se dá a configuração do relacionamento pra saber das dificuldades e das facilidades.

Pesquisadora: Pra vocês quais são os empecilhos pra manter uma relação amorosa?

Lucas: Eu acho que o maior empecilho que eu já encontrei, nesse não, porque nesse tem muito pouco. É o outro, o externo. Mas o externo não como qualquer externo, mas como ação de poder. Por exemplo, os pais. Os pais da minha ex tinham um poder muito grande sobre ela, tanto que em dois anos de relacionamento ela nunca veio pra Assis. Ela nunca pode vir, mesmo quando minha família veio me trazer, que veio todo mundo. Então foi uma coisa que me causou muito empecilho. Então era uma relação externa e de poder sobre a pessoa que estava comigo. Ou acho que da mesma forma, alguém tenha poder sobre mim. Acho que o maior empecilho que vivi é a parte externa e a relação de poder sobre o outro. Dá pra acontecer sem essa relação de poder? Não passei. Acredito que sim. A relação de poder que exerce de pessoas de fora, dentro do relacionamento, pra mim foi a maior causa de atrito, conflito e não dar certo.

Joaquim: Engraçado que a primeira coisa que veio na minha cabeça é a questão alimentar. Porque de todas experiências que já tive a pior coisa é quando a pessoa tem um hábito alimentar muito diferente do seu. Já aconteceu esse empecilho na minha vida. Por exemplo eu comer carne e a pessoa ser vegana. Claro, não só o hábito de comida, mas qualquer outro muito discrepante. Eu lembro que foi uma das coisas que mais causou estrago em uma das minhas relações. Eu lembro que eu comia carne e ela era vegetariana, mas ela era meio *junkie* então era batata frita, sorvete...enquanto na minha casa só tinha grãos, ervilha, grão de bico, porque eu como muito isso. Daí eu dia eu comentei com ela isso, final de mestrado, já tava meio louco com isso, falei “meu, eu tô pensando em virar vegano, porque só como grãos e você também tem esse hábito” Nossa...foi a pior coisa que eu fiz na minha vida!! Ela virou vegana, eu virei vegano, mas ela já tava há muito tempo vegetariana, então pra ela se acostumar foi rápido, eu já não comia muito, mas a primeira crise que tive no final do mestrado, a primeira coisa que fiz foi abrir um Doritos. E vegano não come Doritos. Porque sei lá o que, Elma Chips, é ato político. Às vezes só da fábrica patrocinar um rodeio, já não consome. Então até hoje, eu tenho uma questão alimentar muito forte, a relação comigo se constrói muito na base da comida mesmo, da forma que você vai comer, como você vai preparar, da onde a gente vai almoçar...igual hoje, pós aceite, eu comprei várias coisas que ela gosta de comer. E na minha vida é muito isso. De que tipo de comida ela gosta, que tipo de bebida ela toma...Meus maiores empecilhos são na questão alimentar, nos hábitos discrepantes.

João: Eu ia apontar justamente nesse negócio. Às vezes não só na questão alimentar, porque agora parando pra pensar, são três refeições obrigatórias no dia, se as pessoas comem coisas muito diferentes, pra adaptar vai ser muito difícil. Isso de hábitos discrepantes. Eu tenho um dia da semana que é focado em ir num grupo que me ajudou a sair de uma situação que eu tava suicida, e ir ao grupo virou uma necessidade e não uma dívida. Me faz bem pra autoestima. E se a pessoa precisasse de mim nesse dia, teríamos sérios problemas. Acho que um dos únicos que quase tava virando um relacionamento, a mina odiava o cara que eu era amigo e não quis continuar. Então quando é uma coisa muito discrepante, dois opostos, é difícil manter um relacionamento. Porque vira uma negação, uma bola de neve, e fica insuportável.

Rafael: Eu tenho um problema que é juntando a resposta dos dois. Você foi pra um lado mais íntimo do casal e você pra um lado mais externo. Além do lado externo que ele falou e você do hábito alimentar. Mas eu abrangeria mais todos os costumes da pessoa,

por exemplo, acordar tarde, ter que estudar o final de semana inteiro. Isso pra mim se torna um empecilho incrível, porque eu sou assim um cara que eu sou a milhão, acordo cedo sábado e quero ir na quadra jogar tênis, caminhar, fazer algo diferente pra comer, e daí a pessoa “ai acordei com dor de cabeça hoje”, cortou meu clima totalmente, sabe? Tudo bem, tem que entender e tal, fala pra ficar deitada, vê se precisa de alguma coisa. Essa diferença de estilos de vida e ritmo. Nossa, minha parceira dorme 12 horas por dia se deixar, eu fico indignado. Significa que 50% da sua vida você não vai viver. Eu quero acordar cedo no sábado de manhã e fazer alguma coisa e a pessoa tá dormindo, e se eu consigo fazer ela levantar da cama pra fazer alguma coisa, ela tem que dormir a tarde, e daí ela perde a tarde dormindo e eu queria fazer outra coisa já. Esses hábitos diferentes que a gente tem, relacionando também as mudanças de humor....eu sou um cara alegre no grupo de amizades, gosto que seja na minha casa, eu agito a galera e as vezes a pessoa não tá na mesma *vibe*, e eu compreendo, mas as vezes é complicado quando a pessoa não tá no mesmo ritmo que você. Acho eu o ritmo é o maior empecilho atualmente.

Antônio: Eu tô bem nessa, é o ritmo e os hábitos. Porque por exemplo, eu gosto de dormir tarde pra caramba, como que eu ia namorar alguém que acorda às 6 horas da manhã como o Alexandre se eu tô indo dormir às 6h? Acho que nos relacionamentos que tive, o que mais pesou, que fez a gente olhar pro buraco e o buraco olhar pra gente e a gente mergulhar, é o ciúmes. Foi a questão do ciúmes. Não sei porque, mas todas as namoradas que tive foram muito ciumentas e isso sempre foi um negócio que me incomodou muito. Eu sempre fui um cara desapegado. Tipo, quando eu tinha minha namoradinha aos 16, a gente estudava na mesma escola e ela sempre queria ver meu celular, queria a senha de todas as minhas redes, ficava nessa de controlar tudo. Chegou um momento que eu disse que ia dar um rolê com minha mãe e isso deu uma treta e a gente terminou. Eu falei “encerra aqui então, porque não dá.” E eu acho que o ciúme é maléfico, mesmo aquela centeia que é pequenininha, que muitos dizem que é bom, eu nunca vi como algo bom. Porque aquela centeia é o suficiente pra fazer o prédio pegar fogo. Eu acho que juntando essas ideias eu adiciono o ciúmes.

Joaquim: No começo da suja fala tinha essa questão dos ritmos diferentes, né. Eu fico pensando que essa questão também vai muito de temporalidade, na época da graduação você não tem hora pra dormir, você pode virar a noite se quiser, você pode acordar cedo pra fazer um estágio, um negócio assim. Então hoje eu não conseguiria me relacionar mais a sério com alguém da graduação. Agora eu tô começando a me relacionar com

alguém que é de outra cidade, que é psicóloga também, trabalha a semana inteira, e eu, enquanto tô acordado, e não tô almoçando e jantando, eu tô fazendo pesquisa, ou tô correndo atrás de algo pra pesquisa. Então se eu pego alguém numa temporalidade diferente, seria muito complicado, porque sei lá...que foi o que aconteceu comigo no mestrado. E agora eu acho legal porque cada um tá desenvolvendo suas coisas e a gente se encontra e se fala quando dá.

Antônio: Uma dificuldade também é ter tato pra compreender quando parceiro não tá legal, pra diminuir o ritmo e ajudar. Precisa muito desse timing, de olhar pro outro e sacar, pisar um pouquinho no freio pra daqui a pouco a gente entrar no mesmo ritmo de novo.

Eitor: Acho que pra mim eu acabo sendo uma pessoa mais flexível. Eu consigo me adaptar ao ritmo da outra pessoa. Me incomoda mais algo menos preponderante. O que foi pra mim nos términos foi um pouco de admiração intelectual, enquanto tiver alguma coisa que for assunto em comum, ou algo que os dois busquem em comum, no caso, intelectualidade. Enquanto bater isso, de sempre estar discutindo, conversando sobre coisas novas e buscando coisas novas, vai. Eu me adapto bem. Mas quando eu perco a admiração intelectual, pra mim fica complicado. Porque enquanto a gente tá buscando eu tô disposto a correr atrás.

Pesquisadora: Quando vocês estão numa relação, qual é o maior medo de vocês?

Antônio: Terminar perdendo parte da minha identidade. Eu só consigo pensar nisso. Acho que a gente se define, né, pelo que a gente vive e se de repente a gente começa um relacionamento...assim, trocas acontecem, isso é normal. Mas quando você para de se reconhecer, sabe? E você vê que tem muito da outra pessoa em você e quase nada de você em você mesmo, eu acho que esse é meu maior medo.

João: Se reencontrar fica difícil.

Antônio: É!

João: Acho que no meu caso seria terminar de uma forma extremamente violenta, porque eu sou brusco, meio ríspido com as palavras e quando eu perco a linha eu nem me reconheço. Então meu maior medo seria terminar o relacionamento muito violento e magoar a pessoa. Acabar, destruir a situação, e não terminar.

Joaquim: É....eu tenho um medo parecido. De não ter tato. As vezes a pessoa tá com uma necessidade que ela não tá conseguindo falar e você nem percebe porque você tá fazendo suas coisas ou olhando pra outra direção. Então acho que também é a parte que consome o intelecto pra mim. Porque tipo a pessoa vai ter, sei lá, um encontro

importante com alguma coisa, sei lá, uma instituição, no trabalho, ou uma questão familiar e as vezes você trata aquilo como usual e ela não fala pra você que isso tá incomodando muito, eu tenho medo de não enxergar isso, uma hora ficar totalmente deturpado, afogado nas minhas coisas e não enxergar a necessidade da outra pessoa.

Eitor: Acho que não ser uma memória que a pessoa guardaria com carinho é uma coisa que me consome um pouco, de pensar que de alguma certa forma, aquele momento da vida não importou, aquele momento da vida que a pessoa gostaria de esquecer. Acho que deixar de fazer parte da história daquela pessoa, como se ela negasse a constituição que a gente teve naquele momento, é uma coisa que me deixa bem mal e com muito medo.

Rafael: Eu tenho medo de...não sei como colocar isso em palavras...me afogar demais nos problemas da minha parceira. Eu tenho um pouco desse medo, assim. Isso já aconteceu algumas vezes, e a gente contornou, não se tornou um problema gigantesco, mas no momento que os problemas dela se tornam algo tao rotineiro na nossa relação, começa a prejudicar e eu começo a já não me encaixar mais ali, ou simplesmente não tenho o que fazer porque não depende de mim. Eu no máximo a única coisa que posso fazer por ela é ouvir. E aí eu não só tenho medo, como é algo que destrói minha cabeça. Eu não consigo ter um problema na minha vida que eu não consigo resolver, me deixa muito ansioso, cara. Eu tenho essa parada com problema. Como é impossível? O homem foi pra lua, cara! Mas obviamente tem coisas na vida que não dá pra resolver. Fulano morreu e eu precisava pedir perdão. Não dá pra resolver. Então esses problemas me afetarem de uma forma que eu não consigo ajudar e separar, tenho medo disso.

Lucas: Acho que meu maior medo é de traição, no sentido amplo da palavra. Mas não só da pessoa ficar com outra e quebrar o acordo. Penso também na questão ideológica, de agirem pelas costas, ou de finanças, a traição financeira, pegar suas coisas de certo modo, essa não é uma preocupação que tenho agora, mas talvez se eu tivesse muito dinheiro eu teria. Mas acho que a traição no sentido bem amplo. Ela se interessar por outro e achar alguém mais interessante, porque eu sei que existem pessoas muito melhores que eu. Mas eu acho que a traição no sentido amplo, não só de fidelidade, de quebrar um compromisso, isso também se encontra, mas não só. Não é um medo constante, não aparece sempre. Mas definindo algo, eu apontaria isso.

Antônio: Talvez parte do medo pra mim seja o termino.

Pesquisadora: O processo de luto ou o chegar na decisão e comunicar que você não quer mais?

Antônio: Os dois. Acho que é muito complicado isso. Meu último termino, meu período de luto durou muito tempo e ajudou a dar uma retraída. Acho que o fim da linha é assustador e saber que quase certeza vai ter.

Rafael: eu tenho medo de terminar relacionamento, mas da minha pessoa comunicar. Esse é o único relacionamento serio que eu tive na minha vida, os outros nem chegaram a conhecer minha família, nem era um namoro. Mas eu nunca terminei nem esses rolos, foi sempre a pessoa. Eu não saberia como terminar meu relacionamento se um dia eu tiver que fazer, isso seria um medo do caralho. Não saberia dizer como. O luto nem me importa tanto, mas como dizer pra pessoa me dá medo.